UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Netília Silva dos Anjos Seixas

Jornalismo e ironia:

Produção de sentido em jornais impressos no Brasil

Recife – 2006

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Netília Silva dos Anjos Seixas

Jornalismo e ironia:

Produção de sentido em jornais impressos no Brasil

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Letras, área de concentração em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio Marcuschi.
Co-orientadora: Profa. Dra. Virgínia Leal

Recife – 2006

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –
Biblioteca Central/ UFPA, Belém-PA

Seixas, Netília Silva dos Anjos.

Jornalismo e ironia: produção de sentido em jornais impressos no Brasil / Netília Silva dos Anjos Seixas; orientador, Luiz Antônio Marcuschi. – 2006.

Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Recife, 2006.

1. Jornalismo – Brasil. 2. Ironia. I. Título.

CDD - 21. ed. 079.81

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Netília Silva dos Anjos Seixas

Jornalismo e ironia:

Produção de sentido em jornais impressos no Brasil

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Letras, área de concentração em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio Marcuschi.
Co-orientadora: Profa. Dra. Virgínia Leal

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Virgínia Leal – UFPE

Prof. Dr. Antônio Fausto Neto – UNISINOS

Profa. Dra. Virgínia Colares – UNICAP

Profa. Dra. Nelly Carvalho – UFPE

Prof. Dr. Marlos de Barros Pessoa – UFPE

Recife (PE) – 2006

A Bruno e Maurício,

por fazerem parte

da minha vida.

AGRADECIMENTOS

No percurso deste trabalho, muitas pessoas dele participaram, menos ou mais diretamente, atuando como verdadeiros anjos da guarda em vários momentos. A todas elas, mesmo que não nomeadas explicitamente aqui, ***muito obrigada.*** Sem elas tudo teria sido muito mais difícil. Eu não poderia deixar de começar por Luiz Antonio Marcuschi e Virgínia Leal, meus queridos mestres orientadores, pela sabedoria e apoio de ambos, cada um a seu momento e com um determinado papel.

O meu ***obrigada*** também ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, pela chance que me facultou, nas gestões dos professores Dóris Cunha, Alfredo Cordiviola e Ângela Dionísio, assim como aos mestres com os quais tive aulas no início do curso (Marianne Cavalcante e Nelly Carvalho), a Diva e Eraldo, na Secretaria; ao professor Antônio Paulo, do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE; aos professores do Curso de Comunicação da UFPA e à própria Universidade, pela liberação por certo tempo; aos membros da banca, por terem aceitado contribuir com suas observações no encerramento deste trabalho. ***Obrigada*** aos jornais O Liberal (direção e jornalistas) e Zero Hora (Departamento de Marketing) e aos jornalistas que fizeram o pré-teste. O Liberal, ao franquear o acesso à sua equipe de jornalistas, no ambiente de redação; Zero Hora, ao criar uma assinatura especial para que os exemplares chegassem até Belém, onde o jornal não faz distribuição ou venda em bancas.

Já outros, como amigos e anjos da guarda, desempenharam vários papéis, ora dando sugestões, ora ***garimpando*** publicações/autores, para superar as dificuldades de acesso bibliográfico, a despeito da internet, das livrarias e bibliotecas virtuais. Foram os casos de Inesita, Cynthia, Alda Cristina, Leoneire, Lívia, José Carlos Cunha, Paulo, Dóris, Rosaly, Maura e Virgínia Colares, que também cedeu os exemplares do Jornal do Commercio. Outros mais contribuíram também com algo precioso: idéias e disposição de compartilhá-las, e, nesse grupo, eu gostaria de incluir o professor Fausto Neto.

Num trabalho tal, há que se ter apoio logístico de amigos e família. Nesse sentido, lembro Bruno, meu filho, que tentou muitas vezes "contribuir" escrevendo seu nome no texto, do alto de seus três e quatro anos; Maurício (meu marido), que também este presente de várias maneiras; sua família (dona Angelina, dona Zila, "seu" José e Ana Júlia) e minha irmã Keina, tantas vezes realizando "atendimentos emergenciais" nos meus momentos de falta. Ana Petruccelli, Juana Bertha, pela amizade sábia; Rosane (Nanani), pelo apoio em sala de aula; os colegas de trabalho; Geraldo, que, sem me conhecer, prestou socorro nos diálogos com o "abstract"; as "meninas" de casa (Rai, Aurinete e Sebastiana) e todos aqueles que por uma falha minha não foram mencionados. Com certeza, as palavras aqui não fazem jus aos sentimentos, muitas vezes esvaziados pelas formas retóricas, o que, espero, não possa ser o caso destes agradecimentos.

RESUMO

Este estudo se propôs a observar como a ironia se configura nos jornais impressos brasileiros, assim como a apontar pistas de seu uso por jornalistas no desempenho profissional, considerando a importância dos meios noticiosos na sociedade contemporânea como produtores/proponentes de sentido e a insistente afirmação de objetividade do discurso jornalístico, embora essa seja uma questão antiga e já superada no meio acadêmico. O estudo tentou identificar o que é motivo de ironia para a enunciação jornalística impressa, de que maneira ela é constituída e proposta, além de discutir qual o principal papel que desempenha e se há relações de sua ocorrência com os gêneros e modalidades jornalísticas. A análise incluiu jornais de cada região do país, complementada por contribuições de alguns jornalistas atuantes no jornal *O Liberal*, de Belém (PA). Integraram o *corpus* de análise os jornais *Folha de S. Paulo* (SP), *O Globo* (RJ), *Zero Hora* (RS), *Jornal do Commercio* (PE) e *O Liberal* (PA), publicados no mês de novembro de 2002, dos quais foram lidas 10 edições de cada um, totalizando 50 exemplares. A parte complementar envolveu a aplicação de formulário a trinta e dois jornalistas de O Liberal. A análise e a apresentação dos dados obedeceram a um ordenamento estatístico, conjugadas a uma análise enunciativo-discursiva. Do ponto de vista teórico, o levantamento das concepções de *ironia* abordou desde os filósofos gregos até a atualidade, incluindo as filosofias socrática e romântica, as abordagens de base retórica, cognitivista, pragmática, enunciativa e discursiva. Para discutir a diversidade de *propostas* de ironia no meio impresso, o estudo recorreu a uma perspectiva discursiva, com auxílio das contribuições pragmáticas e enunciativas, sendo a ironia entendida principalmente – mas não só - como um efeito de sentido crítico e derrisório. A pesquisa confirmou as hipóteses de que a ironia é constantemente proposta em diversos gêneros do meio impresso, tanto do chamado jornalismo opinativo quanto do informativo, e que desempenha uma função crítica, não estando a serviço do riso, como preconizam alguns estudos clássicos sobre o assunto, mesmo quando faz rir. No jornalismo impresso, a ironia aparece em assuntos diversos e sob variadas formas, de maneira próxima a usos cotidianos, até onde a linguagem e a criatividade humanas são capazes de chegar.

PALAVRAS-CHAVES: jornalismo, ironia, enunciação

ABSTRACT

The purpose of this study is to observe as irony is configured in printed daily Brazilian newspapers, as well point clues of its by journalists in the professional performance, and its consider the importance of this mode of information in the contemporary society as producers / proponents of sense and the insistent affirmation of objectivity of the journalistic speech, even so it has already been an old and overcome question in the academic environment. The study has tried to identify what is the reason for irony to the printed journalism, how it can be constituted and its proposal, besides discussing what is the main role it makes and whether there are relations of its occurrence between gender and journalistic modalities. This analysis has involved daily newspapers from each region of the country, increased for contributions of some active journalists in newspapers like *O Liberal*, from Belém (PA). The *corpus* of analysis has included the periodicals *Folha de S. Paulo* (SP), *O Globo* (RJ), *Zero Hora* (RS), *Jornal do Commercio* (PE) and *O Liberal* (PA), all of them published in November 2002, of which they had been read 10 editions of each one, totalizing 50 units. The complementary part has involved the application of a form to thirty two journalists of *O Liberal*. The analysis and presentations of the data have followed a statistical order, jointed to an enunciative-discursive analysis. From the theoretical point of view, the survey of the conceptions of irony has been conducted since the Greek philosophers until nowadays, including the Socratic and romantic philosophies, and the rhetorical, cognitivist, pragmatic and discursive base. To discuss the diversity of purposes of irony in the printed mode, the study has appealed to a discursive perspective, and it has been helped by the pragmatic and enunciative contributions, and irony has been understood mainly - but not only - as an effect of critical and derisory sense. The research has confirmed hypotheses that irony is constantly purposed in a range of gender in printed mode, since in journalisms called view-journalism, as for informative, and it performs like a critical function, not working to make laugh, as some classical studies prey about the issue, even when it makes us laugh. In printed journalism, irony appears in a range of issues and unlike ways, close to daily uses, as far as where the language and human beings creativity are able to achieve.

KEYWORDS: journalism, irony, enunciation

RESUMEN

Este estudio tuvo por finalidad observar como la ironía si configura en materias de periódicos impresos brasileños, así como señalar pistas de su uso por periodistas en el desempeño profesional, en vista de la importancia de los medios de noticias en la sociedad contemporánea como productores/autores de significación y la afirmación insistente de la objetividad del discurso periodístico, aunque esto sea una discusión antigua y sobrepasada en el medio académico. El estudio intentó identificar cuál es la razón de la ironía para la enunciación periodística impresa, cómo se constituye y es propuesta, más allá de discutir cuál es el papel principal que desempeña y si tiene relaciones de su ocurrencia con los gêneros y las modalidades periodísticas. El análisis envolvió los periódicos de cada región del país, complementada por las contribuciónes de algunos periodistas que actúan en el diario *O Liberal*, de Belém (PA). Integraron el *corpus* del análisis los periódicos *Folha de S. Paulo* (SP), *O Globo* (RJ), *Zero Hora* (RS), *Jornal do Commercio* (PE) y *O Liberal* (PA), publicados en el mes de noviembre de 2002, delos cuales fueran leídas 10 ediciones de cada uno, totalizando 50 ejemplares. La parte complementar implico el uso de formulário de preguntas para los treinta y dos periodistas de *O Liberal*. El análisis y la presentación de los datos habían obedecido una orden estadística, conjugadas a un análisis enunciativa y discursiva. Del punto de vista teórico, el examen de las concepciónes de la ironía abordo desde los filósofos griegos hasta el actual tiempo, incluyendo las filosofias socrática y romántica, las abordajes de base retórica, cognitivista, pragmática/enunciativa y discursiva. Para discutir la diversidad de propuestas de la ironía en los medios impresos, el estudio recurrió a una perspectiva discursiva, con la ayuda de las contribuciones pragmáticas y enunciativa, siendo la ironía entendida principalmente - pero no sólo - como uno efecto de significación crítica y “derrisória”. La investigación confirmó las hipótesis de que la ironía es constantemente propuesta en gêneros diversos de la media impresa, tanto del periodismo opinativo cuánto del periodismo de información, y que cumple una función crítica, no estando a el servicio de la risa, como preconizan algunos estudios clásicos en el tema, mismo cuando hace reír. En el periodismo impreso, la ironía aparece en temas diversos y bajo formas variadas, de manera próxima a los usos diarios, hasta donde la lengua y la creatividad de los seres humanos son capazes de llegar.

PALABRAS-CLAVE: periodismo, ironía, enunciación

LISTA DE TABELAS

NÚMERO	TÍTULO	PÁGINA
Tabela 1 –	Equipe do jornal *O Liberal* e profissionais entrevistados, jun/2005	25
Tabela 2 –	Tiragem dos jornais segundo o IVC (dados obtidos em publicidade de *O Liberal* em 02/05/2004)	144
Tabela 3 –	Número de textos analisados por jornal, nov/2002	145
Tabela 4 –	Número de textos analisados por modalidade em cada jornal, nov/2002	151
Tabela 5 –	Percentual decrescente dos textos por modalidade jornalística, nov/2002	152
Tabela 6 –	Número total de textos e de textos com ironias por modalidade/jornal, nov/2002	155
Tabela 7 –	Percentual de ironias por modalidade jornalística e jornal, nov/2002	156
Tabela 8 –	Textos com ironias por jornais, em números absolutos e percentuais, nov/2002	158
Tabela 9 –	Número decrescente de ocorrência de ironias por editoria, nov/2002	162
Tabela 10 –	Casos de explicitação de ironia por modalidade e jornal, nov/2002	166
Tabela 11 –	Ocorrência de ironia por gênero nos jornais analisados, nov/2002	188
Tabela 12 –	Pergunta 1: Na sua opinião, os textos de jornais impressos brasileiros trazem ocorrência de ironia...	246
Tabela 13 –	Pergunta 2: Os textos que mais apresentam ironia são (assinalar mais de uma alternativa, se for o caso)	247
Tabela 14 –	Pergunta 6: Sobre a ironia no jornalismo impresso, é possível dizer:	248
Tabela 15 –	Pergunta 10: Quanto à natureza da ironia em jornais impressos, pode-se dizer que ela é:	249
Tabela 16 –	Pergunta 8: Você usa o recurso da ironia em sua atividade jornalística?	250

LISTA DE QUADROS

NÚMERO	TÍTULO	PÁGINA
Quadro 1 –	Funções da ironia e suas avaliações, com base em Hutcheon (2000)	82
Quadro 2 –	Categorias e gêneros jornalísticos no Brasil, segundo Melo (1994)	125
Quadro 3 –	Gêneros informativos e suas definições, a partir de Melo (1994)	126
Quadro 4 -	Gêneros opinativos e suas definições, a partir de Melo (1994)	126
Quadro 5 –	Gêneros informativos e opinativos, a partir da Folha (1994)	129
Quadro 6 -	Gêneros informativos e opinativos, a partir de O Globo (1994)	131
Quadro 7 –	Levantamento dos gêneros de jornais por modalidade, nov/2002	147
Quadro 8 –	Editorias por jornais, nov/2002	160

LISTA DE TEXTOS DE JORNAIS CITADOS DO *CORPUS* (NOV/2002)

O Liberal – OL

Zero Hora – ZH

Folha de S. Paulo – FSP

O Globo – OG

Jornal do Commercio - JC

NÚMERO	TÍTULO/JORNAL/DATA DE PUBLICAÇÃO	PÁGINA
[1]	– Suplicy ironiza Lula com cupom da fome – OL - 07/11	32
[2]	– Polícia prende acusado de matar e queimar rapaz – JC – 22/11	32
[3]	– Máquina petista – OL – 04/11	49
[4]	– Levi recorre aos ‘veteranos’ para próximo jogo – FSP – 04/11	98
[5]	– PFL na “oposição responsável” – JC - 01/11	103
[6]	- Cachorro também é gente – OG – 07/11	103
[7]	– Bloco cirúrgico – ZH – 07/11	104
[8]	– Lula reúne PT para aplicar um ‘choque de realidade’ – FSP – 04/11	139
[9]	– Sem poder? – JC – 07/11	169
[10]	– Assim é se lhe parece – JC – 07/11	169
[11]	– Energia – OL – 25/11	170
[12]	– Freio na pressão dos estados – OG – 07/11	173
[13]	– Itamar ironiza estratégia petista – FSP – 07/11	174
[14]	– Élson é reserva em Belém – ZH – 16/11	176
[15]	– Entidade de jogadores luta contra desemprego – ZH – 16/11	177
[16]	– As almas congeladas – FSP – 16/11	178
[17]	– Clima de déjà vu na tela – JC – 01/11	179
[18]	– Energia é o nó para o crescimento do país – OG – 10/11	181
[19]	– Competição tem ‘Aquarela do Brasil’ e ‘Estúpido Cupido’ – FSP – 28/11	182
[20]	– Pesquisador contesta as diferenças morais entre os tipos de clonagens - OL – 04/11	183
[21]	– Nelson Rodrigues maneja estilos para desvelar o Rio – FSP – 16/11	186
[22]	– Pátio – OL – 04/11	195
[23]	– Ambulante mata outro na frente de cemitério – OL – 04/11	196

[24] – O Viagra ou a vida! Isto é um assalto" – OL – 22/11 199
[25] – Data venia – ZH – 07/11 200
[26] – O EV-DO chega em 2003 em modem-bólido – OG – 04/11 202
[27] – A vida sem fio, embalada pelo poder das redes – OG – 04/11 202
[28] – (sobre Xuxa, sem título) – JC – 01/11 204
[29] – Coragem duvidosa – FSP – 28/11 205
[30] – Aprendiz de guerrilheiro virou um aliancista – ZH – 04/11 209
[31] – A mão que balança o berço do governo Lula – ZH – 04/11 210
[32] – O PT terá 22 mil cargos a preencher – ZH – 04/11 210
[33] – Primeiros passos – FSP – 07/11 214
[34] – Garotinho diz que vai desinfetar sede do governo – OG – 22/11 215
[35] – Enfim presidente – FSP – 07/11 214
[36] – Nado sincronizado – FSP – 25/11 217
[37] – Coco na praia, até umas horas, em Alagoas – JC – 13/11 219
[38] – Ssssou coooontra! – OL – 04/11 49
[39] – Decepção no aeroporto de Belém – OL – 25/11 221
[40] – Autocrítica – OG – 22/11 223
[41] – Polícia encontra boca-de-fumo em borracharia na estrada de Salinas - OL – 19/11 225
[42] – Reformas por fazer – JC – 25/11 228
[43] – Ativistas no caminho de Gisele Bundchen – OG – 16/11 229
[44] – O MST sem requintes – OL – 16/11 232
[45] – Platéia inquieta na abertura do festival no Santa Isabel – JC – 16/11 234
[46] - Bonequinhas de luxo no jantar da Tiffany's – OG – 10/11 240
[47] – Claudião contra Segundona – ZH – 04/11 245
[47h] – O homem que se esconde do jogo - ZH – 04/11 245

SUMÁRIO

	PÁGINA
INTRODUÇÃO	16
Considerações iniciais	16
Hipóteses	20
Objetivo geral	21
Objetivos específicos	21
Procedimentos metodológicos	21
CAPÍTULO 1 – SOBRE IRONIA	30
1.1 **Preâmbulo às diferentes perspectivas teóricas da** ironia	39
1.2 **As perspectivas filosóficas**	40
1.3 **A perspectiva psicanalítica**	46
1.4 **A perspectiva retórica**	51
1.5 **As perspectivas pragmáticas**	55
1.5.1 *Ironia como tropo*	55
1.5.2 *Ironia como paradoxo*	61
1.6 **As perspectivas cognitivistas**	65
1.7 **Por outras abordagens da ironia: como *menção*, como *polifonia* e como *aresta avaliadora***	70
1.7.1 *Ironia como menção*	70
1.7.2 *Ironia como polifonia*	73
1.7.3 *Ironia como* aresta avaliadora	76
CAPÍTULO 2 – CAMINHOS ENUNCIATIVOS	85
2.1 **A ironia e o processo de enunciação: as modalidades do dizer**	86
2.2.**A ironia como marca de heterogeneidade**	92
2.3 **Uma questão de ironia**	99
2.3.1 *As duas grandes categorias de ironia: verbal* vs *observável*	99
2.3.2 *Considerações sobre as abordagens teóricas da ironia*	105
2.3.3 *As funções e arestas avaliadoras da ironia no jornalismo impresso*	108
CAPÍTULO 3 – O FAZER JORNALÍSTICO	112
3.1 **Considerações iniciais sobre o jornalismo**	112
3.2 **Os gêneros presentes nos jornais**	115
3.2.1 *Os gêneros segundo alguns manuais de redação*	128

3.3 **O projeto jornalístico em alguns manuais de redação** 134
3.4 **A ironia nos manuais de redação** 137
CAPÍTULO 4 – A IRONIA NOS TEXTOS DE JORNAIS 144
4.1 **Os jornais e os textos analisados** 144
4.2 **As modalidades e gêneros no jornalismo impresso** 146
4.3 **A ironia de acordo com as modalidades jornalísticas** 154
4.4 **A enunciação jornalística irônica por editorias** 159
4.5 **A explicitação de ironia pelo enunciador** 165
4.6 **As ironias não explicitadas, por gêneros e modalidades** 187
4.7 **Os diversos efeitos de sentido irônico nos jornais** 191
4.8 **Os textos usados com o questionário** 230
4.9 **Algumas pistas de como jornalistas vêem a ironia** 246
CONSIDERAÇÕES FINAIS 257
REFERÊNCIAS 262
APÊNDICE 267

INTRODUÇÃO

> *A metáfora serve para iluminar os atributos das coisas no mundo, a ironia, para revelar a atitude do ironista perante o mundo.*
>
> (Ellen Winner, 1988, p. vii)[1]

Considerações iniciais

Este estudo se propôs a observar como a ironia se apresenta no jornalismo impresso brasileiro, assim como a tentar buscar algumas pistas de seu uso por jornalistas em sua atividade profissional, tendo em vista a importância dos meios noticiosos na sociedade contemporânea como produtores de sentido e a idéia ainda persistente de objetividade do discurso jornalístico, embora se trate de uma questão considerada já superada no meio acadêmico. Nesse propósito, tentamos identificar o que é motivo de ironia para a enunciação jornalística impressa e de que maneira ela é constituída e proposta. Além disso, buscamos discutir qual o valor/papel que desempenha e as relações de sua ocorrência com os gêneros e modalidades jornalísticas.

Na enunciação jornalística, como em toda enunciação, a linguagem desempenha papel significativo quanto aos modos do dizer. Dessa forma, o interesse volta-se não só para **o que** é dito, mas, principalmente, para o **como** é dito, onde se pode visualizar as marcas do sujeito enunciador em relação àquilo que enuncia. A partir disso, julgamos de interesse acompanhar a ironia como uma estratégia enunciativa e discursiva, um fenômeno às vezes sutil, passível de aparecer sob variadas formas, mas extremamente eficaz na realização de críticas, por exemplo.

O funcionamento da ironia pode ir da forma mais explícita a mais implícita, o que lhe dá encanto e eficácia, sem que, no entanto, se possa garantir sempre seu reconhecimento. Embora a ironia seja tratada desde os filósofos gregos e os estudos sobre a mídia e o jornalismo tenham se multiplicado no Brasil recentemente, são poucas as incursões a respeito da ironia em produções jornalísticas. Assim, este estudo pretende contribuir para o entendimento da estratégia enunciativa e discursiva de alguns jornais impressos no Brasil, considerados expressivos entre os da mídia escrita nacional, quanto à apresentação da ironia e

[1] WINNER, Ellen. **The point of words**: children's understanding of methafor and irony. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1988 *apud* HUTCHEON, 2000, pp. 176-177.

seus papéis nessa enunciação, tendo em vista o caráter de crítica e ataque que pode agregar. Por outro lado, pode-se considerar, como Berrendonner (1981), que a ironia se constitui também em estratégia de defesa, inclusive no jornalismo, quando lhe permite "escapar às sanções institucionais" com esse modo de dizer. Nesse sentido, incluir a pesquisa da percepção dos jornalistas a respeito da sua relação com esse recurso de linguagem é essencial, embora aqui tal proposta tenha se reduzido a aplicação de um questionário, com a finalidade de buscar algumas pistas nessa direção, mesmo que minimamente.

Quando o assunto é *ironia*, pensa-se imediatamente na produção de um sentido "indireto". Então, uma inquietação de base parece rondar a discussão a seu respeito: por que falar "de uma maneira" quando se quer dizer "outra"? Haveria algum benefício ou vantagem em falar assim? A resposta só pode ser ***sim***, do contrário a ironia não se sustentaria como uso na linguagem, inclusive nos meios jornalísticos, onde aparece de forma recorrente e cada vez maior, a ponto de merecer o rótulo de "jornalismo irônico" (Maruxo Jr., 2002) e "comunicação irônica" (Jeudy, 2001). Neste momento, vamos apenas dizer que a ironia carrega um potencial avaliativo que vai do mínimo ao máximo e sobre o qual não se tem garantia de reconhecimento pelo interlocutor.

Por outro lado, o jornalismo se apresenta como *janela de* (*in*)*formação* sobre o mundo, observando, avaliando e constituindo os acontecimentos do cotidiano, se se admite haver alguma realidade externa que toma forma nos processos de seleção e enunciação jornalísticos. Discute-se se o jornalismo seria forma de conhecimento, de registro do cotidiano, de construção do acontecimento ou de relato dos fatos tais quais existem. Fazemos nossa a indagação de Mesquita (2005, p. 12), se "seria possível relatar os 'fatos' com rigor e 'exatidão'". Em torno dessa questão encontra-se o entendimento da existência de uma realidade exterior que pode ser "relatada" sem interferências, a que se propõe parte do jornalismo, com a propalada "objetividade jornalística". Como observa o autor (2005, p. 12), os conceitos de "objetividade", "realidade" e "real" devem ser "sempre mencionados entre aspas, a fim de assinalar distância e dúvida".

Buscamos novamente auxílio em Mesquita (2005, p. 35), quando pondera que "os jornalistas deveriam compreender que a razão de ser da sua existência profissional consiste em observar, interpretar e narrar a 'realidade social', da qual são igualmente 'construtores'". Duas ações, no mínimo, comporiam o processo de produção jornalística: a busca do "acontecimento" no "mundo real" e a sua reconfiguração via linguagem. Há, então, uma passagem para um outro universo, o do discurso, em que o "acontecimento é ele próprio, mas

também a linguagem em que foi reelaborado, o modo como foi interpretado, o tempo em que foi reportado...” (Mesquita, 2005, p. 13).

Por sua vez, vemos em Fausto Neto (1999, p. 16) um destaque para a “importância das mídias como uma das instâncias de construção do real”, nas quais localizamos o jornalismo. Tal posicionamento encontra-se em coerência com a proposta deste estudo, onde entendemos o jornalismo como um trabalho enunciativo sobre “acontecimentos” que tomam corpo a partir das modalidades do dizer. Nessa atividade enunciativa, articulam-se também discursos vários, que tornam os sentidos possíveis, inclusive os irônicos.

Coincidentemente, sobre a ironia paira discussão similar (abordada mais à frente), quando ela é considerada a partir de duas fontes: como resultado das “situações” do mundo (ironia observável) ou da mente produtiva de alguém (ironia verbal), nos dois casos, trabalhada via linguagem. Vemos, então, uma analogia entre as discussões sobre o jornalismo e sobre a ironia, que se interligam quando a questão de interesse passa a ser a ironia no jornalismo.

Os manuais[2] de redação da Folha de S. Paulo (1994) e de O Globo (1994) - jornais que integram o *corpus* de análise - abordam com reservas o uso da ironia pelas respectivas empresas, mas não a excluem totalmente. Uma observação assistemática pode evidenciar que ela é encontrada no chamado jornalismo opinativo e informativo dos jornais e revistas, do rádio e da televisão e também nos jornais disponíveis na internet.[3] O que significa o uso da ironia nos textos jornalísticos e por que temê-la? Uma hipótese de partida seria de que a ironia está entre os recursos lingüístico-discursivos capazes de compor uma estratégia enunciativa de natureza crítica pelo jornalismo, a que o sujeito enunciador pode apresentar graus de (não) adesão e explicitude variados. Postula-se, então, que no jornalismo impresso a ironia desempenharia um papel de crítica, como também já observou Maruxo Jr (2002). Com essa afirmação/hipótese, afastamos a inclusão da ironia como uma categoria do humor, como a considera Brait (1996) e Minois (2003), entre outros. No jornalismo, mesmo quando a ironia faz rir, ela tem função crítica, como se pode notar nas charges (ver Castro, 1997a), gênero

[2] Nem todos os jornais possuem manuais de redação e aqueles dos veículos maiores, como a Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, O Globo e a Editora Abril, que são vendidos em livrarias, acabam também servindo de parâmetro para jornalistas de maneira geral.

[3] Quanto a internet, deve-se lembrar que ela é considerada por alguns autores não como uma mídia equivalente ao rádio ou à televisão, por exemplo, mas como um ambiente comunicacional que congrega várias mídias, inclusive o rádio, a televisão e o jornal. Na internet esses meios seriam outros, diferentes dos tradicionais. Os recursos de linguagem também, embora possam carregar semelhanças das mídias tradicionais. Por conta disso, a ironia, fazendo parte do repertório lingüístico-discursivo das produções jornalísticas tradicionais, pode muito bem estar presente também no jornalismo na internet, não somente nas páginas de autor, mas esta conjectura é uma hipótese não investigada por este estudo. É válido lembrar, ainda, que os jornais na internet são variáveis, podendo ser apenas uma cópia dos respectivos jornais impressos ou podendo ser novos, com outros textos (há diferença entre o que se chama *jornalismo on line*, *jornalismo digital* e *jornalismo eletrônico*).

sempre presente nos jornais. É bom assinalar, desde já, que *ironia*, *riso* e *crítica* não são necessariamente correspondentes entre si. As ironias são críticas e podem, em certos casos, até provocar riso, mas nem toda crítica ou riso tem ligação com a ironia.

De acordo com uma observação de jornais de cada uma das regiões do Brasil e com o estudo de Maruxo Jr (2002), é possível afirmar que alguns trazem uma ocorrência maior de ironia que outros, em gêneros variados. Alguns, então, são "mais irônicos" que outros, o que deve estar previsto na linha editorial (enunciativa) adotada pela publicação. Uma mídia jornalística é antes de tudo uma empresa, que visa a lucros e cuja mercadoria de venda é a informação; que, para informar, constrói versões. É algo inerente a qualquer produção discursiva, que, no caso da mídia, tem uma dimensão maior, em razão do alcance de público que tem. É claro que a mídia desempenha também um papel social relevante como observadora da sociedade, um ponto, aliás, bastante ressaltado pelo discurso jornalístico.

Outra questão a ser considerada quanto à ironia diz respeito ao seu reconhecimento. Hutcheon (2000) chama de *interpretadores* aos atribuidores de ironia, tanto no pólo da emissão quanto no da recepção. Para a autora, a ironia não é apenas uma questão de intenção, pois alguém pode produzir uma ironia intencionalmente que não será percebida por um destinatário, ou, ao contrário, pode-se ver uma ironia não produzida intencionalmente pelo emissor. Em resumo, o reconhecimento de uma mesma ironia pode não ser coincidente entre quem produz e quem recebe, já que, como lembra Fausto Neto (1999, p. 10), a "recepção 'inventa' seus processos de leitura". A ironia tanto pode ser uma proposta da enunciação jornalística como do público leitor.

Do ponto de vista deste estudo, as múltiplas possibilidades de ocorrência da ironia demandam a convergência de vários aportes teóricos para dar conta de sua explicação. Contudo, as perspectivas enunciativa e discursiva, que não amordacem a atividade dos sujeitos envolvidos, parecem as mais pertinentes (na linha de Possenti, 2002; s.d). É preciso ter em mente que a ironia em jornais impressos é um recurso lingüístico-discursivo produzido a partir da posição enunciativa ocupada pelo sujeito enunciador, que prevê, ao mesmo tempo, um determinado público interlocutor para com ele dialogar. Nos termos de Bakhtin (1992), toda produção comunicativa leva em consideração o outro, seja para dele se aproximar ou distanciar. No caso da ironia no jornalismo, parece plausível supor que a enunciação jornalística se distanciaria do alvo ironizado, enquanto se aproximaria daqueles que são oposição a esse alvo.

Mesmo que provisoriamente, vamos indicar o que está sendo entendido aqui como ironia, tarefa que não é fácil, quando se percebe que todos usam e atribuem ironia, mas, inclusive

academicamente, não se consegue defini-la a contento. Em primeiro lugar, é preciso lembrar que a ironia está sendo vista como verbal, inclusive nos casos em que possa ser antes tida como ironia observável (ironia do destino, dos fatos, da vida...), já que mesmo nessas situações ela só se concretiza quando apresentada via linguagem.[4] Em segundo lugar, a ironia possui um valor de julgamento ou "aresta avaliadora", como nomeia Hutcheon (2000), sobre algo ou alguém. Em terceiro lugar - e aqui a situação se complica - essa carga avaliadora se torna aparente a partir das atribuições de sentido que os interlocutores são capazes de realizar sobre uma dada enunciação, articulando determinados discursos. Assim, a atribuição de sentidos irônicos não se dá apenas no nível do enunciado, do dito, mas do ambiente situacional e discursivo nos quais interlocutores e enunciações se relacionam.

Esta é a maior dificuldade na definição de ironia, é dizer como se passa de um dito a outro, às vezes menos ou mais implícito ou explícito no produto enunciado. Buscam-se as marcas, as pistas de indicação de uma ironia pelo enunciador, sobre a qual não se tem garantia de reconhecimento pelo co-enunciador. O co-enunciador, por sua vez, pode ver uma pista de ironia em algo não intencionado dessa maneira pelo enunciador. Eis porque ela pode ser vista como uma comunicação de risco: pelo potencial avaliativo que é capaz de agregar ou deflagrar e pelo domínio mínimo que ela possibilita sobre a sua atribuição. Nesse quadro, o entendimento clássico da ironia como "dizendo uma coisa para significar o contrário", que remonta à retórica medieval e persiste até hoje, como "figura de linguagem", constitui-se, neste estudo, como apenas mais uma das possibilidades do efeito irônico.[5]

Hipóteses

No âmbito da questão central deste estudo – a configuração da ironia em jornais impressos como estratégia enunciativa e discursiva -, trabalhamos com algumas explicações de partida, ao modo de hipóteses:

a) Que a ironia nos jornais impressos é produzida como estratégia enunciativa que desempenha fundamentalmente um papel crítico, não estando a serviço do riso, como preconizam alguns estudos clássicos sobre ela;

[4] Hutcheon (2000) acrescenta a música e a pintura como espaços, entre outros, de ocorrência de ironia, além da linguagem verbal. Bem antes de Hutcheon, Muecke (1995) não descartou essas possibilidades, mas preferiu se ater aos casos que acabam se manifestando via linguagem, como acontece, por exemplo, nas peças teatrais, que ele analisa.

[5] Neste trabalho, usaremos indistintamente as expressões *ironia*, *efeito irônico*, *sentido irônico* e *fenômeno (irônico)* como equivalentes, a não ser quando a distinção se faça necessária.

b) Que a ironia nos jornais impressos é produzida em formas variadas e não apenas como tropo;
c) Que a ironia aparece na enunciação jornalística impressa tanto em gêneros informativos quanto opinativos, embora seja mais freqüente nestes últimos.

Objetivo geral

Este estudo teve a finalidade principal de observar como a ironia se configura na produção de alguns jornais impressos do Brasil, numa perspectiva enunciativa e discursiva, buscando também apontar algumas pistas de seu uso por jornalistas em seu trabalho profissional.

Objetivos específicos

Para dar conta da proposta no objetivo geral, foram propostos os seguintes objetivos específicos:

a) Identificar as formas de ironia nos jornais investigados, bem como as funções que desempenham na enunciação jornalística;
b) Identificar diferenças no uso da ironia pelos jornais investigados, no contexto dos gêneros textuais jornalísticos e dos tipos ou modalidades de jornalismo (ditos *opinativo* e *informativo*);
c) Identificar a opinião de jornalistas sobre o uso da ironia no jornalismo.

Procedimentos metodológicos

Definições iniciais

A ironia não é assunto novo, sendo numerosos os estudos ensaísticos e no campo da literatura, do tipo "A ironia em...". Contudo, são poucos os estudos acerca da ironia no meio jornalístico no Brasil e esse foi um dos motivos de se pensar em observar os jornais em sua inteireza, assim como em incluir um representante de cada região do país no *corpus* de análise.

A pesquisa passou por algumas alterações ao longo de seu desenvolvimento. Inicialmente, a coleta de dados compreendeu as edições dos meses de outubro e novembro de 2002, dos jornais *Zero Hora* (RS), *O Globo* (RJ), *Folha de S. Paulo* (SP), *Jornal do Commercio* (PE) e

O Liberal (PA). A região Centro-Oeste teria como representante a capital federal[6], mas foi impossível conseguir edições de jornais ali publicados.[7] Já numa última revisão bibliográfica, em 2004, foi encontrada uma dissertação de mestrado, defendida na Universidade de São Paulo (USP), em 2002, com uma abordagem bastante próxima da que estávamos desenvolvendo. Diante disso, houve uma reformulação no tema antes proposto quanto à abordagem e ao *corpus* analisado, que passou a incluir não só a análise de textos de jornal, mas também uma parte complementar com a aplicação de questionários a alguns jornalistas, buscando encontrar algumas indicações de como a ironia é vista e usada por quem produz esses materiais.

Para essa segunda etapa, dois jornais de Belém foram procurados – *O Liberal*, dirigido às classes A e B, e *Diário do Pará*, dirigido às classes C e D -, mas apenas o primeiro respondeu à solicitação, autorizando acesso à equipe jornalística e a dados sobre seus assinantes, caso fosse desenvolver também uma pesquisa junto a eles. Assim, o trabalho concentrou-se no âmbito do que se chama *produção*, já que envolve a análise do material publicado e a opinião de alguns jornalistas sobre a ironia em jornais impressos. O jornal integrante dessa segunda etapa foi *O Liberal*, publicado diariamente em Belém, Pará.[8]

O estudo tem, então, uma parte principal e outra complementar: a primeira envolve a análise dos jornais já mencionados, no mês de novembro de 2002; a segunda, uma pesquisa entre jornalistas do jornal *O Liberal*.[9] Na análise dos jornais de novembro de 2002, nem todas as edições foram vistas, de acordo com o seguinte critério: uma edição lida e duas não, a começar pelo dia 1º. de novembro de 2002. Foram, então, lidas as edições dos dias 1º, 4, 7, 10, 13, 16, 19, 22, 25 e 28 de novembro de 2002. Em suma, foram dez edições lidas em cada um dos jornais, somando 50 (cinqüenta) edições no total.

Foram incluídos textos jornalísticos próprios e aqueles de colaboradores, jornalistas ou não, inclusive a seção de cartas de leitores, com a finalidade de ver também nesses tipos de textos se haveria casos de ironia. Isso aumentou bastante o tamanho do *corpus* analisado, do

---

[6] Sabemos que a capital federal é independente da divisão do país em regiões geográficas, mas sua escolha devia-se também à situação estratégica do poder político central e de um jornal ali produzido.

[7] O *Correio Braziliense*, maior jornal da capital federal, não distribui para a cidade de Belém, nem aceitou fazer isso em caráter especial, como foi o caso do jornal *Zero Hora*, que também não circula na capital paraense, mas criou uma assinatura especial apenas para atender aos fins desta pesquisa. Devemos registrar aqui um agradecimento ao Departamento de Circulação do jornal *Zero Hora* por isso.

[8] Atualmente, Belém tem três jornais diários em circulação: *O Liberal, Amazônia Hoje* e *Diário do Pará.* Os dois primeiros fazem parte do mesmo grupo editor. Recentemente, o jornal mais antigo da cidade, o centenário *A Província do Pará*, parou de circular em razão de má administração dos novos proprietários.

[9] Agradecemos ao jornal *O Liberal* por autorizar a realização da pesquisa entre seus profissionais, assim como a liberação de informações que pudessem viabilizar este estudo. Agradecemos também aos próprios profissionais pela colaboração nas respostas ao questionário.

qual foram excluídos os classificados e demais anúncios de outra natureza (como os obituários e as publicidades), os editais, as palavras cruzadas, as histórias em quadrinhos, as cartas de leitores sobre prestação de serviços (as cartas de leitores principais foram incluídas), as charges e as agendas de shows. Também foram excluídos os cadernos *Mais* (da Folha de S. Paulo), *Cultura* e *Casa & Cia* (de Zero Hora), pelo viés ensaístico e literário dos dois primeiros e pelo estilo *ilustrativo* do terceiro (quase que exclusivamente composto por um tipo de fotos-legenda). Quanto às charges, sabemos que elas são um manancial de ironias, mas mesmo assim decidimos deixá-las de fora, até pela complexidade de análise que envolve, ao conjugar texto e imagem. Somente as charges já seriam material suficiente para uma análise sobre ironia, com a certeza de que o fenômeno seria encontrado, enquanto a nossa preocupação ia noutra direção.

Quanto à pesquisa com os jornalistas, qual seria a técnica mais adequada para a coleta de dados? A entrevista com base em roteiro de perguntas e uso do gravador podia parecer mais rápida para obter informações junto a profissionais que não têm muito tempo disponível, mas podia afugentar respostas mais verdadeiras (pelo valor documental da gravação) e não dar tempo suficiente para o entrevistado pensar a respeito do que ia falar. A formação de grupo(s) focal(is) poderia proporcionar riqueza qualitativa, mas também traria o inconveniente da falta de tempo e disponibilidade dos jornalistas, principalmente daqueles em cargo de chefia. Além disso, as relações de assimetria (de cargos) entre os presentes, de uma mesma equipe de trabalho, poderia influenciar negativamente o resultado do processo de discussão.

Já a aplicação de questionário com perguntas e respostas fechadas, abertas e semi-abertas preenchido pelo próprio entrevistado traz o inconveniente de limitar o leque de respostas, mas apresenta a vantagem do anonimato (e, com isso, a possibilidade de respostas mais fidedignas), tempo para pensar, e as perguntas abertas e semi-abertas dão liberdade suficiente nas respostas. Em função dessas vantagens, julgamos que fosse a alternativa mais viável para obter dados junto a um público disposto a buscar informações e transformá-las em notícias 24 horas por dia (como é o lema do jornalista), mas nem sempre disposto a ceder seu tempo a outros, como numa pesquisa dessa natureza.

O pré-teste e o questionário definitivo

A coleta de dados na segunda etapa compreendeu a aplicação de um questionário à equipe jornalística de *O Liberal*, contendo perguntas com respostas de múltipla escolha, abertas e semi-abertas. Essa operação teve como objetivo obter a opinião dos profissionais acerca do

fenômeno *ironia* na mídia impressa, envolvendo a definição e percepção de sua presença, bem como a realização de um pequeno teste de reconhecimento da ocorrência irônica em textos de jornais.

Antes que o questionário definitivo fosse aplicado, foi realizado um pré-teste entre jornalistas[10] selecionados a partir de alguns critérios: ter experiência profissional mínima de dois anos como jornalista, com um ano de jornal impresso; não estar trabalhando no momento nos jornais *O Liberal* e *Diário do Pará*. A intenção foi representar nesse *corpus* experimental aqueles com menor e maior experiência profissional. Muito tempo foi gasto com o pré-teste, que teve a funcionalidade de indicar algumas perguntas supérfluas e a necessidade de inclusão de outras, bem como o excesso de textos selecionados para leitura e resposta da última pergunta. Além disso, após o preenchimento do pré-teste, em conversa informal, os selecionados indicaram o uso dos textos originais no momento da leitura como fator importante e interveniente na produção de sentido dos mesmos.

Do pré-teste, com nove perguntas, chegamos ao questionário final, com 12, algumas delas parecendo redundantes, a fim de tentar chegar às respostas desejadas, considerando as possibilidades de interpretação de cada uma. Isso teve um resultado positivo, já que perguntas que pareciam claras tiveram respostas bastante diferentes entre os selecionados, algumas distantes do objetivo previsto para a pergunta, outras próximas. O lado negativo é que um conjunto de 12 perguntas pode ser considerado extenso e cansativo, ainda mais com leitura de textos para responder a uma delas.

O questionário final foi composto de perguntas com resposta de múltipla escolha, mistas e abertas, com leitura de cinco textos de assuntos e gêneros diversos, extraídos de cada um dos jornais analisados na primeira parte do *corpus*. Assim, foram escolhidos previamente textos das editorias de *política*, *esporte*, *arte*, *geral* e *sociedade*, incluindo os gêneros *crítica*, *comentário*, *nota de coluna (social)*, *editorial*, *nota*, *quadro* e *notícia assinada* (em Zero Hora, vários textos sobre mesmo assunto e gêneros diferentes formaram um conjunto em duas páginas centrais). Com isso, tentamos envolver gêneros (obviamente, não todos) dos chamados jornalismo opinativo e informativo, assim como contemplar variedade temática (de editorias), mas o esgotamento dessas duas variáveis estava fora do escopo deste trabalho.

[10] Estendemos os nossos agradecimentos aos jornalistas que aceitaram participar do pré-teste.

A coleta de dados junto aos jornalistas

De acordo com dados do Departamento de Pessoal do jornal O Liberal de junho/2005, havia 80 profissionais desempenhando funções ligadas à produção de notícias na empresa, dos quais uns são jornalistas e outros não. Nem todos os profissionais foram selecionados para a aplicação do questionário. Quanto aos jornalistas em si, foram excluídos aqueles em licença, em férias e os correspondentes (por estarem fora de Belém). Quanto aos demais profissionais, decidimos pela exclusão dos diagramadores e repórteres fotográficos e pela inclusão da editora assistente de fotografia e pelo chefe de diagramação, por comandarem as respectivas equipes. Foram excluídos também o operador de radiofoto, o diretor de arte e o secretário gráfico, cujas ausências, acreditamos, não interfeririam negativamente no resultado da pesquisa (a operação de radiofoto é uma função técnica já praticamente inexistente nos jornais de hoje, enquanto a direção de arte e a secretaria gráfica estão bem representadas pela chefia de diagramação, que concentra a direção das atividades diárias). Dos selecionados para responder ao questionário, nem todos aceitaram fazê-lo (como o editor-chefe, a produtora e um repórter de polícia), outros não o devolveram, justificando falta de tempo (casos da editora assistente de fotografia e do chefe de diagramação).

Tabela 1 – Equipe do jornal *O Liberal* e profissionais entrevistados, jun/2005

Categorias profissionais	**No. de profissionais por cargo, inclusive os de licença e em férias**	**No. de profissionais selecionados para pesquisa, excluindo os de licença e em férias**	**No. de profissionais entrevistados**
Repórter	25	21	17
Repórter especial	03	03	-
Correspondente	02	-	-
Produção	01	01	-
Editor-chefe	01	01	-
Editor de primeira página	01	01	01
Editor executivo	02	02	02
Editor assistente	07	04	03
Editor	04	03	02
Redator	01	01	01

Chefe de reportagem	01	01	01
Colunista	08	08	04
Ilustrador	01	01	01
Diagramador	08	-	-
Chefe de diagramação	01	01	-
Repórter fotográfico	10	-	-
Editor assist. fotográfico	01	01	-
Secretário gráfico	01	-	-
Operador de radiofoto	01	-	-
Direção de arte	01	-	-
TOTAL	80	49	32

Fonte – Jornal O Liberal e dados da autora, jun/2005

Como já mencionado, o questionário devia ser preenchido de próprio punho, não necessariamente às vistas da pesquisadora. Para responder à ultima pergunta, os profissionais deviam ler cinco páginas de jornais que compõem a primeira parte do *corpus* e depois dizer se identificavam alguma ironia, indicar onde e porque a considerariam uma ironia. Consideramos a influência do fator cultural e temporal quanto ao reconhecimento da ironia nos jornais de outras regiões, mas essa se revelou a melhor escolha, já que as publicações não eram tão antigas e regionalistas assim.

Não houve preocupação com uma representação estatística por cargos ou número total de profissionais, mas o intuito era chegar ao maior número possível em cada função. A partir disso, algumas funções foram esgotadas em sua totalidade (como editor de primeira página, editor executivo, ilustrador, redator e chefe de reportagem), outras foram em sua maioria (repórter, editor assistente e editor) ou parcialmente (colunista), enquanto outras ficaram totalmente excluídas (editor-chefe, editor assistente de fotografia, chefe de diagramação, produção e repórter especial), cujos profissionais não aceitaram responder ao questionário ou não tiveram tempo de fazê-lo, como se propuseram.

Por outro lado, os pressupostos da pesquisa qualitativa não trabalham com representatividade, mas com a orientação de que a realização das entrevistas (por exemplo) deve parar com a constatação da saturação das informações prestadas, isto é, quando as informações começam a se repetir, indicando que novas entrevistas não trarão dados novos (ver Bauer & Aarts, 2003).

A aplicação do questionário levou três semanas, com visitas intermitentes à redação e em horários diferenciados, a fim de encontrar profissionais dos três turnos de trabalho. Isto porque pela manhã e à tarde costumam estar o chefe de reportagem e os repórteres, e somente a partir do final da tarde começam a chegar aqueles responsáveis pelas colunas e atividades de edição. Em três ocasiões, a permanência na redação se deu de 15h às 20h20, de 8h às 15h30 e de 15h30 às 20h. Em outros dias, a ida foi mais rápida, o suficiente para deixar e apanhar questionários.

Como pensávamos inicialmente e até mesmo como indicado no pré-teste, começamos a aplicação do questionário usando os textos originais dos jornais da primeira parte do *corpus*, o que foi possível com quase a totalidade dos repórteres, o chefe de reportagem e dois colunistas (que permanecem longo tempo na redação). Embora as 11 perguntas possibilitassem que fossem respondidas de forma independente, a 12ª exigia a leitura dos textos de cada vez, o que impedia simultaneidade total nesse processo de aplicação. No decorrer do trabalho, esse procedimento se tornou inviável com os editores e outros, cujo tempo era destinado ao fechamento das edições (no final da tarde e à noite) ou que iam à redação apenas por breve período. Para não deixar de colaborar, um deles teve a iniciativa de tirar cópias dos textos e responder, em casa, as perguntas. Diante disso, a saída foi indagar se os demais, já tendo visto os textos originais, se importariam de receber cópias, quando concordaram ser a melhor opção. Assim, esses profissionais receberam cópias dos textos das páginas em tamanho e cores originais (quando foi o caso) e puderam responder às perguntas em casa, devolvendo o material no dia seguinte, na redação do jornal, em outro local de trabalho e até na portaria do prédio em que residia.

Temos aí uma certa mudança na estratégia de captação das informações? Sim, mas foi a maneira mais prática de conseguir ir adiante, o que nos pareceu ser mais importante e não causar danos aos resultados. Além disso, pode-se indagar se as perguntas foram mesmo respondidas pelos profissionais, mas a resposta também será ***sim***, porque, na devolução do questionário, o teor foi comentado, momento em que os responsáveis deram explicações sobre algumas respostas, além de apontarem redundâncias (nas perguntas), por exemplo.

Análise e apresentação dos dados

Assim como o conjunto de dados têm duas partes, também a análise aconteceu em dois momentos distintos. A parte do *corpus* com os cinco jornais (Folha de S. Paulo, O Globo, Zero Hora, Jornal do Commercio e O Liberal) foi vista primeiro, acontecendo posteriormente

a pesquisa de campo entre os jornalistas e sua respectiva análise. Para a primeira análise, os jornais foram integralmente lidos, com exceção das partes já mencionadas (obituários, agenda de shows, classificados, os cadernos *Mais*, *Cultura* e *Casa & Cia*). Para cada edição foi criada uma página indicando o jornal, a editoria, o tipo de jornalismo (informativo ou opinativo), o gênero textual e, no caso de encontrada alguma "presença" de ironia, a anotação do trecho, da classificação (*valor* da ironia)[11] e do "indicador" de efeito irônico. Os textos sem ironia também foram anotados, seguindo o mesmo procedimento (editoria, tipo de jornalismo e gênero textual), a fim de possibilitar uma comparação quantitativa com a ocorrência dos demais. Entre os dois extremos (textos com e sem ironia), foram ainda registrados os casos de dúvida, que, contudo, não serão discutidos aqui.

Quanto às informações da pesquisa com os jornalistas, os dados foram agrupados por cargo, a partir de cada pergunta, mas a análise mostrou que essa não se constituiu em uma variável muito diferenciadora. Nas perguntas com alternativas de múltipla escolha, as respostas foram tabuladas por ordem decrescente de ocorrência. Nas de resposta aberta, os dados obtidos sobre a ironia foram agrupados segundo alguns critérios, contidos em parte das perguntas: características da ironia; valores que desempenha nos jornais; uso/não uso na atividade profissional do entrevistado; pertinência do uso. Quanto à pergunta no. 12, foram comparados os casos de atribuição de ironia para os textos dos jornais pelos jornalistas e respectivas explicações.

Como poderá ser notado ao longo da exposição deste estudo, a apresentação dos dados e a análise têm natureza quantitativa e qualitativa, de forma complementar, pois as duas nos pareceram viáveis em suas possibilidades de organização e explicação dos dados obtidos. A discussão das ocorrências de ironia se deu com a apresentação de alguns casos selecionados dos jornais, dentre a multiplicidade encontrada. Por uma questão prática, a apresentação de tais ocorrências obedeceu a duas formas: usando o texto completo, quando curto (caso das notas, por exemplo), ou o fragmento contendo ironia (caso de todos os textos mais extensos). Foi adotada uma numeração única abarcando as duas formas. Os textos originais também foram reproduzidos e inseridos no momento de cada discussão, alguns em página completa e outros de maneira localizada, a fim de facilitar a leitura.

[11] As expressões *valor*, *função* e *papel* estão sendo usadas como equivalentes ao longo do trabalho.

O texto da tese está dividido em cinco partes, compostas pela introdução e quatro capítulos. Na introdução está a exposição do tema (inserido em *Considerações iniciais*), das hipóteses, dos objetivos e dos procedimentos metodológicos. O Capítulo 1 traz um panorama de algumas concepções teóricas acerca da ironia, como as ironias filosóficas socrática e romântica; as perspectivas retóricas, pragmáticas, cognitivistas e discursivas. O Capítulo 2 traz considerações acerca do processo enunciativo, tendo em vista a heterogeneidade e a polifonia engendradas pelo sujeito e permitidas pela linguagem. No Capítulo 3 são listadas algumas orientações e técnicas que guiam o fazer jornalístico por alguns manuais de redação de jornais brasileiros, assim como o uso da ironia previsto por eles. Já o Capítulo 4 traz a apresentação da análise da ironia nos cinco jornais e os dados da pesquisa entre os jornalistas. Encerrando o trabalho, vêm as Considerações Finais; as Referências e o Apêndice, com modelo do questionário aplicado de forma definitiva.

CAPÍTULO 1
SOBRE IRONIA

O conceito de ironia é, por diferentes razões, um conceito instável, amorfo e vago.
(D. C. Muecke, 1978, p. 478)

Ela aparece em toda parte. Nas falas das pessoas em conversas cotidianas da rua à internet, na literatura, nas novelas, nos textos acadêmicos e nos jornalísticos, em assuntos os mais diversos. Qualquer um pode usar e ao mesmo tempo se tornar o seu alvo e aí pode também começar um problema. Estamos falando da ironia, fenômeno que permeia as produções comunicativas humanas desde quando ainda não era conhecida por esse nome, mas por outros, correlatos, que lhe substituem ou apóiam ainda hoje nas possibilidades de sentido.

Na introdução do livro *Teoria e política da ironia*, Linda Hutcheon (2000, p. 15) se pergunta por que o mundo precisaria de mais um livro sobre o assunto. Para a autora, embora seja abordada nos mais diferentes domínios, como a literatura, a lingüística, a sociologia, a antropologia, entre outros, a ironia parece ter se tornado "um modo de expressão problemático" no final do século XX e foi isso que a motivou a tentar teorizar sobre ela.

Uma pesquisa realizada por nós na *World Wide Web* (www) pelo programa de busca Google, em 14/01/2005, teve o seguinte resultado: 3.970.000 ocorrências para *irony*; 1.170.000 para *ironie*; 659.000 para *ironia*. Buscando apenas registros em português para *ironia*, foram encontradas 146.000 ocorrências. Em tal extensa e variada relação se pode encontrar *blogs* (espécie de diários virtuais), bibliografias (incluindo, é óbvio, nomes de livros e de outras publicações), definições de dicionário, artigos e menções diversas, textos jornalísticos, sem incluir produções acadêmicas em bancos de dissertações e teses. A quantidade e a miscelânea de ocorrências para a expressão *ironia* parecem uma evidência de que seu uso se acha mais vivo e corriqueiro que nunca, embora, é claro, seja prudente assinalar a diversidade de usos e entendimentos que marca esses registros.

Os meios jornalísticos, por sua vez, não só utilizam a ironia em suas produções, como também avaliam e atribuem o uso desse recurso por algum entrevistado em sua fala, como se pode ver no texto [1] do jornal *O Liberal* e no fragmento [2] do *Jornal do Commercio*:

[1]:

Suplicy <u>ironiza</u> Lula com cupom da fome (título)

> Senador sugere ao presidente eleito experimentar a medida até dezembro (subtítulo)
> (O Liberal, editoria Política/Economia, p.3, 07/11/2002, notícia, agência Estado)
>
> [2]:
> Violência (chapéu)[12]
> Polícia prende acusado de matar e queimar rapaz (título)
> (...) Berg foi detido quando bebia num bar. "Toquei fogo para ter certeza que ele estava morto. Agora sei que ele não vai mais perturbar com a mulher de ninguém", disse Berg, em tom de ironia em entrevista à imprensa. (...)
> (Jornal do Commercio, editoria Cidades, p. 3, 22/11/2002, notícia)

Contudo, a despeito da grande quantidade de material acadêmico produzido, poucas incursões temos acerca da ironia no jornalismo, seja no formato impresso, seja no televisivo, radiofônico e, agora, na internet (lembrando que há produções jornalísticas exclusivas para internet, sem serem reproduções de outro suporte midiático). Os poucos estudos existentes abordam a ironia em máximas e provérbios em jornal (Castro, 1990); em charges, também em jornal (Castro, 1997a); em colunas jornalísticas, como as de Ibrahim Sued (Travancas, 2001); em alguns exercícios de análise interessantes, mas pontuais (Silva, 2003), entre outros. Maruxo Jr (2002), em dissertação de mestrado, não se prendeu a um gênero jornalístico apenas, envolvendo a variedade de textos do meio impresso, tendo como *corpus* alguns jornais e revistas do Brasil e da França. Uma das observações de Maruxo Jr é que no jornalismo a ironia tem um papel de crítica, algo que já julgávamos importante e que, por isso, se constitui em uma das hipóteses de base do nosso estudo. Mas antes de discutir essa questão, vamos a uma passagem mais geral acerca do que se tem chamado de *ironia*.

Embora um tanto corriqueiro, é pertinente mencionar a antiguidade de registro desse fenômeno, bem como a multiplicidade de entendimentos, ao longo do tempo, do que se denomina *ironia*. Do ponto de vista teórico, é possível visualizar, apenas para uma organização mais ou menos esquemática, a existência de alguns grandes eixos de estudo do fenômeno, que vão das linhas filosóficas socrática e romântica às perspectivas retóricas, pragmáticas, discursivas e cognitivistas, lembrando que as contribuições de uma às vezes são retomadas por outra, diluindo supostas fronteiras que se pensem existir entre elas.

[12] "Palavra ou expressão curta colocada acima de um título [para] indicar o assunto de que trata o texto ou os textos que vêm abaixo dela" (Folha, 1994, pp. 130-131).

O LIBERAL BELÉM, QUINTA-FEIRA, 7 DE NOVEMBRO DE 2002 POLÍTICA/ECONOMIA PAINEL 3

Suplicy ironiza Lula com cupom da fome

Senador sugere ao presidente eleito experimentar a medida até dezembro

BRASÍLIA
Agência Estado

Durante uma apresentação em que até interpretou um *rap* do grupo Os Racionais, o senador Eduardo Suplicy (PT-SP) reiterou as críticas à distribuição dos cartões de alimentação do programa Fome Zero com uma "dura proposta" ao presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva e aos coordenadores da equipe de transição: "Quem sabe Lula não possa estabelecer novembro e dezembro para fazer o teste? Eles poderiam ser remunerados com o cupom de alimentação. Graziano (José Graziano, coordenador executivo do programa de combate à fome) diria que alimentos poderiam ser comprados. Seria para eles perceberem, como o povo, se de fato é o melhor."

Suplicy, que participava do seminário Estratégias para Superação da Pobreza, disse que "com muito respeito" lançava a sugestão aos companheiros de partido. Um pouco antes, o senador sugeriu que a equipe de transição promovesse uma pesquisa com 5 milhões de famílias beneficiadas atualmente com o bolsa-escola para verificar se aprovam os cartões ou cupons vinculados exclusivamente a compra de alimentos.

Segundo Suplicy, a pergunta a ser feita seria: "Preferem receber cartões para receber alimentos escolhidos pela equipe do governo ou preferem escolher o que gostariam de comprar?"

O desafio de Suplicy surpreendeu a representante de Graziano no seminário, Maya Takagi, uma das autoras do programa Fome Zero, porque na véspera o senador e o coordenador tinham lançado um documento conjunto em que defendiam ações que combinassem o cartão de alimentação com a manutenção de programas já em curso com transferência de dinheiro e a implementação de projetos duradouros como reforma agrária e geração de emprego.

Maya foi chamada por Suplicy para subir ao palco. Agradeceu "as sugestões do colega Suplicy". A professora acrescentou apenas que, "como esclarecimento", gostaria de informar que os cartões de alimentação são uma complementação aos programas de transferência direta de dinheiro. Ela lembrou que a equipe de transição está aberta a sugestões durante um mês e meio. Suplicy, que só tinha 15 minutos para o pronunciamento, falou durante quase uma hora e, ao final, foi aplaudido de pé pela platéia de 500 pessoas.

CRISTINO MARTINS

As declarações de Suplicy causaram certo desconforto no partido, que se mantém calado

CLÁUDIO HUMBERTO

"PRIMEIRO ELE ESTÁ CONVERSANDO COM OS ADVERSÁRIOS"

Itamar Franco com ciúmes da reunião de Lula com o presidente do PMDB, Michel Temer

PT examina área de inteligência

O chefe do Gabinete de Segurança, general Alberto Cardoso, anda todo prosa. Ele foi convidado para encontros com Antônio Palocci e Luiz Gushiken, da equipe de transição do PT. Haverá reunião hoje. O general chefia a área de combate ao tráfico de drogas, prioritária no novo governo, e a arapongagem oficial, a cargo da Abin, a Agência Brasileira de Inteligência (sic). O PT quer acesso ao fichário, recheado de petistas. O presidente Lula considera a área é "crítica", porque dominada por ex-agentes do SNI.

Partido 50%

O PMDB velho de guerra está dividido: metade quer ser governo e a outra metade não aceita ser oposição de jeito nenhum.

Fome na caserna

Mesmo dispensando 44 mil recrutas porque não podia lhes oferecer arroz e asa de galinha no almoço, o Exército continua pagando aos que sobraram míseros R$ 153 mensais. Pior: no Orçamento de 2003, não está previsto reajuste para os militares. Enquanto isso, sua escandalosa "comissão de compras" em Washington torrou R$ 130,2 milhões em dez meses.

Pensando bem...

...FHC deveria receber o título de Doutor Honoris Causa Perdida.

Trem bão na ECT

Está em gestação da Empresa de Correios e Telégrafos um "trem da alegria" de final de governo: a diretoria da estatal planeja incorporar aos salários as gratificações pagas a quem exerce cargos de sua confiança.

Carga pesada

For pouco não seriam convocadas eleições gerais no Ceará. Um avião da TAM com o prefeito de Fortaleza, Juraci Magalhães, três deputados federais e vinte prefeitos entrou em pane após decolar e o comandante teve de abortar o vôo. Um susto daqueles. Daqueles que só a TAM sabe oferecer.

[1] Suplicy ironiza Lula com cupom da fome
O Liberal, editoria Política/Economia, p.3, 07/11/2002

armas dos acusados.

VIOLÊNCIA

Polícia prende acusado de matar e queimar rapaz

O vigilante Tiago Gomes da Silva, 24 anos, foi espancado até a morte e depois queimado no bairro do Janga, no município de Paulista, Região Metropolitana do Recife. O crime ocorreu por volta das 5h de ontem. Cinco horas depois, a polícia prendeu o homem acusado de praticar o crime. Ao ser levado para a Delegacia de Engenho Maranguape, Aldembergue Felipe Nascimento Miranda, o Berg, 22 anos, disse que assassinou a vítima porque ela havia discutido com sua mulher.

O corpo de Tiago Gomes foi encontrado numa estação de telefonia, que estava desativada, na Avenida Claudio Gueiros Leite. Em cima do corpo carbonizado os policiais encontraram dois pneus queimados, pedaços de colchão panos. Segundo testemunhas, Tiago Gomes trabalhava como segurança dos bares localizados nas proximidades do local onde foi assassinado. Moradores da área contaram aos policiais que Tiago era viciado em drogas e álcool, mas não souberam falar maiores detalhes sobre o passado do vigilante.

Berg foi detido quando bebia num bar. "Toquei fogo para ter certeza que ele estava morto. Agora sei que ele não vai mais perturbar com a mulher de ninguém", disse Berg, em tom de ironia em entrevista à imprensa.

No fim da tarde de ontem, Berg foi levado para o Presídio Aníbal Bruno, no bairro do Curado. Ele vai responder por crime de homicídio doloso. Caso venha a ser condenado, pode pegar de 12 a 30 anos de prisão.

O caso está sendo investigado pelos policiais da Delegacia de Engenho Maranguape.

[2] Polícia prende acusado de matar e queimar rapaz
Jornal do Commercio, editoria Cidades, p. 3, 22/11/2002

Deve-se acrescentar, ainda, as contribuições de Freud, que podem ser aproveitadas em mais de uma direção. Numa linha seqüencial, os registros antigos mais significativos do uso de ironia são atribuídos a Sócrates (Platão?), a Aristóteles, a Cícero e a Quintiliano (são as ironias socrática e retórica). Muito tempo depois, viriam a ironia romântica (séculos XVII e XVIII), as contribuições de Freud (início do século XX), da pragmática, das perspectivas cognitivistas e discursivas (estas, já ao longo do século XX). É preciso reforçar que tais seqüenciações e esquematizações são artificiais, pois, a partir do século XX, por exemplo, tais perspectivas conviveram e até se juntaram, de acordo com os interesses dos estudiosos em tentar explicar ocorrências do fenômeno em alguns campos do saber.

Não é objetivo deste estudo traçar biografias dos autores, mas alguns dados podem ser pertinentes para contextualização. Costuma-se começar por Sócrates. Embora nada tenha deixado escrito, o filósofo Sócrates (c. 470-399 a. C.) é apontado como um marco no uso recorrente de um tipo de ironia que constituía não só suas falas/diálogos, mas também todo o seu modo de vida. Tanto que denomina um tipo específico desse fenômeno, o que passou a ser conhecido como *ironia socrática.* O que se sabe ou se atribui a Sócrates o foi por meio de outros filósofos, como Xenofonte e Platão. Uma discussão da ironia socrática pode ser encontrada em Kierkegaard (1991) e em Jankélévitch (1964).

Na retórica, entendida como *a arte de bem falar/discursar*, são nomes obrigatórios os de Aristóteles (384-322 a.C.), de Cícero (106-43 a.C.) e de Quintiliano (c. 35-c.95 d.C.), entre outros. De Aristóteles, a principal obra nessa linha é ***Retórica*** (também traduzida como ***Arte retórica***), em que são expostos minuciosamente, entre outros assuntos, os gêneros e as partes do discurso, assim como as características e os elementos do estilo, ou seja, todo um conjunto de procedimentos do qual o orador, a partir de um determinado tipo de público ou situação, pode lançar mão a fim de conseguir persuadir o público pretendido (Aristóteles, s.d.). Cícero, por sua vez, é responsável pela elaboração de vários textos sobre retórica que serviriam de guia ao longo da Idade Média. Marco Fábio Quintiliano (1944), retomando Cícero com certa freqüência, organizou uma detalhada classificação dos tropos e figuras de discurso, nos quais a ironia foi incluída. Professor de retórica, escreveu a obra *Institutio Oratoria*, em 12 volumes, em que abordou a educação elementar, os métodos para formação básica em retórica e os fundamentos e técnicas da oratória. Sua obra influenciou as teorias pedagógicas que sustentaram o humanismo e o renascimento, assim como a retórica.

Na perspectiva filosófica romântica, são mais destacados os autores alemães (os irmãos Friedrich e August Wilhelm Schlegel, Karl Solger, Ludwig Tieck, entre outros), seguidos

dos ingleses (por exemplo, Jonathan Swift, Thomas Mann). Posteriormente, o nome de S. A. Kierkegaard é bastante lembrado, principalmente com a elaboração da tese *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, de 1841.[13] Tais autores, embora rotulados de *românticos*, seguem linhas nem sempre convergentes, como bem mostra o próprio Kierkegaard (1991). Além disso, não é demais lembrar que a menção dos nomes acima não significa afirmar que outros países e autores não tenham participado da produção irônica nessa linha, como se pode notar com uma breve passagem por autores franceses e até brasileiros, por exemplo.

Já no século XX, alguns autores se tornaram referência no estudo da ironia. Em língua inglesa, devem ser enumerados Norman Knox, com a obra *The Word Irony and its context 1500-1755*, em 1961; Wayne C. Booth, com *A Rhetoric of Irony*, em 1974; e D. C. Muecke, com *Irony and the Ironic*, publicada pela primeira vez em 1970 e republicada em 1982 (traduzida para o português em 1995 como *Ironia e o irônico*). Em francês, merece menção o número 36 da revista *Poétique*, de novembro de 1978, com artigos de vários autores conhecidos (da França e de outros países) que trabalham com o tema. Bem mais recente, já em 1994, encontra-se uma publicação da canadense Linda Hutcheon, intitulada *Irony's edge – the theory and politics of irony*, editada no Brasil em 2000 com o título *Teoria e política da ironia*. No Brasil, a autora Beth Brait publicou *Ironia em perspectiva polifônica*, em 1996, que também se tornou uma obra de referência no país.

A perspectiva cognitivista também tem dado sua contribuição para o estudo da ironia. *On our Mind*, de Rachel Giora, publicado em 2003, é um exemplo disso. Contudo, há que deixar claro que diversos outros autores se dedicaram e publicaram menos ou mais acerca da ironia ou de alguma forma se referiram a ela, cuja menção seria sempre incompleta. Os livros de Hutcheon e Brait são ótimos exemplos de uma bibliografia extensa, atual e de uma abordagem interessante, sob a perspectiva discursiva, que também adotamos neste estudo.

Para um brevíssimo histórico sobre a ironia, Knox (1961) e Muecke (1995) são de boa ajuda. Citando Nietzsche ("Somente se pode definir aquilo que não tem história"), Muecke afirma que

> por essa e outras razões, o conceito de ironia é vago, instável e multiforme. A palavra "ironia" não quer dizer agora apenas o que significava nos séculos anteriores, não quer dizer num país tudo o que pode significar em outro, tampouco na rua o que pode significar na sala de estudos, nem para um estudioso o que pode querer dizer para outro. Os diferentes fenômenos a que

[13] Publicado no Brasil em 1991.

> se aplica a palavra podem parecer ter uma relação muito fraca. (Muecke, 1995, p. 22).

Para Brait (1996), essa é uma justificativa nada original. Mas Muecke (1995, p. 22), do seu ponto de vista, observa que a evolução semântica do vocábulo foi acidental, sendo o conceito de ironia o resultado cumulativo de um uso intuitivo, negligente ou deliberado, ao longo dos séculos, "a fenômenos que pareciam, talvez erroneamente, ter bastante semelhança com alguns outros fenômenos aos quais já o vínhamos aplicando". Só recentemente a palavra se tornou de pleno uso coloquial e, "junto com uma certa elegância", "Que irônico!" substituiu "Que coincidência!" e "Que estranho!" (Muecke, 1995, p. 22). Para ele, é inútil pensar em conter a variedade de usos para a palavra *ironia* no cotidiano, muito menos quanto ao significado, como se propõem os ironólogos.

O autor tenta dar uma visão do que chama de "besta quase-mitológica de natureza dupla". A natureza dupla se refere às duas formas básicas de ironia geralmente aceitas (verbal e observável), "diferentes, mas aparentadas e não facilmente separáveis". Quase-mitológica porque ironia seria "apenas um conceito, um elemento num sistema conceitual que, por sua vez, é apenas um acordo temporário quanto ao instrumento de compreensão do mundo" (Muecke, 1995, p. 27).

Mais tarde voltaremos às formas da ironia. Por ora, continuemos com o aspecto histórico. Muecke dá exemplos da *Odisséia* para indicar a antiguidade do fenômeno e para

> estabelecer que a ironia, ao mesmo tempo como algo que vemos e a que reagimos e como algo que praticamos, deve ser distinguida tanto da palavra 'ironia' quanto do conceito de ironia. Reagia-se ao fenômeno antes que ele tivesse um nome e, conseqüentemente, antes que pudesse ter havido um conceito dele; e a palavra existia antes que fosse aplicada ao fenômeno. (Muecke, 1995, p. 30).

Na sua reconstituição histórica, Muecke (1995, p. 30) assinala que a ironia verbal não tinha esse significado até a época de Aristóteles. Já a ironia situacional (um caso de ironia observável, como veremos adiante) somente foi chamada de *ironia* no século XVIII, embora fosse largamente usada no drama desde Ésquilo.[14] Segundo Muecke (1995, p. 30), a expressão *ironia* aparece em algumas traduções da *Poética* como uma versão da *peripeteia* (peripécia) aristotélica (súbita inversão das circunstâncias) que talvez abrangesse parte do significado da

[14] Trágico grego, poeta, ator e músico, Ésquilo viveu entre 525 a 456 a.C.

ironia dramática. De fato, em duas versões para o português da *Poética*, vistas por nós, é usada a expressão *peripécia*, como "uma viravolta das ações em sentido contrário" (Aristóteles, 1996a, p. 40) e como "mudança da ação no sentido contrário ao que foi indicado e sempre (...) em conformidade com o verossímil e necessário" (Aristóteles, s.d., p. 255), que podem ser aproximadas do que posteriormente passou a ser chamado de *ironia observável* (em alguns de seus gêneros). Muecke (1995, p. 31) observa que o primeiro registro conhecido de *eironeia* ocorre na *República*, de Platão, aplicada a Sócrates por Trasímaco, significando algo como "uma forma lisonjeira, abjeta de tapear as pessoas".

Muecke (1995, p. 31) comenta ainda o fato de Aristóteles considerar a *eironeia* (no sentido de dissimulação autodepreciativa) superior ao oposto *alazoneia* (no sentido de dissimulação jactanciosa), em que seria preferível uma simulação da modéstia à ostentação (ver Aristóteles, 1996b, pp. 186-190). Em suma, Muecke (1995, p. 31) assinala aí duas aplicações da expressão *eironeia*: primeiramente, significando um modo de comportamento, e, em seguida, como um uso enganoso da linguagem. Ironia como uso enganoso da linguagem ou como mentira é o que parece dizer Aristóteles (1996b, p. 183) quando fala sobre as características das pessoas magnânimas: "(...) devem falar e agir ostensivamente (por desdenharem as outras, as pessoas magnânimas têm de ser francas), e devem falar a verdade, salvo quando falam ironicamente (com as pessoas comuns, as pessoas magnânimas devem ser irônicas)". Já em Cícero, Muecke (1995, p. 31) avalia que a ironia não tinha os significados abusivos da forma grega, sendo usada como figura de retórica ou como uma "pretensão amável" admirável de um Sócrates. A essas formas, Quintiliano teria acrescentado uma outra, intermediária, em que a ironia aparece como "elaboração de uma figura de linguagem num raciocínio completo" (Muecke, 1995, p. 32), o que não fica claro em Muecke, muito menos lendo o próprio Quintiliano (1944), quando fala de tropos e figuras.

Muecke (1995) e Knox (1961) confirmam o aparecimento da palavra latina *ironia* em inglês apenas em 1502 e a entrada para o uso literário geral no início do século XVIII. Entretanto, Muecke (1995, p. 32) pondera ser o inglês tão rico em termos coloquiais para usos verbais que ele considera como "um embrião de *ironia* os vocábulos *fleer, flout, gibe, jeer, mock, scoff, scorn, taunt*", todos com o sentido de "*mofa, escárnio, zombaria, motejo, chasco* e *sarcasmo*". Além disso, ele acrescenta que no final do século XVII e durante todo o século XVIII eram empregadas amplamente as palavras *derision, droll, rally, banter, smoke, roast* e *quiz*, como *derrisão, chocarreiro, zombaria, gracejo, fumaça, chacota* e *mofa*.

O conceito de ironia desenvolveu-se lentamente, tanto na Inglaterra como nos demais países da Europa. Segundo Muecke (1995, p. 33), por mais de duzentos anos a ironia foi

tratada principalmente como figura de linguagem, deixando-se de lado os significados mais interessantes em Cícero (ironia como um modo de tratar o oponente num debate) e em Quintiliano (ironia como estratégia verbal de um argumento completo).

> Definia-se o termo como algo que "diz uma coisa, mas significa outra", como uma forma de "elogiar a fim de censurar e de censurar a fim de elogiar", e como um modo de "zombar e escarnecer". Era também usado para significar dissimulação, mesmo dissimulação não-irônica, subentendidos, e paródia (uma vez ao menos, por Pope). (Muecke, 1995, p. 33).

Ao que tudo indica, as observações de Muecke vistas acima sobre as concepções de ironia tiveram como base, entre outros, os estudos de Knox (1961), que enumera, de maneira clara, as principais definições de *ironia* registradas até o século XVIII. Inicialmente, Knox (1961, pp. 9-23) cita quatro:

1) Dizer o contrário do que significa ("saying the contrary of what one means") – A forma mais popular de definir ironia. Derivada de Cícero, Quintiliano e dos retóricos medievais, esta definição apareceu em *Thordynary of Crysten Men*, de 1506;
2) Dizer coisa diferente do que se significa ("saying something other than one means") – Cícero teria distinguido esta ironia da primeira porque ela não diz "o reverso exato do que você significa", mas somente algo "diferente". [Para Knox tal definição não teve muito sucesso, mas discordamos dessa afirmação, porque esse entendimento parece estar também bastante presente entre as pessoas no cotidiano e nos textos de jornais];
3) Censurar com falso elogio e elogiar sob a simulação de censurar ("to censure with counterfeited praise and praise under a pretence of blame") – Considerada mais proveitosa que as duas primeiras e exposta por Quintiliano. Bastante usada por escritores;
4) Zombar ou caçoar ("mocking or scoffing") – ironia significando qualquer tipo de zombaria ou caçoada, independente da estrutura retórica. Cícero e Quintiliano descreveram ironia como um tipo de gracejo, mas eles não ampliaram a referência da palavra nesta linha. A definição parece ter refletido usos reais [e, no caso deste estudo, também se revela presente nos jornais].

Ainda segundo Knox (1961, p. 10), entre os retóricos do Renascimento, três palavras foram relacionadas à ironia de maneira bem próxima: *antífrase*, *sarcasmo* e *alegoria*.

Antífrase foi usada como sinônimo, sem qualquer diferença. *Sarcasmo* foi considerada muito próxima à ironia, com a diferença de que se referia menos a um método retórico específico. Já *alegoria* se aproximaria de ironia com base na observação de que ambas dizem coisas diferentes do que significam. A concepção foi usada por alguns autores, até que uma diferença foi estabelecida entre elas, significando a alegoria "uma similitude entre as coisas faladas e pretendidas" e a ironia, "uma contrariedade entre elas".

Deve ser mencionada também a aproximação entre *ironia* e *dissimulação*. Quando a ironia grega foi adotada pelo latim, não foi sempre traduzida como *ironia*, mas, também, como *dissimulatio*. Assim, vários manuais renascentistas discutiram os diversos recursos da ironia retórica sob o nome de *dissimulação*. A partir do século XVII, esta foi raramente usada para nomear os recursos irônicos de ataque verbal, mas continuou a ser um utilizável substituto para ironia como "decepção real". *Ironia dramática* (também chamada *trágica* e *sofocleana*), *ironia do destino* e *ironia de modo* também são noções de ironia encontradas por Knox (1961, pp. 20-22), entre outras.

Do final do século XVIII ao início do século XIX a palavra *ironia* recebeu significados novos em vários aspectos, com uma transformação radical do conceito.

> Onde antes se encarava a ironia como algo essencialmente intencional e instrumental, alguém que realizava um propósito usando a linguagem ironicamente, agora era possível considerar a ironia como algo que, ao invés, podia ser não-intencional, algo observável e, por conseguinte, representável na arte, algo que aconteceu ou de que alguém se tornou ou se podia tornar consciente; de agora em diante, a ironia tem natureza dupla, ora instrumental, ora observável. (Muecke, 1995, pp. 34-35).

Outros aspectos podem ser assinalados. O mundo passa a ser visto como um palco irônico, e a humanidade, como atores; a ironia passa de um ato finito ou uma maneira adotada (como Sócrates) a uma ação permanente e autoconsciente: "o ironista ideal seria sempre um ironista, atento mesmo à ironia de ser sempre um ironista" (Muecke, 1995, p. 35). Em resumo, a ironia deixa de ser considerada como alguém sendo irônico (ironia instrumental) e se desloca para alguém sendo a vítima da ironia (ironia observável, que inclui as ironias de eventos, de situação, do destino, de personagem, de idéias). Além disso, há uma universalização das ironias locais e particulares das quais qualquer um pode ser vítima: é a ironia cósmica ou geral, a ironia do universo que tem como vítima o homem. Os novos significados de *ironia* são – principalmente, mas não só - contribuições de autores alemães, entre os quais os irmãos

Friedrich e August Wilhelm Schlegel, Ludwig Tieck e Karl Solger, Hegel e o dinamarquês Kierkegaard, entre outros (Muecke, 1995. pp. 35-39).

Outros aspectos da ironia, suas implicações e os autores que utilizaram tais recursos são ainda abordados por Knox (na literatura e na retórica) e por Muecke (principalmente na literatura e no teatro), mas vamos nos ater às noções vistas até aqui e ao que se segue.

1.1 **Preâmbulo às diferentes perspectivas teóricas da ironia**

Até o momento, o que foi apresentado sobre a ironia constituiu-se mais em uma exposição histórica e de algumas características desse recurso, sem a preocupação de seguir uma classificação clara por áreas de conhecimento. Mas a quantidade de material produzido ao longo do tempo sobre ela não aconteceu de maneira homogênea, a partir de um mesmo ponto de vista. Castro (1990; 1997a), distingue quatro perspectivas de abordagem sobre a ironia: a retórica, a filosófica, a psicanalítica e a lingüístico-pragmática. Brait (1996), por sua vez, além de também diferenciar essas quatro abordagens, acrescenta a perspectiva discursiva, sobre a qual fundamenta a sua análise. Maruxo Jr (2002) faz uso da retórica, da pragmática e de teorias da enunciação para analisar textos de jornais e revistas do Brasil e da França, com o objetivo de "compreender como se engendra a ironia nos discursos da imprensa escrita de informação, e com que finalidades o procedimento irônico é aí construído" (2002, p.6). Já Charaudeau e Maingueneau (2004, pp. 291-292), no *Dicionário de Análise do Discurso*, enumeram quatroo teorias que explicariam a ironia: ironia como tropo, como menção, como polifonia e como paradoxo.

O fato é que muito já se escreveu sobre o fenômeno *ironia* que, mesmo assim, permanece ainda como uma questão aberta, como o afirmam - e concordamos – Charaudeau e Maingueneau:

> Fenda que o enunciador escava em sua própria enunciação, desconexão que se quer desconcertante entre discurso e realidade, a ironia, ao contrário da metáfora, permanece por natureza uma questão *aberta*, que cada teoria analisa em função de seus pressupostos. Decidir o que é a ironia implica, na realidade, uma certa concepção de sentido, da atividade de fala ou da subjetividade. (Charaudeau e Maingueneau, 2004, p. 292).

Novamente vamos concordar com os dois autores também quanto à última parte da citação. Diante da necessidade de definições, julgamos que o sentido não está totalmente na

instância enunciativa/sujeito enunciador, no texto ou apenas a cargo do receptor/co-enunciador; o sentido emana das três instâncias, pois depende da atividade dos enunciadores (proponentes de textos e de sentidos), do produto/texto efetivamente construído/proposto e da atividade de quem recebe. A situação de enunciação pode ser parte constitutiva do sentido (às vezes mais, às vezes menos), assim como os sujeitos que agem ou "trabalham" (para usar uma expressão de Possenti, 1993) lingüisticamente, embora sejam eles também dependentes de suas posições históricas e sociais. Assim, estamos nos posicionando a favor de teorias pragmáticas, enunciativas, mas também discursivas, embora isso possa parecer contraditório para alguns, se se quiser manter as separações tradicionais entre as abordagens.

Mas antes de expor com mais detalhes a posição adotada neste estudo, vamos a uma breve apresentação das principais perspectivas teóricas que explicam a ocorrência da ironia, já mencionadas acima, e que vamos agrupar aqui como filosóficas (socrática e romântica), retóricas, pragmáticas, cognitivistas e discursivas, sem deixar de citar a contribuição psicanalítica freudiana.

1.2 **As perspectivas filosóficas**

> *"Apesar da ironia, de que estamos brincando de Deus, se não fosse o trabalho científico, não teríamos vencido a batalha contra tantas doenças ao longo dos últimos anos", salientou Segre* [Marco Segre, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo].
> (O Liberal, editoria Cidade, p. 5, 04/11/2002, notícia/agência Estado)

Dentre os dicionários de filosofia de que dispomos no Brasil, o de Nicola Abbagnano parece um dos mais completos na definição de ironia nessa perspectiva, da qual apresentamos aqui apenas um fragmento inicial:

> **Ironia** (g. Eironeia; lat. Ironia; in. Irony; fr. Ironie; al. Ironie; it. Ironia). Em geral, a atitude de quem dá importância muito menor que a devida (ou que se julga devida) a si mesmo, à sua própria condição ou a situações, coisas ou pessoas com que tenha estreitas relações. A história da filosofia conhece duas formas fundamentais de I.: 1ª. socrática; 2ª. romântica. (...) (Abbagnano, 2000, p. 584).

A ironia socrática, como o próprio nome indica, decorre da forma como Sócrates procedia a sua argumentação, subestimando-se em relação aos adversários com quem discutia. Em *A República*, de Platão, encontra-se a explicitação da ironia socrática por Trasímaco, que indagava a Sócrates o que ele definia como Justiça.

> Repetidas vezes, enquanto falávamos, Trasímaco procurara tomar parte na conversa, mas fora impedido pelos amigos, que queriam ouvir-nos até o fim. Durante a nossa pausa, após minhas últimas palavras, não pôde mais se conter; erguendo-se do chão, como uma fera, lançou-se contra nós, como para nos dilacerar.
>
> Polemarco e eu ficamos apavorados; porém Trasímaco, elevando a voz no meio do auditório, gritou: - Que tagarelice é essa, Sócrates, e por que agis como tolos, inclinando-vos alternadamente um diante do outro? Se queres mesmo saber o que é justo, não te limites a indagar e não teimes em refutar aquele que responde, mas, tendo reconhecido que é mais fácil indagar do que responder, responde tu mesmo e diz como defines a justiça. E abstém-te de pretender ensinar o que se deve fazer, o que é útil, proveitoso, lucrativo ou vantajoso; exprime-te com clareza e precisão, pois eu não admitirei tais banalidades.
>
> Ao ouvir tais palavras, fui tomado de assombro e, olhando para ele, senti-me dominado pelo medo; creio até que, se não o tivesse olhado antes que ele me olhasse, eu teria ficado mudo. Mas, quando a discussão começou a irritá-lo, olhei-o em primeiro lugar, de modo que consegui dizer-lhe, um tanto trêmulo:
>
> Sócrates – Não fiques zangado, Trasímaco, porque, se eu e este jovem [Polemarco, com quem Sócrates conversava antes] cometemos um erro em nossa análise, sabes que foi involuntariamente. Pois, se estivéssemos à procura de ouro, não nos inclinaríamos um para o outro, prejudicando assim as nossas oportunidades de descoberta; portanto, não penses que, procurando a justiça, coisa mais preciosa que grandes quantidades de ouro, façamos tolamente concessões mútuas, em vez de nos esforçarmos o mais possível por descobri-la. Não penses isso de forma alguma, meu amigo. Mas creio que a tarefa ultrapassa as nossas forças. Por isso, é muito mais natural para vós, os hábeis, ter compaixão de nós do que testemunhar-nos irritação.
>
> Ao ouvir estas palavras, Trasímaco soltou uma risada sardônica e exclamou: - Ó Hércules! Aqui está a habitual ironia de Sócrates! Eu sabia e disse a estes

> jovens que não quererias responder, que fingirias ignorância, que farias por não responder às perguntas que te fizessem! (...) (Platão, 1997, pp. 17-18) [grifo nosso].

Embora bastante longa, a citação acima explicita claramente a forma de dialogar de Sócrates,[15] que vai caracterizar o que, posteriormente, ficou conhecido como "ironia socrática", embora ele mesmo, ao que se sabe, não tenha usado a qualificação de ironia para a sua maneira de atuar. Segundo Aubé,

> a ironia socrática, a arte de se fazer humilde, de colocar suavemente as pessoas em contradição com elas mesmas, sob o pretexto de obter esclarecimento, de expor a presunção e a impertinente ignorância, essa arte é tão própria de Sócrates que se pode dizer que ele não recebeu de ninguém e não legou a ninguém. A ironia, além disso, é arma de polêmica, e não edificação e construção dogmática. (Aubé[16], 1874, p. LXVI *apud* Brait, 1996, p. 22).

Na interpretação de Brait (1996, p. 22), as expressões "uma personalidade irônica", "um caráter irônico", "um indivíduo irônico", além de "ironia de situação", "ironia do destino" e "ironia dos acontecimentos" podem ser explicadas nessa linha da ironia, como princípio filosófico ou metafísico. Em relação ao nosso trabalho, as três primeiras expressões poderiam ser pertinentes para caracterizar os textos de algumas colunas jornalísticas e seus autores, como parecem ser o caso de José Simão, Joelmir Beting, Luís Fernando Veríssimo e, principalmente, Cláudio Humberto, para citar alguns. Por um outro prisma, ao admitir tais características e sua aplicação, estamos também admitindo ser a ironia um componente do *ethos* desses profissionais, os ironistas "polemicamente desenvolvidos" mencionados por Muecke (1995).

Voltando a Abbagnano, vê-se que a ironia romântica tem como base a atividade criadora do Eu absoluto:

> Identificando-se com o Eu absoluto, o filósofo ou o poeta (que com muita freqüência coincidem, para os românticos) é levado a considerar a realidade mais concreta como uma sombra ou um jogo do Eu, a subestimar a importância da realidade, não tomá-la a sério. (...) (Abbagnano, 2000, p. 585).

---

[15] Pelo menos é assim que Platão o apresenta. Ao que se sabe, Sócrates não deixou escritos.
[16] AUBÉ, B. "Introduction à la Republique". In: PLATON, **La Republique** (septième livre). Paris, Hachette, pp. V-CV, 1874 *apud* Brait, 1996, p.22.

A ironia romântica é contribuição da especulação filosófica e estética desenvolvida na Alemanha em momento político particular, quando acompanhava as mudanças ocorridas na França no período da Revolução Francesa. Segundo Arantes (1999, p. 6), enquanto a Revolução Francesa começou por assegurar a realização da liberdade, à Alemanha coube apenas se ocupar com a *idéia* de liberdade. As classes "educadas" não exerciam ocupações práticas, ficando incapacitadas para tentar a reforma da sociedade. Daí, a satisfação vir do mundo da ciência, da arte, da filosofia e da religião, que também tornam-se, para elas, a "verdadeira realidade", transcendentes às miseráveis condições da sociedade. A cultura tem como principal característica ser idealística, "ocupada com a *idéia* das coisas, mais do que com as próprias coisas".

A primeira fase da ironia romântica é marcada por Friedrich von Schlegel (1772 – 1829), para quem a ironia é "a liberdade absoluta diante de qualquer realidade ou fato" (Abbagnano, 2000, p. 585). A ironia é o elemento que garante ao poeta liberdade de espírito. Tal concepção introduz a noção filosófica de ironia socrática na dimensão literária (Brait, 1996, p. 26). Brait destaca alguns aspectos que diferenciam a ironia romântica da ironia como tropo ou outra concepção (1996, p. 27). O principal se refere ao fato de estar ligada a uma concepção de poesia motivada pela postura filosófica do idealismo alemão (como vimos acima). Outras características são a postura filosófica em relação ao eu e o mundo; a negação do caráter "sério" ou "objetivo" do mundo exterior; afirmação do poder criativo do sujeito pensante; nascimento da situação irônica como deslocamento entre o real e o imaginário; lúdica intencionalidade do ironista, tendendo a tornar-se um observador crítico; a máscara do poeta que guarda uma certa transparência, diferenciando-se do mentiroso ou do hipócrita. São alguns "componentes de uma postura poética em que a ruptura da ilusão constitui o eixo central das relações que se estabelecem entre o produtor, a obra e o receptor" (Brait, 1996, p. 27).

Muecke, Abbagnano e Brait assinalam as diferentes formas em que a ironia romântica foi definida e praticada por diferentes filósofos. Para Brait,

> a ironia romântica pode ser traduzida como "o meio que a arte tem para se auto-representar", como articulação entre filosofia e arte, poesia e filosofia, na medida em que não estabelece fronteiras entre princípio filosófico e estilo literário. (...) há ainda outros [aspectos] a serem sublinhados: a idéia de contradição, de duplicidade como traço essencial a um modo de discurso dialeticamente articulado; o distanciamento entre o que é dito e o que o

> enunciador pretende que seja entendido; a expectativa da existência de um leitor capaz de captar a ambigüidade propositalmente contraditória desse discurso. (Brait, 1996, p. 29).

Embora concebido de maneiras diversas, o processo de enunciação é destacado por Brait (1996, pp. 34-35) como traço comum entre a perspectiva lingüística (que vê a ironia como uma construção de linguagem) e a filosófica (que a vê como atitude, marca de personalidade ou postura estético-filosófica).

Ainda dentro das perspectivas filosóficas, são também mencionados por Brait (1996, pp. 35-43) os autores Bergson (2001) e Jankélévitch (1964). O último por ser constantemente citado em estudos sobre ironia, tendo não uma contribuição teórica própria, mas uma discussão erudita dos clássicos, com percurso por várias áreas (literatura, teatro, música...). Se Jankélévitch é citado rapidamente, Bergson é mais aproveitado por Brait por envolver a linguagem na sua exposição. No livro *O riso*, conjunto de três textos republicados no início do século XX, Bergson (2001, p. VIII) apresenta seu método como consistindo em "***determinar os procedimentos de fabricação*** da comicidade", diferente do que seria geralmente seguido na época, que visaria a "encerrar os efeitos cômicos numa fórmula muito ampla e simples". No Capítulo II (Texto II), intitulado ***A comicidade de situação e a comicidade de palavras*** (Bergson, 2001, pp. 49-98), é possível notar uma semelhança com as noções de ironia apresentadas posteriormente por Muecke (1995) como *ironia observável* e *ironia verbal*. Quanto a essa mesma questão, Bergson (2001, p. 76) já explicitara também a distinção entre "a comicidade que a linguagem exprime da comicidade que a linguagem cria", o que se pode estender à ironia, quando se sabe que em Bergson (e em Brait), a ironia é um caso de humor.

Em sua discussão, Bergson enumera três procedimentos provocadores de comicidade - a ***repetição***, a ***inversão*** e a ***interferência das séries*** – dos quais o último pode ser associado às concepções de ***formações ideológicas*** e ***formações discursivas*** da Análise de Discurso Francesa, segundo Brait (1996, p. 36). A noção de ***interferência das séries*** é assim descrita por Bergson (2001, p. 71): "Uma situação é sempre cômica quando pertence ao mesmo tempo a duas séries de acontecimentos absolutamente independentes e pode ser interpretada ao mesmo tempo em dois sentidos diferentes.". Inicialmente relacionada a situações cômicas (a que aproximamos a ironia observável), a noção é estendida também ao âmbito das palavras, da linguagem (ironia verbal), em que a "***interferência*** de dois sistemas de idéias na mesma frase é uma fonte inesgotável de efeitos jocosos" (2001, p. 90).

Segundo o autor, haveria muitos meios de se obter a interferência, dando “a mesma frase dois significados independentes que se superpõem”, em que o “menos estimável” seria o trocadilho (para Freud, 1977, p. 61, a forma mais baixa ou mais barata de chiste). No plano da ironia verbal, Bergson (2001, pp. 91-98) cita também a ***transposição*** como procedimento provocador de comicidade, a partir da seguinte regra geral: “Obtém-se efeito cômico transpondo para outro tom a expressão natural de uma idéia”. Segundo o autor (2001, p. 92), os meios de transposição seriam numerosos e variados, tendo a comicidade um grande número de graus, desde “a mais rasteira bufonada até as formas mais elevadas de ***humour*** e ironia”.

Ao destacar que o interessante em Bergson é que ele “traz a questão do fenômeno irônico para o plano da linguagem”, diferente de outros autores (como Jankélevitch, 1964), que permanecem no plano da filosofia, Brait (1996, pp. 36-41) aproveita as noções de interferência das séries e de transposição para um exercício de análise de material jornalístico impresso (precisamente duas capas do jornal ***Folha de S. Paulo***, publicadas em datas diferentes), quando ilustra como o funcionamento de tais recursos possibilita efeitos de sentido humorístico e irônico.

> Na análise da relação texto-imagem de um jornal, por exemplo, a presença da ironia, quando acontece, pode ser descrita e explicitada justamente a partir do conceito de “interferência de séries”. Traduzida para o campo da análise do discurso (...), essa interferência significa a configuração de um espaço discursivo que justapõe dois segmentos textuais pertencentes a formações discursivas diferentes, mas que, pela distribuição na página e por outras marcas textuais específicas, articulam-se, referencializam-se, formando uma unidade motivadora do efeito de sentido irônico. (Brait, 1996, p. 36).

Concordamos com as análises feitas por Brait quanto à viabilidade da aplicação dos conceitos mencionados a materiais jornalísticos. Parece-nos pertinente também a avaliação da autora (1996, p. 38) acerca da presença de tais recursos nas páginas jornalísticas: “O recurso ao lúdico, a interferência de séries, o diálogo entre discursos e textos é, em geral, utilizado com a finalidade de denúncia, de crítica a atitudes entrevistas, mas não necessariamente explicitadas.” Segundo Brait, esse recurso revela um enunciador que instaura vários locutores e deflagra um humor que atualiza representações de uma determinada mentalidade, valores característicos de um certo momento ou cultura, embora não se esteja levando em conta nesse

processo a questão da intenção do autor. Conquanto esteja se referindo primeiramente ao humor, as observações de Brait são válidas também para a ironia. Assim, o que a autora (1996, p. 41) chama de função referencial, informativa, pode ficar em segundo plano e dar lugar "para as representações imaginárias, ideológicas, que necessariamente constituem o discurso, a linguagem". Nesse processo, as "representações não apenas refletem contextos, expõem determinados valores de época, mas, como linguagem, têm o poder de cristalizar e mesmo constituir valores" (1996, p. 41), como constatou Brait em uma das notícias que analisou.

As observações de Brait suscitam pelo menos três questões de interesse para a finalidade do nosso estudo: a ironia no jornalismo como crítica/denúncia, as questões relacionadas ao processo enunciativo jornalístico e a (re)constituição de valores da cultura/sociedade via ironia. Por ora, voltemos às abordagens da ironia, agora enfocando-a a partir da psicanálise.

1.3 **A perspectiva psicanalítica**

Máquina petista (título)
Um governo que tem Singer não precisa de costura.
(O Liberal, editoria Política/Economia, p. 4, 04/11/2002, nota da coluna Cláudio Humberto)

A contribuição sobre a ironia no âmbito da Psicanálise se dá a partir de Sigmund Freud, no livro *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1977). Como o próprio nome indica, o livro de Freud tem como assunto principal a discussão dos chistes, observando suas variedades, seus mecanismos de funcionamento e seus propósitos, entre outros aspectos. Vamos tocar em apenas algumas questões, aqui. A primeira delas envolve os tipos de técnicas usadas na elaboração de chistes, que ele divide em três grupos principais (1977, p. 57):

I - Condensação
- (a) com formação de palavra composta;
- (b) com modificação;

II - Múltiplo uso do mesmo material
- (c) como um todo e suas partes;
- (d) em ordem diferente;
- (e) com leve modificação;
- (f) com sentido pleno e sentido esvaziado;

III – Duplo sentido

(g) significado como um nome e como uma coisa;

(h) significados metafóricos e literal;

(i) duplo sentido propriamente dito (jogo de palavras)

(j) *double entendre*;

(k) duplo sentido com uma alusão.

Freud (1977, p. 58) não vê dificuldade em fundir o segundo e o terceiro grupo, destacando o *duplo sentido como jogo de palavras* o único caso ideal de *uso múltiplo do mesmo material*. Em seguida, mesmo o *uso múltiplo do mesmo material* acaba sendo considerado um caso especial de *condensação*, onde o *jogo de palavras* seria uma condensação sem formação de substitutivo. Ao fim, a condensação seria a categoria mais ampla, já que todas as técnicas apresentariam "uma tendência à compressão... ou à economia" (1977, p. 58). Ainda sobre os métodos técnicos do chiste, Freud (1977, p. 114) postula duas teses: a) a característica dos chistes consiste em sua forma de expressão; b) eles possuem o poder de evocar sentimento de prazer no ouvinte. Quanto à sua natureza, os chistes têm como determinantes o "propósito de continuar um jogo gratificante" e o "esforço de protegê-lo da crítica da razão" (Freud, 1977, p. 154).

Entre os diversos tipos de chistes exaustivamente exemplificados por Freud estão os que ele chama de chistes tendenciosos, que se subdividem em chistes agressivos (hostis) e chistes cínicos (blasfemos, críticos), entre outros (1977, p. 136). Conforme observa o autor, os chistes tendenciosos podem possibilitar a agressividade ou a crítica contra pessoas em posições elevadas, contra instituições e dogmas morais, por exemplo (1977, pp. 125, 129).

Vemos, assim, uma proximidade entre tais tipos de chistes e a natureza da ironia como crítica (nos jornais impressos), conforme postulamos em uma das hipóteses do nosso estudo. É o que podemos notar, por exemplo, em [3], que pode ser considerado um chiste onde as palavras *máquina petista*, *governo*, *Singer* e *costura* compõem um jogo de palavras com duplo sentido que até podem provocar riso (pela sua constituição, sua forma), mas carregam ironia crítica acerca dos encaminhamentos políticos do governo petista eleito.

> [3]:
> Máquina petista (título)
> Um governo que tem Singer não precisa de costura.
> (O Liberal, editoria Política/Economia, p. 4, 04/11/2002, nota da coluna Cláudio Humberto)

O duplo sentido propriamente dito ou jogo de palavras seria a técnica responsável nesse chiste que estamos classificando como irônico.

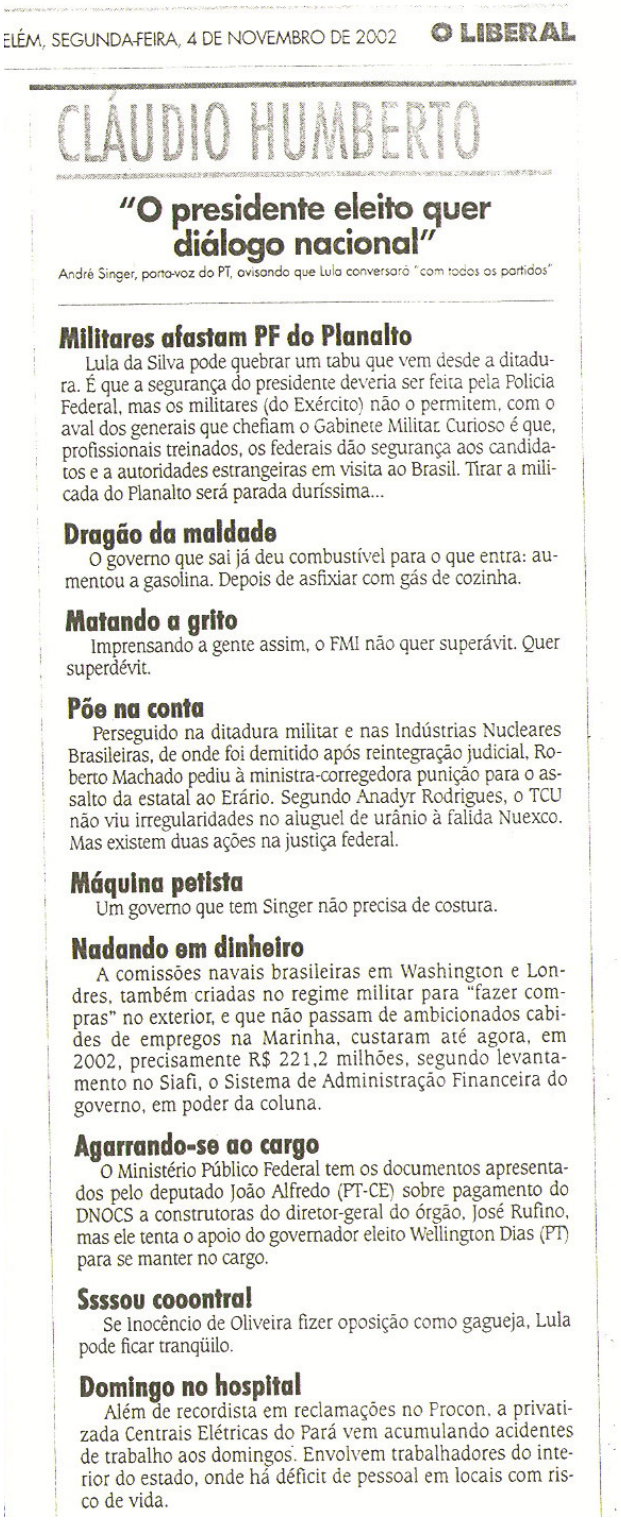
> Pode-se descrevê-lo como o caso ideal de 'múltiplo uso'. Nenhuma violência é feita às palavras: não se as segmenta em sílabas separadas, não é preciso sujeitá-las a modificações, nem se tem que transferi-las da esfera a que pertencem (a dos nomes próprios, por exemplo) a alguma outra. Exatamente como figuram na sentença, é possível, graças a certas circunstâncias favoráveis, fazê-las expressar dois significados diferentes. (Freud, 1977, p. 52).

É justamente por esse caminho que se instaura o jogo de palavras com o exemplo citado: a) Partido dos Trabalhadores ganhou a eleição para presidente e prepara o governo; b) um dos articuladores políticos do partido é um intelectual cujo sobrenome é "Singer"; c) "Singer" é também o nome de uma conhecida marca de máquinas de costura; d) o PT não precisa/deveria fazer ***costura*** política. O efeito chistoso acontece na comparação Singer máquina/costura roupa, Singer político/costura conchavos. Quem tem Singer (o político ou a máquina?) não precisa de ***costura*** (conchavos ou roupa?)? Há, então, um jogo na combinação de palavras e de sentidos.

No percurso pelas várias técnicas de construção dos chistes, Freud menciona a ironia em duas passagens diferentes. Na primeira delas, a referência à ironia acontece pela proximidade entre ironia e chiste observada na técnica de representação pelo oposto. Diz ele:

> (...) a representação pelo oposto é um instrumento da técnica do chiste usado freqüentemente e operando com grande poder. (...) A única técnica que caracteriza a ironia é a representação pelo contrário. Além do mais já lemos e ouvimos falar sobre 'chistes irônicos'. (...) (Freud, 1977, pp. 91-92).

Na citação de Freud, o autor apresenta a definição de ironia como "representação pelo contrário", que foi, conforme visto em trechos anteriores do nosso estudo, a mais difundida ao longo do tempo, mas a qual reconhecemos como apenas mais uma forma de ironia e não a única. Na segunda passagem em que Freud trata da ironia, notamos a sua colocação como uma gratificante forma de expressão do pensamento muito próxima do chiste e como uma subespécie do cômico.



ELÉM, SEGUNDA-FEIRA, 4 DE NOVEMBRO DE 2002 **O LIBERAL**

CLÁUDIO HUMBERTO

"O presidente eleito quer diálogo nacional"

André Singer, porta-voz do PT, avisando que Lula conversará "com todos os partidos"

Militares afastam PF do Planalto

Lula da Silva pode quebrar um tabu que vem desde a ditadura. É que a segurança do presidente deveria ser feita pela Polícia Federal, mas os militares (do Exército) não o permitem, com o aval dos generais que chefiam o Gabinete Militar. Curioso é que, profissionais treinados, os federais dão segurança aos candidatos e a autoridades estrangeiras em visita ao Brasil. Tirar a milicada do Planalto será parada duríssima...

Dragão da maldade

O governo que sai já deu combustível para o que entra: aumentou a gasolina. Depois de asfixiar com gás de cozinha.

Matando a grito

Imprensando a gente assim, o FMI não quer superávit. Quer superdévit.

Põe na conta

Perseguido na ditadura militar e nas Indústrias Nucleares Brasileiras, de onde foi demitido após reintegração judicial, Roberto Machado pediu à ministra-corregedora punição para o assalto da estatal ao Erário. Segundo Anadyr Rodrigues, o TCU não viu irregularidades no aluguel de urânio à falida Nuexco. Mas existem duas ações na justiça federal.

Máquina petista

Um governo que tem Singer não precisa de costura.

Nadando em dinheiro

A comissões navais brasileiras em Washington e Londres, também criadas no regime militar para "fazer compras" no exterior, e que não passam de ambicionados cabides de empregos na Marinha, custaram até agora, em 2002, precisamente R$ 221,2 milhões, segundo levantamento no Siafi, o Sistema de Administração Financeira do governo, em poder da coluna.

Agarrando-se ao cargo

O Ministério Público Federal tem os documentos apresentados pelo deputado João Alfredo (PT-CE) sobre pagamento do DNOCS a construtoras do diretor-geral do órgão, José Rufino, mas ele tenta o apoio do governador eleito Wellington Dias (PT) para se manter no cargo.

Ssssou cooontra!

Se Inocêncio de Oliveira fizer oposição como gagueja, Lula pode ficar tranqüilo.

Domingo no hospital

Além de recordista em reclamações no Procon, a privatizada Centrais Elétricas do Pará vem acumulando acidentes de trabalho aos domingos. Envolvem trabalhadores do interior do estado, onde há déficit de pessoal em locais com risco de vida.

[3] Máquina petista
[38] Ssssou coooontra!
O Liberal, editoria Política/Economia,
coluna Cláudio Humberto, p. 4, 04/11/2002

> Sua essência [da ironia] consiste em dizer o contrário do que se pretende comunicar a outra pessoa, mas poupando a esta uma réplica contraditória fazendo-lhe entender – pelo tom de voz, por algum gesto simultâneo, ou (onde a escrita está envolvida) por algumas pequenas indicações estilísticas – que se quer dizer o contrário do que se diz. A ironia só pode ser empregada quando a outra pessoa está preparada para escutar o oposto, de modo que não possa deixar de sentir uma inclinação a contradizer. Em conseqüência dessa condição a ironia se expõe facilmente ao risco de ser mal-entendida. Proporciona à pessoa que a utiliza a vantagem de capacitar-se prontamente a evitar as dificuldades da expressão direta, por exemplo, no caso das invectivas. Isso produz prazer cômico no ouvinte, provavelmente porque excita nele uma contraditória despesa de energia, reconhecida como desnecessária. (Freud, 1977, p. 199).

Vemos nessa citação de Freud algumas características: a ironia pelo oposto e, portanto, indireta; a possibilidade de introduzir pistas no enunciado (verbal ou escrito) que sinalizem ao interlocutor a presença de uma ironia; a comunicação irônica como risco e como mecanismo de defesa; o fato de proporcionar prazer cômico no ouvinte.

Além de apresentar o prazer como motivo de elaboração dos chistes, Freud (1977, pp. 163-169) lista outros determinantes subjetivos para sua elaboração: os determinantes pessoais (história pessoal), o exibicionismo, a necessidade de contar o chiste a alguém. Segundo o autor, ninguém faz um chiste apenas para si próprio, há um impulso de repassá-lo adiante, de contá-lo a alguém e ver sua reação, porque somente aí o chiste se acha concluído, ao mesmo tempo que seu elaborador "checa" se alcançou o objetivo (produzir um bom chiste).

Para Freud, o processo cômico se satisfaz com duas pessoas: o eu e a pessoa que é o objeto (em quem se constata o cômico), uma terceira pessoa não sendo essencial. Já nos chistes, há necessidade de um eu e de uma terceira pessoa a quem se possa comunicar o resultado (que não é aquela considerada objeto do chiste): "O prazer que o chiste produz é mais evidente na terceira pessoa que no criador do chiste" (1977, p. 169).

Castro (1990, pp. 41-42) vê como uma das mais importantes contribuições de Freud o deslocamento do lugar da ironia, que não seria "a figura ou a *techné*, mas um evento mental, um processo que utiliza como instrumento de técnica a representação pelo oposto e cujo produto, o texto irônico, pode ser um tipo de chiste".

Ao introduzir as pessoas do discurso (a primeira e a terceira, que, na verdade, é a segunda pessoa[17] do discurso benvenistiano, o *tu*) como participantes em fazer o chiste acontecer, Freud acaba abordando o processo de enunciação de maneira co-participativa, onde o verbalizador do chiste depende da colaboração do outro para concluir a instauração de sentido.

Acerca das contribuições de Freud e de outros autores nessa linha, Brait (1996, p. 46) nota que a discussão na perspectiva psicanalítica esbarra em dois aspectos centrais: a questão da antífrase, herdeira da retórica clássica e que se tomada de forma isolada é insuficiente para configurar a natureza complexa da ironia, e a questão dos sinais presentes na mensagem para alertar o receptor. Mas, lembra a autora, para discutir esses aspectos, Freud recorre à enunciação, "estabelecendo relações entre o sujeito e sua linguagem, o sujeito e o outro (...)".

1.4 **A perspectiva retórica**

> *Para os retóricos, há ironia quando, através do que nós dizemos, nós significamos o contrário.*
>
> (Vossius, 1978, p. 498)

São diversos os trabalhos produzidos sobre a ironia no âmbito da retórica e vamos aqui fazer apenas algumas menções mínimas. A retórica foi definida de maneiras variadas ao longo do tempo. Para Aristóteles, a tarefa da retórica "não consiste em persuadir, mas em discernir os meios de persuadir a propósito de cada questão" (s.d., p. 31). Em outras palavras do mesmo autor, o papel da retórica seria distinguir "o que é verdadeiramente suscetível de persuadir do que só o é na aparência". Lausberg (1982, p. 75), por sua vez, distingue "retórica em sentido lato" da "retórica em sentido restrito" (ou "retórica escolar"): a primeira compreende a "arte do discurso em geral" do indivíduo na sociedade e a segunda, a "arte do discurso partidário", especialmente diante dos tribunais. Ainda segundo Lausberg (1982, p. 75), a retórica "é um sistema mais ou menos bem elaborado de formas de pensamento e de linguagem, as quais podem servir à finalidade de quem discursa para obter, em determinada situação, o efeito que pretende".

Nos estudos da retórica, a ironia é classificada como tropo ou como figura, dividindo os autores quanto à pertinência de um ou de outro entendimento. Quintiliano (1944) e Vossius

[17] Para tentar deixar mais claro: o elaborador do chiste seria a primeira pessoa; a vítima do chiste a segunda e a quem se conta, a terceira. Quem elabora/conta e quem recebe o chiste acabam sendo a primeira e a segunda pessoa nos moldes benvenistianos.

(1978) são dois outros autores clássicos sempre mencionados e que diferem em entender a ironia como tropo ou como figura. Para Quintiliano, a ironia pode fazer parte de ambas as categorias, postura que recebeu crítica de imprecisão por parte de Vossius, que a situa no conjunto das figuras. Quintiliano (1944, p. 378) define tropo como "a mudança do significado de uma palavra para outro, mas com graça", dividindo-os em *tropos por razão de significação* e *tropos de adorno*. Os de significação seriam a metáfora, a sinédoque, a metonímia, a antonomásia, a onomatopéia e a catacrese (pp. 378-384). Entre os tropos com finalidade de adorno estariam o epíteto, a alegoria, o enigma, a ironia, a perífrase, o hipérbato e a hipérbole.

> Aquele tropo em que se mostram coisas contrárias é ironia: chamam-na irrisão ou mofa e se conhece pelo modo de dizer, pela pessoa ou pela natureza do assunto. Pois se alguma dessas coisas não se conforma com o que soam as palavras, claro está que se quer dizer coisa diversa do que se diz. (Quintiliano, 1944, p. 387).

Quintiliano (1944, p. 392) não deixa de comentar a confusão existente entre as definições de tropo e figura, já naquela época [ele viveu entre c.35-c.95 d.C.]. Para o autor, tropo e figura têm o mesmo uso, acrescentando "força às coisas" e dando-lhes graça.

> É, pois, o tropo um modo de falar deslocado da natural e primeira significação a outra para o adorno da oração, ou, como os demais gramáticos a definem, é uma expressão deslocada daquele lugar em que é própria para aquele em que não é própria. A figura (...) é uma maneira de falar afastada do modo comum e mais óbvio (...) figura não é outra coisa que um novo modo de dizer com algum artifício. (Quintiliano, 1944, p. 392-393).

Ainda no plano das definições, o autor (1944, p. 392) diz que nos tropos se põem umas palavras por outras, o que não ocorre nas figuras, já que "a figura pode formar-se nas palavras próprias pela ordem em que são colocadas". De acordo com Quintiliano (1944, pp. 394-404), assim como os tropos, também as figuras se dividem em duas partes: as *figuras de sentenças* e as *de palavras*. As figuras de sentenças serviriam para provar e para excitar os afetos, mas não fica claro qual seria o papel das figuras de palavras. A ironia estaria incluída entre aquelas que excitam os afetos. Na avaliação do autor (1944, pp. 400-401), ironia como tropo e como figura não seriam muito diferentes quanto ao gênero, porque num e noutro caso dão a entender o contrário do que soam as palavras. Entretanto, seriam diversas quanto às espécies por que: a) o tropo é mais claro, não finge outra coisa; b) é mais breve; c) as palavras são

diversas umas das outras; d) a figura é menos manifesta; e) na figura, é diverso o sentido que as palavras soam.

Na verdade, é possível dizer que Vossius (1978) teve razão quando criticou a falta de rigor de Quintiliano na sua classificação da ironia como tropo e como figura. Além disso, Quintiliano (1944) é confuso em algumas definições. Um exemplo disso é quando diz que "ironia é quando aparentamos mandar ou permitir uma coisa que em verdade não mandamos nem permitimos" (1944, p. 401). Maruxo Jr (2002, p. 17) conclui que, para Quintiliano, "haveria duas classes de ironia, distinguíveis, em princípio, pela atitude do ironista: aquela em que ele se permite perceber como irônico e a em que 'esconde' sua atitude irônica" (Maruxo Jr, 2002, p. 17). Castro (1990, p. 16) avalia que, em Quintiliano, a ironia é ***techné***, como parte da proposta de falar bem, causando admiração e prazer. O princípio do autor seria de que o "domínio da palavra confere ao orador domínio do mundo e dos outros" (1990, p. 16).

Após Quintiliano, Vossius (1577-1649) é considerado um autor que desempenha uma etapa importante na reflexão retórica sobre a ironia. Ele listou quatro tropos como principais, sendo eles a metáfora, a metonímia, a sinédoque e a ironia, que teriam em comum a característica de provocar a "mudança de significação de uma palavra, em decorrência de uma atração ou relação mútua das coisas entre elas" (Vossius, 1978, p. 497). De acordo com o critério da qualidade estilística e do uso, o tropo mais usado seria a metáfora, e o menos freqüente, a ironia (na seqüência em que são mencionados acima). Depois de classificar a ironia como um dos quatro tropos principais, Vossius (1978, p. 498) comenta a diferença de definição entre os retóricos e os escritores. Para estes, a ironia seria dissimulação (***dissimulatio***), a arte de esconder seu pensamento (***dissimulantia***). Segundo Vossius, por essas duas expressões Cícero teria traduzido a palavra grega ***eironeia***.

> Mas para os retóricos, há ironia quando, através do que nós dizemos, nós significamos o contrário. E isso a etimologia mesma indica. IRONIA provém do verbo EÏREÏN (dizer), se bem que literalmente o termo signifique "palavra" ou "boa palavra" (***dicterium***). O fato é que, pelo emprego da ironia, nós dizemos qualquer coisa, mas nós nada significamos do que dissemos em termos próprios. (Vossius, 1978, p. 498).

Como reconhecer uma ironia e estar seguro disso? Para Vossius (1978, p. 501), é preciso estar atento às circunstâncias e a tudo para evitar duas coisas: a) supor a ironia onde ela não está e, b) onde ela estiver, [evitar] tomar as palavras em seu sentido próprio. Não sem alguma ironia, Vossius critica Quintiliano pela classificação da ironia como tropo e como figura. Para

ele, a ironia faz parte da categoria dos tropos porque, por ela, se diz uma coisa e se significa outra, enquanto a figura é formada de palavras tanto próprias quanto figuradas (1978, p. 503).

A discussão entre o que se considera *tropo* e *figura* e onde a *ironia* se encaixaria perdura até hoje. Em Charaudeau e Maingueneau (2004, pp. 237-238, 487-488), as definições dos verbetes *figura* e *tropo* têm como base o estudo clássico de Fontanier[18] que, a partir da produção retórica anterior, elabora uma lista de sete classes de figuras, de acordo com gêneros, espécies e variedades. Nesse contexto, o tropo deixa de ser uma categoria no mesmo plano de figura e é apresentado como uma subclasse desta, como *figura de significação* (com base em uma transferência de sentido). As divisões e definições apresentadas por Fontanier lembram as encontradas em Quintiliano (1944), de certa maneira.

Em suma, as *figuras* estariam no "uso da língua que se distancia mais ou menos da expressão simples e comum" enquanto os *tropos* seriam uma subclasse das figuras de retórica, as figuras de significação, "por meio das quais atribui-se a uma palavra uma significação que não é precisamente aquela própria dessa palavra". A ironia faria parte dos "tropos em várias palavras ou impropriamente ditos" (Charaudeau, Maingueneau, 2004, pp. 238, 487).

Maruxo Jr (2002, p. 20) constatou em seu estudo que "quando se trata do discurso da imprensa, percebe-se que as abordagens retóricas são insuficientes como meio de analisar a ironia nesses discursos". Num dos textos que analisou da revista francesa *L'Express* (de 11/11/1999), ele pôde observar a constituição da ironia pouco a pouco, desde o trocadilho do título, o jogo entre o texto e a foto, o acúmulo de contrastes entre as pessoas abordadas (o príncipe herdeiro belga e sua futura esposa), até a conclusão do texto.

> Não é possível localizar precisamente um enunciado irônico e demarcá-lo, não há uma antífrase, ou melhor, um enunciado antifrástico; é o texto como conjunto que se configura irônico, a ironia neste caso é constitutiva do texto (é, portanto, um elemento do discurso). (Maruxo Jr., 2002, p. 20).

As análises de Brait (1996) acerca da produção de sentido em capas de jornais brasileiros também são bons exemplos nessa direção. Concordamos com a afirmação de Maruxo Jr. quanto a insuficiência das abordagens retóricas para explicar a ironia em textos impressos, a partir também da análise do *corpus* do nosso estudo. Apesar de a concepção de ironia como antífrase ("dizer algo para se entender o contrário") ser a mais conhecida ao longo do tempo, ela parece estar pouco presente nos textos dos jornais, embora também seja usada. Nesses textos, parece mais pertinente a segunda concepção apontada por Cícero (Knox, 1961, pp. 9-

[18] FONTANIER, P. **Les figures du discours**. Paris: Flamarion, 1968 (1º. ed. 1821-1827).

23) como variante da primeira: “dizer algo para significar outra coisa” (mas não exatamente o seu contrário).

1.5 **As perspectivas pragmáticas**

Na perspectiva pragmática, pelo menos duas concepções podem ser apontadas no estudo da ironia: como tropo e como paradoxo. A proposta da ironia como tropo, mais conhecida, tem sido defendida principalmente por Kerbrat-Orecchioni (1980, 1986), enquanto a tese da ironia como paradoxo é postulada por Berrendonner (1981).

1.5.1 *Ironia como tropo*

> *A ironia é um tropo “enoncive”, em que a decodificação se apóia freqüentemente sobre certos elementos do quadro enunciativo.*
>
> (Kerbrat-Orecchioni, 1980a, p. 116)

Embora a ironia como tropo remonte à perspectiva retórica, tal concepção passou a interessar também ao domínio da pragmática lingüística, permitindo discutir questões envolvendo o sujeito enunciador/co-enunciador, a situação enunciativa, os valores dos atos de linguagem, entre outras. Também nessa perspectiva, a ironia costuma ser vista inicialmente como antífrase, isto é, “quando se diz algo para se entender o contrário”.

> Na ironia, há um efeito de ***não assumir*** a enunciação por parte do locutor e de ***discordância*** em relação à fala esperada em tal tipo de situação. É, pois, um fenômeno essencialmente ***contextual***, cujos componentes ***interacionais*** e ***paraverbais*** são fortes; isso explica o interesse que suscita entre os adeptos das correntes pragmáticas. (Charaudeau, Maingueneau, 2004, p. 291).

O nome de Catherine Kerbrat-Orecchioni é constantemente citado quando se trata do estudo da ironia como tropo no âmbito da pragmática. Duas obras suas sobre o assunto são o artigo *L’ironie comme trope*, publicado na revista francesa *Poétique*, de 1980, e o livro *L’implicite*, de 1986, em que ela dedica um capítulo especificamente à discussão dos tropos (e uma pequena parte sobre a ironia). Sua abordagem enfoca a ironia como tropo (como se vê no título do seu artigo), mas não as ironias cotidianas no sentido de zombaria, sarcasmo e troça,

por exemplo, embora inclua uma pequena discussão nessa área ao propor que justamente o aspecto pragmático da teoria seja capaz de dar conta desse tipo de sentido irônico.

Tratando a ironia como tropo, a autora restringe o campo de expansão do fenômeno, onde inclui: a) a ironia especificamente verbal (que consiste em ligar a uma seqüência significante dois níveis semânticos mais ou menos antinômicos); e b) a ironia não excedendo a dimensão da palavra ou do sintagma (Kerbrat-Orecchioni , 1980a, p. 108).

Segundo os dois níveis de sentido implicados no funcionamento dos tropos, estes são classificados em tropos semânticos (os tropos "clássicos" metonímia, metáfora, sinédoque) e pragmáticos (os tropos ilocutórios e as "énallages" de pessoa, de tempo, de aspecto, cuja especificidade é investir as unidades dêiticas). A ironia seria um tropo semântico-pragmático, que abarcaria as duas categorias precedentes. Para Kerbrat-Orecchioni (1980a, p. 110), "um tropo é a atualização simultânea de dois níveis de valores em que um depende do literal e outro é engendrado por certos mecanismos derivacionais, cujos valores podem ser de natureza tanto semântica quanto pragmática".

Quatro condições são apontadas pela autora (1980a, p. 110-111) para que se possa falar em tropo *in absentia*:

a) existência de um significante único

b) ao qual se ligam dois níveis semânticos ou pragmáticos

c) os quais são hierarquizados

d) em sentido literal (primeiro, patente, inscrito na língua) = conotado e

e) sentido derivado (segundo, latente, mais ou menos inédito) = denotado.

O sentido literal se atualizaria primeiro, podendo o caminho interpretativo se dirigir a um outro significado (a partir deste primeiro), compatível com o cotexto e o contexto e com a ajuda de regras de transformação antonímica.

Para identificar um tropo, seria necessário a) perceber simultaneamente os dois níveis semânticos, b) hierarquizá-los corretamente, a partir de considerações co(n)textuais (1980a, p. 111). Contudo, a questão não parece tão fácil, pelo menos quanto à ironia. Como identificá-la? A partir de que sinais? A própria Kerbrat-Orecchioni (1980a, p. 115) assinala que desde os retóricos clássicos discute-se a existência de marcadores de ironia, cujo inventário não satisfaz, seja do ponto de vista terminológico, seja de sua classificação. Os índices paraverbais, os índices cotextuais e o contexto são alguns elementos enumerados como marcadores atuantes na atribuição de ironia, mas não se pode deixar de considerar as dificuldades que a expressão *contexto* encerra. De nossa parte, lembramos as observações

propostas por estudiosos da perspectiva cognitivista quanto a essa questão, a participação ou não do contexto na atribuição de ironias consideradas familiares e não familiares (Giora, 2003; Gibbs, 2002).

Para Kerbrat-Orecchioni (1980a, p. 118), a originalidade do tropo irônico é dupla, a partir de duas características, uma semântica e outra pragmática, restando saber se elas coexistem necessariamente e como se atualizam. Quanto à especificidade semântica, a ironia aparece como antífrase, em que a relação entre o sentido literal e derivado é de antonímia ou de oposição semântica. Tal afirmação, que remonta aos retóricos, apresenta problemas, como o da identificação e descrição dessa relação de oposição, bem como explicar os casos em que se percebem intuitivamente como irônicas seqüências que não apresentam antífrase característica, mas um desacordo semântico onde a amplitude pode variar. Assim, "ao enunciar *p*, o locutor deixa entender *não-p*: mas isso não é sempre o contrário de *p*" (1980a, p. 119).

A autora observa que o número elevado de ocorrências dos termos "ironia", "irônico" e "ironizar" - usados metalingüisticamente no discurso jornalístico ou "corrente" [aspas dela] - permite-lhe constatar que "a maioria dos enunciados assim qualificados não comporta qualquer espécie de antífrase, nem mesmo de desacordo semântico entre o que foi dito e deixado entender: são simplesmente enunciados de zombaria ('railleurs') que mais freqüentemente se contentam em verbalizar um fato de ironia situacional" (1980a, p. 119).

> Exemplo entre mil: "François Mitterrand a dit avec une ironie froide: Allons-nous vers um gouvernement Messmer IV?" Nenhuma antífrase, mesmo diluída, nessa frase de Mitterrand, que simplesmente escarnece (*se moque*) da versatilidade governamental. (Kerbrat-Orecchioni, 1980a, p. 119).

A constatação da autora sobre os usos mencionados acima é uma prova, para ela, da necessidade de se reconhecer um aspecto pragmático na atribuição da ironia, se se pretender dar conta dessas diversas aplicações. Daí, quanto à especificidade pragmática, ver a ironia como um tropo tendo um *valor ilocutório*, mesmo comportando numerosas variantes e diferentes graus de "força". "Ironizar seria sempre, de uma certa maneira, zombar, desqualificar, escarnecer de alguém ou de alguma coisa." (Kerbrat-Orecchioni, 1980a, p. 119).

O esquema actancial de Kerbrat-Orecchioni (1980a, pp. 119-120) no qual se baseiam as ironias se compõe de três elementos: o emissor, o receptor e o actante-alvo e nisso ela se aproxima da concepção de Freud (1977, p. 169) quanto aos três participantes na elaboração do

chiste (quem o elabora, a quem se destina e o alvo/vítima). Destacando que entre todos os tropos, a ironia é aquele que apresenta valor ilocutório mais evidente, a autora (1980a, p. 120) assinala a necessidade de incorporar o valor pragmático à definição de ironia, para dar conta dos usos espontâneos do termo, por exemplo, onde se tem zombaria sem antífrase. Assim, considerando a aceitação de tais usos, seria preciso reconhecer que entre os dois componentes semânticos e pragmáticos, o último seria dominante em relação ao primeiro: "É o valor pragmático de uma seqüência, mais que sua estrutura semântica, que faz com que a 'sinta' intuitivamente como irônica; ironizar é escarnecer, mais que falar por antífrase" (Kerbrat-Orecchioni, 1980a, p. 120).

Além de ver a ironia em lugar estratégico que permite observar o funcionamento da polissemia e os "mecanismos do cálculo interpretativo", Kerbrat-Orecchioni nota que o tropo nos confronta com uma "irritante" questão:

> Por que não se fala sempre – isso seria tão mais simples – literalmente? Se se quer fazer entender uma coisa, por que se diz uma outra? Por que se apela a todos esses procedimentos que dependem da representação indireta, da retórica do rodeio e da obliqüidade, procedimentos que exigem do codificador um excesso de trabalho produtivo (já que ele deve inscrever no enunciado um sentido que deve ao mesmo tempo denunciar como falacioso: o tropo não é, senão, um "modo de falar"), e do decodificador um excesso de trabalho interpretativo (já que ele precisa, por sua vez, identificar o sentido literal, perceber a impostura que ele consiste e o atravessar para atingir um sentido mais comodamente admissível)? (Kerbrat-Orecchioni, 1980a, p. 125).

A autora (1980a, p. 125) aponta a existência de algumas tentativas de resposta de ordem psicológica, mas com validade limitada. Entre elas, aquela em que o tropo permitiria em alguns casos frustrar algumas censuras morais e políticas, passando verdades que não podem ser ditas, pelo menos diretamente (a autora parece estar se referindo a Berrendonner, 1981, quando fala no uso da ironia como mecanismo de defesa). Na nossa opinião, tal explicação é pertinente com relação aos textos jornalísticos, principalmente em situações extremas em que as liberdades de expressão estão cerceadas e em situações mais brandas, mas que não permitem a abordagem ***direta***, explícita. Por outro lado, a mesma crítica com distanciamento do locutor pode ser também usada em situações menos nobres, em que estão em jogo outras disputas de poder variadas.

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (1980a, p. 127), é por se caracterizar como uma recusa da própria fala, como um modo de se afastar da responsabilidade do dizer e de se "cobrir" diante de eventuais contestações que a ironia é desqualificada por alguns. Entretanto, "o principal interesse desse tropo reside na mistura semântica e na incertitude interpretativa que ela institui".

Do que foi apresentado até aqui dos estudos de Kerbrat-Orecchioni, devemos lembrar que sua proposta de analisar a ironia como tropo – como ela mesma diz - se restringe aos limites da palavra e do sintagma, excluindo enunciados e textos na sua inteireza. Dessa maneira, pode se revelar pertinente para analisar ironias localizadas, mas não aquelas que dependem do conjunto textual, como exemplificado por Maruxo Jr (2002) um pouco acima, e como vários exemplos do *corpus* do nosso estudo também podem ilustrar. Antes, Brait (1996, pp. 64-65) já havia feito observações dessa natureza, também a partir de algumas análises de material jornalístico, que somente foram possíveis pela consideração de um conjunto textual composto de vários enunciados, imagens (fotos) e diagramação da página como uma unidade de significação; vendo cada um deles separadamente não seria possível falar em ironia. Eis porque a proposta de Kerbrat-Orecchioni de maneira isolada pode explicar alguns casos de ironia em material jornalístico, mas se revela insuficiente para alcançar de maneira mais ampla os casos de ironia nesse meio, que utiliza conjuntos textuais e outros códigos que não o verbal.

O valor ilocutório da ironia (mais direcionado ao ataque, à agressão, à denúncia e visando um alvo) é criticado por Muecke[19] (1978, pp. 479), que inclui também uma definição de Morier[20] admitindo uma forma de ironia mais "engenhosa e delicada, graças à qual se concede um louvor sob a forma de censura". Muecke (1978, pp. 479-482) ainda observa que Kerbrat-Orecchioni não percebe, no seu quadro de três participantes da ironia, uma quarta pessoa, referente àquela que não consegue notar a ironia. Concordamos de novo com Muecke quando ele diz que, ao se limitar à ironia verbal, excluindo o tipo situacional, a autora não consegue visualizar que a última não existe por si só, dependendo de observadores que atribuam o aspecto irônico e o verbalize via linguagem para outros.

> *Ver* qualquer coisa como irônica na vida, é *fazer ver* como irônica (...) Ter o sentido de ironia é ser capaz de evidenciar um procedimento intelectual que

[19] A partir de um outro texto, "Problèmes de l'ironie", publicado em 1976 por Kerbrat-Orecchioni em **Linquistique et Sémiologi*e***, Travaux du Centre de Recherches Linguistiques et Sémiologiques de Lyon, 2, pp. 9-45 *apud* Muecke, 1978, p. 479.

[20] MORIER, Henri. **Dictionnaire de poétique et de rhétorique**. 2. ed., Paris: PUF, 1975, pp. 555-595 *apud* Muecke, 1978, p. 479.

> tem ligações com o enigma e com a arte, procedimento que faz apelo à memória e à imaginação, ao fato de ver semelhança nas coisas dessemelhantes, de distinguir o que parece semelhante, de eliminar o essencial, de transformar o particular em geral, e outras atividades mentais desse tipo. As situações irônicas não são fenômenos brutos (*ready-made*) que se encontra por acaso; são, em definitivo, interpretações. (Muecke, 1978, pp. 481-482).

A opção pela ironia como tropo (ou pelo contrário) oferece a segurança de uma definição cristalizada e com um objeto delimitado, mas traz a inconveniência de se aplicar a um tipo específico do fenômeno, deixando de lado outras variedades também denominadas, de uma maneira ou de outra, por *ironia*. Como resolver a questão? Com essa definição, fica-se diante de algumas opções: a) Adotar teorias auxiliares para complementar a explicação dos demais casos; b) Considerar como ironia apenas os casos como tropo e desconsiderar completamente os demais que não se enquadrem nessa categoria, mesmo que assim sejam chamados cotidianamente; c) considerar a ironia como tropo como um dos tipos do fenômeno, buscando outras teorias que possam conseguir explicar de forma mais ampla a variedade de ocorrências.

As opções ***a*** e ***c*** se aproximam e poderiam até ser fundidas. O fato é que, neste estudo, a ironia como tropo é considerada como uma das ocorrências do fenômeno, mas não a única. É notório que esse tipo de ironia é bastante usado, seja na literatura ou nas produções cotidianas, mas nos parece claro também não ser possível desprezar outros usos reais cotidianos de atribuição de ironia, precisamente aqueles das páginas de jornais, por mais que se afastem ou não se enquadrem nas definições mais tradicionais. Incluímos na categoria de ***usos reais*** os textos de jornais, como aqueles que compõem o *corpus* aqui observado, por se constituírem em produto de oferta/consumo de linguagem e sentidos, além de se aproximarem do entendimento variado e cotidiano que se atribui à ironia.

Mesmo com essas e outras limitações que possam ser apontadas acerca das abordagens de Kerbrat-Orecchioni, suas contribuições acerca do valor ilocutório e do componente pragmático na atribuição da ironia são pertinentes, se não para serem o aporte principal, no mínimo para comporem a análise do material jornalístico. Assim, estamos justamente tomando essa direção quando retomamos a hipótese do nosso estudo de que a ironia em textos de jornais é crítica, desqualificadora, algumas vezes amena, dependendo dos sujeitos enunciadores e co-enunciadores para “acontecer” (como diz Hutcheon, 2000). Quando se faz

tal afirmação, aponta-se justamente para o valor ilocutório da ironia (Kerbrat-Orecchioni, 1980a, 1980b, 1986) ou, em outros termos, para sua "aresta avaliadora" (Hutcheon, 2000).

É pertinente lembrar que embora Kerbrat-Orecchioni realize a sua discussão sobre a ironia como tropo, em 1980, dizendo com clareza que ela acontece a partir da combinação dos níveis semântico e pragmático da língua, em 1986 essa separação não é explicitada pela autora, que encaminha a abordagem pelos sentidos implícitos e lexicalizados na língua, comentando vários autores e exemplos.

1.5.2 *Ironia como paradoxo*

> *[A ironia] pode aparecer, na ordem da fala, como o último refúgio da liberdade individual.*
>
> (Alain Berrendonner, 1981, p. 239)

A "tentativa de teorização do fenômeno irônico" é apresentada por Alain Berrendonner no último capítulo do livro ***Éléments de pragmatique linguistique*** (1981, pp. 173-239). Alguns pontos importantes do capítulo são a negação da ironia como tropo, o seu entendimento como "contradição de valores argumentativos" e como estratégia de função defensiva.

O ponto de partida de Berrendonner (1981, p. 175) é uma crítica à concepção "milenar" da ironia como "figura pela qual se quer fazer entender o contrário do que se diz", que apóia o fenômeno em uma contradição lógica observada na significação global do enunciado. A partir do exame de três casos (contradição explícita, ***contra-verdade***[21] e contradição implícita), o autor (1981, pp. 176-177) desmonta a definição acima e conclui que "definir a ironia como contradição é misturar indiferentemente todos os níveis de significação, 'enoncive' *vs* contextual, explícito *vs* implícito, sem atenção a sua especificidade". Em outras palavras, mesmo quando a ironia for percebida como contradição, a maneira de explicá-la pode não ser a mesma, o que significa que o conceito de ***contradição*** "não é suficiente para unificar todos os fenômenos" (1981, p. 177). Além disso, como bem lembra Berrendonner (1981, p. 182), a contradição "não é uma propriedade característica da ironia", mas um "índice de um funcionamento figurado".

Berrendonner (1981, p. 182) se indaga sobre o que distinguiria a ironia dos outros funcionamentos figurados e quais seriam as suas propriedades distintivas. Uma primeira especificidade da antífrase irônica, na opinião do autor, é que ela não ocorre em qualquer tipo

[21] No original, "contre-verité".

de conteúdo, pois já teria sido observado que algumas proposições se prestam a interpretações antifrásticas e outras não. Em vez de procurar caracterizar as proposições possíveis de serem antifrásticas quanto ao léxico, Berrendonner (1981, p. 183) prefere fazê-lo "em termos pragmáticos", buscando a teoria da argumentação de Ducrot.

Segundo Berrendonner (1981, pp. 183-184), "o que faz uma proposição ser suscetível de emprego antifrástico e irônico é a posse de um valor argumentativo", sendo a contradição de valores argumentativos o que distingue a ironia de outras formas banais de contradição. Por valor argumentativo o autor (1981, p. 185) entende um par de proposições (*r*, *não-r*) que permite definir duas classes de enunciados, uma composta por todos os argumentos a favor de *r* e outra por todos os argumentos a favor de *não-r*. O valor argumentativo de uma proposição seria sua pertinência a uma ou outra das classes, que são disjuntas, isto é, uma proposição não poderia, no mesmo instante, prestar-se a argumentar em um sentido e em seu contrário. A ironia seria uma infração a tal lei de coerência, pois se produz quando o mesmo enunciado argumenta nas duas direções ao mesmo tempo (donde a percepção de contradição). De acordo com Berrendonner (1981, p. 185), o efeito de contradição não se refere à "afirmação de um estado de coisas e de seu contrário, mas no fato de que, avançando um argumento, avança-se de um mesmo golpe o argumento inverso".

Por quais mecanismos sistemáticos uma enunciação recebe ambiguamente dois valores argumentativos contrários? Para responder a sua própria questão, Berrendonner (1981, p. 196) busca apoio em Sperber e Wilson (1978), que propõem explicar o fenômeno da ironia como casos de menção [sobre a tese de Sperber e Wilson, ver o tópico pertinente, neste mesmo capítulo]. Berrendonner (1981, p. 197) vê como "justa" a tese dos dois autores quando explicam a "duplicidade enunciativa" da ironia, cujo efeito de "duplo jogo" ele associa ao que chama de ***duplo nível de enunciação*** ("quando se faz ironia, tem-se uma enunciação *E1* a propósito de uma outra enunciação, *Eo*, anterior ou implícita, que se procura desconsiderar"). Contudo, Berrendonner (1981, p. 198) vê a teoria da menção como insuficiente, por não fazer "distinção clara entre as diversas formas de menção", apenas assinaladas como "múltiplas". Assim, segundo o autor, falta uma "teoria das menções" e a proposta dos dois autores fracassa em representar a especificidade da ironia (diferente, em vários aspectos, do discurso reportado).

A partir daí, Berrendonner (1981, pp. 199-212) elabora uma classificação dos tipos de menção (a partir de sua polifonia enunciativa) e situa a ironia em relação a eles. Seriam cinco, os tipos de menção: as menções explícitas ou diretas (como o discurso direto); as evocadas ou indiretas (como as frases negativas); as enunciações auto-evocadoras (onde *E1* e *Eo*

representam o mesmo ato locutório); as enunciações-eco indiretas (como os provérbios) e os ecos diretos (que seria um tipo de menção complementar à anterior). Para fazer essa classificação, três propriedades distintivas foram levadas em conta: se a) as duas enunciações (*E1* e *Eo*) são apresentadas como eventos distintos, b) com uma estrutura sintática onde é possível distinguir por segmentação os constituintes que dependem das duas enunciações e, c) por conseguinte, apresentam suas referenciações dêiticas estanques (1981, p. 199). A partir da combinatória dessas três condições, Berrendonner (1981, p. 212) aponta que deveria ser possível ter como resultado oito casos diferentes de menção, não sendo o que ocorre, de fato, porque duas combinações são impossíveis. Assim, restam os cinco casos já enumerados acima, mais um sexto (o oitavo, no total), que seria a menção irônica que o autor busca caracterizar.

Examinando o enunciado "É um verdadeiro lingüista"[22] (emitido a respeito de um "colega notoriamente incompetente"), Berrendonner (1981, pp. 215-216) conclui que o ato de fala crítico não é uma enunciação anterior de *p* colocada sob a responsabilidade de outro, mas a própria enunciação de *p* que ele está prestes a realizar. Seria *Eo = E1 = E*, em que o efeito de antífrase "consiste em fazer entender o contrário do que se diz no momento mesmo e pelo ato mesmo onde se diz".

> Fazer ironia não é se inscrever em falso de maneira mimética contra um ato de fala anterior ou virtual, em todo caso, exterior, de um outro. É se inscrever em falso contra sua própria enunciação, realizando-a. Há, para mim, na ironia, um fenômeno de menção auto-evocadora. (Berrendonner, 1981, p. 216).

Devido a esse funcionamento, Berrendonner (1981, p. 216) considera a antífrase não uma contradição, mas um paradoxo, porque, de um lado, realiza-se uma afirmação de *p* e, de outro, menciona-se essa mesma afirmação de *p* para significar que não se adere.

> O mais surpreendente é que no interior desse paradoxo se desenvolve um tipo de tautologia. A enunciação mencionada aí está qualificada de maneira crítica por um envio à maneira gestual, locutória, onde ela mesma se conserva. Dito de outra maneira, há na ironia um duplo envio sui-referencial. De um lado, o enunciado toma sua enunciação por tema, e, de uma certa maneira, a designa (primeira "embrayage"). De outro lado, esse tema é qualificado (ou desqualificado) por um envio às manifestações gestuais

[22] No original, "C'est um vrai linguiste".

> inerentes ao ato de fala (segunda “embrayage”). Todas as funções, na ironia, encontram-se então acumuladas sobre o mesmo ato de enunciação... (Berrendonner, 1981, p. 216).

O autor (1981, p. 217) observa que nenhuma das três propriedades distintivas - a), b) ou c) - se aplica sobre o exemplo analisado (“É um verdadeiro lingüista”), que poderia ser qualificado de “auto-eco”.

A explicação é completada com o auxílio da noção de ***sintoma*** (aos moldes de Peirce e Jakobson, segundo o próprio Berrendonner), visando envolver “diferentes tipos de signos e seus modos de funcionamento”. Um sintoma é apresentado por Berrendonner (1981, pp. 217-218) como “um caso particular de índice, fundado sobre uma relação de parte e todo”, podendo significar, em um mesmo significante e ao mesmo tempo, o objeto e seu atributo. Como acrescenta o autor, “a simples presença do significante constitui em si uma forma de predicação” (1981, p. 218). Em outras palavras (1981, p. 223), a ironia seria uma manobra que se apóia no caráter pluricódigo da comunicação, em que a fala seria ela mesma um gesto que põe em funcionamento dois sistemas semióticos complementares, o dos signos lingüísticos e o dos sintomas: “Desde que um indivíduo abre a boca, ele emite ao menos duas mensagens, onde uma é mimo-gestual (a enunciação) e a outra, verbal (o enunciado) (...) a presença de uma implicando a da outra” (Berrendonner, 1981, p. 223).

A partir daí, um ato locutório poderia apresentar por duas vezes valores argumentativos, a primeira no enunciado, por variáveis argumentativas, e a segunda na enunciação, pelo funcionamento de sintoma (1981, p. 222). Nas enunciações que Berrendonner chama de “sérias”, os dois valores argumentativos coincidem, pois o que diz o enunciado da enunciação e o que esta diz de si mesma são a mesma coisa. Entretanto, na enunciação irônica, os valores são contraditórios, já que “o que diz o enunciado é o contrário do que diz a enunciação”.

> Como eu já deixei entender, há, então, um ***paradoxo*** argumentativo: o enunciado comenta, sobre o modo representacional, sua enunciação como um argumento a favor de *r*, enquanto que a enunciação se comenta sobre o modo sintomático como um argumento em favor de ***não-r***. (Berrendonner (1981, p. 222).

Tal situação criaria um problema para a interpretação, pois não se saberia ao certo qual das duas instâncias deveria ser levada em consideração na produção do sentido. Nos termos de Berrendonner (1981, p. 223), a fala irônica remete a uma suposição de suas razões, um

cálculo de subentendidos sobre dados contextuais possíveis de explicá-la, que pode levar a resultados opostos.

Depois das considerações sobre o "como" da ironia, o autor se volta sobre o "por que" de sua ocorrência. As qualificações, quase unânimes, sobre a ironia como zombaria, escárnio ou uma arma ofensiva, visando sempre um alvo, são rejeitadas por Berrendonner (1981, pp. 224-228), que prefere vê-la com uma função defensiva, de frustrar ou prevenir contra certas formas de agressão ou mesmo sanções que resultem do funcionamento de normas institucionais. Assim, a ironia seria defensiva contra as normas, constituindo-se numa "astúcia que permitiria frustrar o assujeitamento dos enunciadores às regras da racionalidade e da conveniência públicas" (1981, p. 239). Para Berrendonner (1981, p. 239), talvez a ironia represente o único meio que o indivíduo falante tem de se libertar de alguma restrição normativa sem sofrer as sanções que uma infração acarretaria. A ironia seria, então, na fala, "o último refúgio da liberdade individual" (1981, p. 239).

1.6 **As perspectivas cognitivistas**

> *O que a ironia transmite, então, é frustração ou dissociação com o que é referido e não com o que é dito.*
>
> (Giora, 2003, p. 94)

Um ponto comum entre os estudos apresentados até aqui diz respeito à tentativa de tentar notar ou propor uma marca para a ironia que a identifique de maneira mais segura, algo como acontece com a metáfora e outras figuras de linguagem. Estudos de matiz cognitiva acerca dos processos de compreensão e que envolvem, direta ou indiretamente, a ironia, caminham noutra direção e parecem ter o poder de fazer a discussão anterior se tornar um tanto destoante. Raymond Gibbs, Rachel Giora e Mira Ariel são alguns autores que postulam o fim do que se chama "sentido literal" e, com ele, a concepção do modelo pragmático com níveis de acesso semântico e pragmático (como o de Kerbrat-Orecchioni de 1978, por exemplo). Os três autores não estão discutindo o papel dos enunciadores e do alvo/vítima da ironia, ou mesmo a sua natureza (se ela é mais mordaz ou até laudatória, como sugere Morier); eles estão interessados em explicar como acontece cognitivamente o processo de construção de

sentido, o que implica considerar não só os mecanismos da língua, mas também a participação do contexto.

Nessa linha, é preciso aceitar, como Marcuschi (2004) explicita a partir de outros autores, em especial Tomasello (2003), a dupla herança biológica e cultural do ser humano. "(...) o que temos instalado não é a linguagem e sim uma disposição instintiva para atividades linguageiras que se desenvolvem como modos de convivência social e modos de coordenação de ações humanas" (Marcuschi, 2004, p. 1). A linguagem está aqui sendo considerada como uma forma de ação, em que os "itens lexicais são ações recorrentes que identificamos e não representações de coisas" (Marcuschi, 2004, p. 1).

> Assim, podemos afirmar que o sistema de referenciação tem limites definidos pelo sistema lingüístico conjugado ao sistema cognitivo no interior das práticas discursivas e no mundo das experiências coletivas e públicas. Não se pode fazer semântica observando apenas o interior da linguagem. (Marcuschi, 2004, p. 1).

Delineia-se, assim, o caminho para uma atividade cognitiva interna individual que seria compartilhada social e culturalmente, mas cujo aspecto biológico revela-se fundamental. A partir disso, pensamos ser possível propor que o compartilhamento social e cultural seja também possibilitado pelo potencial representativo e constitutivo da linguagem, única maneira de ir além da individualidade de cada um.

Embora o estudo da ironia não seja uma questão central nos autores citados, as observações extraídas de experimentos lançam esclarecimentos e ainda dúvidas acerca do processo de compreensão de sentidos ditos indiretos na língua, como as metáforas e as ironias, por exemplo. Na discussão acerca do sentido literal e do sentido não literal e quando entra a participação do contexto, três modelos de explicação são apontados: a) o modelo pragmático ***standard***, b) o modelo do acesso direto, e c) o modelo da hipótese da saliência gradual.

O modelo pragmático ***standard*** é derivado da teoria das implicaturas conversacionais de Paul Grice, que explicaria atos de linguagem indiretos. Essa teoria observa os esforços de cooperação entre os participantes de uma conversação, que respeitariam o ***princípio de cooperação***, constituído por regras (as máximas conversacionais) seguidas pelos interactantes, e responsáveis, assim, pelo processo de desambigüização quando isso for necessário. As máximas de ***quantidade***, ***qualidade***, ***relação*** e ***modalidade*** prevêem, em outras palavras, ser informativo, verdadeiro, relevante e claro e quando o falante parece violar uma delas, entra

em cena o esforço de cooperação para buscar e chegar ao sentido apropriado. No entendimento de conteúdos figurativos ou inapropriados ao contexto, o falante primeiro tem acesso ao sentido literal, julga se ele é inadequado contextualmente e então propõe um sentido consistente para a situação, respeitando, assim, o princípio de cooperação.

Gibbs critica de forma veemente o modelo griceano e propõe o modelo do acesso direto, segundo o qual

> ouvintes/leitores podem com freqüência entender a interpretação figurativa de metáforas, ironia/sarcasmo, expressões idiomáticas, provérbios e atos de fala indiretos sem ter primeiro que analisar e rejeitar seus sentidos literais quando essas expressões são vistas em contextos sociais realísticos.(Gibbs, 2002, p. 459).

Segundo ele, as pessoas podem ler enunciados figurativos tão ou às vezes mais rápido que os usos literais da mesma expressão em contextos diferentes ou equivalentes expressões não figurativas. A afirmação de Gibbs é feita com base em resultados de vários experimentos psicolingüísticos, que mostraram ser a teoria griceana incorreta psicologicamente, embora haja estudos de outros autores validando ainda a perspectiva do modelo griceano (apresentados pelo próprio Gibbs). O autor (2002, p. 460) cita críticos do modelo do acesso direto que tentam demonstrar empiricamente que os sentidos literais de palavras ainda chegam a ser acessados, como em casos de metáforas e ironias. Ao que ele retruca argumentando que as pessoas não analisam automaticamente o contexto completo ou o sentido literal de enunciados inteiros antes de derivar o sentido figurativo, mas que analisam aspectos do que as palavras significam quando entendem a linguagem figurativa e indireta (Gibbs, 2002, p. 461).

Giora apresenta evidências de que tanto o modelo pragmático ***standard*** quanto o do acesso direto podem não estar corretos, pois experiências com idiomatismos, ironias convencionais e outros não apontaram primeiro para o sentido literal. Na sua hipótese da saliência gradual, há uma prioridade dos sentidos salientes (codificados, proeminentes, independentes de contexto) (Giora,[23] 2002, ***apud*** Marcuschi, 2004, p. 4). Como resume Marcuschi, os sentidos salientes são processados primeiro, independente de qualquer outro sentido literal ou contexto. Entretanto, o contexto afetaria o sentido saliente, bloqueando-o ou não, paralelamente.

[23] GIORA, Rachel. "Literal vs. Figurative language: diferent or equal?". **Journal of Pragmatics**, 34, pp. 457-486, 2002 ***apud*** Marcuschi, 2004, p. 4.

Num capítulo sobre ironia, Giora (2003, p. 69) apresenta uma visão bipartite da compreensão dos enunciados, incluindo uma fase inicial, envolvendo a) sentidos acessados diretamente ou disponibilizados por um contexto forte e b) uma fase seguinte de integração da informação ativada com informação contextual. A autora chama a atenção para o fato de que a fase de integração não precisa esperar o acesso lexical de cada componente do enunciado; a integração é experimentada imediatamente depois de o sentido da palavra ter sido disponibilizado, sendo retido, integrado ou suprimido quando incompatível. Giora se volta para o processamento inicial, que ela observa ser afetado tanto pelos processos lexicais quanto pelos contextuais. “Os processos iniciais da linguagem irônica e não-irônica são os mesmos: eles evocam a informação inicialmente saliente, que, no caso da ironia, mas não da linguagem literal, é incompatível contextualmente” (Giora, 2003, p. 70). De acordo com Giora, a partir da hipótese da saliência graduada é possível apresentar prognósticos diferentes aos processos iniciais que envolvem as ironias que ela chama de ***familiares versus menos familiares*** ou ***não familiares***.

> Enquanto ironias familiares têm interpretações irônicas armazenadas que poderiam ser recuperadas rapidamente, ironias não familiares dependem do contexto para suas interpretações. Isto é, elas poderiam ser ironias somente na medida em que estão encaixadas em um contexto que atrai uma interpretação irônica. (Giora, 2003, p. 70).

Como resume a autora (2003, p. 80), a compreensão da ironia envolveria, então, uma fase inapropriada contextualmente. O sentido irônico não saliente de ironias não familiares requerem tempo adicional , quando comparado ao consumido na ativação do sentido literal saliente do mesmo enunciado. Giora toma os resultados em conjunto para contestar o modelo do acesso direto, segundo o qual somente os sentidos compatíveis contextualmente estão envolvidos na compreensão, independente da saliência. Ao contrário, os resultados mostrariam que o sentido saliente foi sempre acessado mais rápido, independente de contexto.

Às críticas acerca dos procedimentos com tempos de leitura de enunciados completos, que se constituiriam em medida bruta, com a possibilidade de mascarar processos subordinados, Giora (2003, p. 74) contrapõe que, ao contrário, os resultados de tempos de leitura diferentes podem sugerir que diferentes processos estejam em atividade, como quando as mesmas sentenças ou similares requerem tempos de leitura diferentes em diferentes contextos.

Assim como outros estudiosos, a autora (2003, pp. 94-99) também se pergunta sobre o significado da ironia: “What do we mean when we are ironic?”. Três abordagens são

apresentadas por ela como resposta: a) a visão clássica griceana; b) a menção-eco de Sperber e Wilson e c) a hipótese da saliência gradual. Na visão griceana, na ironia nós significamos o oposto do que dizemos [como se vê também na concepção retórica clássica e na concepção da ironia como tropo de Kerbrat-Orecchioni]. A contestação a essa explicação Giora (2003, p. 94) apresenta em forma de perguntas. "Mas se isso for realmente o caso, por que não dizemos o que significamos, isto é, o oposto? Por que nós dizemos, em vez disso, o que não significamos ou o que desaprovamos?". Giora recupera a proposta de Sperber e Wilson [apresentada no tópico a seguir] que, no quadro da teoria da relevância, afirmam que se recorre à ironia não para implicar o oposto, mas para se dissociar do enunciado de alguém, de uma opinião de um certo tipo de pessoa, ou de alguma norma ou sabedoria popular. Assim, a ironia verbal envolveria sempre um "uso interpretativo da opinião ou pensamento de alguém e uma atitude de dissociação da opinião ecoada ou do que ela admite" (2003, p. 94). A autora discorda dessa abordagem e afirma que na hipótese da saliência graduada e no modelo da negação indireta a ironia tem uma função diferente.

> O sentido literal saliente da ironia funciona como um ponto de referência relativo ao que a situação ironizada é ao ser avaliada e criticada. O que a ironia transmite, então, é frustração ou dissociação com o que é referido e não com o que é dito. (...) De acordo com a teoria da relevância, dizendo ***What a lovely day for a picnic,***[24] o ironista se dissocia da previsão do tempo e de uma opinião ou uma norma, enquanto ridiculariza-os; ao contrário, de acordo com a visão da negação indireta, o ironista lamenta principalmente a situação infeliz (um dia com tempestade). (Giora, 2003, p. 94).

Mais adiante no texto, Giora (2003, p. 99) admite a pertinência do modelo menção-eco para explicar algumas ironias que são expressões de opiniões recebidas ou pensamentos das quais o falante se dissocia. Outras ironias seriam melhor explicadas pela visão da negação indireta, que permite focalizar o referente da ironia, o objeto da crítica, em vez de se dissociar do que é dito. O dito serviria como ponto de referência quanto ao que é referido. Contudo, a autora lembra que o teste de tais interpretações hipotéticas exige ferramentas mais sofisticadas do que as disponíveis no momento.

Embora as abordagens cognitivas, com seus experimentos em laboratórios ou situações naturais, estejam trazendo importantes contribuições aos processos de compreensão, os estudos mencionados acima também se limitam a palavras ou enunciados, como nos

[24] "***What a lovely day for a picnic***" é um dos exemplos usados por Sperber e Wilson no artigo "Les ironies comme mentions", no qual nos baseamos para apresentar a teoria sobre a menção-eco.

anteriores. Na análise de material jornalístico, portanto, seriam aplicáveis, com duas possibilidades: permanecer em uma análise mais localizada ou tentar ampliar essa análise, conjugando tais abordagens a um arcabouço teórico mais amplo. Optamos por tentar caminhar com a segunda alternativa, que delinearemos nas partes seguintes.

1.7 **Por outras abordagens da ironia: como *menção*, como *polifonia* e como *aresta avaliadora***

Talvez fosse melhor apresentar a ironia como *menção* dentro das teorias cognitivistas e a *polifonia* aos moldes de Ducrot como um caso de pragmática. Entretanto, ver a ironia sob esses três pontos de vista pode nos levar a caminhos diferentes, mas também aproximados, pelo menos do ponto de vista da heterogeneidade enunciativa ou da pluralidade de vozes presente no texto. Justamente por isso decidimos fazer a apresentação dentro de um mesmo tópico, a despeito das diferenças teóricas das três abordagens. Além disso, a polifonia apresentada não se resume à concepção de Ducrot, estendendo-se a um entendimento mais amplo, como praticado por seguidores de Bakhtin.

1.7.1 *Ironia como menção*

> *O mecanismo do eco é que determina o alvo e não o eventual conteúdo crítico do enunciado ou o engano do destinatário.*
>
> (Sperber e Wilson, 1978, p. 411)

Quando se fala na proposta de entender a ironia como menção, os nomes de referência são Dan Sperber e Deirdre Wilson. No artigo *Les ironies comme mentions*, publicado na revista *Poétique*, em 1978, os autores se propõem a tentar dar conta dos fatos de ironia sem apelar para a noção de *sentido figurado*, tentativa que faz parte de uma pesquisa mais vasta com a finalidade de integrar em uma mesma teoria os aspectos semânticos, pragmáticos e retóricos de interpretação dos enunciados (1978, p. 399). A oposição lógica entre emprego e menção apresenta uma série de posições intermediárias, em que o discurso direto é a forma lingüística mais clara de menção. Outras formas próximas, como o discurso indireto, o discurso indireto livre, os “contextos opacos” criados pelos verbos de opinião, entre outros, também parecem possuir algumas características de menção, que os autores chamam de “eco”. Assim, há ecos

diretos e imediatos; há ecos indiretos, onde se menciona não a proposição enunciada, mas um subentendido que o destinatário acreditou perceber; há ecos longínquos e até antecipados (Sperber e Wilson, 1978, pp. 404-407).

Para os autores, em vez de pensar que haveria dois tipos de ironia - a dos ecos irônicos onde a interpretação passa pelo reconhecimento de seu caráter de menção e as de outros casos onde a interpretação passa pelo sentido figurado – deve-se conceber que todas as ironias são interpretadas como menções tendo um caráter de eco. Eco que pode ser mais ou menos distante, de pensamentos ou de propósito, reais ou imaginários, atribuídos ou não a indivíduos definidos e que, quando não é manifesto, é, contudo, evocado (1978, p. 408).

Assim, Sperber e Wilson (1978, p. 409) sustentam que todas as ironias típicas e boa parte das atípicas do ponto de vista clássico podem ser descritas como menções (geralmente implícitas) de proposição. As menções seriam, então, interpretadas como eco de um enunciado ou de um pensamento onde o locutor entende assinalar a falta de exatidão ou de pertinência. Com essa concepção, seus autores afirmam poder descrever de forma mais elaborada um número maior de eventos com ironia do que na concepção clássica de sentido figurado.

Quanto ao alvo da ironia, seriam as pessoas ou os estados de espírito, reais ou imaginários aos quais ela faz eco. “O mecanismo do eco é que determina o alvo e não o eventual conteúdo crítico do enunciado ou o engano do destinatário” (Sperber e Wilson, 1978, p. 411).

> Quando o eco é longínquo e vago, a ironia não visará alvo determinado; ao contrário, quando o eco é próximo e preciso, as pessoas às quais ela fez eco constituirão o alvo. Assim, quando o locutor faz eco a si mesmo, haverá auto-ironia; quando o locutor faz eco ao destinatário, haverá sarcasmo. (Sperber e Wilson, 1978, p. 411-412).

Ao abordar os aspectos semânticos e pragmáticos do tropo irônico, Kerbrat-Orecchioni (1980a, p. 122-125) acrescenta uma análise crítica da “ironia citacional” de Sperber e Wilson, em que faz algumas ressalvas quanto às questões dos sujeitos enunciadores da ironia e do seu alvo. A autora prefere manter a distinção entre os dois tipos de ironia (como tropo e como citação), no meio dos quais se pode encontrar uma multiplicidade de categorias intermediárias entre o enunciado claramente citacional e o enunciado claramente assumido pelo locutor.

A ironia citacional (e suas numerosas variantes) e a ironia não-citacional (onde a “ironia situacional verbalizada” constituiria um caso particular) seriam opostas principalmente quanto à natureza do alvo e quanto ao sentido de inversão semântica, entre outras propriedades. Na

ironia citacional, o alvo seria o enunciador citado, enquanto na ironia não-citacional ele seria a situação à qual se predica a seqüência irônica, havendo casos em que os dois alvos podem se intercalar. Quanto à inversão semântica, a ironia citacional parece poder explorar avaliativos positivos e negativos, sem restrição. Já a ironia não-citacional, para desqualificar o objeto de que trata, usa termos aparentemente valorizadores para depreciar. À própria pergunta sobre se o tropo inverso existiria, Kerbrat-Orecchioni (1980a, p. 124) observa ser ele mais raro na língua francesa que entre os espanhóis ou americanos (os norte-americanos diriam “He’s bad!” a um músico particularmente bom), faltando-lhe certeza quanto a serem efetivamente percebidos como irônicos por seus utilizadores.

Para a finalidade do nosso estudo, tanto a abordagem de Kerbrat-Orecchioni quanto a de Sperber e Wilson podem ser aplicáveis, mas parecem muito presas a análises localizadas no conjunto textual, com exemplos que não extrapolam enunciados. Assim como é possível encontrar num romance trechos de diálogos ou narração irônica para ilustrar o que propõem as duas abordagens, também é possível fazer isso em textos jornalísticos impressos, embora a proposta de Kerbrat-Orecchioni pareça mais frutífera, se combinada com outras abordagens. Quanto a Sperber e Wilson, se se aceitar sua “ginástica argumentativa” (como a qualifica Kerbrat-Orecchioni) em busca de enunciadores antecedentes, mesmo de “ecos reais ou imaginários”, parece também pertinente para explicar casos de declarações dos entrevistados ou mesmo fragmentos e palavras que são mantidas a distância (com aspas, por exemplo) e ao mesmo tempo criticadas nos textos jornalísticos. Teríamos aqui a conjugação da proposta de Sperber e Wilson com os estudos de Authier-Revuz (1982, 1984, 1998) ou mesmo com a polifonia ao estilo de Ducrot (1987).

Ducrot (1987, pp. 197-200), por sinal, faz uma crítica ao modelo de Sperber e Wilson quando apresenta o esboço de sua teoria polifônica da enunciação, em que usa como exemplos de discussão a ironia e a negação. A crítica aparece quando Ducrot discute a pertinência lingüística da noção de ***enunciador***, a partir da ironia e da teoria de Sperber e Wilson. A crítica começa pelo uso da palavra ***mencionar***, que parece ambíguo a Ducrot (1987, p. 198), pois “pode significar que a ironia é uma forma de discurso relatado”. Para Ducrot, a proposta de Sperber e Wilson não seria admissível porque “não há nada irônico em relatar que alguém sustentou um discurso absurdo”.

> Para que nasça a ironia, é necessário que toda marca de relato desapareça, é necessário “fazer como se” este discurso fosse realmente sustentado, e sustentado na própria enunciação. Esta é a idéia que procuro deixar dizendo

> que o locutor “faz ouvir” um discurso absurdo, mas que o faz ouvir como o discurso de um outro, como um discurso distanciado. (Ducrot, 1987, p. 198).

Além da crítica de Ducrot, nota-se também que a proposta de Sperber e Wilson parece diluir ou pelo menos não contemplar com clareza a questão do valor ilocutório da ironia ou sua aresta avaliadora, algo diretamente ligado aos propósitos deste estudo.

A partir do exposto, a ironia como menção poderia ser explicada nos termos da teoria polifônica de Bakhtin ou Ducrot, em que se visualiza mais de uma voz no enunciado ou, em outros termos, em que um sujeito locutor recorre a sujeitos enunciadores que sustentam posições enunciativas diferentes. Vista dessa maneira, a ironia como menção seria polifônica, a que seria possível agregar a noção mais geral de heterogeneidade enunciativa.

1.7.2 *Ironia como polifonia*

> *A ironia subverte a fronteira entre o que é assumido e o que não o é pelo locutor.*
>
> (Maingueneau, 1989, p. 98)

Os nomes de Bakhtin e Ducrot são os principais em termos de teorias polifônicas. O primeiro, precursor e mais amplo, abrangendo conjuntos textuais; o segundo, nos passos do anterior, mas restrito ao plano do enunciado. Em termos de análise prática, a proposta de Ducrot (1987) recorre diretamente à ironia como exemplo para explicar a viabilidade de sua teoria polifônica da enunciação. É claro que se deve ter em mente que o princípio bakhtiniano de múltiplas vozes no texto ou discurso pode ser aplicado a variados gêneros e produtos textuais, inclusive os jornalísticos, e que Ducrot teve Bakhtin como inspiração ao pretender contestar a tese da unicidade do sujeito falante, mas no plano do enunciado.

Na sua teoria polifônica, Ducrot (1987, pp. 161-218), distingue entre o sujeito falante de um enunciado e outros seres de discurso que podem habitá-lo, como os locutores e enunciadores. O sujeito falante seria o ser empírico emissor do enunciado, que nem sempre é o seu autor real. Ver, por exemplo, o caso de um ofício escrito pela secretária e assinado pelo chefe; a secretária seria a autora (porque o redige) e o chefe o falante (porque assina o documento). Enquanto ***autor*** e ***falante*** são seres do plano material, ***locutor*** e ***enunciador*** são seres discursivos, porque se situam no plano do discurso. Nessa perspectiva, pode haver mais

de um locutor ou enunciador em um enunciado. Além disso, é preciso lembrar também que *autor*, *falante* e *locutor* podem coincidir ou não sobre o mesmo sujeito.

> Por definição, entendo por locutor um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade desse enunciado. É a ele que refere o pronome *eu* e as marcas de primeira pessoa. (Ducrot, 1987, p. 182).

Se as marcas de primeira pessoa imputam a enunciação a um locutor (ao qual elas se referem), no caso do discurso direto haveria, então, dois locutores, visíveis nas duas marcas de pessoa que remetem a dois seres diferentes (Ducrot, 1987, p. 185). Essa seria a primeira forma de polifonia sustentada pelo autor. Já a segunda envolveria a presença de "vozes que não são as de um locutor".

> Chamo "enunciadores" estes seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; se eles "falam" é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras. (Ducrot, 1987, p. 192).

Segundo Ducrot, o "locutor apresenta uma enunciação de que se declara responsável, (...) mas as atitudes expressas nesse discurso podem ser atribuídas a enunciadores de que se distancia" (Ducrot, 1987, p. 196). O primeiro exemplo que o autor apresenta para justificar a pertinência da noção de enunciador é justamente a ironia. Após criticar a tese de Sperber e Wilson (1978) sobre a ironia como menção, Ducrot (1987, p. 198) a reformula, apresentando-a como mais viável a partir da distinção entre locutor e enunciador.

> Falar de um modo irônico é, para um locutor L, apresentar a enunciação como expressando a posição de um enunciador. Posição de que se sabe por outro lado que o locutor L não assume a responsabilidade, e, mais que isso, que ele a considera absurda. Mesmo sendo dado como o responsável pela enunciação, L não é assimilado a E, origem do ponto de vista expresso na enunciação. (Ducrot, 1987, p. 198).

O autor lembra que, no caso da ironia, é importante que L não coloque em cena um outro enunciador que sustente o ponto de vista razoável. A evidência de que L é distinto de E deve ser apresentada pelo locutor por outros meios, "recorrendo, por exemplo, a uma evidência

situacional, a entonações particulares" e expressões consideradas como "especializadas na ironia", como "Que ótimo!".

Pode haver enunciados sem locutor (os enunciados históricos) e casos em que o enunciador pode ser assimilado ao locutor e mesmo ao alocutário. Há outras distinções muito finas apresentadas por Ducrot que preferimos deixar de fora, porque julgamos ser esse o extrato mais importante dessa teoria polifônica.

Maingueneau (1998 pp. 108-110), por sua vez, avaliou como pouco nítida a diferença entre *locutor* e *enunciador* apresentada por Ducrot. Em publicação mais recente, Maingueneau (2001, p. 138) parte de Bakhtin para dizer que a polifonia "vem sendo utilizada em lingüística para analisar os enunciados nos quais várias 'vozes' são percebidas simultaneamente", uma definição que já se tornou generalizada nos estudos que seguem essa perspectiva teórica.

A partir de exemplos na forma de enunciados ou de pequenos trechos de textos de jornal, Maingueneau (2001, pp. 137-138) explica porque e como se pode questionar a crença comum de que aquele que fala seria a fonte das referências enunciativas e responsável pelo ato de fala (asserção, ordem, etc.). Nessa linha, o *enunciador* é definido como "aquele em relação ao qual se definem os parâmetros da situação de enunciação"; o *co-enunciador*, como o "você" selecionado pelo enunciador; o *momento* [da enunciação] como aquele em que a enunciação acontece, sendo indicado, entre outros, pelo tempo dos verbos (Maingueneau, 2001, p. 137). Num mesmo texto de jornal, por exemplo, *enunciador*, *co-enunciador* e *momento da enunciação* podem ter referentes diversos, embora nem sempre isso seja claramente visível. É possível ter, então, *uma enunciação dentro de outra enunciação* (Bakhtin, 1990) como nas formas de citação, bastante utilizadas nos meios jornalísticos.

Como nas abordagens anteriores, a questão a destacar é: o que faz uma determinada forma de citação ou de enunciação polifônica ser entendida como ironia, considerando que nem toda citação/enunciação polifônica é irônica, mas a ironia pode acontecer sob uma dessas formas? A presença ou ausência de marcadores que sinalizem uma possível ironia facilita ou deixa totalmente em aberto uma atribuição dessa natureza. Sem ter uma forma estabelecida que ancore a definição de ironia em suas várias possibilidades, qualquer que seja a teoria escolhida, o plano da expressão nunca parece suficiente como estabelecimento da ironia. Há sempre a necessidade de se recorrer a *algo mais* que, ao invés de dar segurança, mantém a atribuição de ironia com o *status* de fugidia.

Valor ilocutório do enunciado e *aresta avaliadora* dos enunciadores são elementos diferenciais de duas propostas teóricas diferentes e próximas, ao mesmo tempo, para tentar

explicar a ocorrência da ironia. No interior da teoria dos tropos, o que difere a ironia da antífrase, já que ambas dizem o oposto do que se quer significar? É justamente o valor ilocutório do enunciado, que, no caso da ironia, vai na direção de desqualificar, de escarnecer, segundo Kerbrat-Orecchioni (1980, 1986). Já numa perspectiva discursiva, Hutcheon (2000) aponta uma ***aresta avaliadora*** como característica principal em "fazer a ironia acontecer", seja do ponto de vista do enunciador, seja do co-enunciador. De uma maneira ou de outra, esse parece ser o elemento diferenciador na atribuição da ironia, em qualquer das teorias abordadas.

1.7.3 *Ironia como aresta avaliadora*

> *A ironia (...) é mais freqüentemente um processo semanticamente complexo de relacionar, diferenciar e combinar significados ditos e não ditos – e fazer isso com uma aresta avaliadora.*
>
> (Hutcheon, 2000, p. 134)

O entendimento da ironia como tendo uma aresta avaliadora é feito por Hutcheon (2000), mas a classificação nestes termos é feita por nós e talvez nem seja a mais adequada, porque se pode objetar que, no caso da ironia como tropo, seria possível denominá-la como *valor ilocutório*, por exemplo. Estaríamos, assim, mudando as regras do jogo de classificação, ao passar da forma da ironia para uma característica dela. Por ora não nos ocorreu outra denominação, embora ela seja situada pela autora como *discursiva*. Mas a denominação *discursiva* se constitui numa expressão do tipo "guarda-chuva" que pode englobar outras abordagens, como as apresentadas anteriormente, dependendo do que se passe a considerar como *discurso*.

Ao situar a ironia no quadro do discurso, Hutcheon (2000, p. 36) avalia que as dimensões sintática e semântica não devem ser separadas dos aspectos social, histórico e cultural dos contextos de emprego e atribuição. Na sua análise, a autora (2000, p. 19) diz recorrer a "uma conjunção de perspectivas teóricas unidas por 'semelhança de família'", como o dialogismo bakhtiniano, a semiótica social, a teoria dos atos de fala, a teoria da enunciação, as análises pragmática, sintática e semântica, entre outras.

Já foi mencionado rapidamente que a obra de Hutcheon (2000) apresenta bibliografia extensa e eclética, a fim de subsidiar o que defende quanto à ironia. Resumidamente, destacamos como central em seu trabalho a concepção da ironia como estratégia discursiva de aresta crítica e o entendimento de que enunciador e co-enunciador são responsáveis em fazer a ironia acontecer, a partir do contexto e das comunidades discursivas a que pertencem. Além disso, a idéia de ironia como caso de humor é recusada (das ironias que analisa, poucas seriam "engraçadas"), assim como a de antífrase, por ser insuficiente para explicar os casos que discute.

O interesse no que Hutcheon (2000, p. 27) chama de "política transideológica da ironia" foi o que a levou a ir além da ironia como tropo retórico ou modo de vida (ironia romântica), tratando-a como "estratégia discursiva que opera no nível da linguagem (verbal) ou da forma (musical, visual, textual)". Isto porque leva em conta as "dimensões sociais e interativas do funcionamento da ironia" (por exemplo, a situação de uma conversa ou uma leitura de romance). Nessa linha, a discussão de Hutcheon não se prende a análises pontuais, como as já apresentadas até agora: ela tem como base exemplos de vários meios, como música, ficção, filme, ópera, arte visual e exposição de museu, entre outros, sobre os quais a autora realiza o seu próprio processo interpretativo, mas também inclui a interação (e os atritos) dos públicos com esses trabalhos, no que diz respeito à atribuição de ironia.

Na visão de Hutcheon (2000, p. 90), para tratar do significado irônico é preciso ir além dos conceitos tradicionais de semântica em termos de condições de verdade ou da relação entre palavras e coisas, incluindo também a pragmática, a troca social e comunicativa da linguagem.

> (...) o significado irônico, na prática – num contexto social/comunicativo – é algo que "acontece" mais do que algo que simplesmente existe. E ele acontece no discurso, no uso, no espaço dinâmico da interação de texto, contexto e interpretador (e às vezes, embora nem sempre, ironista intencional). (Hutcheon, 2000, p. 90).

Assim, em vez de ter a ironia como "um instrumento retórico estático para ser usado" (dizer uma coisa para significar outra), a autora (2000, pp. 90-102) prefere pensar o significado irônico como um processo comunicativo, com três características semânticas principais: ***relacional***, ***inclusiva*** e ***diferencial***. A ironia seria uma estratégia relacional por operar entre significados (ditos e não ditos) e também entre pessoas (ironistas, interpretadores, alvos).

> O significado irônico ocorre como conseqüência de uma relação, um encontro performativo, dinâmico, de diferentes criadores de significado, mas também de diferentes significados, primeiro, com o propósito de criar algo novo e, depois, para dotá-lo da aresta crítica de julgamento. (...) Por certo, essa (como a maioria) não é uma relação de iguais: o poder do não-dito de desafiar o dito é a condição semântica que define a ironia. (Hutcheon, 2000, p. 91).

A característica *inclusiva* permite a Hutcheon (2000, pp. 91-93) repensar a noção de ironia como substituição de um significado pelo seu contrário (antífrase), ao considerar o significado irônico como simultaneamente duplo (ou múltiplo) sem a necessidade de rejeição de um significado "literal" em prol do significado "irônico" ou "real" da elocução [aspas da autora]. Para ela (2000, p. 93), é a relação do dito com o não-dito que formaria um terceiro significado, e "*isso* é que deveria ser chamado de significado 'irônico'".

> O que eu quero chamar de sentido "irônico" é inclusivo e relacional: o dito e o não-dito coexistem para o interpretador, e cada um faz sentido em relação ao outro porque eles literalmente "interagem" para criar o verdadeiro sentido "irônico". O sentido "irônico" não é, assim, simplesmente o sentido não dito e o não dito nem sempre é uma simples inversão ou o oposto do dito: ele é sempre diferente – *o outro* do dito e mais que ele. (Hutcheon, 2000, p. 30).

Nesse caminho, Hutcheon (2000, pp. 93-94) contesta quem postula a impossibilidade de abarcar os significados literal e irônico ou o descarte do sentido literal (Gibbs, 2002), pois, sendo isso possível, o fenômeno não seria mais ironia.

A característica do significado irônico como *diferencial* busca explicar a relação entre ironia e outros tropos e formas de obliqüidade, como metáfora e alegoria, freqüentemente consideradas em conjunto nas discussões críticas (2000, pp. 91, 99). De forma bastante resumida, poderíamos mencionar que, em Hutcheon (2000, pp. 99-100), a ironia apresenta como característica uma aresta avaliadora e uma identidade semântica básica constituída em termos de diferença, enquanto a metáfora teria uma identidade em termos de similaridade, e a alegoria, de uma semelhança habilmente sugestiva entre o dito e o não dito. A autora (2000, p. 101) compara ainda, brevemente, *ironia* e *mentira*, destacando como diferença entre elas a *intenção*: nas mentiras não se intenta que elas sejam interpretadas como tais, ao passo que "as ironias são realmente apenas ironias quando alguém as faz acontecer".

Como bem observa Hutcheon (2000, p. 29), muitos dos estudos acerca da ironia foram desenvolvidos com enfoques do ponto de vista do enunciador (como Muecke, 1995; e Booth, 1974): a ironia seria produzida com uma determinada intenção, visando um alvo, e caberia ao interlocutor identificar a presença do fenômeno e do seu significado, em outras palavras, "pegar a ironia". Pode-se notar aí que o processo comunicativo subjacente apresenta grande semelhança com o antigo modelo linear representado pelo esquema ***emissor(codificador) – mensagem - receptor(decodificador)***, que não leva em consideração outros intervenientes na produção do sentido.

Tentando fugir dessa orientação, Hutcheon (2000, pp. 28-29) afirma que ironistas e interpretadores são responsáveis em "fazer a ironia acontecer", pois uma ironia pode ser produzida intencionalmente por alguém e não ser reconhecida pelo interlocutor, como também pode ocorrer o contrário, isto é, alguém pode atribuir ironia onde não foi intencionada pelo enunciador. Por *ironista* a autora (2000, p. 28) entende, "com reservas", o que produz intencionalmente uma ironia, e por ***interpretador***, aquele que atribui um sentido irônico, independente de ser o destinatário daquele enunciado ou do que pretendia o seu elaborador.

Hutcheon toca, com essas afirmações, em um ponto que é motivo de discussão quanto ao processo de produção de sentido, que é o da intencionalidade. Dizendo-se constrangida por recorrer a isso "numa época pós-Derrida, pós-Barthes e pós-Foucault", afirma (2000, p. 28) que a atribuição de ironia é uma questão de ***intenção***, tanto por parte do ironista (enunciador) quanto do interpretador (co-enunciador). No nosso entender, dessa maneira a autora dá conta de várias questões: desfaz o modelo linear do processo comunicativo, já que a atribuição de ironia pode acontecer tanto pelo enunciador quanto pelo co-enunciador; a ironia deixa de ser uma ***arma*** apenas do enunciador e uma questão de ***reconhecimento*** por parte do co-enunciador; em conseqüência disso, instabiliza as relações de poder entre os interlocutores.

O pertencimento a comunidades discursivas comuns é apontado por Hutcheon (2000, pp. 37-38) como um dos elementos facilitadores no processo de atribuição de ironia. A autora propõe, assim, inverter uma visão corrente de que a ironia cria comunidades. Para ela, "não é que a ironia cria comunidades (...) as comunidades é que tornam a ironia possível em primeiro lugar". Sem desconhecer as discussões que a expressão ***comunidade*** tem suscitado ultimamente, Hutcheon (2000, p. 136) define "'comunidades discursivas' em geral pela configuração complexa de conhecimento, crenças, valores e estratégias comunicativas compartilhados". Sob esse prisma, todos nós pertenceríamos a várias comunidades discursivas diferentes (de sexo, profissão, religião etc.) que se sobrepõem e às vezes entram em conflito;

quanto maior a sobreposição das comunidades discursivas e seus integrantes, maiores as chances de se comunicar ironicamente e, ao mesmo tempo, de diminuir a necessidade de apresentar marcadores indicando presença de ironia, do ponto de vista do enunciador ironista (2000, p. 138).

> (...) no discurso irônico, (...) o processo comunicativo (...) é *tornado possível* por esses mundos diferentes a que cada um de nós pertence de maneira diferente e que formam a base das expectativas, suposições e preconcepções que trazemos ao processamento complexo do discurso, da linguagem ***em uso***. A ironia raramente envolve uma simples decodificação de uma única mensagem invertida; (...) é mais freqüentemente um processo semanticamente complexo de relacionar, diferenciar e combinar significados ditos e não-ditos – e fazer isso com uma aresta avaliadora. É também, no entanto, um processo moldado culturalmente. (Hutcheon, 2000, pp. 133-134).

Uma questão bastante discutida por Hutcheon (2000, pp. 33, 63-72) diz respeito ao aspecto emocional que circunda a ironia, em razão de sua "aresta cortante" e "avaliadora". A ironia estaria sempre relacionada a atitudes julgadoras de alguém, seja do ironista, do interpretador ou mesmo de seu "alvo", que manifestariam envolvimentos afetivos diferentes, dependendo da ironia e de quem a atribui, como distanciamento, dissimulação, escárnio, diversão, prazer, dor e raiva, em toda uma extensão de sentimentos que vai de um extremo a outro. Hutcheon (2000, p. 66) também vê a ironia como um ato perlocucionário, nos termos de Austin (1990), porque produziria "efeitos conseqüentes" entre os envolvidos.

As cargas negativa e positiva da ironia têm sido discutidas pelos autores ao longo do tempo, mas com maior destaque para as qualificações negativas. Nos termos de Hutcheon (2000, p. 73), a "variedade complexa e extensa de tons, intenções e efeitos (...) [entre] os extremos mais longínquos de aprovação e desaprovação" da ironia fizeram muitos (inclusive ela) se perguntar se estariam falando da mesma coisa ou seria a ironia "tão protéica, tão multivalente" que pudesse provocar tantas respostas. Na sua opinião (2000, p. 73), uma saída seria examinar a variedade de funções comunicativas da ironia e o impacto que cada uma tem. "Ao passo que a ironia certamente funciona para reforçar, ridicularizar e refutar, parece-me que ela também faz muitas outras coisas" (Hutcheon, 2000, p. 73).

Assim, a partir de vários outros autores, Hutcheon (2000, pp. 75-88) elabora um resumo esquemático (Figura 1) e explicativo de como as funções da ironia têm sido vistas ao longo de

sua história, do caráter mais “benigno” e com “carga afetiva mínima” ao de “provocação e polêmica”, com “carga afetiva máxima”. A coluna da esquerda contém as avaliações positivas e a da direita, as avaliações negativas. Para cada função ela buscou um termo “descritor” que considera o mais “neutro” possível: *reforçadora*, *complicadora*, *lúdica*, *distanciadora*, *autoprotetora*, *provisória*, *de oposição*, *assaltante* (*atacante*) e *agregadora*. Notar que da base para cima as características vão se afastando do centro, onde estão os “descritores”, simulando um “arco” de descarga de energia afetiva e avaliadora.

FIGURA 1 – As funções da ironia (Hutcheon, 2000, p. 76).

No Quadro 1 montamos um resumo das explicações de Hutcheon (2000, pp. 77-87) a respeito das características e das avaliações positiva e negativa de cada uma das funções da ironia, como apresentadas por ela.

Quadro 1 – Funções da ironia e suas avaliações, com base em Hutcheon (2000)

Descritor	**Característica**	**Avaliação positiva**	**Avaliação negativa**
REFORÇADORA	Usada para destacar algo na conversação cotidiana.	Necessária para ênfase e maior precisão de comunicação, especialmente de uma atitude. Haveria comunidades discursivas em que o uso e a atribuição de ironia teriam o papel de provar competência comunicativa.	Puramente decorativa, subsidiária, não essencial.
COMPLICADORA	Verbal ou estruturalmente.	Ironia como modalidade reflexiva, emitindo chamado para interpretação e suas delícias.	Complexidade desnecessária pode gerar incompreensão, confusão e falta de clareza na comunicação.
LÚDICA	Função relativamente benigna.	Ironia afetuosa de provocação benevolente, humor e espirituosidade; característica valiosa de jocosidade.	Superficial, irresponsável, vazia e tola, banalizante.
DISTANCIADORA	Tropo do desinteressado e da testemunha.	Nova perspectiva a partir da qual as coisas podem ser mostradas.	Indiferença, desdém e superioridade.
AUTOPROTETORA	Função de veste protetora.	Um tipo de mecanismo de defesa.	Autodepreciação como forma de autopromoção indireta e também como jogada defensiva.
PROVISÓRIA	Sempre contém estipulação condicional que impede posições firmes e fixas.	Duplicidade da ironia como neutralizador de posição categórica da Verdade; admissão da incerteza como intrínseca e essencial, e não uma evasão ou falta de coragem.	Ironia associada com evasiva do equívoco, hipocrisia e logro.
DE OPOSIÇÃO	A mesma elocução pode ter efeitos pragmáticos opostos, entre os	Polêmica, transgressiva e subversiva.	Insultante e ofensiva.

	envolvidos.		
ASSALTANTE	Do latim ***assilire***, "saltar sobre"... para alcançar algo.	Função corretiva da ironia satírica, onde há um conjunto de valores que se tenta alcançar.	Humilhação agressiva que mantém as pessoas em seus lugares; necessidade de registrar desprezo e zombaria.
AGREGADORA	Ironia criada por comunidades.	A ironia que exclui também inclui, criando comunidades amigáveis entre ironista e interpretador.	Ironia produzida para grupos fechados que podem ser elitistas e excludentes.

Esta é uma visão bastante resumida do que foi apresentado por Hutcheon, que conclui o capítulo vendo a pluralidade de funções da ironia de maneira positiva. "As arestas da ironia parecem agradar e intimidar, sublinhar e solapar; elas juntam as pessoas e as separam", constata a autora (2000, p. 88), que mesmo assim continua a reconhecer nisso tudo o fenômeno da ironia, cuja complexidade vê como importante de ser mantida, sem ter que generalizar sobre os efeitos ou os afetos que ela pode dar origem. "Manter essa complexidade é importante porque as arestas são características primárias que distinguem a ironia como uma estratégia retórica e estrutural, não importa quão protéicas suas manifestações reais possam ser" (Hutcheon, 2000, p. 88).

De fato, a estratégia de considerar a ironia como tendo arestas avaliadoras de múltiplas funções – numa escala que vai da aprovação à desaprovação - é uma maneira não só de englobar as várias possibilidades de manifestação do fenômeno, sem se prender a uma em particular, como também de dar conta dos usos cotidianos da ironia, muitas vezes excluídos das considerações teóricas por não se encaixarem nos modelos de explicação elaborados. Justamente por isso, essa parece uma contribuição bastante importante e pertinente para os fins do estudo que desenvolvemos.

Finalizando este capítulo, gostaríamos de evidenciar que nos parece ser mais produtivo recorrer a mais de uma abordagem teórica para tentar dar conta da ocorrência de ironia em textos de jornais. Assim, estamos entendendo ironia em duas direções: a partir de Cícero (em Knox, 1961), como "dizer algo diferente do que se significa" (e não somente o seu contrário), e a partir de Knox (1961) e Hutcheon (2000), como um efeito de sentido preferencialmente crítico e derrisório, com graus de explicitude variados e que conta com a participação do leitor para acontecer.

É preciso lembrar que algumas das abordagens assinaladas se voltaram para a ironia no nível do enunciado (que aparece nos textos jornalísticos), mas não se pode esquecer, como já demonstrou Brait (1996), Maruxo Jr (2002) e como também nós acreditamos, que a ironia também pode resultar do processo enunciativo - que conjuga texto, imagem, edição e diagramação da página/jornal – e algo que se situa fora desse conjunto, mas que a ele está ligado e interfere e que exigiria uma análise que vá além do enunciado, uma análise discursiva, mesmo que mínima.

CAPÍTULO 2
CAMINHOS ENUNCIATIVOS

> *Qualquer que seja a dimensão da ironia – frasal ou textual -, desencadeia-se um jogo entre o que o enunciado diz e o que a enunciação faz dizer, com objetivos de desmascarar ou subverter valores, processo que necessariamente conta com formas de envolvimento do leitor, ouvinte ou telespectador.*
>
> (Brait, 1996, p. 106)

No capítulo anterior estão expostas – de forma um tanto resumida - as principais abordagens teóricas ocidentais acerca do fenômeno irônico. Neste capítulo, a preocupação é sistematizar as contribuições já apresentadas que nos interessam mais de perto, assim como acrescentar uma complementação teórica a fim de sedimentar minimamente um caminho que possibilite a ancoragem da análise e do estudo em seu todo. Nesse sentido, falando ainda sobre *ironia*, a proposta é situá-la no quadro da enunciação e da heterogeneidade discursiva, em que se vê a relação do enunciador com o seu exterior.

Ao pretender responder às indagações, formuladas no início deste estudo, de como se apresenta a ironia em jornais impressos brasileiros e de como alguns jornalistas a usam, estamos nos voltando não só para a ironia em si, mas também para a função que ela desempenha no processo de enunciação jornalística, função essa que pode estar relacionada à estratégia argumentativa do veículo (como instância enunciativa), ao lado de outros recursos lingüístico-discursivos.

Vamos, então, fazer algumas afirmações para serem desenvolvidas ao longo do capítulo e retomadas, quando pertinentes, durante a análise dos dados. Assim, partimos do princípio de que nos textos de jornais estamos lidando principalmente com ironia verbal, mas sem perder de vista casos de ironia observável, também ela sendo recriada e reapresentada via linguagem verbal, imagética ou infográfica. É possível afirmar também que, de um lado, a ironia está relacionada ao processo de enunciação, às modalidades do dizer, e, de outro, à participação do *outro* para sua instauração, momentos em que sentidos diversos são acionados. Além disso,

alguns gêneros jornalísticos podem propiciar a presença da ironia, mas não são totalmente determinantes quanto a sua ocorrência.

Em outras palavras, está sendo afirmado aqui que a) a ironia é um fenômeno de co-atribuição, b) que será observado apenas parcialmente, ao centrarmos a análise sobre o produto (os textos de jornais) e suas marcas enunciativas quanto a uma proposta de sentido irônico por parte do enunciador (neste caso, o ironista). Por outro lado, não se pode deixar de considerar que a análise desenvolvida se constitui num processo de atribuição de ironia do ponto de vista do co-enunciador [a analista] e, portanto, de recepção desse produto, já que analistas podem estar além de uma posição comum, mas não se constituem em seres oniscientes e imunes ao seu lugar de avaliação ou de fala. Ou seja, nesse papel de analista, desenvolve-se um trabalho de reconhecimento e também de atribuição de efeitos irônicos. Pode-se considerar que os textos de jornais se prestam, então, a um duplo papel: constituem-se no espaço revelador da relação com o sujeito enunciador e no produto que sofrerá investimento por parte do leitor no processo de atribuição de sentido.

2.1 **A ironia e o processo de enunciação: as modalidades do dizer**

> *Todo suporte de imprensa contém um dispositivo de enunciação.*
>
> (Verón, 1983, p. 36)

Pensar a ironia nos textos de jornais como resultado de “vozes” (no sentido dos seguidores de Bakhtin e também – por que não? – de Ducrot) capazes de sugerir ou possibilitar um efeito de sentido irônico endereça a questão ao plano da polifonia, considerada, por sua vez, como uma forma de heterogeneidade discursiva. Mas a polifonia e a heterogeneidade em si somente passam a ter interesse para este estudo na medida em que forem capazes de possibilitar também uma discussão sobre o lugar de fala da instância enunciativa, a partir de onde seria possível apontar se a ironia desempenharia mesmo as funções de crítica e de defesa (entre outras similares) na enunciação jornalística.

Enunciação e heterogeneidade enunciativa (e discursiva) são questões interligadas que se referem também a outras, como aquelas do enunciado, do texto, do discurso, da posição do sujeito e da concepção de língua, com definições variadas e até contrastantes conforme o autor ou quadro teórico a que se filiem. Tais posições e contrastes não serão explorados aqui, cujo horizonte de trabalho limitar-se-á à problemática da enunciação e da “pluralidade de

vozes" no produto jornalístico. A enunciação será abordada primeiro, já que nela se efetiva, explicitamente ou não, a marca de si e do outro, possibilitando, assim, o delineamento do processo enunciativo, com suas *tonalidades*, aceitações e distanciamentos.

O verbete *enunciação* do *Dicionário de Análise do Discurso* de Charaudeau e Maingueneau (2004, pp. 193-195) e o artigo de Possenti (2001, pp. 187-199) "O que significa 'o sentido depende da enunciação'?" dão uma amostra do que se entende como *enunciação*, bem como as polaridades e os principais equívocos ao se tratar dessa questão. No *Dicionário*, vemos que *enunciação* é um termo antigo em filosofia que passou a ser empregado sistematicamente em lingüística a partir de Bally,[25] em 1932, e que se constitui num elemento central na "relação entre a língua e o mundo: por um lado, permite representar fatos no enunciado, mas, por outro, constitui por si mesma um fato, um acontecimento único definido no tempo e no espaço" (2004, p. 193).

As abordagens de enunciação mais conhecidas variam entre uma concepção discursiva e uma concepção lingüística:

> Se insistimos na idéia da enunciação como acontecimento em um tipo de contexto e apreendido na multiplicidade de suas dimensões sociais e psicológicas, operamos primordialmente na dimensão do *discurso*. Mas a enunciação pode também ser considerada, em um âmbito estritamente *lingüístico*, como um conjunto de operações constitutivas de um enunciado (...). (Charaudeau e Maingueneau, 2004, p. 193).

Segundo os dois autores (2004, p. 194), os lingüistas se dividiriam entre uma abordagem *restrita* e uma *ampla* dos fenômenos relativos à enunciação, o que seria bem próximo das concepções *lingüística* e *discursiva* listadas acima. A enunciação como *restrita* ou *ampla* / *estendida* é feita a partir de Kerbrat-Orecchioni (1980b, pp. 30-32). Na forma ampla ou estendida, "a lingüística da enunciação tem por finalidade descrever as relações que se tecem entre o enunciado e os diferentes elementos constitutivos do quadro enunciativo" (1980b, pp. 30-31), que compreende os participantes do discurso (emissor e destinatário[26]) e a situação de comunicação (com as circunstâncias espaço-temporais e as condições gerais de produção e recepção da mensagem). Já na forma restrita, o interesse recai apenas sobre o "locutor-escritor", considerando-se como "fatos enunciativos os traços lingüísticos da presença do locutor no enunciado" (1980b, p. 31). Em outras palavras da própria autora (1980b, p. 32),

[25] BALLY, Ch. **Linguistique générale et linguistique française**. Berne: Francke, 1965 (1º. ed. 1932, Paris: Ernest Leroux).
[26] As expressões "emissor", "destinatário" e "mensagem" são usadas por Kerbrat-Orecchioni (1980b, pp. 30-31).

seria a “pesquisa dos procedimentos lingüísticos (***shifters***, modalizadores, termos avaliativos etc.) pelos quais o locutor imprime sua marca no enunciado, inscreve-se na mensagem (implícita ou explicitamente) e se situa em relação a ela (problema da distância enunciativa)”.

É bastante conhecida a definição de Benveniste (1989, p. 82), segundo a qual “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Como se sabe, Benveniste é o responsável por reintroduzir a subjetividade na linguagem, contribuindo na discussão de aspectos da língua que dependem da situação de enunciação, como as marcas de pessoa, de tempo e de lugar. Para Kerbrat-Orecchioni (1980b, p. 32), na enunciação restrita segue-se os passos de Benveniste na busca dos elementos de subjetividade na linguagem, subjetividade vista como onipresente, em que “todas as escolhas implicam o locutor, mas em graus diversos”.

Contudo, Maingueneau (1998, p. 53) chama a atenção para alguns entendimentos que devem ser levados em consideração, quando se fala em enunciação na perspectiva da análise do discurso: o sujeito chega à enunciação a partir das “limitações múltiplas dos gêneros de discurso”; a enunciação não repousa sobre um único enunciador, a interação é preponderante; aquele que fala não é necessariamente o responsável pela enunciação, de acordo com a teoria polifônica de Ducrot.

Segundo avalia Maingueneau (1998, p. 53), uma das mais importantes contribuições da discussão acerca da enunciação foi colocar em evidência a dimensão reflexiva da atividade lingüística, em que o enunciado se refere ao mundo refletindo o ato de enunciação que o encerra.

> Assim as pessoas e o tempo do enunciado são assinalados com relação a essa situação de ***enunciação***; assim o enunciado possui o valor ilocutório que ele “mostra” através de sua ***enunciação***. A ***enunciação*** constitui o pivô da relação entre a língua e o mundo: ela permite representar no enunciado os fatos, mas ela constitui em si um fato, um acontecimento único, definido no tempo e no espaço. (Maingueneau, 1998, pp. 53-54).

É justamente pelo processo de enunciação e, no nosso caso, de enunciação jornalística, que podemos notar, por exemplo, a maior ou menor proximidade do sujeito enunciador em relação ao que ele diz. Falando de um determinado lugar histórico-social e cultural, sujeito às normas do fazer profissional e – por que não? – também a sua própria subjetividade, o jornalista e o jornal deixam marcas de sua posição naquilo que dizem, a cada dia, em graus de

explicitude variados. Neste estudo, a ironia está sendo vista como uma dessas marcas enunciativas e desempenhando uma função (ou mais de uma).

Dizer que a enunciação prevê a interação é dizer que a enunciação é dirigida a um outro que é levado em consideração, seja para concordar ou discordar dele, conforme o princípio dialógico da linguagem proposto por Bakhtin (1992, p. 320). No meio jornalístico, isso pode ser visto na afirmação de que cada veículo tem o seu público e o que apresentar será de acordo com ele. Verón (1983) não menciona Bakhtin ou o seu princípio dialógico, mas pensamos que se aproxima dele ao discutir a enunciação jornalística a partir do seu "dispositivo de enunciação", que na imprensa escrita chama de "contrato de leitura".

A proposta de Verón (1983, p. 34) se insere no quadro do que denomina de Teoria dos Discursos Sociais, postulando uma "terceira semiologia" que deve dar conta do "processo que vai da produção ao consumo de sentido, sendo a mensagem o ponto de passagem que dá suporte à circulação social das significações". Para o autor, não é simples falar em "efeitos de sentido", porque não há um efeito de forma automática, mas sim, um "campo de possibilidades de efeitos de sentido". A relação entre a produção e a recepção, que ele prefere denominar "reconhecimento", seria complexa, não havendo "causalidade linear no universo do sentido". Por outro lado, o autor (1983, p. 34) observa que um dado discurso não produz efeito, seja ele qual for, o que torna a questão (dos efeitos) incontornável. Verón (1983, p. 34) busca auxílio na discussão sobre a enunciação, colocando o enunciado na "ordem do dito" e a enunciação na "ordem do dizer e suas modalidades, as maneiras de dizer". A distinção seria válida para a imprensa escrita e importante para compreender seu funcionamento.

Segundo Verón (1983, p. 35), qualquer que seja a natureza do discurso, são as modalidades do dizer que dão forma ao dispositivo de enunciação, que comporta três elementos:

a) a imagem de quem fala, chamada de *enunciador*. O termo "imagem" é metafórico; refere-se ao(s) lugar(es) que aquele que fala atribui a si mesmo. Essa imagem contém a relação daquele que fala com aquilo que diz;
b) a imagem daquele a quem o discurso é dirigido, o *destinatário*. O produtor do discurso não constrói somente seu lugar ou seus lugares naquilo que diz; ao fazê-lo, define igualmente seu adversário;
c) a relação entre o enunciador e o destinatário, que é proposta no e pelo discurso.

O autor (1983, p. 35) distingue, ainda, o emissor “real” do enunciador e o receptor “real” do destinatário, onde enunciador e destinatário são entidades discursivas. Um mesmo emissor pode, em discursos diferentes, construir enunciadores diferentes, de acordo com o alvo pretendido. Da mesma forma, poderá construir destinatários diferentes por vez (1983, pp. 35-36). A exposição de Verón mostra uma certa semelhança com a teoria polifônica de Ducrot (1987) no que tange aos “seres de discurso”, mas, na prática, parece mais operável.

Verón (1983, p. 36) afirma que “todo suporte de imprensa contém um dispositivo de enunciação”, cuja coerência, estabilidade e adaptação ao público podem ser maiores ou menores. O enunciado (o dito, o conteúdo) não deve ser desprezado nem tomado como a parte principal da análise, que deve recair sobre a enunciação e suas maneiras de dizer. A diversidade de abordagem da imprensa (escrita) é um fator de interesse particular para o autor (1983, p. 36), porque “um mesmo domínio temático pode ser apresentado por dispositivos de enunciação muito diferentes”. Ainda nos termos de Verón (1983, p. 53), “a análise semiológica visa a assinalar e descrever as operações que, no discurso do suporte, determinam a posição do enunciador e, por conseqüência, aquela do destinatário”. A esse propósito, três observações são acrescentadas: a) a análise deve ser comparativa, ou seja, envolver mais de um suporte; b) as operações analisadas devem ser regulares, pois dão certa estabilidade à relação suporte/leitor; c) a análise consiste em identificar e descrever cada operação enunciativa, assim como compreender as relações entre essas operações, pois cada propriedade discursiva isolada não determina nunca um contrato (de leitura).

Antônio Fausto Neto (1995, p. 197), por sua vez, ao discutir questões envolvendo os processos de produção e recepção de discursos e sentidos, observa que o campo da língua desempenha duas funções: a de “condição de produção” [aspas dele] que possibilite a constituição do sujeito e a de estruturação de formas e estratégias de interação (entre sujeitos e com o objeto). Como entendemos em Fausto Neto (1995, pp. 196-199), todo sujeito é capaz de receber e produzir discursos, porque em contato com o código; entretanto, o receptor já tem seus movimentos previstos pela esfera da produção. O autor aponta que não se justifica falar em passividade do leitor no campo do discurso,

> pois ele é injucionado a efetuar “percursos” no interior desse campo, fazendo “elos associativos” baseados nos investimentos dos seus próprios saberes e também na pressuposição que a emissão faz ao estruturar os discursos, valendo-se da noção – mais ou menos implícita – de que ele já sabe acerca daquilo que lhe é dito. (Fausto Neto, 1995, p. 200).

Nessa linha, a atividade do leitor sofre regulações em seu percurso, pela maneira em que a enunciação prevê o funcionamento desse caminho. À parte algumas diferenças teóricas, o dialogismo bakhtiniano, a atividade do sujeito em Possenti (1993) e em Fausto Neto (1995) revelam-se pertinentes para explicar a enunciação jornalística irônica como um movimento do sujeito que se inscreve no enunciado e ao mesmo tempo constrói um lugar para o outro/leitor, que deve ser capaz de agir de maneira condizente.

Como se pode notar a partir da finalidade deste estudo, não estamos propondo a análise completa do dispositivo de enunciação dos jornais que fazem parte do *corpus*, mas julgamos ser possível tentar vislumbrar as imagens de enunciadores e destinatários nos veículos selecionados a partir do papel que a ironia é chamada a desempenhar na produção jornalística.

A questão é como resolver certas polarizações inerentes aos quadros teóricos, tanto no que se refere ao aspecto mais amplo da produção discursiva quanto ao aspecto mais pontual relacionado à ironia. Apresentam-se, então, questões referentes às posições dos sujeitos enunciadores/co-enunciadores (São livres ou assujeitados? São dotados de intenção?); à participação da situação enunciativa (Que elementos e até onde devem ser considerados numa situação enunciativa? Até onde deve ser considerada a interferência da própria situação enunciativa?).

Do ponto de vista deste estudo, admite-se a atividade dos sujeitos enunciadores e co-enunciadores sobre a língua, uma língua que possui suas regras, mas não está totalmente pronta e fechada com “etiquetas” a serem adquiridas para a produção lingüística (e de sentido). Admitem-se também intencionalidades por parte desses sujeitos, mas também sua submissão a um determinado lugar histórico e social, pois não se diz ou faz qualquer coisa em qualquer lugar; há regras lingüísticas, sociais e discursivas a serem seguidas (e também quebradas). Quanto à situação enunciativa, admite-se sua maior ou menor participação como elemento instaurador do sentido, inclusive os irônicos.

2.2 **A ironia como marca de heterogeneidade**

> *Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se mutuamente, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter.*
>
> (Bakhtin, 1992, p. 316)

A discussão sobre o caráter de dialogicidade, heterogeneidade e interdiscursividade da linguagem e do discurso já se tornou clássica nos estudos da linguagem humana. Entretanto, o que se faz necessário aqui não é bem discorrer sobre tais abordagens de maneira genérica, mas situar a ironia como uma marca parcialmente enunciativa que acontece na relação do enunciador com o seu exterior, que, no caso do discurso jornalístico, inclui no mínimo o assunto, os entrevistados, os anunciantes e o público leitor. Além disso, estamos classificando a ironia como marca ***parcialmente*** enunciativa em razão de considerar a atribuição de sentido (não só o irônico) como tarefa de enunciadores e co-enunciadores (como já argumentado antes em outra parte deste estudo) e não apenas de um ou de outro dos participantes.

Neste ponto da discussão, as noções de expressividade da linguagem (Bakhtin, 1992) e da ironia como uma marca polifônica de heterogeneidade assumida ou mais distanciada podem ser de interesse para os fins deste estudo. A função expressiva do enunciado como concebida por Bakhtin (1992, pp. 316-321) pode ter inspirado Hutcheon (2000) na concepção da ironia como tendo uma aresta avaliadora. A proximidade pode ser notada nas duas abordagens, além de que a autora apresenta como uma de suas fontes de apoio os estudos bakhtinianos.

O modelo de comunicação linear é criticado por Bakhtin (1992, pp.288-291), que enfatiza não só a atividade responsiva do outro, mas também a expressividade da palavra, quando se concretiza em enunciado.[27] Este seria apenas um "elo na comunicação verbal", cuja produção leva em consideração o outro como participante ativo, seja para concordar ou discordar dele (1992, pp. 316-320). Essas afirmações se juntam a outras complementares, entre as quais a de que ninguém é um "Adão bíblico" no uso inaugural da língua (1992, p. 319). Tal discussão é um dos pontos em que se pode apontar o entendimento do dialogismo como atribuído a Bakhtin.

---

[27] O ***enunciado*** como discutido neste texto de Bakhtin (1992, pp. 277-326) nos permite entendê-lo como equivalente de ***texto*** ou ***discurso***.

> (...) todo enunciado, além do objeto de seu teor, sempre responde (no sentido lato da palavra), de uma forma ou de outra, a enunciados do outro anteriores. O locutor não é um Adão, e por isso o objeto de seu discurso se torna, inevitavelmente, o ponto onde se encontram as opiniões de interlocutores imediatos (...).
>
> O enunciado está ligado não só aos elos que o precedem mas também aos que lhe sucedem na cadeia da comunicação verbal. (...) (Bakhtin, 1992, pp. 319-320).

De acordo com Bakhtin (1992, p. 316), "o enunciado é repleto de reações-respostas a outros enunciados numa dada esfera da comunicação verbal". Tais reações podem assumir formas variáveis quanto a inclusão do enunciado alheio, que pode se dar de maneira completa ou com palavras isoladas ou orações representando enunciados completos. "Nesses casos, o enunciado completo ou a palavra, tomados isoladamente, podem conservar sua alteridade na expressão, ou então ser modificados (se imbuírem de ironia, de indignação, de admiração etc.)" (Bakhtin, 1992, p. 316). Nesse trecho – que trata das formas de citação – e em outros das páginas seguintes, Bakhtin discute também o caráter de expressividade do enunciado, que manifestaria as condições de relacionamento do locutor com o seu próprio enunciado e com os enunciados do outro. O resultado dessa relação "transparecerá nas tonalidades do sentido, da expressividade, do estilo, nos mais íntimos matizes da composição", o que ele chama de "tonalidades dialógicas" (1992, p. 317).

Da mesma maneira que comenta a composição do enunciado do ponto de vista do enunciador, Bakhtin (1992, p. 318) observa que o discurso do outro também possui uma expressão dupla, de um lado tendo a sua própria e, de outro, a do discurso que o acolhe. Isso seria mais visível nos casos em que o discurso do outro é nitidamente citado e separado, mas pode estar presente em qualquer enunciado, com "graus diferentes de alteridade".

Essa posição de Bakhtin com relação ao discurso do outro (que estaria sempre presente, de maneira menos ou mais oculta) se constitui em uma das ancoragens (mesmo com limitações) para os estudos sobre heterogeneidade enunciativa desenvolvidos mais tarde por Authier-Revuz (ver, por exemplo, 1982, 1984, 1998), que se baseia ainda nos trabalhos sobre o discurso como produto do interdiscurso e nas contribuições de Freud e Lacan sobre a relação do sujeito com a linguagem (1984, p. 99).

O que nota Authier-Revuz (1984, pp. 100-102) a partir dessas três vertentes teóricas é que "constitutivamente, no sujeito, em seu discurso, há o *Outro*". Entretanto, o *Eu* teria sempre a

ilusão de domínio do seu discurso, visível nas fronteiras que propõe menos ou mais claramente em relação ao exterior (e ao o*utro*) na sua produção discursiva. Nessa perspectiva teórica, seja como dialogismo, seja como pré-construído, há um *antes* sempre retomado, com ou sem marcas de alteridade no novo discurso. A isso Authier-Revuz (1982) chama de *heterogeneidade* discursiva e enunciativa, que se divide em duas grandes categorias: a *heterogeneidade mostrada* e a *heterogeneidade constitutiva*. No primeiro caso a presença no discurso de outros discursos pode ser detectada (pois se altera a "unicidade aparente do fio do discurso"), enquanto no segundo isso não acontece, já que não há evidência explícita de tais discursos.

Na heterogeneidade mostrada, Authier-Revuz (1982, p. 96; 1984, pp. 102-105) separa ainda as formas em que o outro aparece de maneira marcada e explícita – discurso direto, discurso indireto e as formas de conotação autonímica[28] – e as formas discursivas que podem ser ligadas à estrutura enunciativa da conotação autonímica, mas em que a presença do outro não é explicitada por marcas unívocas na frase, como o discurso indireto livre, a ironia, a antífrase, a imitação e a alusão, entre outras. Para Authier-Revuz (1982, p. 96), "a menção" que duplica "o uso" [aspas dela] das palavras só pode ser reconhecida e interpretada a partir de sinais no discurso em relação ao seu exterior.

> Esse modo de "jogo com o outro" no discurso opera no espaço do não-explícito, do "semidescoberto", "sugerido", antes que do marcado e do dito: é desse jogo que tiram sua eficácia retórica os discursos irônicos, as antífrases, os discursos indiretos livres, colocando a presença do outro tanto mais em evidência quanto for sem o socorro do "dito" que ela se manifesta. (Authier-Revuz, 1982, p. 96).

A conotação autonímica acontece quando o locutor faz uso de palavras inscritas no fio do discurso sem qualquer ruptura, ao mesmo tempo em que chama a atenção para elas. Nesses casos, o locutor passa a ser tanto utilizador quanto observador e "os fragmentos assim designados – marcados pelas aspas, pelo itálico, uma entonação ou qualquer forma de comentário – recebem, relativamente ao resto do discurso, um outro estatuto" (Authier-Revuz, 1982, p. 92). A autora faz um exaustivo levantamento e classificação das formas de modalização que podem ocorrer entre o sujeito e seu discurso. É a partir também das

[28] Na conotação autonímica, a palavra ou fragmento é ao mesmo tempo mencionada(o) e usada(o), como no caso dos elementos colocados entre aspas, em itálico ou comentado pelo enunciador (Authier-Revuz, 1984, p. 103).

contribuições de Authier-Revuz que Brait (1996) organiza o aparato teórico para analisar o romance *Madame Pommery* no livro *Ironia em perspectiva polifônica*.

Para fins do nosso estudo, além do que já foi mencionado acima, nem todas as classificações de Authier-Revuz parecem produtivas para analisar a ironia em textos de jornais. O grupo mais interessante parece ser o que analisa a pertinência das palavras e seqüências de palavras ao discurso elaborado, onde um discurso já ocorrido é marcado como de fora, sob a forma de uma citação integrada ou uma alusão, por exemplo. Nesse grupo também são incluídos os fragmentos isolados com aspas, mas sem comentário ou especificação, e aqueles sem qualquer tipo de marca do locutor, remetendo, então, à heterogeneidade constitutiva do discurso para serem reconhecidos (Authier-Revuz, 1982, p. 95).

Tais casos parecem mais pertinentes ao texto jornalístico por permitirem uma dupla possibilidade: a inclusão de um discurso outro que dá caráter de verossimilhança ao dito (porque não é o enunciador-jornal que diz e sim o *próprio autor das palavras* que ali está), ao mesmo tempo que permite a esse enunciador-jornal um trabalho sobre o dito (o que inclui a seleção das informações e a maneira como são apresentadas) de uma forma distanciada. É claro que essa afirmação é mais adequada para explicar os casos de citações mais extensas, mas a dinâmica de seu funcionamento pode ser estendida também aos fragmentos e às palavras aspeadas. Vejamos, nesse sentido, o fragmento [4]:

> [4]:
> Levi recorre aos ‘veteranos’ para próximo jogo (título)
> (...) O goleiro Sérgio resumiu a “tática” a ser utilizada até o fim do campeonato. “Nós temos que dar a vida pelo Palmeiras. Botar o coração em todas partidas. Não há outra coisa a fazer.” (...)
> (Folha de S. Paulo, editoria Esporte, p. D6, 04/11/2002, notícia)

Nesse fragmento, as aspas em “tática” e “veteranos” as isolam do discurso do locutor, remetendo-as a um outro, mesmo não identificado (já que da maneira como foram introduzidas não há certeza de o jogador ou o repórter terem usado efetivamente as palavras durante a entrevista ocorrida antes). Assim, a palavra aspeada é atribuída a um discurso outro, ou, dito de outra maneira, também a um outro enunciador. O caso dessas aspas não deixa de ser também um exemplo de menção-eco, nos moldes de Sperber e Wilson (1978), pois as palavras são atribuídas a uma enunciação anterior, real ou imaginária, e retomadas no texto jornalístico de maneira distanciada e crítica pelo locutor-enunciador.

Qualquer observação mais despreocupada de textos jornalísticos impressos é capaz de evidenciar a presença de aspas de variadas maneiras, envolvendo apenas palavras ou fragmentos de diferentes extensões. Authier (1981) dedicou atenção às aspas no discurso, que teriam funções diversas, mas em comum o distanciamento do locutor em relação à palavra ou fragmento aspeado.

> Colocar entre aspas é retirar às palavras sua evidência de adequação. (...)
> A aspa é um instrumento familiar de defesa: defesa de um "como ele diz, como eles dizem" interposto entre si e certas palavras quando se é submetido a um discurso – que é preciso entender ou produzir – que se rejeita. Colocando entre aspas, diz-se à distância. (Authier, 1981, p. 136).

Marcar a inadequação de uma palavra (e de um discurso), manter-se à distância e, ao mesmo tempo, poder rejeitar esse discurso são algumas possibilidades das aspas que, no caso da ironia, recebem um elemento extra: a rejeição não significa apenas isso, mas um qualificativo a mais de derrisão, sarcasmo etc., justamente o que Hutcheon (2000) chama de *aresta avaliadora* ou *cortante* da ironia e Kerbrat-Orecchioni (1980a) de *valor ilocutório.* Nos textos de jornais, palavras e fragmentos aspeados, além de marcar o distanciamento do enunciador, constituem-se em uma forma comum de sugestão de ironia. As aspas foram, por exemplo, uma das formas de indicação de ironia listadas pelos jornalistas pesquisados em O Liberal, como se pode ver no final da apresentação da análise.

Em seus trabalhos, Authier-Revuz situa a ironia como uma forma de heterogeneidade mostrada, mas que não se apresenta marcada explicitamente. Contudo, não fica claro qual a concepção de ironia que serve de base à autora. Do nosso ponto de vista, a questão é que, nos textos de jornais, a ironia pode estar em qualquer parte e não só como uma forma de heterogeneidade mostrada; pode, inclusive, dar-se na forma como acontece a tessitura do discurso e, nesse caso, poderia estar mais próxima de uma heterogeneidade constitutiva (como os ecos longínquos postulados por Sperber e Wilson, 1978).

Maingueneau (1989) segue os passos de Authier-Revuz (1982, 1984) ao classificar a ironia como heterogeneidade mostrada, mas situando-a como uma forma de polifonia aos moldes de Ducrot (1987). Maingueneau (1989, pp. 98-99) aponta algumas características da ironia: ela subverte a fronteira entre o que é assumido e o que não o é pelo locutor; na negação se rejeita um enunciado com um operador explícito, enquanto a ironia tem a propriedade de rejeitar de forma diferente; a ambigüidade é sua essência; o contexto, mas também as formações discursivas e ideológicas são importantes para a interpretação de casos de ironia.

Explicitando se interessar mais pela função da ironia que pela sua delimitação, Maingueneau (1989, p. 99) acrescenta que “é conveniente não perder de vista que a ironia é um *gesto* dirigido a um destinatário, não uma atividade lúdica, desinteressada”. Além disso, ele (1989, p. 99) alerta para o fato de que os “os problemas ligados à identificação da ironia nada têm de acessório”, pois é “da essência da ironia suscitar a ambigüidade e, com freqüência, a interpretação não consegue resolvê-la”. Entre as funções que enumera (a partir de outros autores), estão as da ironia como gesto agressivo ou mesmo como atitude defensiva (funções essas enumeradas no levantamento de Hutcheon, 2000, como já visto no capítulo anterior).

Posteriormente, ao analisar o enunciado “Que homem amável!”, dito a alguém que acaba de ser grosseiro, Maingueneau (2001, p. 175) o classifica como ironia por permitir ser visto como “uma espécie de encenação em que o enunciador expressa com suas palavras a voz de uma personagem ridícula que falasse seriamente e do qual ele se distancia, pela entonação e pela mímica, no instante mesmo em que lhe dá a palavra”. Para o autor (2001, p. 175), essa ironia seria um caso de polifonia, em que o enunciador lança a responsabilidade da fala inadequada a um outro, colocado em cena em sua enunciação. A propósito da análise acima, Maingueneau (2001, p. 175) aponta como particularidade da enunciação irônica a “de se desqualificar a si mesma, de se subverter no instante mesmo em que é proferida”. Do nosso ponto de vista, a ironia nesses moldes nem sempre é possível de se notar nos textos de jornais, já que neles há pouca ocorrência de ironias antifrásticas e a personagem encenada não parece ser ridícula (embora às vezes o seja).

Embora reconheça os problemas ligados à identificação da ironia, bem como as dificuldades em sua transcrição da fala para a escrita, Maingueneau (1989, p. 99; 2001, p. 175) parece resolver a questão confiando em alguns “índices que marcam distanciamento” ou em outros meios, como “caráter hiperbólico do enunciado, explicitação de uma entonação, aspas, ponto de exclamação, reticências”, para que o co-enunciador pressuponha ser uma enunciação irônica. Chega-se, em mais um autor, à questão dos marcadores de ironia, algo já tratado por Kerbrat-Orecchioni (1980) e muitos outros antes dela e que continua em aberto.

D 6 segunda-feira, 4 de novembro de 2002 ESPORTE FOLHA DE S.PAULO

FUTEBOL *Após ganhar fôlego com uma vitória no meio da semana, time cai diante do Vasco e volta à zona de rebaixamento*

Fora de casa, Palmeiras perde jogo e embalo

PEDRO LEMOS
FREE-LANCE PARA A FOLHA

Mais uma vez sem vencer fora de casa, o Palmeiras foi derrotado ontem pelo Vasco, por 1 a 0, e voltou a ficar na zona da tabela onde estão os quatro últimos colocados do Campeonato Brasileiro-2002.

Na rodada do meio de semana, com a vitória de 2 a 1 sobre o Botafogo, a equipe do Parque Antarctica havia deixado a zona de rebaixamento, condição em que se encontrava desde a sexta rodada.

Agora, com 23 pontos, o clube paulista, que volta a jogar quarta-feira no Rio, contra o Fluminense, fica em situação cada vez mais complicada na competição.

O gol da vitória foi marcado no segundo tempo, aos 19min, por Léo Lima, em chute rasteiro de fora da área.

Além de manter o jejum de não vencer fora de casa —o time é o único entre os 26 do Brasileiro que não venceu longe de seus domínios— e não conseguir duas vitórias consecutivas no torneio, o Palmeiras viu um de seus principais jogadores, o lateral-direito Arce, desperdiçar uma penalidade quando o jogo estava 0 a 0.

O azar palmeirense, porém, começou com o primeiro lance de perigo da partida. Na tentativa de aliviar a pressão vascaína, o zagueiro Alexandre deu um bico na bola, que acertou a sola do pé de Souza, encobriu o goleiro Sérgio e bateu na trave superior.

E foi o travessão o alvo de pênalti cobrado por Arce. Depois de criar a melhor oportunidade do time paulista em uma cobrança de falta —a bola passou por cima da meta do Vasco— e perder o companheiro Rubens Cardoso, contundido, o lateral paraguaio foi bater o pênalti sofrido pelo atacante Nenê, que foi derrubado por Marcelo.

Após reclamações de vascaínos, Arce cobrou com muita força, mas errou o alvo.

Sérgio, que já havia feito boas defesas, ainda salvou o Palmeiras no final do primeiro tempo. Na melhor oportunidade do Vasco, o atacante Souza recebeu ótimo passe de Valdir, mas chutou, e o goleiro fez a defesa.

No segundo tempo, ao contrário do que ocorreu no último jogo —quando o time, pressionando muito, marcou dois gols em cinco minutos da primeira etapa e, depois, sofreu pressão do rival—, o Palmeiras começou atacando.

Logo no primeiro minuto, Muñoz teve a oportunidade de abrir o placar ao chutar de esquerda. Porém o goleiro fez a defesa.

Nos cinco minutos seguintes, o Palmeiras perdeu duas chances. Uma novamente com o colombiano Muñoz e a outra com o volante Flávio, que, de frente para Fábio, chutou por cima.

A partir daí, o Vasco começou a pressionar a defesa paulista. Aos 10min, Petkovic, com o goleiro Sérgio já batido no lance, completou para fora um cruzamento de Valdir. Aos 16min, em nova jogada de Valdir pela direita, foi a vez de Siston, que acabara de entrar no lugar de Edinho, perder a chance de marcar.

A pressão vascaína surtiu efeito aos 19min. Léo Lima arriscou de longe e fez 1 a 0 para o Vasco. A bola entrou no canto direito inferior de Sérgio.

Após o gol, o Vasco seguiu pressionando o Palmeiras, que pouco criava. Aos 25min, o atacante Zé Carlos, que tinha apenas o goleiro Sérgio à frente, perdeu outra boa chance. Na sequência, num rápido contra-ataque, foi a vez de Itamar perder a oportunidade do empate para o Palmeiras.

Até o fim da partida, houve lances de gol para as duas equipes.

Após o jogo, o Palmeiras, além de ver o Vasco, um dos rivais na luta contra o rebaixamento, abrir vantagem na tabela, ainda teve que ouvir o coro da torcida local: "Ão, ão, ão, segunda divisão".

Jornal dos Sports

Léo Lima (dir.) festeja gol do Vasco na vitória sobre o Palmeiras, que recolocou o time paulista na zona de descenso do Nacional

1 x 0

PALMEIRAS		FLUMINENSE
Sérgio		Fábio
Arce		Géder
César		Marcelo
Alexandre		Rogério Pinheiro
Rubens Cardoso		Russo
(Leonardo)		(Rodrigo Souto)
Paulo Assunção		Henrique
Flávio		Léo Lima
(Zinho)		Petkovic
Marco Aurélio		Edinho
Juninho		(Siston)
Muñoz		Valdir
Nenê		Souza
(Itamar)		(Zé Carlos)
T.: Levir Culpi		T.: Antônio Lopes

Estádio: São Januário, no Rio
Juiz: Carlos Eugênio Simon
Renda: não divulgada
Público: não divulgado
Gol: Léo Lima, aos 19min do segundo tempo

Levi recorre aos 'veteranos' para próximo jogo

FREE-LANCE PARA A FOLHA

Com apenas mais três partidas a disputar e com o risco do rebaixamento cada vez mais próximo, o técnico do Palmeiras, Levir Culpi, deve lançar mão dos jogadores mais experientes para o jogo contra o Fluminense no Maracanã, na próxima quarta.

Zinho, Dodô, Pedrinho e Lopes devem figurar na escalação do time paulista. Muñoz e Marco Aurélio, que receberam ontem o terceiro cartão amarelo, não jogam.

"Zinho, Pedrinho e Dodô são considerados titulares. Mas preferi não escalá-los desde o início por optar por jogadores em melhores condições", disse Culpi.

Segundo o técnico, se a equipe repetir as mesmas oportunidades de gol que criou contra o Vasco, vencerá o Fluminense. "Só o Muñoz teve seis ou sete chances de marcar. As oportunidades foram criadas, faltou apenas acertar a pontaria."

Segundo o treinador, não adianta mais o Palmeiras "chorar o leite derramado". Para ele, o mais importante é motivar os jogadores para os três jogos que faltam.

O goleiro Sérgio resumiu "a tática" a ser utilizada até o fim do campeonato. "Nós temos que dar a vida pelo Palmeiras. Botar o coração em todas as partidas. Não há outra coisa a fazer." O Palmeiras continua no Rio até o jogo contra o Fluminense.

[4] Levi recorre aos 'veteranos' para próximo jogo
Folha de S. Paulo, editoria Esporte, p. D6, 04/11/2002

2.3 **Uma questão de ironia**

> *Il ne suffit pas de definir l'ironie comme une simulation* per contrarium.
>
> (Jankélévitch, 1964, p. 80)

Neste tópico pretendemos incluir as observações mais diretamente ligadas ao fenômeno irônico, como os seus tipos e funções e a participação dos interlocutores na sua atribuição.

2.3.1 *As duas grandes categorias de ironia: verbal* vs *observável*

As duas formas básicas de ironia sistematizadas por Muecke (1995, pp. 38-39, 77-78) são o que ele chama de "ironia instrumental" (ou verbal) e "ironia observável". Na ironia instrumental, alguém é irônico, diz alguma coisa para vê-la rejeitada como falsa, unilateral ou por outro motivo; na observável, as coisas são vistas ou apresentadas como irônicas. A ironia instrumental se dá por meio da linguagem, enquanto a ironia observável, em princípio, inclui os casos chamados de *ironia do destino*, *ironia de situação* ou de *eventos*, aqueles em que a natureza ou o mundo parece conspirar contra alguém. Numa, a ironia estaria essencialmente na linguagem. Noutra, estaria inicialmente nas coisas e situações do mundo, e, posteriormente, na forma em que é evidenciada a alguém, seja na pintura, na música, no teatro ou em qualquer outra maneira de apresentação, de natureza textual ou não.

Entretanto, como bem observa Muecke (1995, pp. 61-62, 77), mesmo a ironia observável não existe por si só (ela está apenas "potencialmente no fenômeno"), dependendo de um observador humano que estabeleça um sentido irônico para qualquer um desses casos e o represente ou o exponha via linguagem para alguém. De certa maneira, a ironia observável seria também verbal. Mesmo assim, para os fins deste estudo, a manutenção do esquema de duas categorias de ironia (observável e instrumental) é pertinente, porque permite explicar alguns casos explicitados nos textos por seus autores (jornalistas/não-jornalistas/jornal), ou, em outras palavras, permite explicar alguns casos em que o autor do texto atribui a ocorrência de ironia sobre eventos ou sobre o entrevistado.

Vamos a um breve exercício preliminar. As noções de ironia apresentadas até agora tiveram uso retórico ou na literatura, mas poderíamos encontrá-las também nos jornais? Vamos a um ensaio de resposta também preliminar, já que a análise total dos dados será

apresentada em outro capítulo. Nos textos de jornal,[29] tanto a ironia instrumental quanto a observável podem ser encontradas. Entretanto, dois aspectos devem ser considerados: a) o tipo instrumental se dá em maior número, resultando de uma avaliação/criação do sujeito enunciador; b) a dificuldade em estabelecer uma separação segura entre os dois casos, já que há ocorrências em que a notícia apresentada se refere a algo do mundo vivido (seria, então, ironia observável), mas também é fruto da observação e da criação de alguém, considerando que o fato jornalístico não existe por si só (poderia ser, então, ironia instrumental ou verbal).

Muecke (1965, p. 77) assinala que nem sempre é possível distinguir entre a ironia instrumental e a apresentação da ironia observável e esta acaba sendo também um caso de ironia verbal quando apresentada via linguagem. Nos jornais estudados, tal dificuldade de separação pode ser vista com freqüência, como em [5] e em [6]. A enunciação em [7] serve como comparativo à [6].

> [5]:
> PFL na "oposição responsável" (título)
> Repetindo antigo discurso do PT – que prega o corte de gastos publicitários e se posiciona contra "sacrifícios à população" – o PFL define sua nova linha (subtítulo)
> (Jornal do Commercio, editoria Política, p. 5, 01/11/2002, notícia)

> [6]:
> Cachorro também é gente (título)
> Médico opera seu próprio cão em hospital paulista (subtítulo)
> O ex-ministro do Trabalho Antônio Rogério Magri dizia que o cachorro é um ser humano. O médico Walter Leite, de Taguaí, na Região Sudeste de São Paulo, também pensa assim. Tanto que, no dia 17, operou seu cachorro Dodi, um yorkshire atacado pelo boxer de um vizinho, na Santa Casa da cidade. (...)
> (O Globo, editoria O País, p. 13, 07/11/2002, notícia)

[29] Usamos a expressão "textos de jornal" em substituição a "textos jornalísticos" porque os jornais também publicam textos que: a) não são produzidos por jornalistas; b) são produzidos por jornalistas que não trabalham para a empresa. Como explicitado nos procedimentos metodológicos na introdução, todos os textos foram analisados, incluindo os de jornalistas da empresa ou de fora, os de outros colaboradores e leitores.

> [7]:
> Bloco cirúrgico (título)
> Ao ver seu cão ferido pelo boxer do vizinho, um médico de Taguaí, em São Paulo, não hesitou. Levou o animal e operou-o na sala de cirurgia do Hospital da Santa Casa. Enquanto isso, pacientes esperavam atendimento médico.
> (Zero Hora, editoria Informe Especial, p. 3, 07/11/2002, nota)

Em [5], teríamos um caso de ironia observável de eventos, a partir de um *antes* e um *depois*, em que se nota uma troca de papéis entre os participantes. Antes, o Partido dos Trabalhadores (PT) era oposição, o Partido da Frente Liberal (PFL) participava do governo e ambos tinham as suas respectivas atuações e discursos; após a eleição, há uma inversão de sujeitos e de discursos. Tal mudança é notada e explicitada pela instância jornalística na maneira como o assunto é enunciado, na contraposição, com o uso de qualificações (*antigo discurso do PT* / *nova linha do PFL*) e de aspas que chamam a atenção do leitor (*"oposição responsável"*, *"sacrifícios à população"*).

Em [6], também teríamos uma ironia observável, de situação (que poderia ser resumida em "Que absurdo!"). A preparação para o efeito de ironia começa com a menção ao nome do ex-ministro do Trabalho, Antônio Rogério Magri, que aciona um determinado saber publicizado pela mídia na época em que esteve na pasta, na gestão do presidente Fernando Collor. De origem sindicalista, Magri era uma figura estranha ao cargo de ministro, ridicularizado em suas ações, como o uso do neologismo "imexível". O sentido sobre o ministro, associado com a sua afirmação sobre o cachorro como um ser humano – considerada absurda pela enunciação jornalística – é transposto (Bergson, 2001, p. 91) diretamente para o médico, "que pensa assim". O médico não só pensa, como age nessa conformidade, operando o seu cão na Santa Casa. Há, ainda, uma contraposição entre dois sentidos derivados: a) a presteza do médico em socorrer o seu cão em uma unidade de saúde de natureza pública e b) as deficiências de atendimento do Sistema Único de Saúde no Brasil às pessoas, às quais é destinado. Mas tais sentidos têm como mote a situação absurda do cão operado na Santa Casa pelo seu dono/médico.

Haveria ironia em [7], de Zero Hora? Não há comparações quanto à valorização do cão, como em O Globo. É uma nota curta, que apresenta, entretanto, a contraposição entre o rápido socorro ao animal enquanto pacientes esperam atendimento. Esse pode ser um indicador de ironia, mas é possível ver aí, antes, uma crítica direta à postura do médico. Uma possível

ironia ficaria a cargo do leitor que estabelecesse outros sentidos a partir da situação narrada pelo jornal. Em [6] e [7] vê-se a diferença de enunciação dos dois jornais a respeito da mesma informação, embora em ambos haja destaque para o absurdo da situação.

Nos casos [5] e [6], a ironia está inicialmente nos fenômenos, mas também nas formas em que são repassados, já que havia a opção de apresentar as notícias sem a atribuição de ironia. Em ambos, é possível notar uma aresta avaliadora, usando aqui uma expressão de Hutcheon (2000), de natureza crítica acerca dos acontecimentos relatados. Os enunciadores se colocam explicitamente numa posição de avaliadores das situações, como se pode notar nas marcas textuais (comparações e aspas, por exemplo).

Há outros casos no *corpus* em que um mesmo assunto é relatado com ironia e sem ela e que ilustram bem as diferenças de enunciação dos jornais. Teria um captado a ironia e outros não? Ou seria uma decisão deliberada da instância enunciadora? Por esse tipo de dificuldade é que alguns autores frisam ser a atribuição da ironia uma questão de interpretadores (Hutcheon, 2000) ou, como diz Muecke,

> (...) podemos tirar duas conclusões. A primeira é que não há nada que um ironista "polemicamente desenvolvido", com uma mente bem provida, não possa considerar irônico, se assim o desejar; sempre existe em algum lugar um contexto contrastante. Assim, o papel do observador irônico é mais ativo e criativo do que sugere a palavra "observador". A outra é que, embora possamos questionar legitimamente se alguma coisa foi ou não dita ou feita com intenção irônica, não podemos questionar o direito de alguém ver alguma coisa como irônica. Entretanto, podemos questionar seu sentido ou seu gosto. (Muecke, 1995, p. 63).

Hutcheon (2000) diz ter resistido a classificações de ironias por ser uma tarefa notoriamente difícil, como já assinalada também por outros autores. Neste estudo, tivemos a pretensão de nos propor a tentar observar as formas de ironia mais presentes nos jornais impressos e, caso isso não tivesse o resultado esperado, que fosse pelo menos possível traçar algumas considerações acerca da natureza de tais ironias. A ressalva se faz necessária depois desse breve apanhado acerca de alguns tipos de tal recurso, considerações essas que tiveram como ambientes outros campos de estudo e prática (a literatura, a retórica e a filosofia), que nos leva a buscar ver como seria no campo jornalístico impresso no Brasil.

Recife, 1º de novembro de 2002 - Sexta-feira JORNAL DO COMMERCIO POLÍTICA ▸ 5

A TRANSIÇÃO

PFL NA "OPOSIÇÃO RESPONSÁVEL"

Repetindo antigo discurso do PT – que prega o corte de gastos publicitários e se posiciona contra "sacrifícios à população" – o PFL define sua nova linha

BRASÍLIA – Ao oficializar sua "oposição responsável" ao futuro Governo de Luiz Inácio Lula da Silva, o PFL se apropriou ontem do discurso adotado pelo PT nos últimos anos. Pregou o corte de gastos com publicidade como forma de aumentar a receita e avisou que, na elaboração do Orçamento de 2003, irá se opor a propostas que impliquem aumento da carga tributária, "que sacrificam a população".

O PFL quer aguardar a formalização das propostas pelo PT, mas já adiantou que é contra a prorrogação da alíquota de 27,5% do Imposto de Renda da Pessoa Física a partir de janeiro de 2003 e a manutenção da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido em 9%.

Em relação ao salário mínimo, os pefelistas defenderão a elevação, em maio de 2003, dos atuais R$ 200 para R$ 240 ou mais, segundo o presidente do partido, senador Jorge Bornhausen (SC). No primeiro ano, o Governo tem de ser mão fechada", afirmou.

Como sugestões de redução de gastos públicos, o senador recomendou ao PT "diminuir o número de ministérios – de 28 para dez, por exemplo –, extinguir órgãos públicos e cargos em comissão, diminuir despesas com diárias e passagens e não gastar em publicidade no primeiro ano de Governo, exceto com editais".

Em reunião, a Comissão Executiva Nacional do PFL aprovou nota comunicando que o partido fará uma "oposição responsável, fiscalizadora e guardiã das liberdades individuais e coletivas". Com essas expressões, o PFL quer marcar posição na defesa dos direitos humanos, da propriedade privada e do direito de manifestações, segundo Bornhausen.

Na nota, o PFL parabeniza Lula pela eleição e avisa que fiscalizará o cumprimento dos compromissos assumidos pelo presidente eleito – não permitir a volta da inflação, exercer a soberania nas negociações internacionais e dar prioridade às reformas previdenciária, tributária, política, agrária e trabalhista.

[5] PFL na "oposição responsável"

Jornal do Commercio, editoria Política, p. 5, 01/11/2002

Cachorro também é gente

Médico opera seu próprio cão em hospital paulista

• SÃO PAULO. O ex-ministro do Trabalho Antônio Rogério Magri dizia que o cachorro é um ser humano. O médico Walter Leite, de Taguaí, na Região Sudeste de São Paulo, também pensa assim. Tanto que, no dia 17, operou seu cachorro Dodi, um yorkshire atacado pelo boxer de um vizinho, na Santa Casa da cidade.

— Tratei do meu animal, mas tratei também de um ser vivo — disse.

O caso chamou a atenção da população e provocou indignação, pois o cachorro recebeu cuidados médicos enquanto diversos pacientes esperavam na fila a vez de serem atendidos.

Os pacientes agora estão com medo de se tratar na Santa Casa porque os instrumentos cirúrgicos usados podem estar infectados.

Após ouvirem relatos de moradores, os vereadores decidiram investigar o caso e tomar providências. Alguns querem punir o médico. A Câmara já enviou um requerimento à direção da Santa Casa pedindo informações e providências. O caso foi parar na Divisão Estadual de Saúde e no Conselho Regional de Medicina.

A direção da Santa Casa informou que o médico foi advertido e garantiu que os instrumentos cirúrgicos foram devidamente desinfetados.

O médico José Osvaldo Dalci, amigo de Leite, disse não concordar com a atitude do colega, mas acrescentou que entende a sensibilidade de se preocupar com um ser vivo.

— Na faculdade, aprendemos muito tratando de animais. Cuidar bem deles depois é uma espécie de gratidão. Ainda mais sendo seu animal de estimação — afirmou.

[6] Cachorro também é gente

O Globo, editoria O País, p. 13, 07/11/2002

☎ 3218-4342
luiz.domingues@zerohora.com.br

ZERO HORA
INFORME ESPECIAL

PORTO ALEGRE, QUINTA-FEIRA, 7/11/2002 | 3

OPINIÃO ZH

Feras à solta

No segundo ataque de um cão de guarda a uma criança em menos de duas semanas no Rio Grande do Sul, um desses animais avançou sobre um menino de seis anos no Bairro Ruhem Berta, em Porto Alegre, mordendo-lhe a cabeça. A pequena vítima só foi salva com a intervenção do pai, mas permanece hospitalizada. Episódios como esse tornam cada vez mais urgente e indispensável que se façam cumprir integralmente as normas da legislação vigente, livrando a população dos risco representados por cães agressivos e de grande porte.

Dinheiro de volta

Pelo menos uma parcela das verbas desviadas na fraude das obras do Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo vai voltar aos cofres públicos.

O apartamento em Miami do juiz aposentado José Nicolau dos Santos Neto foi comprado por um milionário americano por US$ 840 mil. Deste total, US$ 690 mil voltarão para os cofres brasileiros.

Em massa

Já começou o processo de seleção para o elenco do *Big Brother Brasil 3*. A comissão julgadora da Rede Globo vai analisar as fitas de vídeo de nada mais, nada menos do que 70 mil candidatos.

Contra bebuns

Dois estudantes cariocas de nível técnico criaram o "carro antibêbado". O veículo só dá a partida se o motorista passar pelo teste de um bafômetro instalado no painel.

Linha dura

O governo iraniano anunciou a proibição de qualquer publicidade de produtos norte-americanos no país. As vendas continuam liberadas.

Teerã e Washington romperam relações diplomáticas em 1980, depois da invasão da embaixada norte-americana.

Bloco cirúrgico

Ao ver seu cão ferido pelo boxer do vizinho, um médico de Taguaí, em São Paulo, não hesitou. Levou o animal e operou-o na sala de cirurgia do hospital da Santa Casa.

Enquanto isso, pacientes esperavam atendimento médico.

Literária

A Câmara de Porto Alegre vai conceder ao escritor Sergio Faraco o prêmio Erico Verissimo.

EVERSON SOUZA/AGÊNCIA RBS

Incêndio que destruiu a cobertura de um prédio no centro de **Santa Maria** *exigiu o serviço de três caminhões de bombeiros, mas ninguém ficou ferido*

MARCO AURÉLIO

marco.aurelio@zerohora.com.br

Uma santa para o novo presidente

AP/EM

O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva recebeu ontem de uma admiradora a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Yeda Coelho Moura já havia tentado entregar a imagem quando ele se encontrou com FH, dia 29. Chegou até a correr atrás do carro oficial. Lula disse que pediu ao PT do Distrito Federal que marcasse um encontro com a admiradora. Emocionada e chorando, Yeda entregou a imagem ao petista, que retribuiu com um broche com a estrela símbolo do partido.

L. F. VERISSIMO

Veneno

De acordo com o darwinismo clássico, os bichos desenvolvem, por seleção natural, as características que garantem a sua sobrevivência. Adquirem seus mecanismos de defesa e ataque num longo processo em que o acaso tem papel importante: a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores ou facilita o assédio a suas presas é reproduzido na sua descendência, ou na descendência dos que sobrevivem, e lentamente incorporado à espécie. Assim pode-se especular que o antepassado mais remoto do porco-espinho só tinha um espinho. Deu tão certo, desencorajando os inimigos naturais que queriam comê-lo, que o espinho foi adotado por toda a categoria e hoje é a sua característica principal. Mas a teoria darwiniana de progressivo aparelhamento para a luta pela vida não explica uma coisa: o veneno.

Nenhum bicho venenoso pode alegar que a vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc. O veneno sugere que existe, sim, o mal-intencionado nato. O ruim desde o princípio. E o que vale para serpentes vale para o ser humano. Sem querer entrar na velha discussão sobre o valor da genética e da cultura na formação da personalidade, o fato é que não dá para evitar a constatação de que há pessoas venenosas, naturalmente venenosas, assim como há pessoas desafinadas. A comparação não é gratuita e nem é só porque eu já passei da metade da crônica e ainda não sei o que estou escrevendo. Acredito que a mente é um produto cultural e que, descontadas coisas inexplicáveis como um gosto congênito por dobradinha ou pelo Bolero *de Ravel, somos todos dotados de basicamente o mesmo material cefálico, pronto para ser moldado pelas nossas circunstâncias. Mas então como é que ninguém aprende a ser afinado? Quem é desafinado não tem remédio. Nasce e está condenado a morrer desafinado. No peito de um desafinado também bate um coração, não é isso, o desafinado não tem culpa de ser um desafio às teses psicológicas mais simpáticas. Mas é. Matemática se aprende, até alemão se aprende, mas desafinado nunca fica afinado. Como venenoso é de nascença. Era isso que eu queria dizer. Eu acho.*

EM TEMPO

◆ O projeto *Ensinando que Todos Aprendem*, desenvolvido no município de Canindé (CE) com a coordenação do Geempa (Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação), ONG gaúcha que trabalha com alfabetização de adultos, ganhou o Prêmio Darcy Ribeiro da Comissão de Educação, Cultura e Desporto da Câmara dos Deputados.

A PROPÓSITO

Cães ferozes não deveriam usar focinheira nas ruas?

[7] Bloco cirúrgico

Zero Hora, editoria Informe Especial, p. 3, 07/11/2002

Finalizando, há casos de ironia somente verbais e há casos de ironia observáveis que são recriados em uma linguagem, que pode ser verbal ou outra (como a imagética, por exemplo). Assim como também existem casos de ironia nos jornais que acontecem a partir do conjunto de texto, imagem, diagramação e infografia (quando há), não sendo, portanto, apenas verbal. Poderíamos chamá-la de ***ironia supraverbal***, porque não usaria somente o verbo, mas também outros meios? Brait (1966) denominou a análise que fez desse conjunto em capas de jornais de ***discursiva***, assim como Hutcheon (2000), que visou também a abordar as políticas de uso e as relações de poder envolvidas com a atribuição de ironia. A expressão que denominamos de ***supraverbal*** estaria relacionada ao uso dos meios que possibilitariam a ocorrência da ironia que vão além do verbal, o que significa incluir fotos e ilustrações, gráficos e mapas, titulação e diagramação da página, entre outros. Considerar esse conjunto é entrar no domínio discursivo, por mais que nos apoiemos de forma mais localizada na polifonia para identificar e discutir, do nosso ponto de vista como analista, as ***vozes irônicas*** que possam ser atribuídas ao material jornalístico.

2.3.2 *Considerações sobre as abordagens teóricas da ironia*

A primeira observação diz respeito à amplitude do que se entende como ironia, uma discussão antiga, mas que permanece atual, por ser possível adotar uma ou outra perspectiva de abordagem. Na busca pelo apoio teórico mais pertinente, as opções têm suas vantagens e desvantagens, que o analista deve ponderar qual deve ser mais pertinente e produtiva aos propósitos da análise que vai desenvolver. Seguindo esse encaminhamento, vamos apresentar algumas observações sucintas acerca das abordagens vistas no Capítulo 1, a fim de chegar àquela que mais parece pertinente ao nosso caso.

Com relação às teorias apresentadas até o momento, pelo menos quatro limitações podem ser apontadas:

a) análise restrita ao enunciado (com exceção das abordagens filosóficas e discursivas);
b) visão da ironia como “contrário do que se quer dizer” (com exceção da ironia como paradoxo, das perspectivas filosóficas e discursivas);
c) consideração da ironia apenas do ponto de vista do enunciador (com exceção da ironia como aresta avaliadora e discursiva);
d) falta de uma forma específica que caracterize o fenômeno irônico (com exceção das teorias apoiadas na noção de tropo e antífrase).

a) Análise restrita ao enunciado – Como explicitado no Capítulo 1, as análises restritas ao enunciado não são as mais pertinentes para o nosso estudo por serem localizadas e não incluírem o conjunto textual-discursivo dos jornais, impossibilitando, assim, a inclusão de algumas ocorrências de ironia, como já demonstrado também por outros autores (Brait, 1996, 1999; Maruxo Jr, 2002). Não é que não haja na produção de jornais ironias localizadas e que possam ser reduzidas ao nível do enunciado; elas existem, mas limitar apenas à sua observação deixaria outras possibilidades de fora, reduzindo ou até mesmo inviabilizando a proposta do trabalho de observar como se apresenta a ironia nos textos de jornais no Brasil, proposta essa que inclui gêneros textuais e assuntos variados.

Nesse item, restariam, então, as abordagens filosóficas (socrática e romântica) e as discursivas. Quanto às primeiras, se não podemos dizer propriamente que temos jornalistas *socráticos* e *românticos*, podemos, como sinalizou Brait (1996), ter a perspectiva filosófica e metafísica como orientadora do que vamos chamar aqui de ***ethos jornalístico irônico***, observado naqueles que parecem pautar grande parte de sua produção profissional sob o prisma da ironia, em qualquer empresa que trabalhem. Quanto às discursivas, parecem ter alcance suficiente para envolver as múltiplas formas de ocorrência da ironia inclusive em conjuntos mais amplos que conjuguem texto, imagem, infografia e outros, como já demonstraram Brait (1996, 1999) e Maruxo Jr. (2002).

b) Visão da ironia como “contrário do que se quer dizer” - Essa seria apenas mais uma forma de ocorrência de ironia e não a única, no entendimento adotado neste estudo. A despeito da discussão lógica acerca das expressões “contrário” e “contraditório” que rodeia essa definição, restringindo ou alargando o seu alcance, mesmo assim a consideramos restritiva. Além disso, como a análise pode mostrar, ela não está entre os casos mais freqüentes nos textos de jornais. Um pouco melhor seria, como teria feito Cícero (***apud*** Knox, 1961), considerar a ironia como algo diferente do dito, mas não necessariamente o seu contrário.

c) Consideração da ironia apenas do ponto de vista do enunciador - A observação é de Hutcheon (2000), que vê nas abordagens uma centralização sobre a figura do enunciador, como se somente ele fosse o responsável pela produção da ironia, cabendo ao ***outro*** apenas “pegar” ou não esse sentido. Como recorda, há casos em que a ironia proposta pelo enunciador não é percebida pelo interlocutor, assim como há interlocutor que vê ironia onde o enunciador não se propôs a tal. Por isso, ela prefere afirmar que tanto enunciadores como co-

enunciadores são “atribuidores de ironia”, são “responsáveis em fazer a ironia acontecer”. Na sua opinião, a atribuição de ironia é uma questão de intenção, tanto por parte do ironista (enunciador) como do interpretador (co-enunciador) em fazê-la acontecer, mesmo com todo o constrangimento que uma afirmação sobre o papel da intenção pode desencadear.

A idéia de base a ser desenvolvida neste estudo é que a atribuição da ironia é um fenômeno de co-participação ou co-atribuição (se assim pudermos chamar), porque depende duplamente de quem produz e de quem recebe o texto em questão. Tal afirmação se apóia não só nas contribuições de Hutcheon (2000), mas também de Possenti (2002) e em pesquisas recentes do campo da recepção na área de comunicação que atestam colaboração do co-enunciador como participante ativo na produção de sentido. Nessa linha, o receptor, destinatário, alocutário ou co-enunciador, qualquer que seja a designação escolhida, não é considerado como *tábula rasa* passivo ao que lhe chega, devendo agir minimamente na atribuição dos sentidos, entre eles o irônico. Mesmo no quadro da análise de discurso de linha francesa, conhecida por postular um sujeito assujeitado às formações discursivas às quais pertence, com a ilusão de que é dono do seu dizer, Possenti (2002) é capaz de mostrar a ação mínima do sujeito no processo de atribuição de sentido, embora não se possa desconsiderar a filiação histórica constituída desse sujeito.

d) Falta de uma forma específica que caracterize o fenômeno irônico – Esta característica talvez seja o *charme* e a *perdição* da ironia como fenômeno da língua e do discurso. O *charme*, por se constituir numa possibilidade criativa da forma e do sentido, em que a ironia desempenha múltiplas funções; a *perdição*, porque essa mesma multiplicidade pode gerar insegurança comunicativa e teórica, já que não se pode garantir a sua presença ou ausência, tampouco explicá-la com um mesmo modelo, como acontece com outros recursos lingüístico-discursivos.

“Dizer o contrário do que se significa” é a forma mais dicionarizada e adotada na vida cotidiana e no meio acadêmico. Contudo, como já mencionado, há outras maneiras entendidas usualmente também como ironia que não são contempladas por essa explicação. Além disso, cabe perguntar o que diferiria a ironia da antífrase, que também significa pelo contrário do que se diz. Como se pode notar, a busca de uma forma expressiva específica ou única para a ironia está longe de acontecer e talvez não seja mesmo possível ou viável que se dê.

Uma questão correlata a essa envolve a existência ou não de algum tipo de *marcador* de ironia. Se não há uma forma específica para a ironia, haveria pelo menos algum *sinal* que identificasse a sua presença na enunciação? A preocupação remonta aos retóricos clássicos,

como já observou Kerbrat-Orecchioni (1980a), mas nenhuma marca segura pode ser atribuída ao fenômeno irônico como certa. Na fala, costuma-se buscar os gestos e as entonações como sinalizadores e, na escrita, as aspas. Repetições, hipérboles, deslocamentos e uso de determinado léxico poderiam ser comuns à fala e à escrita. Note-se que tais sinais, dessa maneira, estão sendo vistos como produzidos da perspectiva do enunciador e podem não ser captados pelo interlocutor. Além disso, como já argumentado anteriormente e como todos já vivenciaram algum dia em suas vidas, há ironias que são assim interpretadas pelo interlocutor sem terem sido pretendidas pelo enunciador.

Por esses e outros motivos, tais sinais também não são garantia suficiente para a atribuição ou não de ironia. Nesse ponto, busca-se o auxílio de outros elementos capazes de colaborar na explicação do fenômeno. Nas abordagens cognitivistas mostradas no Capítulo 1, o papel do contexto é minimizado no processo de atribuição de ironia, pois entraria em ação apenas naquelas chamadas de não familiares. Na abordagem de Hutcheon (2000), ao contrário, é dada uma grande importância à situação comunicativa dos participantes, assim como ao papel das comunidades discursivas, cuja maior ou menor superposição pode colaborar ou dificultar o processo de atribuição de ironia.

De certa maneira, é possível concordar com Giora (2003) sem muitas dificuldades quanto à afirmação de que nas ironias familiares o sentido irônico é processado de maneira direta, sem interferência do contexto, o que já não acontece nas ironias ditas não familiares (que são dependentes do contexto). Pois bem, nos textos de jornais encontram-se, em sua maioria, justamente ironias do tipo não familiares, o que significaria a necessidade de recorrer a algo - que está sendo chamado neste momento de situação comunicativa ou contexto - para sua interpretação. Este não é um estudo de recepção, portanto, não vamos nos alongar mais na discussão dos elementos intervenientes na interpretação, embora, como analista, esteja desempenhando exatamente essa função ao procurar ironias nos textos de jornais.

2.3.3 *As funções e arestas avaliadoras da ironia no jornalismo impresso*

O minucioso levantamento de Hutcheon (2000) sobre as diversas funções apontadas para a ironia ao longo da história dá uma idéia razoável da sua multiplicidade e, ao mesmo tempo, da variedade de formas em que ela pode acontecer. Desde o início deste estudo, havia uma suposição de que a ironia poderia se manifestar nos textos de jornais não importa sob que forma, desde uma simples palavra, uma metáfora ou comparação até mesmo ao conjunto de

uma matéria[30] na página (texto, imagens e diagramação). Dessa maneira, não somente a consideração da ironia como "contrário do que se diz" seria redutora, mas também a aceitação de marcas explícitas no texto como indicadoras de sua presença. Aceitamos que há ironias como contrários, aceitamos que há marcas menos ou mais explícitas de ironia, mas aceitamos também haver casos em que isso não parece tão claro assim.

A discussão sobre atribuição de sentido irônico se liga a uma outra similar e bem mais antiga, que se resume nas seguintes perguntas: "Onde está o sentido de um texto? Na intenção do autor, no próprio texto ou no que faz o leitor?" (Possenti, s.d.; Marcuschi, 1995). Pareceria sensato tentar conjugar as três instâncias, porque: a) ninguém escreve ou fala sem motivo, por mais que seja determinado por seu lugar histórico-social; b) o texto é capaz de ***dizer*** algo por si mesmo, tanto é que os interlocutores são capazes de atribuir sentidos similares, a despeito dos casos de mal-entendidos; c) o leitor é colaborativo e "faz a leitura possível", mas não pode fazer qualquer leitura. Por outro lado, a atribuição de sentido não consiste em perceber a intenção do autor (ainda que isso seja possível), deslindar as possibilidades engendradas nas malhas textuais ou delegar toda responsabilidade à posição do leitor. Em outras palavras, toca-se nas questões da intenção do sujeito enunciador, do texto como estrutura auto-suficiente e da participação do leitor no processo de atribuição de sentido, o que, dependendo da teoria adotada, enfatiza ou desvaloriza um ou outro pólo da discussão.

Se no âmbito mais geral a discussão parece sem fim, por mais que algumas posições sejam vistas como mais produtivas e viáveis, no caso da ironia acontece o mesmo, colocando-nos às voltas com a produção irônica do enunciador e do co-enunciador e os elementos que possam contribuir/interferir de alguma forma nesse processo, como a existência ou não de marcas que sinalizem presença de ironia, a influência maior ou menor da situação comunicativa (e das comunidades discursivas), a participação dos interlocutores, entre outros.

O que faz uma antífrase, uma metáfora, um eco ou outros casos de polifonia, por exemplo, serem entendidos como ironia em textos de jornais? O que entra como elemento diferencial em "fazer a ironia acontecer"? Se é possível postular que a crítica é uma das funções marcantes nas ironias nos jornais, o inverso não é sempre aplicável, isto é, a ironia é crítica (na maior parte das vezes), mas nem toda crítica é irônica.

Castro (1997) e Maruxo Jr (2002) afirmam que não há uma marca lingüística específica que identifique a ironia e usam um conjunto de aportes teóricos para explicar a sua ocorrência. O mesmo faz Brait (1996) e esse parece ser o melhor caminho possível para

[30] No jargão jornalístico, ***matéria*** é uma expressão genérica que abrange uma notícia ou reportagem sobre determinado assunto, de cunho informativo.

análise de material jornalístico, de natureza multifacetada em vários sentidos. Onde estaria a atribuição do sentido irônico? No dito, com um sentido crítico, derrisório, jocoso? No seu plano de expressão, onde a escolha do léxico, de uma foto, dos sujeitos envolvidos e do aspecto valorizado, a diagramação da página, a situação social do momento, são alguns elementos que podem proporcionar um conjunto irônico? Ou mesmo na história e disposição do leitor? Neste momento, uma resposta prudente seria *nos três*, podendo um deles desempenhar um papel mais forte, dependendo da situação. Isto porque concordamos com Hutcheon (2000) que a atribuição de ironia é possível tanto por parte do enunciador quanto do co-enunciador e se constitui num julgamento ou avaliação por parte deles, que tem como interveniente, no mínimo, a situação comunicativa (e tudo que isso implica).

Também é pertinente em Hutcheon (2000, p. 63) a afirmação de que "a ironia tem arestas" e, por isso, pode ser "cortante". Caso contrário, por que provocaria tanta polêmica ou discórdia? Difícil imaginar que alguém queira ou não se importe em ser *alvo* ou *vítima* de ironia, mesmo a mais *inocente* possível. Pois ataque, insulto, agressão, escárnio e maldade seriam algumas das condições emocionais atrás da decisão de se usar ironia (Hutcheon, 2000, p. 68).

No levantamento das funções do fenômeno irônico desenvolvido por Hutcheon (2000, p. 76), procuramos identificar quais seriam aquelas em que as ocorrências dos textos de jornais que analisamos poderiam se enquadrar melhor. Os "descritores" mais próximos que encontramos foram "assaltante", "lúdica" e "de oposição", mas não contemplam totalmente a hipótese da ironia como crítica e zombaria que apresentamos no início deste estudo. Tais descritores e funções da ironia devem ser vistos de dois lados: de sua aprovação e de sua desaprovação. A face positiva seria "corretiva", "satírica" (ironia assaltante); "humorística", "jocosa", "provocadora" (ironia lúdica); "transgressora" e "subversiva" (ironia de oposição). Já a face negativa seria "destrutiva", "agressiva" (ironia assaltante); "irresponsável", "banalizante" (ironia lúdica); "insultante" e "ofensiva" (ironia de oposição).

Em outras palavras, poderíamos ver no jornalismo, como aspecto positivo, a disposição de ir contra, de questionar, de "pressionar", de provocar alguém ou um estado de coisas que considera intolerável. Entretanto, as mesmas ironias poderiam ser vistas como posturas desqualificadoras levadas a cabo pelo jornalismo acerca de terceiros. As mudanças de avaliação dependem da *posição* dos interlocutores (enunciadores e co-enunciadores), que podem coincidir ou serem divergentes.

Uma outra função atribuída ao uso da ironia no jornalismo seria a "defensiva", que em Berrendonner (1981) aparece de maneira positiva e, em Hutcheon (2000), tanto positiva

quanto negativa. Para Berrendonner (1981, pp. 238-239), a ironia seria uma arma defensiva contra todas as formas de normas, liberando os enunciadores das possíveis sanções que tais infrações acarretariam. Como diz o último enunciado do livro, a ironia pode ser, na fala, "o último refúgio da liberdade individual" (1981, p. 239). Já em Hutcheon (2000, pp. 80-81), a ironia "como um tipo de mecanismo de defesa" foi inserida na função maior de "autoprotetora", cuja característica seria uma "autodepreciação": quando fingida, arrogante ou visando a uma invulnerabilidade, seria negativa; quando substituindo um caráter agressivo por um insinuante, seria positiva. Para a autora, o uso da ironia dessa maneira insinuante significa "nunca ter de se desculpar", pois alguém pode sempre se proteger e argumentar que "estava apenas sendo irônico". "Usar ou mesmo atribuir ironia dessa maneira é recorrer à sua função de 'veste protetora'" (Hutcheon, 2000, p. 81).

Do ponto de vista da enunciação jornalística, o entendimento da ironia como "insinuante/veste protetora" é produtiva, mas a proposta de Berrendonner (1981) é muito mais conveniente por fortalecer o discurso jornalístico, que se põe, assim, como instância avaliadora, crítica e liberada para isso. Estamos, então, entendendo a ironia como um efeito de sentido entre enunciadores e co-enunciadores, com uma "aresta avaliadora", e que pode ser atribuída a partir de formas de expressão diversas, explícitas ou não. No jornalismo impresso, essa ironia assume, por um lado, função de defesa, e, por outro, de crítica, ataque, jocosidade, entre outras similares. Seria o que Kerbrat-Orecchioni (1980a, 1986) denomina de "valor ilocutório" da ironia. "A ironia tem um valor ilocutório comportando numerosas variantes e diferentes graus de força" (1986, p. 119). Para Hutcheon (2000, p. 30), o efeito irônico surge da fricção entre o dito e o não dito, que resulta num terceiro, justamente o sentido irônico, um sentido outro.

Encerrando este capítulo, deve ser sintetizado que os critérios norteadores da análise do *corpus* foram as observações dos elementos/formas possibilitadores de ironia no texto; dos valores/ funções que desempenham; as situações/fontes que motivaram ou foram assunto de ironia. A ocorrência de ironia foi classificada de acordo com os gêneros e assuntos (editorias) em que apareceu em cada um dos jornais. Esse conjunto analisado, não é demais lembrar, é resultado da enunciação jornalística, que traz em si as marcas do enunciador, ao mesmo tempo que propõe um caminho de produção de sentido para o leitor.

CAPÍTULO 3
O FAZER JORNALÍSTICO

E quem fala pelo homem? Fala o jornalista.
(John Hohenberg, 1962, p. 25)

Tendo já tratado, nos capítulos anteriores, das principais abordagens teóricas que tentam explicar o fenômeno irônico, assim como da sua relação com o processo enunciativo e com o discurso do outro (no quadro da heterogeneidade enunciativa e discursiva), serão abordadas neste capítulo questões mais próximas à produção jornalística, como os ***saberes*** que orientam esse fazer profissional, cristalizados nos manuais de redação e na prática diária de cada enunciação noticiosa.

3.1 **Considerações iniciais sobre o jornalismo**

Muito se tem escrito acerca do jornalismo, tendo alguns autores trilhado caminhos opostos, ao enaltecer ou demonizar a atividade jornalística, cuja feição sofreu muitas modificações desde o seu surgimento até a atualidade.[31] A forma jornalística mais próxima de como a conhecemos hoje (papel impresso em colunas com ilustrações/fotografias e periodicidade) remonta ao século XIX. De lá para cá, sofreu alterações no próprio produto (como o formato, a diagramação, os gêneros textuais) e na importância que passou a representar perante a sociedade, aglutinando relações sociais e econômicas com o mercado. O jornalismo é produto de um tempo histórico e também agente em várias relações. Lida com o acesso de grupos à visibilidade, com interesses econômicos e políticos (os seus próprios e os externos), influencia o público, "ouve" e "fiscaliza" a sociedade, tudo isso lhe consagrando poder, de uma maneira ou de outra, em maior ou menor grau.

Se não é tão pertinente à área Lingüística, em Comunicação já se tornou lugar comum enfatizar as características dos próprios meios de comunicação[32] e da sociedade, cada vez mais imersa e dependente de fluxos de informação, sejam eles jornalísticos ou de outra

[31] Para a história dos jornais manuscritos, ver RIZZINI, Carlos. **O jornalismo antes da tipografia**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1968. Para breves informações acerca do jornal impresso, ver COSTELLA, Antonio. **Comunicação** – do grito ao satélite. 3ª. ed. São Paulo: Mantiqueira, 1984. Sobre a imprensa no Brasil, ver BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**: história da imprensa brasileira. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1990. Mas o estudo mais completo sobre a imprensa no Brasil do ponto de vista histórico é atribuído a SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

[32] Neste estudo, as expressões ***meios de comunicação, veículos de comunicação*** e ***mídia*** são usadas como equivalentes, a despeito das possíveis diferenças que cada uma delas possa trazer, em suas origens.

natureza.[33] Na contemporaneidade, vivemos o tempo histórico da pós-modernidade, em que as novíssimas tecnologias da comunicação encurtam as noções de tempo e de espaço, possibilitando maior troca de informações e a proximidade (ou a sensação dela) entre as pessoas. Novos suportes tecnológicos oportunizam também o surgimento de novos gêneros textuais, como se pode apontar agora em relação à internet, considerada não como apenas mais uma mídia (ao lado do rádio e da televisão), mas como um novo e complexo ambiente comunicacional, ao congregar texto, som e imagem (sem contar as mais recentes possibilidades de uso e associação da internet, como a propalada *convergência digital*, aos poucos caminhando para se tornar realidade).

Ao longo de sua história, o jornalismo passou por mudanças de forma, tanto na diagramação quanto na linguagem utilizada nos textos. Sem enveredar pelo caminho de um levantamento histórico, merecem menção a introdução das normas ou manuais de redação, assim como o movimento posterior, o chamado *New Journalism* norte-americano. As normas, disciplinando condutas de profissionais, sistematizando a redação de textos e a edição do jornal; o novo jornalismo, tentando *desengessar* os textos, assumir e explicitar a subjetividade do profissional, aproximando o jornalismo da literatura. Na atualidade, há espaço para as duas formas de jornalismo, embora o estilo *objetivo* seja predominante. Na verdade, esses dois *modelos* fazem parte da estratégia de enunciação de cada mídia, a partir do que definiram em sua linha editorial. É a linha editorial, explicitada em manuais de redação ou simplesmente nas maneiras de agir da equipe de cada veículo, que orienta a(s) estratégia(s) de enunciação, delineando a *cara* da publicação, não só quanto ao *que*, mas também ao *como* e até quanto ao comportamento dos seus profissionais.

O uso da ironia como um efeito de sentido possibilitado pela linguagem aos falantes da língua pode estar relacionado aos eventos relatados (ironia observável), mas se liga prioritariamente ao *como*, isto é, à enunciação, às modalidades do dizer (ironia verbal), quando se considera o pólo da produção, assimilado à instância jornalística. A presença, menos ou mais numerosa, da ironia nas páginas jornalísticas pode revelar, de certa maneira, uma faceta do *ethos* do sujeito enunciador, bem como do que ele imagina e propõe acerca do seu sujeito leitor.

Falar sobre jornalismo e sobre meios de comunicação implica falar sobre duas coisas diferentes, o primeiro se referindo a uma prática profissional, e o segundo, a suportes tecnológicos e midiáticos com capacidade de abrigar vários tipos de práticas profissionais ou

[33] Para um estudo profundo da "sociedade em rede", ver Castells, 1999, volume 1.

formatos de programação. Esta é uma delimitação simplista que está longe de esgotar a discussão e os problemas que suscita, mas serve neste momento para deixar claro que falar de jornalismo não significa estar falando da mesma maneira dos meios de comunicação, embora em alguns casos isso pareça bem próximo. Nos meios impressos, por exemplo, há basicamente jornalismo e publicidade, enquanto nos eletrônicos (rádio e televisão) e na internet há muito mais que isso (novelas, filmes, programas de temas diversos etc.).

Traquina (1993, p. 19) resume muito bem algumas questões fundamentais acerca do jornalismo que, segundo ele, durante anos foram ignoradas, esquecidas ou simplesmente nunca formuladas, talvez porque "as respostas pareciam tão evidentes":

> O que é um acontecimento? O que é um "facto"? O que é notícia? Por que certos acontecimentos são notícia e outros ficam sem direito de existir em termos públicos? O que são as notícias? O jornalismo é uma profissão? O que significa a objectividade? Qual o papel da objectividade nos valores que orientam a actividade jornalística? E nos estudos sobre as notícias e os *media* noticiosos? (Traquina, 1993, p. 19).

As questões formuladas por Traquina (1993) estão na introdução do livro que ele organizou, ***Jornalismo: questões, teorias e "estórias"***, cujos artigos, de autores expressivos, tentam discutir, apontar pistas às indagações acima ou mesmo levantar outras questões. A certeza é que "o jornalismo envolve inúmeras e complexas vertentes que merecem mais pesquisa e reflexão" (1993, p. 19). Além dessas questões, outras poderiam ser acrescentadas: seria o jornalismo uma forma de conhecimento? Uma forma de história cotidiana? De representação ou de constituição do mundo? Poderia a sociedade contemporânea viver sem ele? Se o jornalismo atualmente praticado não serve, um outro seria possível?

Para além de previsões futuristas e de conjecturas abstratas que podem não levar muito adiante, tais questões e outras mais têm sido objeto de estudo e discussão entre pesquisadores do jornalismo desde a primeira metade do século XX, aumentando consideravelmente na segunda metade seguinte, até a atualidade. O maior número de estudos e os de maior expressão estão nos Estados Unidos. No Brasil, a pesquisa sobre jornalismo e sobre outros aspectos dos meios de comunicação é desenvolvida nos cursos de pós-graduação e pode ser visibilizada também em duas das suas principais instituições representativas: a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (INTERCOM), criada em 1977, e a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), criada em 1992, ambas realizando encontros acadêmicos anuais.

As indagações e a rápida digressão sobre pesquisas mencionadas acima não foram feitas para serem discutidas aqui, mas para evidenciarem a existência de investigações e pesquisadores que se debruçam sobre o jornalismo e suas questões, que preocupam inclusive alguns profissionais no âmbito da própria produção jornalística. Além disso, na forma como o jornalismo e os meios de comunicação se apresentam hoje na sociedade, suas questões passam a interessar não somente aos estudiosos do campo mesmo da Comunicação, mas também de outros, como a Sociologia, a Antropologia, a Lingüística e a História, para citar alguns. Dessa maneira é que a enunciação jornalística – e, no caso deste estudo, a enunciação jornalística com efeito de sentido irônico - pode interessar à Comunicação e à Lingüística e não necessariamente somente a uma delas.

3.2 **Os gêneros presentes nos jornais**

> *(...) nos últimos dois séculos foram as novas tecnologias, em especial as ligadas à área da comunicação, que propiciaram o surgimento de novos gêneros textuais.*
>
> (Marcuschi, 2002, p. 20)

Possivelmente já se tornou uma obviedade para os estudiosos de gêneros textuais/discursivos o que será dito aqui: que os gêneros jornalísticos não se apresentam de forma igual nos vários tipos de mídia, sejam impressas, eletrônicas ou internet; que eles podem se mesclar, desaparecer ou surgir de maneira nova ou transformada. Além disso, não se deve perder de vista que a produção jornalística rotineira é concebida principalmente a partir da classificação de dois tipos de jornalismo no Brasil, o *informativo* e o *opinativo*.[34] E foi a partir dessas duas vertentes que o jornalismo e seus gêneros se desenvolveram ao longo do tempo.

A circulação dos primeiros jornais data de 1609, em centros de comércio ligados à burguesia, cujas idéias os jornalistas de então divulgavam (Lage, 2001, p. 10). O incentivo a jornais também foi adotado pela aristocracia décadas mais tarde, divulgando temas de seu interesse, como casamentos, viagens de príncipes e festas da corte. Fazer jornal era barato e

[34] Em outros países se atribui a existência de outros tipos de jornalismo, como o *interpretativo*, o *investigativo* e o de *entretenimento* ou *diversional*. O primeiro estaria relacionado à explanação dos fatos; o segundo, à prática de um jornalismo investigativo; e o terceiro, a um jornalismo leve, para divertimento.

geralmente mobilizava apenas o dono, que era uma espécie de faz-tudo, dos textos à impressão. Segundo Lage (2001, p. 10, 21), foi daí que surgiu para a profissão a "imagem mais antiga e renitente: a do publicismo", que perdurou pelos séculos XVII e XVIII. Ao jornalista-publicista competia dar orientações e interpretações políticas.

> Os jornais publicavam, então, fatos de interesse comercial e político, como chegadas e partidas de navios, tempestades, atos de pirataria, de guerra ou revolução; mas isto era visto como atração secundária, já que o que importava mesmo era o ***artigo de fundo***, geralmente ***editorial***, isto é, escrito pelo editor – homem que fazia o jornal praticamente sozinho. (Lage, 2001, p. 10).

Essa configuração mudou no início do século XIX, principalmente a partir da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos, quando a imprensa passou de uma forma "politizante para uma comercializada" (Amaral, 1996, p. 26). A Revolução Industrial marca a transformação das condições de produção do jornalismo, assim como o aumento e diversificação do público leitor. Antes publicista, o jornalismo desempenha no século XIX as funções de educador e sensacionalista (Lage, 2001, pp. 12-15). O aspecto educativo se observa na explicação e orientação proporcionadas pelo jornalismo ao público, que vivia grandes mudanças de comportamento e necessitava compreender as novas relações humanas, já que a vida em sociedade passou a ser mais dinâmica. Segundo Lage (2001, p. 15), isso aumentou o interesse pelos críticos de literatura, de teatro, de moda ou de costumes: "O jornal ensinava às pessoas o que ver, o que ler, como se vestir, como se portar – e mais: exibia, como numa vitrina, os bons e, para escândalo geral, os maus hábitos dos ricos e dos poderosos". Para ser educativo, o jornalismo precisava atingir o público e envolvê-lo, abordando temas que o empolgassem, e aí se vê, então, o seu lado sensacionalista. "O paradigma para isso era a literatura novelesca: o sentimentalismo, para as moças; a aventura, para os jovens; o exótico e o incomum, para toda a gente. A realidade deveria ser tão fascinante quanto a ficção e, se não fosse, era preciso fazê-la ser." (Lage, 2001, p. 15).

De acordo com Lage (2001, p. 14), as mudanças no mercado proporcionaram também o aumento da concorrência entre os gêneros que os jornais passaram a publicar.

> As ***novelas*** ou ***folhetins*** – textos literários extensos, que se publicavam em capítulos, nos ***rodapés*** de páginas; os desenhos alegóricos ou satíricos, que dariam origem ao cartum, à charge e às histórias em quadrinhos; as novidades, com ênfase ora na vida real e na realidade imediata, ora em

> países remotos, cujos estranhos costumes e paisagens ofereciam a dose necessária de fantasia. (Lage, 2001, p. 14).

Mas é ainda no século XIX que se vê a criação da figura do repórter, dos conceitos (e gêneros) de notícia e de reportagem e do que iria ser chamado mais tarde de ***objetividade jornalística***. Para Amaral (1996, p. 26), quatro acontecimentos contribuíram, ao longo do tempo, para a adoção do princípio da objetividade: o advento das agências de notícias, o desenvolvimento industrial, as duas guerras mundiais e o nascimento da publicidade e das relações públicas.[35] Lage (2001, pp. 17-18) aponta o fim o século XIX e o início do século XX como época de exacerbação da prática do jornalismo sensacionalista, que provocou reação dentro do próprio meio profissional, resultando na criação de cursos superiores de jornalismo e na busca de padrões, com base em pesquisa acadêmica, para apuração e processamento das informações. Assim, a notícia passou a ter sua forma moderna, com a apresentação dos aspectos mais importantes de um evento como se faz usualmente numa narrativa e não um relato em seqüência temporal.

> No caso do texto publicado, essa informação principal deve ser a primeira, na forma de *lead* – proposição completa, isto é, com as circunstâncias de tempo, lugar, modo, causa, finalidade e instrumento. Deflagrou-se uma campanha permanente contra a linguagem retórica e destacou-se a importância da ética como fator de regulação da linguagem jornalística. (Lage, 2001, pp. 18-19).

Um jornalismo asséptico de opinião e com alta taxa de informatividade seria vantajoso como produto de venda, por colocar seus elaboradores como estando acima de qualquer interesse e, portanto, isentos. Tendo as ciências da natureza e o positivismo como modelos, instala-se o mito da objetividade no jornalismo, um dos elementos de base do discurso jornalístico moderno, por mais que recentemente os próprios meios profissionais já admitam a impossibilidade da prática da objetividade, ao constatarem que qualquer seleção já implica uma tomada de posição acerca de algo.

O que interessa frisar aqui é que, nesse percurso, delineiam-se duas formas de tratamento do material publicado nos jornais, que há algum tempo passaram a ser nomeadas como *jornalismo opinativo* e *jornalismo informativo*. Em princípio, no primeiro estariam as opiniões e os comentários explícitos dos autores, que assinariam os textos, e, no segundo,

[35] Para informações acerca desses processos, ver, por exemplo, Amaral, 1996, pp. 26-43.

informações da maneira mais completa possível acerca de algo, para que o próprio leitor fizesse sua avaliação, mas sem julgamentos por parte dos enunciadores. Em um exemplo bem simples, tomando o preço de um produto como mote: caso seja dito que ele é/custa caro, envereda-se pela opinião; caso seja informado seu preço, ao lado dos de outros produtos e de períodos passados, por exemplo, imagina-se estar dando informações ao leitor para que ele forme seu próprio juízo de valor, independente de um juízo ***a priori*** por parte do jornalista/jornal.

Segundo Melo (1994, pp. 22-23), enquanto o jornalismo na França se apresentava com todo o vigor opinativo, o jornalismo inglês assumiu uma tendência informativa, "preferindo distanciar-se do confronto direto com o centro do poder". Como constata Melo (1994, p. 23) a separação entre ***news*** e ***comments*** esboçada no jornalismo inglês acabaria por se impor como "bipolarização do espaço ocupado pela informação de atualidade nos veículos de difusão coletiva". Com a aceleração do ritmo produtivo da imprensa norte-americana e a transformação da informação de atualidade em mercadoria, o jornalismo informativo afirma-se como forma hegemônica, reduzindo o espaço do tipo opinativo às páginas chamadas ***editoriais*** (Melo, 1994, p. 23), que congregariam todo o material com opinião explicitada e não somente o gênero editorial.

Bastante pertinente é a indagação de Melo (1994, p. 23) sobre até que ponto o jornalismo informativo limita-se a informar e até que ponto o jornalismo opinativo circunscreve-se ao âmbito da opinião. Para ele, a distinção entre as duas categorias "corresponde a um artifício profissional e também político".

> Profissional no sentido contemporâneo, significando o limite em que o ***jornalista*** se move, circulando entre o dever de informar (registrando honestamente o que observa) e o poder de opinar, que constitui uma concessão que lhe é facultada ou não pela instituição em que atua. Político no sentido histórico: ontem, um editor burlando a vigilância do Estado, assumindo riscos calculados nas matérias cuja autoria era revelada (comments); hoje, desviando a vigilância do público leitor em relação às matérias que aparecem como informativas (news), mas na prática possuem vieses ou conotações. (Melo, 1994, p. 24).

Como acrescenta Melo, admitir a existência de duas modalidades de relato dos fatos e das idéias no espaço jornalístico não significa desconhecer que o jornalismo é um processo social marcado por implicações políticas em que a expressão ideológica é determinante. Isso

também não alteraria o processo interativo entre a instituição jornalística e o público. A existência de duas categorias fundamentais do jornalismo seria reconhecida por profissionais e estudiosos da área, independente da concepção ideológica ou do modo de produção econômica (Melo, 1994, p. 24).

É justamente tomando esses dois arcabouços como parâmetros que os textos em seus vários gêneros são produzidos e enquadrados rotineiramente nas páginas dos jornais, pelo menos nos países ocidentais. É justamente por isso que tal procedimento também deve ser levado em consideração quando se analisa a produção dos jornais envolvendo a questão dos seus gêneros, que, na atualidade, apresenta uma variedade considerável, bem mais que quando os primeiros jornais começaram a circular, a partir de 1609.

Como nota Marcuschi (2001, p. 20), as novas tecnologias, principalmente aquelas na área da comunicação, propiciam o surgimento de novos gêneros textuais, em razão da "intensidade do uso dessas tecnologias e das interferências nas atividades comunicativas diárias". Apesar da efemeridade que marca as mudanças no meio comunicacional nos últimos anos, os gêneros textuais de jornais/revistas, rádios e televisão apresentam certa estabilidade, embora transformações e inovações possam sempre acontecer, como pode ser visto no gênero *frases* (ver Pedrosa, 2001) e em material da internet.

Quanto aos gêneros jornalísticos dos jornais impressos, sua produção rotineira obedece inicialmente à separação entre jornalismo opinativo e informativo e, ao mesmo tempo, às características do formato de cada gênero. Tal procedimento acontece a partir de um saber empírico ancorado na prática profissional cotidiana, nos dicionários de comunicação, nos livros e manuais que abordam técnica de redação jornalística, onde se encontram informações não só para os profissionais como também para o ensino dos futuros jornalistas que habitarão as redações. De outra maneira, não seria muito convincente explicar como se ensina estudantes universitários a serem futuros jornalistas, cuja atividade implica, entre outras funções, a de produzir diariamente gêneros textuais que mantenham uma determinada identidade, do próprio gênero e de cada jornal.

Embora a questão dos gêneros esteja sendo adotada aqui de uma maneira tangencial, por não se tratar no foco principal deste estudo, uma olhada no verbete *gênero de discurso* do dicionário de Charaudeau e Maingueneau (2004, pp. 249-251) dá um resumo da complexidade que envolve a discussão dos gêneros, incluindo as denominações, que se alternam entre *gêneros de textos*, *gêneros de discurso* ou mesmo *tipos de textos*, conforme a filiação teórica e o ponto de vista levado em conta para desenvolver a classificação. Nesse processo, pode-se ter como base principal a *ancoragem social* do discurso, a *natureza*

comunicacional, as *regularidades composicionais* dos textos ou suas *características formais* (2004, p. 251).

> Pode-se pensar que esses diferentes aspectos estão ligados, o que cria, aliás, afinidades em torno de duas orientações principais: aquela que está mais voltada para os textos, justificando a denominação "gêneros de textos", e a mais voltada para as condições de produção do discurso, que justifica a denominação "gêneros do discurso". (Charaudeau, Maingueneau, 2004, p. 251).

Pensando assim, parece condizente com os propósitos deste estudo adotar a terminologia de *gêneros do discurso*, como também assim procederam, antes, Maingueneau (2001) e Cunha (2001). Todavia, quando se busca um estudo mais lingüístico, seria pertinente, por exemplo, a opção de Marcuschi (2001, pp. 32-33) por *gênero textual*, por entendê-lo como "uma noção propositalmente vaga para definir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica".

Mas um aspecto particularmente importante apontado por vários autores, como Marcuschi (2001) e Maingueneau (2001) entre outros, refere-se ao caráter social, cultural e histórico dos gêneros como manifestações discursivas e textuais de uma determinada sociedade/cultura em determinado tempo. Muda a sociedade, mudam também os gêneros e, nesse contexto, também a mídia e seus formatos. Para Maingueneau (2001, p. 61), os gêneros de discurso são "dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes". O gênero *fait divers*, por exemplo, tem razão de ser nas cidades maiores com uma imprensa de grande tiragem; já num vilarejo o boato seria suficiente para divulgar as notícias (2001, p. 61).

Assim como Bronckart (2003, pp. 138-139) e Marcuschi (2001, pp. 22-23) contrapõem *gênero de texto* a *tipo de texto*, Maingueneau (2001, pp. 61-62) diferencia entre *gênero de discurso* e *tipo de discurso*, já que "os gêneros de discurso pertencem a diversos tipos de discurso associados a vastos setores de atividade social". A partir das posições desse autor, poderíamos entender os gêneros jornalísticos como gêneros de discurso no interior do tipo de discurso televisivo, radiofônico, da imprensa (escrita) ou da internet. Tais tipos fariam parte de um conjunto maior, o tipo de discurso *midiático*. Com base em grades sociológicas mais ou menos intuitivas, a sociedade seria, assim, dividida em diferentes setores, que corresponderiam a grandes tipos de discurso (Maingueneau, 2001, p. 62).

O entendimento dos gêneros dessa maneira enquadra-os na tipologia das *situações de comunicação*, segundo Maingueneau (2001, p. 61). Além delas, haveria ainda as tipologias *comunicacionais* e as *lingüísticas*; estas, "muito distantes da inscrição social dos enunciados"; aquelas, não levando em "consideração os funcionamentos lingüísticos dos textos". Segundo avalia Maingueneau (2001, p. 63), no caso da análise do discurso, "o ideal seria poder apoiar-se também sobre tipologias propriamente *discursivas*, que não separassem, por um lado, as caracterizações ligadas às funções, aos tipos e aos gêneros de discurso e, por outro, as caracterizações enunciativas". O autor ainda espera o desenvolvimento de tais tipologias como conseqüência do avanço das pesquisas sobre o discurso e dá como exemplo o *discurso de vulgarização*, que corresponde a uma função social mas é também indissociável de certos funcionamentos lingüísticos, dois aspectos que não podem ser separados.

Qual seria a utilidade dos gêneros? O papel vital dos gêneros de discurso no processo de comunicação humana foi apontado por Bakhtin e, por isso mesmo, suas considerações são sempre retomadas pelos autores, menos ou mais, como são o caso de Bronckart (2003), Maingueneau (2001), Marcuschi (2001) e Cunha (2001). Em Bakhtin (1992, p. 279), os gêneros do discurso são vistos como "tipos relativamente estáveis de enunciados" produzidos em determinada esfera de utilização da língua. A constatação da heterogeneidade dos gêneros o levou a classificá-los em *primários* (simples) e *secundários* (complexos) (1992, p. 281). No primeiro caso estariam aqueles constituídos "em conseqüência de uma comunicação verbal espontânea", como os tipos do diálogo oral, entre outros. No segundo caso estariam aqueles que "aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica", como o romance, o teatro, o discurso científico. Os gêneros secundários formar-se-iam a partir da absorção e transmutação dos gêneros primários. Para Bakhtin (1992, p. 302), os gêneros do discurso são organizadores da fala, assim como as formas gramaticais.

> Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria impossível. (Bakhtin, 1992, p. 302).

Essa afirmação de Bakhtin é retomada por Maingueneau (2001, pp. 63-63) para reforçar a afirmação da utilidade dos gêneros de discurso, principalmente como fator de economia cognitiva e para assegurar a comunicação. Por sua vez, Bronckart (2003, p. 103) vê os gêneros como "instrumentos ou mega-instrumentos mediadores da atividade dos seres humanos no mundo", em que o "agente" desenvolve esquemas de utilização com dupla finalidade sobre o processo de adoção-adaptação (dos gêneros): por um lado, "o agente efetua um cálculo sobre a adequação do gênero à sua situação de ação, mas ao mesmo tempo (ou reciprocamente), o conhecimento dos gêneros define o espectro das ações de linguagem possíveis". Diante disso, Bronckart (2003, p. 103) considera a apropriação dos gêneros como "um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas", o que é corroborado por Marcuschi (2001, p. 29) e o leva a dizer também que "quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma lingüística e sim uma forma de realizar lingüisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares".

Os gêneros não são estáticos e o objetivo de alcançar uma classificação geral não parece factível. Para Marcuschi (2001, pp. 29-30), os gêneros "são muito mais famílias de textos com uma série de semelhanças" e não há propriedades "necessárias e suficientes" que possam defini-los, pois "um gênero pode não ter uma determinada propriedade e ainda continuar sendo aquele gênero". Na avaliação de Marcuschi (2001, p. 21), a caracterização dos gêneros deve se apoiar em aspectos sócio-comunicativos e funcionais, mas também não deve desconsiderar sua forma (estrutural ou lingüística), pois "em muitos casos são as formas que determinam o gênero e em outros tantos serão as funções". Além disso, os gêneros também podem se misturar, um podendo aparecer com a função de outro (intertextualidade inter-gêneros) ou ter a presença de vários tipos (heterogeneidade tipológica) (Marcuschi, 2001, p. 31).

No caso dos textos jornalísticos, particularmente os de jornais impressos, como poderiam ser classificados? Ou, dito de outra maneira, qual poderia ser a melhor estratégia de classificação? Em primeiro lugar, é preciso admitir a mudança dos gêneros jornalísticos em função das alterações tecno-comunicacionais e da sociedade. Já se tornou comum também no meio jornalístico afirmar que os novos formatos das notícias (usado aqui como uma expressão genérica) e da diagramação dos jornais acontecem em função das mudanças da sociedade, em que o público se apresenta mais ávido por informação e, ao mesmo tempo, com pouco tempo

disponível para se *informar*. Em segundo lugar, os gêneros jornalísticos podem se diferenciar em função do *tipo de discurso*,[36] isto é, se for televisivo, radiofônico, impresso.

Caberia a pergunta: à semelhança desses três tipos de discurso, como nomear o(s) tipo(s) de discurso(s) na internet, já que ela conjuga texto, imagem e som e outras mídias dentro dela? Os gêneros jornalísticos de uma rádio que só exista na internet seriam equivalentes aos de uma rádio que só exista na realidade contígua?[37] É claro que, para uma resposta apropriada, seria necessário observar os dados desses suportes e discuti-los, o que não faz parte do escopo deste estudo. Uma hipótese com base na observação dos gêneros nas mídias consideradas *tradicionais* poderia apontar que alguns gêneros seriam similares e outros não, como se nota quando se comparam os formatos de rádio, televisão e imprensa escrita. As perguntas ficam, então, como ilustrações das mudanças e da complexidade que permeiam as mídias comunicacionais, que congregam jornalismo e algo mais.

Voltando à discussão, não há porque pensar em critérios excludentes de classificação, como aponta Marcuschi (2001, p. 21). Dessa forma, de uma maneira genérica, pode-se pensar em uma *função social informativa* presente na produção jornalística, mas não se pode perder de vista que a informação na mídia é uma mercadoria de venda e de poder e, em função disso, não está dissociada das condições de mercado e da política (não só a política partidária). Aí, a função social, de uma maneira implícita, poderia ser também de *troca*, de *influência*. Seria possível, ainda, propor a função social *lúdica* a partir dos gêneros de divertimento, como os quadrinhos e as palavras cruzadas. Porém, estes são gêneros presentes na mídia impressa, mas não são de natureza jornalística.

Numa outra acepção do que se pode considerar como *função*, se se aceitar o jornalismo do ponto de vista informativo e opinativo, poder-se ia dizer que a função de um seria *informar* e a de outro, *opinar, comentar, interpretar* acontecimentos ou idéias. Mas mesmo dentro de cada um se encontram várias subdivisões, como se depreende, por exemplo, da nomenclatura jornalística que já se tornou corrente e até extravasou para outros setores da sociedade. Qual seria, então, a função de cada um dos gêneros que compõem as linhas informativa e opinativa (que Melo, 1994, chama de *categorias*)?

O livro de Melo, lançado pela primeira vez em 1985 e reeditado em 1994 (atualizado), é um dos poucos no Brasil que refletem sobre os gêneros no jornalismo na América Latina e no

[36] Maingueneau (2001, pp. 61-62) denomina como *tipo de discurso* o televisivo, o radiofônico e o da imprensa escrita, que fariam parte do conjunto do discurso midiático.
[37] *Realidade contígua* se aproxima de *realidade*, no senso comum, porém marcando relação com a realidade possibilitada pelo universo dos veículos midiáticos, principalmente a internet. Sobre uma exposição bem clara das abordagens teóricas desse assunto, ver, por exemplo, Rubim, 2000.

Brasil a partir do campo da comunicação. De um ponto de vista acadêmico, o autor (jornalista, professor e pesquisador) discute as divisões do jornalismo - informativo, opinativo e outras –, enumerando e discutindo os gêneros de cada uma delas. Depois de analisar extensa bibliografia de países da América do Sul, dos Estados Unidos e de alguns países da Europa, Melo (1994, pp. 62-64) propõe uma classificação para os gêneros jornalísticos no Brasil, a partir de dois critérios principais: a partir da "intencionalidade determinante dos relatos" e a partir da "natureza estrutural dos relatos observáveis nos processos jornalísticos". No primeiro critério, Melo (1994, p. 62) identifica duas vertentes, uma de "reprodução do real" e outra de "leitura do real".

> Reproduzir o real significa descrevê-lo jornalisticamente a partir de dois parâmetros: o atual e o novo. Ler o real significa identificar o valor do atual e do novo na conjuntura que nutre e transforma os processos jornalísticos. Num caso, temos a observação da realidade e a descrição daquilo que é apreensível à instituição jornalística. Noutro caso, temos a análise da realidade e a sua avaliação possível dentro dos padrões que dão fisionomia à instituição jornalística. (Melo, 1994, p. 62).

Os dois recursos, entretanto, não excluem a determinação ideológica, como deixa claro Melo (1994, pp. 62-63) que se indaga em seguida: "O que faz com que o jornalismo se configure como um processo social, autônomo, contínuo, permanente?". Para o autor (1994, p. 63), a manutenção da instituição jornalística é justificada pela necessidade dos "cidadãos de recorrer a uma mediação para apreender uma realidade que se tornou muito ampla" para a percepção individual, com o que concorda Lage (2001). Melo (1994, p. 63) busca na origem do jornalismo a sua articulação com o público em torno de "dois núcleos de interesse: a informação (saber o que se passa) e a opinião (saber o que se pensa sobre o que se passa)", que se tornam, então, as duas grandes e principais modalidades do jornalismo contemporâneo: "a descrição e a versão dos fatos" ou, em outras palavras, o jornalismo informativo e o jornalismo opinativo.[38]

Quanto ao critério de identificar os gêneros pela natureza estrutural dos relatos, Melo (1994, p. 64) não se refere à "estrutura do texto ou das imagens e sons que representam a realidade", mas sim, a "articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade

[38] Na avaliação de Melo (1994, p. 63), o jornalismo denominado de ***interpretativo*** e ***diversional*** não aconteceu na prática jornalística do Brasil, podendo ser incluídos no jornalismo ***informativo*** sem dificuldades.

(leitura)". Seguindo esse parâmetro, na visão do autor, há diferenças entre a natureza dos gêneros que fazem parte da categoria informativa e dos que integram a categoria opinativa.

> Os gêneros que correspondem ao universo da informação se estruturam a partir de um referencial exterior à instituição jornalística: sua expressão depende diretamente da eclosão e evolução dos acontecimentos e da relação que os mediadores profissionais (jornalistas) estabelecem em relação aos seus protagonistas (personalidades ou organizações). Já no caso dos gêneros (...) na área da opinião, a estrutura da mensagem é co-determinada por varáveis controladas pela instituição jornalística e que assumem duas feições: autoria (quem emite a opinião) e angulagem (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião). (Melo, 1994, p. 64).

Partindo desses dois critérios principais, Melo (1994, p. 64) propõe uma classificação para as categorias e gêneros jornalísticos no Brasil.

Quadro 2 – Categorias e gêneros jornalísticos no Brasil segundo Melo (1994)

A) **Jornalismo informativo**	B) **Jornalismo opinativo**
Nota	Editorial
Notícia	Comentário
Reportagem	Artigo
Entrevista	Resenha
	Coluna
	Crônica
	Caricatura
	Carta

Em seguida, Melo (1994, pp. 64-65) define cada um dos gêneros aplicando os critérios que definiu anteriormente e que serão apresentados aqui em dois quadros, a fim de tentar tornar a leitura mais didática e a repetição menos enfadonha. No primeiro quadro estão as definições dos gêneros informativos e no segundo os opinativos, que obedecem a critérios diferentes, por isso as duas formas de apresentação (dos quadros).

Quadro 3 – Gêneros informativos e suas definições, a partir de Melo (1994)

A) Jornalismo informativo	Definição
Nota	Relato de acontecimentos em processo de configuração, sendo mais freqüente no rádio e na televisão.
Notícia	Relato integral de um fato já surgido na sociedade.
Reportagem	Relato ampliado de um acontecimento que repercutiu na sociedade, produzindo alterações que são percebidas pela instituição jornalística.
Entrevista	Relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, permitindo-lhes um contato direto com o público.

Quadro 4 – Gêneros opinativos e suas definições, a partir de Melo (1994)

B) Jornalismo opinativo	Autoria	Angulagem temporal	Angulagem espacial
Editorial	A autoria corresponde à própria instituição. Espaço da opinião institucional.	Angulagem temporal que exige continuidade e imediatismo.	
Comentário	Pressupõe autoria definida e explicitada.	Angulagem temporal que exige continuidade e imediatismo.	
Artigo	Pressupõe autoria definida e explicitada.	Contempla fenômenos diferentes, mas não se caracteriza pela freqüência, aparecendo aleatoriamente. Os autores devem ser competentes na busca dos valores inerentes aos fatos que analisam.	
Resenha ou crítica	Pressupõe autoria definida e explicitada.	Descobre os valores de bens culturais diferenciados. Os autores devem ser competentes na busca dos valores inerentes aos fatos que analisam.	
Coluna	Pressupõe autoria definida e explicitada.	Angulagem que permite emissão de opiniões temporalmente contínuas, sincronizadas com os acontecimentos.	Incorpora ou faz mediação com a ótica da comunidade ou dos grupos sociais a que a instituição jornalística se dirige.
Crônica	Pressupõe autoria definida e explicitada.	Estrutura-se de modo temporalmente mais defasado, vinculando-se aos	Incorpora ou faz mediação com a ótica da comunidade ou dos grupos sociais a que

		acontecimentos, mas não coincidindo com o momento de sua ocorrência.	a instituição jornalística se dirige.
Caricatura	Pressupõe autoria definida e explicitada.	Angulagem que permite emissão de opiniões temporalmente contínuas, sincronizadas com os acontecimentos.	Articula-se com o ambiente da instituição jornalística, nutrindo-se dos valores que integram uma redação de jornal, revista ou emissora.
Carta	Pressupõe autoria definida e explicitada.	Estrutura-se de modo temporalmente mais defasado, vinculando-se aos acontecimentos, mas não coincidindo com o momento de sua ocorrência.	Distancia-se totalmente, reproduzindo o ângulo de observação do leitor, do público.

As definições acima são reproduções de Melo (1994, pp. 65-66) e os espaços em branco são lacunas que não foram possíveis preencher com segurança a partir das observações do autor, principalmente quando diz: “Do ponto de vista da angulagem espacial, somente a caricatura estrutura-se articuladamente com o ambiente peculiar à instituição jornalística...” e, em seguida, fala sobre a carta, a coluna e a crônica. Que leitura fazer? a) Não houve definições para os outros gêneros ou b) seria possível depreender que artigo, editorial, resenha e comentário ***não*** se articulam com o ambiente jornalístico, já que somente a caricatura teria essa propriedade?

Na sua proposta, Melo (1994) levou em conta não só autores de fora do país, como já mencionado, mas também a classificação do jornalista e professor Luiz Beltrão, por se basear no trabalho empírico de redações brasileiras e se constituir em uma das primeiras tipologias dos gêneros no jornalismo nacional, já que sua produção se dá a partir da década de 1960, ainda em Pernambuco. Assim, também a classificação de Melo se aproxima, pelo menos em terminologia, do que se costuma denominar no ambiente jornalístico. Entretanto, do nosso ponto de vista, sua proposta já necessita de atualizações ou carece de conseguir envolver os gêneros mais freqüentes no jornalismo atual. Ou ambas as possibilidades.

A listagem apresentada pelo autor já pode ser enriquecida, por exemplo, com o gênero ***frases*** (ver Pedrosa, 2001), que pode aparecer de maneira isolada, ao lado de um texto sobre o mesmo assunto, ou no interior de uma coluna, constituindo-se neste caso numa forma inovadora e diferente do que se entendia antes como sendo uma coluna assinada. O gênero

frases[39] parece estar mais presente nas revistas – embora possa estar também nos jornais e também na televisão, por exemplo - e se caracterizar exatamente pelo efeito ferino que provocam sobre as vítimas, sendo um território bastante rico em ironias. Além disso, os infográficos[40] nos meios impressos tanto podem se constituir em síntese e apoio explicativo aos textos aos quais estão ligados como aparecer de maneira auto-suficiente, com um texto mínimo integrado, à semelhança das foto-legendas, outro gênero não mencionado por Melo (1994). A coluna, por sua vez, pode dar margem à ambigüidade, como o assinala Melo (1994, pp. 135-145), quando se chama coluna "toda seção fixa". Entendida dessa maneira, a coluna abrangeria "o comentário, a crônica e até mesmo a resenha" (1994, p. 136). Afinal, as colunas podem se constituir de apenas um texto ou de uma miscelânea de gêneros, como nota, charge, provérbio, opinião e até pergunta, como se pode notar no jornal Zero Hora, de Porto Alegre. Há colunas de um só texto que se tornam difíceis de discernir, pois parecem comentários ou mesmo artigos. E então se tornam mais pertinentes as observações de Marcuschi (2001) sobre a possibilidade de mistura dos gêneros entre si, dificultando classificações.

Na sua pesquisa, de uma maneira ou de outra Melo (1994) fez as seguintes constatações, entre outras: os gêneros não são os mesmos em todos os países que observou; alguns têm o mesmo nome, mas apresentam características diferentes; a crônica jornalística brasileira desenvolveu características genuinamente nacionais, ou seja, seria um produto nacional.

3.2.1 *Os gêneros segundo alguns manuais de redação*

Do ponto de vista da prática jornalística, o que dizem os manuais dos jornais que fazem parte do *corpus* deste estudo? Os manuais de redação de O Globo (1994) e da Folha de S. Paulo(1994) divergem na abordagem dos gêneros: o primeiro não trata diretamente do assunto e o segundo apresenta definições para vários deles ao longo do manual, definições essas que apresentam algumas divergências com as de Melo. A fim de tornar a exposição mais clara, as

[39] As frases parecem uma derivação do que se chama, no jargão jornalístico, de ***olhos***, que são definidos no ***Manual de redação e estilo*** de O Globo (1994, p. 54) como "títulos auxiliares ou pequenas frases postas no meio do texto". Ainda segundo o manual, a função é "tornar mais leve o aspecto da página" e "um foco para o interesse do leitor, destacando aspectos relevantes da matéria". No caso dos ***olhos***, eles são dependentes do texto a que se referem. No caso das frases, elas adquiriram autonomia, podendo aparecer de maneira independente ou não em relação aos demais assuntos da página.

[40] O infográfico parece ser uma decorrência dos gráficos, quadros, mapas e outras ilustrações, de maneira mais completa, principalmente com a ajuda da informática. A expressão já está dicionariza no ***Dicionário Aurélio – Século XXI, versão 3.0***, como "S.m. Combinação de desenhos, fotos, gráficos, etc., para a apresentação visual dramatizada de dados e informações".

definições também serão transcritas em quadro, à semelhança do procedimento com Melo (1994).

Quadro 5 – Gêneros informativos e opinativos, a partir da Folha (1994)

Gêneros jornalísticos	Definições
Nota	Notícia curta. (p. 156)
Notícia	Puro registro dos fatos, sem opinião. A exatidão é o elemento-chave da notícia, mas vários fatos descritos com exatidão podem ser justapostos de maneira tendenciosa. Suprimir ou inserir uma informação no texto pode alterar o significado da notícia. Não use desses expedientes. (p. 157)
Reportagem	Relato de acontecimento importante, feito pelo jornalista que tenha estado no local em que o fato ocorreu ou tenha apurado as informações relativas a ele. A reportagem é o produto fundamental da atividade jornalística. Ela deve conter a descrição do fato a mais exata e objetiva possível, o relato das versões de todas as partes envolvidas no fato e, se possível, a opinião de especialistas. (...) (p. 42)
Reportagem especial	Requer extenso e minucioso levantamento de informações. Pode aprofundar um fato recém-noticiado ou revelar um fato inédito com ampla documentação e riqueza de detalhes. (p. 42)
Entrevista	(...) A finalidade de caracterizar um texto jornalístico como entrevista é permitir que o leitor conheça opiniões, idéias, pensamentos e observações de personagem da notícia ou de pessoa que tem algo relevante a dizer. Em geral, a Folha adota o estilo indireto ao publicar entrevistas. Pode-se editar entrevista na forma de pergunta e resposta (pingue-pongue) quando o entrevistado está em evidência especial ou diz coisas de importância particular. (...) [A entrevista pingue-pongue] exige texto introdutório contendo a informação de mais impacto, breve perfil do entrevistado e outras informações, como local, data e duração da entrevista e resumo do tema abordado. Eventualmente, algumas dessas informações podem ser editadas em texto à parte. (...) (pp. 31-32)
Editorial	Texto que expressa a opinião de um jornal. Na Folha, seu estilo deve ser ao mesmo tempo enfático e equilibrado. Deve evitar a ironia exagerada, a interrogação e a exclamação. Deve apresentar com concisão a questão de que vai tratar, desenvolver os argumentos que o jornal defende, refutar as opiniões opostas e concluir condensando a posição adotada pela Folha. (...) Não são assinados. (...) (pp. 70-71)
Comentário	Pequeno artigo interpretativo. Veja **artigo**. (p. 61)
Artigo	Gênero jornalístico que traz interpretação ou opinião do autor. Sempre assinado. Pode ser escrito na primeira pessoa. (...) (p. 123)
Resenha	Gênero jornalístico que consiste em resumo crítico de livro. Deve ser informativo,

	dando ao leitor uma idéia do conteúdo da obra e de quem é seu autor, mas também exige que se emita opinião sobre a qualidade. Sempre assinada. Veja **crítica**. (p. 107)
Crítica	Gênero jornalístico opinativo que analisa e avalia trabalho intelectual ou desempenho: artes, espetáculos, livros, competição esportiva, discurso político, projeto ou gestão de administração pública, trabalho acadêmico. É sempre assinada. A crítica deve ser fundamentada em argumentos claros. Quando escrita por especialista, deve permanecer acessível ao leigo, sem ser banal. Não deve conter acusação de ordem pessoal. Lembre-se: o objeto da crítica é a obra ou desempenho, e não a pessoa. Veja **resenha**. (p. 66)
Coluna	(...) também significa espaço no jornal em que uma pessoa escreve regularmente. (p. 133)
Crônica	Gênero em que o autor trata de assuntos cotidianos de maneira mais literária que jornalística. Pode ser também um pequeno conto. É sempre assinada. (p. 66)
Caricatura	Desenho que acentua propositadamente características marcantes de um rosto. Nem sempre é um desenho humorístico. Veja **cartum**; **charge**. (p. 129)
Carta	Toda carta que chega à Folha deve ser publicada ou respondida. O leitor que se dirige ao jornal merece resposta rápida e individualizada. Nenhuma carta pode deixar de ser publicada por conter críticas ao jornal ou a seus profissionais. Quando for o caso, a carta deve ser enviada a Direção de Redação, que julgará a conveniência de uma resposta pública. (...) (p. 129)
Texto-legenda (foto-legenda)	Também chamado de foto-legenda. Legenda ampliada que, em combinação com a foto ou ilustração a que se refere, deve esgotar o assunto de que trata. Deve ser curto, objetivo e combinar as qualidades do bom texto com as da boa legenda. Textos-legendas têm sempre título em maiúsculas. Dependendo da foto, o título pode fugir ao padrão *sujeito ativo/verbo no presente*. Eventualmente, o título pode recorrer a trocadilho ou outras formas de humor. (p. 168)
Chamada	Texto curto na *Primeira Página* que resume as informações publicadas pelo jornal a respeito de um assunto. Remete o leitor para as páginas que trazem a cobertura extensiva. Mais do que qualquer outro, é um texto jornalístico que exige frases curtas, secas, substantivas. Deve dar ao leitor idéia de completude. Recomenda-se evitar o excesso de palavras como *ontem, que, segundo, afirmou*. (p. 130)

A organização do *Manual de redação e estilo* de O Globo (1994) segue um outro padrão, em relação ao da Folha (1994). Assim, há definições para poucos gêneros e algumas informações estão implícitas e distribuídas ao longo do capítulo que trata do *estilo*. Há entradas específicas para *reportagem*, *entrevista*, *matéria leve*, *texto-legenda*, e *chamada*.

Quadro 6 – Gêneros informativos e opinativos, a partir de O Globo (1994)

Gêneros jornalísticos	**Definições**
Reportagem	Dá-se este nome a matérias alentadas: podem ser tanto a cobertura de um fato do dia que tenha um grande impacto (chuvas que atingiram toda a cidade, o anúncio de um vasto plano econômico) como a abordagem exaustiva de um tema sem ligação direta com o dia da edição (a situação do ensino público, o problema da Aids). (...) (p. 37)
Entrevista	O estilo pingue-pongue (perguntas e respostas em seqüência) é a fórmula que garante maior fidelidade ao pensamento do entrevistado e maior facilidade de leitura. Deve ser usado em todas as entrevistas longas – e mesmo, quando possível, em curtas. (...) (p. 44)
Matéria leve	É aquela que vale tanto pela forma como pelo conteúdo: são os dados pitorescos e inusitados que dão interesse à notícia. Sua matéria-prima é o episódio cômico, o pequeno drama, a surpresa dentro do cotidiano. (...) (p. 46)
Texto-legenda	É a legenda seguida de informações que lhe permitem ter existência independente como notícia. (...) (p. 50)
Chamada	Dos mais importantes textos do jornal: o seu conjunto é a vitrine de cada edição e tem os maiores índices de leitura. A chamada precisa ao mesmo tempo atrair a atenção do leitor para as páginas internas e constituir informação completa em si. (...) (p. 57)

As definições transcritas da Folha (1994) estão distribuídas ao longo do manual, não aparecendo em um único trecho designado como *gêneros do texto jornalístico* ou denominação similar, como faz Melo (1994), mesmo porque as propostas de ambos se enquadram em objetivos diferentes: o da Folha em elaborar e regular toda uma proposta editorial; o de Melo, o de propor e comentar uma tipologia de gêneros abrangente para o jornalismo no país, não somente para a forma impressa, embora se note que ela seja preponderante. O manual de O Globo (1994), por sua vez, é menos específico e regulador, implicitamente considerando como do conhecimento do profissional jornalista (e do público-leitor do manual) o que sejam os gêneros jornalísticos. A não ser os cinco formatos listados no quadro acima, gêneros como *notícia*, *artigo*, *comentário* e *editorial* são mencionados em textos em outros momentos sem a preocupação de defini-los. A expressão *matéria leve*, por exemplo, pode ser considerada uma expressão genérica, por um lado, mas, por outro, é próxima do que se costuma entender como *fait divers*, um gênero mundialmente conhecido.

Algumas observações mais acerca dos gêneros em Melo (1994), em O Globo (1994) e na Folha (1994): as definições da Folha parecem mais práticas e fáceis de serem reconhecidas que as de Melo, no total; há formatos que podem ser entendidos como gêneros, encontrados

nos manuais, e que não estão em Melo, como *chamada* e *texto-legenda*; na Folha, há denominação explícita de *gênero* apenas para *artigo*, *resenha*, *crítica* e *crônica* (ver quadro), todos do jornalismo opinativo. O que significaria o não reconhecimento explícito dos formatos ditos informativos como *gêneros*? Possivelmente, na ótica do jornal, os opinativos dependem do estilo do autor e os informativos não, por serem *objetivos*, produzidos a partir de uma controlada técnica de redação.

Em um primeiro momento, surge a tentação de dizer que a presença da ironia pode ser facilitada nos gêneros com autoria explicitada, já que o autor do texto pode se responsabilizar por ele (e pela ironia). Entretanto, a questão não é apenas de autoria, já que textos informativos (notícias e reportagens) também podem ser assinados, mas não comportam os mesmos tipos ou freqüências de ironias. Daí, vem uma hipótese-explicativa: tanto os gêneros opinativos quanto os informativos podem comportar ironias, entretanto, o que parece divergir nelas é a maneira de serem sugeridas, em que as formas de enunciação adquirem muito mais importância no segundo caso.

Um outro ponto de vista a respeito dos gêneros na mídia é apresentado por Cunha (2001), que parte da hipótese "de que o modo de inscrição de outros discursos no fio do texto distingue a notícia, gênero polifônico, do artigo de opinião, gênero aparentemente monofônico" (p. 166). Cunha (2001, p. 170) tem como parâmetro a distinção entre "dois grandes 'gêneros redacionais', a *informação* e o *comentário*",[41] em que o "texto de informação visa a fazer saber, como é o caso da notícia, enquanto o de comentário procura fazer valer uma convicção, um julgamento, um sentimento, como nos artigos de opinião". Os textos informativos fariam parte do tipo textual narrativo, tendo verbos no passado e na terceira pessoa, procurando responder às questões *o quê? quem? quando? onde?* Já no artigo de opinião estaria o ponto de vista do autor (jornalista ou colaborador do jornal), o texto seria argumentativo, com verbos no presente do indicativo e uso de dêiticos (Cunha, 2001, p. 170).

Cunha ressalva que tais distinções não incluem todos os textos que circulam na mídia e toma para análise dois textos informativos e dois de opinião, que lhe permitem concluir que "a notícia é uma espécie de relato, constituída de fragmentos de discursos, de modo que se suprimíssemos as falas alheias, não restaria quase nada" (2001, p. 179). Quanto ao artigo de opinião, seria constituído "de outros discursos sobre os fatos comentados e de antecipações das objeções do leitor", buscando adesão ao seu ponto de vista ou criticando aqueles com os

[41] Cunha (2001) credita a distinção a Broucker, *apud* ADAM, J-M. "Unités rédactionelles et genres discursifs: cadre general pour une approche de la presse écrite". **Pratiques**, 94, pp. 03-18, 1997. No âmbito do jornalismo, a distinção entre textos informativos e opinativos é bem mais antiga.

quais mantém relação de conflito. Para Cunha (2001, p. 179), as análises comprovam que "o texto é o lugar de circulação de discursos, mostrados ou não, e o sujeito não é a fonte do sentido, mas o constrói no trabalho incessante com o já dito".

Não é difícil concordar com as conclusões de Cunha (2001), vistas acima, pois estamos sempre às voltas com os discursos dos outros, principalmente o jornalismo, que se propõe a ser, em boa parte, ***mediador***[42] entre os acontecimentos/as idéias e o público. Contudo, não parece haver diferença entre considerar os textos jornalísticos como pertencentes a "dois grandes gêneros redacionais, o *informativo* e o *comentário*" e a velha dicotomia *jornalismo informativo/jornalismo opinativo*, que guia a própria mídia. Além disso, no ambiente jornalístico, não é a relação com os discursos outros que define se um texto será uma notícia ou uma reportagem, mas sim a importância editorial atribuída ao assunto, a partir dos critérios de noticiabilidade jornalística (atualidade, proximidade, universalidade, entre outros). O uso da citação direta, por exemplo, é recomendável pela técnica jornalística apenas para declarações muito importantes, mas ela pode aparecer numa nota, notícia ou reportagem ou mesmo em textos declaradamente opinativos.

Assim, as formas de apresentar o discurso do outro podem ser vistas como caracterizadoras das modalidades jornalísticas (informativa e opinativa), mas não seriam suficientes, por si sós, para caracterizar integralmente também os gêneros. Em outras palavras, a hipótese formulada por Cunha (2001) funciona bem para distinguir as modalidades ou tipos de jornalismo (informativo e opinativo), mas não da mesma maneira para os gêneros dentro de cada uma dessas modalidades. Há outras questões a serem levadas em conta no processo de distinção para que se consiga distinguir os gêneros dentro de cada modalidade, questões que podem estar relacionadas à estrutura textual ou mesmo à função que aquele gênero deve desempenhar no quadro da produção jornalística, sem excluir a relação com a sociedade. Então, chega-se a uma situação meio paradoxal: por um lado, os discursos outros compõem os gêneros jornalísticos, mas não seriam seus únicos determinantes como gêneros; por outro, o discurso jornalístico não existe sem a relação com os outros, que se constituem no seu fluxo alimentador.

[42] A título de lembrete, a perspectiva deste estudo concorda apenas em parte com essa ***função*** do jornalismo, que desempenha também o papel de ***construtor*** de fatos.

3.3 **O projeto jornalístico em alguns manuais de redação**

O jornalista não constrói foguetes, escreve simplesmente sobre eles.
(John Hohenberg, 1962, p. 22)

Se no passado remoto o jornalismo teve início como uma forma artesanal e solitária, hoje obedece a severas rotinas de produção, constituindo-se em um bem político e econômico, que alimenta um discurso a respeito de si próprio como independente e com função social na comunidade. Parte desse discurso sobre si mesmo (metadiscurso jornalístico) inicialmente se achava entre os membros da equipe, mas, depois, passou a ser cristalizado também nos chamados ***manuais de redação***, onde se pode tem uma prescrição, um receituário de como o veículo deve enunciar sobre os assuntos que apresenta diariamente. Uma enunciação de como enunciar.

Os manuais de redação chegaram no Brasil em meados da década de 1950 para generalizar procedimentos de técnica de redação adaptados de modelos estrangeiros e para solucionar problemas ortográficos, como o uso de maiúsculas e a grafia de nomes originalmente escritos com ideogramas ou em alfabeto não-latino, por exemplo (Lage, 1993, p. 50). Nem todos os jornais e outras empresas jornalísticas possuem manuais de redação, mas acabam sempre seguindo um certo saber técnico e profissional que serve de guia para a equipe. Dos jornais que fazem parte do *corpus* de análise, os manuais de O Globo e da Folha de S. Paulo têm circulação nacional, estando à venda em livrarias. O Jornal do Commercio lançou recentemente seu manual ao público. Zero Hora possui manual interno e O Liberal não possui manual com circulação externa (ao público) ou interna (na empresa).

Atualmente, dos manuais vendidos em livrarias (como da Folha, de O Globo, de O Estado de S. Paulo e da Editora Abril) o da Folha não aborda somente técnicas de redação ou tira dúvidas sobre questões ortográficas, mas apresenta também uma concepção do seu projeto editorial e de como deve ser um jornalismo moderno e crítico. Já o diferencial de O Globo está no capítulo *Questões Éticas*, o que mais se aproxima do exposto no Projeto Folha. “A Folha é um jornal feito em São Paulo com irradiação nacional, que se propõe a realizar um jornalismo crítico, apartidário e pluralista”, diz o primeiro parágrafo do manual da Folha (1994, p. 13). Além de se posicionar quanto ao ponto de vista político e como empresa, ela acrescenta, nesse mesmo texto: “A Folha considera notícias e idéias como mercadorias a

serem tratadas com rigor técnico. Acredita que a democracia se baseia no atendimento livre, diversificado e eficiente da demanda coletiva por informações".

Para Sodré (1998, p. 131), dizer que a notícia é informação transformada em mercadoria não acrescenta nada sobre o seu conhecimento, mas ao menos se reconhece que "a informação pública no Ocidente é hoje profundamente marcada pela ordem do valor de troca". O tratamento da notícia como mercadoria remonta à segunda metade do século XIX e se encontra tão disseminado que passou a ser quase imperceptível ao público consumidor (Sodré, 1998, p. 131), até mesmo quando chega a ser explicitado, como no caso dos manuais de redação.

Na Folha (1994, p. 18), o jornalismo crítico é apresentado como um dos seus princípios editoriais:

> O jornal não existe para adoçar a realidade, mas para mostrá-la de um ponto de vista crítico. Mesmo sem opinar, é sempre possível noticiar de forma crítica. Compare fatos, estabeleça analogias, identifique atitudes contraditórias e veicule diferentes versões sobre o mesmo acontecimento. (Folha, 1994, p. 18).
>
> A Folha pretende exercer um jornalismo crítico em relação a todos os partidos políticos, governos, grupos, tendências ideológicas e acontecimentos. (1994, p. 36).

Ainda no Projeto Folha, é curioso observar que o verbete ***neutralidade*** não traz definições, mas um reenvio aos itens ***apartidarismo*** e ***objetividade***. O jornal se declara apartidário de qualquer tipo, mas no item ***objetividade*** reconhece a sua inexistência em jornalismo, o que diverge da tônica do discurso jornalístico, de modo geral, que sempre postula a neutralidade, a imparcialidade e a objetividade no desempenho da profissão como grandes dogmas.

> Não existe objetividade em jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções.
>
> Isso não o exime, porém, da obrigação de ser o mais objetivo possível. Para relatar um fato com fidelidade, reproduzir a forma, as circunstâncias e as repercussões, o jornalista precisa encarar o fato com distanciamento e frieza, o que não significa apatia nem desinteresse. Consultar outros jornalistas e pesquisar fatos análogos ocorridos no passado são procedimentos que ampliam a objetividade possível. (Folha, 1994, p. 19).

O *Manual de Redação de Estilo* de O Globo não explicita da mesma maneira o seu projeto editorial. Enquanto o da Folha é dividido em Projeto Folha, Produção, Texto, Edição, Anexos e até Bibliografia e Índice onomástico e remissivo, o de O Globo traz cinco capítulos, cinco apêndices e bibliografia. Os capítulos abordam técnicas de escrever bem, de estilo, normas da língua portuguesa e uma abordagem sobre questões éticas. Os apêndices incluem esclarecimentos sobre itens que são problemáticos ou novos, como expressões jurídicas e termos da psiquiatria e da psicanálise.

No capítulo sobre as questões éticas, O Globo expõe os princípios fundamentais que devem balizar a produção jornalística na empresa. Assim, pode-se ler que a atividade jornalística deve seguir as leis do país, mas também ter seus critérios éticos próprios; que o jornalista, em qualquer função, seleciona e dá pesos diferentes aos elementos da informação que lhes chega, sendo isso inevitável e representando o exercício de poder: "o de decidir como determinado aspecto da realidade será apresentado à opinião pública" (O Globo, 1994, p. 111-112). O Globo condena o uso da informação para fins políticos, ideológicos ou pessoais, mas reconhece existir o abuso involuntário. "Ainda assim, mesmo sabendo que a isenção absoluta é impossível, é dever do jornalista tentar, o tempo todo, ser absolutamente isento" (1994, p. 112). No manual também se pode ler que a linha editorial, como o "conjunto de convicções que defende em seus editoriais", pode influenciar o tratamento dado às notícias, mas que se deve zelar para que essa influência seja mínima.

> O leitor deve poder perceber sempre, com nitidez, qual é a posição do jornal quanto aos fatos que relata. Em outras palavras, se a isenção olímpica é inalcançável, a franqueza compensará a tendenciosidade, quando impossível eliminá-la completamente. (O Globo, 1994, p. 112).

O Globo (1994, p. 24) não vê como boa idéia criar normas para a linguagem jornalística, o que poderia resultar em um estilo padronizado, seguidor de receitas e sem imaginação.

> Resumindo, aqui vai uma lista de virtudes do bom texto: originalidade, cor local, ambiente, detalhes que ajudam o leitor a visualizar uma situação, simplicidade na explicação, <u>ironia (leve, jamais ofensiva em nível pessoal e sempre acessível a inteligências medianas)</u>, referências históricas e literárias (para enriquecer a informação, nunca para mostrar erudição), respeito pela inteligência do leitor, respeito pela ignorância do leitor. (O Globo, 1994, p. 28) [grifo nosso].

Na lista de pecados do mau texto, O Globo (1994, p. 28) enumera, entre outros aspectos, a ambigüidade e o humor grosseiro, principalmente trocadilhos. Os trocadilhos também foram considerados por Bergson (2001) e por Freud (1977) como a forma "mais barata" de humor.

3.4 **A ironia nos manuais de redação**

> *A opinião pode ser formulada sem uma única palavra de comentário, pela forma de apresentar a notícia, com destaque ou sem ele.*
> (Fraser Bond, 1962, p. 21).

O uso da ironia em textos jornalísticos é tratado de maneira mais direta pela Folha (que a aborda duas vezes, em entrada própria e no item sobre as aspas) que por O Globo (que a menciona em quatro momentos diferentes, mas diluída entre outras definições). A referência ao uso da ironia no manual de O Globo (1994, pp. 28, 39-40, 46-47) aparece dentro do capítulo sobre o estilo do texto no jornal, no item sobre linguagem (ver citação na página anterior) e nos subitens *declaração*, *matéria leve* e *opinião*. O item *declaração* inclui a discussão acerca do uso das aspas, uso que não é recomendado por O Globo, a não ser em uma "frase inteira ou um trecho alentado", para evitar ambigüidades.

> Pôr uma única palavra entre aspas é recurso ambíguo. Não deve ser usado para indicar que foi exatamente aquela a expressão usada por alguém: o leitor também poderá entender que as aspas indicam ironia e a palavra deveria ser entendida como tendo significado oposto ao que se conhece. (...) (O Globo, 1994, p. 40) [grifo nosso].

No item *aspas*, a Folha (1994, p. 56) também desaconselha o uso delas para dar tom irônico ao que é dito:

> Aspas – Sinal gráfico (" ") usado para delimitar uma citação. (...)
> Evite usar aspas para enfatizar palavras, sobretudo para imprimir tom irônico. Veja **ironia**. (...)
> Em títulos e legendas, admite-se o uso de aspas simples no lugar de aspas para ganhar espaço. (...) (Folha, 1994, p. 56) [grifo nosso].

Uma leitura breve da Folha pode evidenciar que esse conselho não é seguido nos seus textos; ao contrário, o uso das aspas em uma palavra ou em grupos de palavras é um recurso bastante utilizado, como se pode ver em [8].

> [8]:
> Lula reúne PT para aplicar um ‘choque de realidade’ (título).
> Transição: Presidente eleito encontra líderes do partido para discutir atuação em 2003 (supertítulo)
> (...) Passada a euforia inicial da vitória, Lula e líderes presentes procurarão reforçar o “chamado à realidade” já esboçado na campanha. Nas palavras de um membro da Executiva petista, “agora a vida real se impõe”.
> Deverão ser relembradas as restrições orçamentárias existentes, que levarão à necessidade de gradualismo nas reformas pretendidas pela legenda. (...)
> (Folha de S. Paulo, editoria Brasil, p. A4, 04/11/2002, notícia assinada)

Neste fragmento, as aspas simples em *‘choque de realidade’*, no título, as aspas duplas em *“chamado à realidade”* e em *“agora a vida real se impõe”*, no texto, constituem-se em apenas alguns dos vários casos similares que ilustram o largo uso do recurso pelo jornal. Pode-se argumentar que as aspas não são para imprimir “tom irônico”, mas com outra finalidade. Mas qual seria, já que dos usos previstos pelo manual da Folha, o que diz delimitar uma citação parece ser o mais próximo, mas nem por isso parece conseguir explicar a contento o exemplo citado? A nossa leitura dessas aspas como ironia se deu a partir de um conjunto textual, da situação em que ocorreu o evento relatado e de sua localização num determinado discurso. De todo modo, resta aí o risco de interpretação que a ironia comporta, como assinalam os seus estudiosos e os próprios manuais de redação, ao tentarem se munir de instrumentos que a delimitam e explicitam. Quanto ao que dizem os manuais, uma coisa é prever como o texto jornalístico deve ser (o que podemos chamar de metadiscurso jornalístico), outra coisa é colocar isso em prática.

BRASIL FOLHA DE S.PAULO

TRANSIÇÃO *Presidente eleito encontra líderes do partido para discutir atuação em 2003*

Lula reúne PT para aplicar um 'choque de realidade'

FÁBIO ZANINI
DA REPORTAGEM LOCAL

A cúpula petista, incluindo o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, se encontra hoje com líderes do partido nos Estados, em reunião em que buscará a unificação do discurso e da estratégia de atuação nos próximos meses.

Passada a euforia inicial da vitória, Lula e líderes presentes procurarão reforçar o "chamado à realidade" já esboçado na campanha. Nas palavras de um membro da Executiva petista, "agora a vida real se impõe".

Deverão ser relembradas as restrições orçamentárias existentes, que levarão à necessidade de gradualismo nas reformas pretendidas pela legenda. O presidente eleito quer reafirmar o compromisso com as mudanças sociais, mas explicitando que a hora é de responsabilidade.

O encontro será uma reunião ampliada da Executiva nacional, que se inicia de manhã em um hotel de São Paulo e deverá se estender durante todo o dia.

Além da participação dos 28 integrantes formais da Executiva, foram convidados também os governadores do partido, os presidentes dos diretórios estaduais e os prefeitos das sete capitais administradas pelo PT. Candidatos derrotados do partido aos governos dos Estados também deverão estar presentes.

Lula, que não costuma participar das reuniões da Executiva, desta vez comparecerá para fazer uma explanação ao partido dos próximos passos que percorrerá.

"É uma reunião que terá como resultado o entrosamento de todo o partido. Lula fará uma saudação aos companheiros e buscará explicar o significado histórico de sua vitória e os próximos desafios e obstáculos", diz o secretário-geral do PT, Luiz Dulci.

Um dos objetivos do encontro é engajar todo o partido, inclusive as seções estaduais, no esforço de assegurar a Lula condições políticas para governar, principalmente na formação de uma base no Congresso. "Os Estados têm papel muito importante na composição política do futuro governo", afirma Dulci.

A preocupação do PT em unificar o discurso vem do fato de que o partido não quer se mostrar fragilizado por disputas internas em um momento em que a oposição ao futuro governo já se articula.

Já tiraram posição oposicionista o PSDB e o PFL, enquanto o PMDB decide nos próximos dias que rumo deve seguir.

Outro ponto a ser abordado na reunião é o estágio das conversas do PT com outros partidos para formação do governo, em relatos de Dulci e do presidente nacional do PT, José Dirceu.

A partir de quarta, Lula intensifica as conversas. Falará inclusive com líderes da futura oposição, para debater prioridades para os próximos meses no Congresso.

"Está sendo montada uma agenda de contatos políticos para o presidente eleito nesta semana", diz Gilberto Carvalho, que é uma espécie de assessor particular e mais provável chefe de gabinete do presidente eleito.

FRASE

"É uma reunião que terá como resultado o entrosamento de todo o partido. Lula fará uma saudação aos companheiros e buscará explicar o significado histórico de sua vitória"

Luiz Dulci
secretário-geral do PT

[8] Lula reúne PT para aplicar um 'choque de realidade'
Folha de S. Paulo, editoria Brasil, p. A4, 04/11/2002

Voltando a O Globo, por *matéria leve* o jornal define aquela que vale tanto pela forma como pelo conteúdo, em que os dados pitorescos e inusitados dão interesse à notícia, como o "episódio cômico, o pequeno drama, a surpresa dentro do cotidiano". O jornal desaconselha tratar com humor a humilhação e o sofrimento de natureza grave, as histórias extravagantes e personagens excêntricos, assim como de loucura.

> Quanto ao humor, estes conselhos: o trocadilho é o túmulo da graça; as aspas irônicas são recurso primário e obsoleto; nem tudo que é engraçadíssimo quando se conta ou se ouve continua engraçado ao ser passado para o papel. (O Globo, 1994, p. 47) [grifo nosso].

Por fim, quanto à *opinião*, O Globo diz que o jornal pode emiti-la nos editoriais, e os articulistas e jornalistas também podem fazer o mesmo nos textos assinados, mas devem ter como base pesquisa e informação próprias para evitar o superficialismo.

> A opinião pode ser manifestada de forma leve, irônica; ou séria, seca. Mas lhe é proibido ser pomposa. Alguns textos do jornal parecem usar roupa esporte; outros vestem terno e gravata. O editorial está quase sempre no segundo caso – mas não usa fraque, beca ou toga. (O Globo, 1994, p. 47) [grifo nosso].

Recuperando o que diz O Globo acerca da ironia nas citações acima apresentadas, podemos notar que ela é entendida no sentido clássico do oposto do que se diz e também como uma forma humorada, lembrando a classificação de alguns estudiosos da ironia como um tipo de humor, como a entende, por exemplo, Brait (1996). Na Folha, a ironia parece ser entendida de forma diferente. Na bibliografia listada no manual, estão conhecidas gramáticas da língua portuguesa e alguns dicionários e enciclopédias, de onde se pode supor que a definição abaixo tenha tido suas bases.

> Ironia – Em grego, *eironeía*. Significa *pergunta de quem sabe a resposta*. Em texto jornalístico, dizer algo diferente do que de fato se pensa pode provocar confusão. Não abuse, portanto.
>
> Admite-se o recurso, sem restrições, em textos assinados ou colunas de bastidores. Mesmo assim, requer cautela: nem sempre a ironia que parece óbvia ao autor é compreendida como tal pelo leitor e, em excesso, tende a irritá-lo.

> A ironia deselegante, canhestra ou forçada ridiculariza o autor: *O ministro está "vibrando" com a possibilidade de ser demitido*. Nem mesmo o uso de aspas pode consertar o defeito de estilo. (Folha, 1994, p. 83).

Embora haja um item específico sobre ironia, não se pode dizer que a definição da Folha seja clara, pois parece se aproximar da ironia socrática, num primeiro momento (linhas 1 e 2); depois, da concepção de Cícero de "dizer algo diferente do que se significa" (linhas 2 e 3); e, finalmente, da definição clássica como o oposto do que se diz (linhas 8 e 9). Notar também que o jornal chama a atenção para o fato de a ironia ser uma comunicação de risco, podendo não ser compreendida pelo leitor. É o que lembra também o conceituado jornalista e escritor Zuenir Ventura, em artigo que fala exatamente sobre o uso da ironia em textos jornalísticos, que julgamos valer a pena transcrever na íntegra, apesar da extensão.

A dura vida da bailarina

Zuenir Ventura

02.11.2004

Uma vez jurei, acho que aqui mesmo, que iria seguir o conselho de Carlos Lacerda, segundo o qual **não se deve usar ironia ao escrever na imprensa.** Ele alegava que, para a interrogação, havia sinal (?), para a exclamação também (!). "Mas para a ironia não existe ponto", ele acrescentava. Alguém poderia perguntar: "e os três pontinhos (...)?" Estes, na verdade, são de reticências, o que é outra coisa. Falando, a gente ainda encontra recursos na entonação, na ênfase em alguma palavra, num piscar de olho, enfim, qualquer coisa que queira sinalizar para o ouvinte: "Olha, eu quero dizer o oposto do que estou dizendo". Ou então: "Isso é gozação, não leia ao pé da letra". Mas escrevendo, não tem jeito.

Há várias histórias de interpretação equivocada, de mal-entendidos, de tiro saindo pela culatra. Me lembro de uma, hilária, com Luis Fernando Veríssimo. Um dia, vocês vão identificar a época, ele começou uma crônica no Globo assim: "Quem o Lula pensa que é, tomando Romanée-Conti? Gente! O que é isso? Onde é que estamos? Romanné-Conti não é pro teu bico não, ó retirante. Vê se te enxerga, ó pau-de-arara. O teu negócio é cachaça. O teu negócio é prato-feito, cerveja e olhe lá. A audácia do Lula!"

Claro que era uma ironia, alguma dúvida? Então vejam as cartas no dia seguinte: "... fiquei indignada com o tamanho do preconceito desse intelectual". Outra: "Eu e minha família estamos

indignados com a opinião do Veríssimo". Mais uma: "como pode um escritor do quilate, do berço, da inteligência e da elite do Veríssimo escrever um texto racista e elitista?". É claro que houve quem entendesse, mas o número e a virulência dos que não entenderam obrigaram o grande cronista a dar uma nota embaixo das cartas e a escrever outra coluna no dia seguinte.

Na nota, ele dizia: "quando o leitor não entende o que um jornalista escreveu, a culpa é sempre do jornalista. Peço desculpa a quem não entendeu a intenção da coluna". No novo artigo, "Da ironia", ele explicava: "Escrever com ironia é um pouco como escrever em código: a comunicação só funciona se na outra ponta houver um decodificador. Quem se mete a escrever irônica ou satiricamente precisa saber que nem todos têm o decodificador".

Pois bem. Na última semana me meti a fazer ironia. Gozando a frase de Duda Mendonça – " o Brasil inteiro sabe..." – escrevi: "o Brasil inteiro sabe que eu sou careca". Como não tinha dúvida de que a afirmação era um absurdo, como tinha certeza de que o Brasil inteiro não me conhece (com a insignificante exceção de meia dúzia de pessoas que me viram em foto ou na televisão), achei que estava fazendo graça por contraste. Humor tipo nonsense.

Não vou dizer que ninguém entendeu; acho até que a maioria sacou. Mas de qualquer maneira, recebi e-mails de protesto, embora sem a virulência dos leitores do Veríssimo, felizmente. Ao contrário, foram muito delicados. Um perguntou: "Não é pretensão demais afirmar que o Brasil inteiro sabe que você é careca? Isso implicaria em reconhecer que o Brasil inteiro sabe quem você é e, mais ainda, todos conhecem a tua fisionomia. Infelizmente isso não é verdade, o que é uma pena" (simpático da parte dele lamentar que isso não seja verdade, né? Ou seria ironia?).

Resolvi contar tudo isso para que o Brasil inteiro saiba como é dura a vida da bailarina. (Atenção, isso é ironia, até porque o Brasil inteiro sabe que eu não sou bailarina. Apesar do nome.)

Assim como em O Globo e parcialmente na Folha, Zuenir Ventura fala em ironia como o oposto e como humor. E tanto Veríssimo quanto Ventura, bem de acordo com o discurso da responsabilidade social do jornalista, imputam ao que escreve a atribuição de ser claro o suficiente para evitar mal entendidos pelo leitor, ou seja, a responsabilidade pelo sentido. A participação do leitor é mencionada por Veríssimo quando aventa a necessidade de haver um "decodificador" na "outra ponta" para captar o sentido irônico proposto pelo enunciador, o que, quando não acontece, malogra a proposta irônica.

Pode-se perceber, até aqui, várias questões implícitas acerca da ironia em textos jornalísticos: sobre a intencionalidade do sujeito emissor e sua tentativa de controle do sentido; a participação e liberdade do sujeito leitor; a comunicação como modelo linear de emissão e recepção; a ironia como efeito de linguagem que não se deixa prender totalmente nas malhas da enunciação, entre outros aspectos que poderiam ser enumerados. As normas e técnicas do fazer jornalístico, assim como seus descumprimentos, compõem a enunciação jornalística e podem mostrar tanto a imagem que fazem de si mesmo como a do seu leitor (nos termos de Verón, 1983).

CAPÍTULO 4
A IRONIA NOS TEXTOS DE JORNAIS

Ironia e crítica são irmãs gêmeas.
(Colunista pesquisado)

Nos capítulos anteriores foram discutidas algumas questões teóricas que interessam a este estudo, envolvendo a ironia, a enunciação, os gêneros e o fazer jornalísticos, na tentativa de construir um apoio que possa explicar as ocorrências de efeitos de sentido irônico nos textos de jornais impressos, levando também em consideração o que prenuncia o próprio discurso jornalístico a respeito de sua produção/enunciação, como se pode notar nos manuais de redação.

Neste capítulo serão apresentados, então, dados gerais sobre os textos analisados, assim como o início de uma discussão sobre possíveis características das ironias, tentando correlacionar suas ocorrências às modalidades e aos gêneros jornalísticos e às editorias (temáticas).

4.1 Os jornais e os textos analisados

Relembrando, os jornais que compõem o *corpus* deste estudo são O Globo (OG), Folha de S. Paulo (FSP), Zero Hora (ZH), Jornal do Commercio (JC) e O Liberal (OL), todos de publicação diária, sendo que apenas dois deles, O Globo e a Folha, possuem circulação nacional por assinatura ou venda em banca. Os jornais possuem o chamado formato *standard*, de 54 cm por 33 cm de área de impressão, com exceção de Zero Hora, com formato tablóide, de 32 cm por 24,9 cm. Os cinco jornais são auditados pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC), o que lhes confere o fator de seriedade como um elemento a mais para compor o metadiscurso jornalístico. Segundo publicidade publicada por O Liberal em 02/05/2004, os jornais ocupavam naquela ocasião as seguintes posições no quadro do IVC:

Tabela 2 – Tiragem dos jornais segundo o IVC (2004)

Jornais	**Posição no mercado**	**Participação no mercado**	**Média de publicação**
Folha de S. Paulo	1º.	9,28 %	310.768
O Globo	2º.	7,55 %	252.659

Zero Hora	6º.	5,35 %	179.190
O Liberal	18º.	1,33 %	44.551
Jornal do Commercio	24º.	1,04 %	34.659

Fonte - Publicidade de O Liberal, publicada em 02/05/2004.

Como se pode notar, os jornais Folha de S. Paulo e O Globo ocupam, respectivamente, o primeiro e o segundo lugares em participação no mercado e em tiragem de exemplares, vindo o Zero Hora numa posição intermediária e O Liberal e o Jornal do Commercio em situações menos expressivas em relação aos anteriores, mas bem mais cotados que muitos outros jornais auditados pelo IVC no Brasil (embora esta informação não apareça nesta tabela). Os jornais do *corpus* apresentam também a característica de fazerem parte de redes de comunicação locais e regionais com rádio e televisão, com exceção da Folha, cuja empresa detém outras publicações impressas, mas não audiovisuais.

Do mês de novembro de 2002, foram analisadas dez edições de cada jornal (com o critério de uma edição lida e duas não), perfazendo 50 edições. Na leitura dos jornais, ficaram de fora apenas as seções de palavras cruzadas, histórias em quadrinhos, obituários sintéticos, cartas de leitores sobre prestação de serviços, agenda de cinema e de programação, charges e os cadernos *Mais* (da Folha), *Casa e Cia* e *Cultura* (de Zero Hora). Todos os demais textos foram incluídos, inclusive aqueles de colaboradores e cartas de leitores.

Tabela 3 – Número de textos analisados por jornal, nov/2002

Jornal	Número de textos analisados
Zero Hora	2.826
O Liberal	2.759
Folha de S. Paulo	2.651
O Globo	2.633
Jornal do Commercio	2.283
TOTAL	13.152

Fonte – Dados da autora.

Na tabela acima, o número de textos analisados decorre da classificação dos textos por gênero jornalístico, o que significa que alterações em tal classificação resultariam também em mudança no número de cada gênero. De qualquer forma, não mudaria o número final por jornal, que, de maneira duplamente surpreendente, tem Zero Hora e O Liberal como aqueles com maior número de textos publicados e Folha e O Globo com volume de textos inferior, em terceiro e quarto lugares. O Jornal do Commercio aparece em quinto, com exatos 543 textos a

menos que Zero Hora, que ocupou o primeiro lugar. Mas cada um dos cinco jornais permaneceu na faixa entre dois mil e três mil textos como total, o que pode indicar um determinado volume de texto padrão entre aqueles que têm expressão nacional e mesmo regional ou local. Entretanto, é claro que esta é apenas uma característica e não um elemento determinante para o sucesso ou não de um jornal.

4.2 As modalidades e gêneros no jornalismo impresso

> *O jornalismo brasileiro estruturou-se criativamente, absorvendo com seletividade os modelos que se nos insinuaram ou impuseram, adquirindo feição diferenciada.*
>
> (Melo, 1994, p. 181)

Desde Bakhtin (1992), os estudiosos dos gêneros discursivos (ou textuais) lembram a sua diversidade e maleabilidade nos vários ambientes da vida humana. A observação de jornais brasileiros é capaz de confirmar essa característica, já que neles é possível encontrar não só gêneros novos, como também a mistura entre eles, dificultando uma classificação.

No capítulo anterior foi apresentada uma proposta de classificação dos gêneros jornalísticos formulada por Melo (1994), que adotou com parâmetro a prática profissional e outras classificações de autores diversos, do Brasil e de outros países. Além disso, considerações sobre as possibilidades de definição dos gêneros de discurso (e não só jornalísticos) apontam para uma diversidade de critérios que podem nortear tais definições, o que facilita e ao mesmo tempo dificulta propostas dessa natureza. Considerando que neste estudo se discute a ironia nos jornais impressos, além de introduzir opiniões de jornalistas acerca do fenômeno irônico e dos gêneros que propiciam sua ocorrência, será adotada aqui a proposta de classificação de Melo (1994), com algumas ressalvas e acréscimos, a fim de tentar torná-la mais completa e atual, a partir da produção dos próprios jornais analisados.

Se se pensar a classificação dos gêneros de jornais impressos a partir de uma função comunicativa social, como inventaria Maingueneau (2001), poder-se-ia encontrar duas funções principais: a de informar e a de comentar ou opinar, o que é próximo às observações de Cunha (2001) e mesmo um dos critérios que subsidiam a proposta de Melo (1994).

Todavia, a partir da análise dos textos do *corpus*, arriscamo-nos a sugerir a possibilidade de uma terceira modalidade que nutrir-se-ia das duas anteriores, apresentando a característica

de *informar com opinião*. Com isso, não estamos afirmando que haja textos jornalísticos apenas com informação e sem opinião e vice-versa; nosso ponto de vista é que não há neutralidade em qualquer construção textual. Entretanto, há textos com características mais explicitamente opinativas, assim como há aqueles mais informativos. Nos textos opinativos, seus traços envolvem a assinatura do enunciador, assim como a emissão de julgamentos e avaliações de forma explícita. Nos informativos, busca-se a "objetividade" como um ideal a ser alcançado e a estrutura de redação limita manifestações explícitas de avaliações, que costuma aparecer mais na maneira como o material é editado (construção de títulos e arrumação da página com textos e fotos, por exemplo).

Tem tido destaque em alguns jornais o que se chama de *reportagens* e *notícias assinadas*, em que se segue a estrutura das notícias comuns, mas com a possibilidade de emitir algumas qualificações explícitas ao longo do texto. A questão é até onde se pode ou se deve descer a pormenores dessa natureza no processo de classificação de modalidades e seus gêneros. Porém, se as funções de *informar* e de *opinar* puderem ser tomadas como parâmetro de classificação, a função de *informar com opinião* não parece totalmente descabida, por se localizar num *continuum* entre um e outro extremo.

Além disso, uma outra dificuldade se concentra nas distinções entre os gêneros que integram as modalidades, distinções essas internalizadas pelos jornalistas na sua prática profissional, mas nem sempre reconhecidas pelo público exterior, que tende a generalizar os textos por *notícia* ou *reportagem*, quando informativo, ou mesmo por *artigo*, quando se trata de algum material opinativo. A partir da análise do *corpus*, estamos sugerindo uma classificação dos gêneros jornalísticos a partir de três modalidades.

Quadro 7 – Levantamento dos gêneros de jornais por modalidade, nov/2002

Textos informativos	**Textos opinativos**	**Textos informativo-opinativos**
Nota, notícia, reportagem não assinada, entrevista pergunta e resposta, quadro, foto-legenda, enquete, chamada (de capa, de caderno e de contracapa)	Editorial, opinião, crônica, crítica ou comentário, resenha, artigo, coluna, conto, nota de coluna, foto-legenda de coluna, foto de coluna, pergunta, carta de leitor, depoimento, carta-relato	Notícia assinada, reportagem assinada, frase, perfil

Na sua proposta, Melo (1994, p. 65) inclui na modalidade informativa a *nota*, a *notícia*, a *reportagem* e a *entrevista*. A diferença entre os três primeiros estaria na "progressão dos acontecimentos, a captação pela instituição jornalística e a acessibilidade" por parte do público. Na nota se vêem acontecimentos que "estão em processo de configuração" e, por isso, seria mais freqüente no rádio e na televisão. Para a Folha de S. Paulo (1994, p. 156), a definição é outra, pelo critério da extensão: nota seria "toda notícia curta". Por essa definição, além do rádio e da televisão, a nota seria usual também no meio impresso.

A questão é que, nos jornais impressos, a nota pode ter três características ou funções: a de se referir a acontecimentos "em configuração", que também são tratados nos jornais diários; a de simples registro de algo que se esgota em poucas linhas, sem necessariamente estar em processo de ocorrência; e a de uma breve – e às vezes contundente – opinião sobre algo ou alguém. Nos dois primeiros casos, trilha-se a modalidade informativa ou opinativa; no terceiro, preferencialmente a opinativa. De qualquer maneira, a questão a que se deve responder é se estaríamos falando de um mesmo gênero *nota* ou de formatos diferentes. Pela experiência profissional jornalística, a tendência é adotar o critério da extensão, considerando as duas primeiras possibilidades como *nota* e a terceira, como *nota de coluna*.

Quanto à *notícia*, merece comentário a variante *notícia assinada*. O que difere as duas é a presença da assinatura do enunciador e, a partir disso, a possibilidade de introdução de avaliações mais claras no texto. Assim como na nota, a questão que importa é se é possível considerá-la um gênero híbrido ou mantê-la como sendo *notícia*, apesar das diferenças. O mesmo se pode comentar acerca de *reportagem* e de *reportagem assinada* ou mesmo *reportagem especial*, como denomina O Globo (1994) em seu manual. Em função das alterações que possibilita, estamos propondo neste estudo considerar a notícia assinada e a reportagem assinada como integrantes de uma terceira modalidade, que denominamos de informativo/opinativo (à falta de nome mais adequado), por conjugar ao mesmo tempo características de textos informativos e opinativos.

Ainda na modalidade do jornalismo informativo, não parece haver divergência quanto ao gênero *entrevista* (pergunta e resposta). Entretanto, gostaríamos de sugerir para o jornal impresso o acréscimo dos gêneros *foto-legenda*, *enquete*, *quadro* e *chamada*. Eles não são novos no jornalismo impresso, porém não aparecem na proposta de Melo (1994). Dos quatro, apenas *quadro* tem apresentado variações na forma em que se apresenta: se antes era chamado no jargão jornalístico por *box* ou *quadro*, costumava trazer apenas textos explicativos, complementando a notícia ou reportagem ao qual estava ligado. Mais recentemente, tem sido preenchido não só com textos, mas também com resumos estatísticos ou ilustrações. Caberia

perguntar se os mapas, gráficos e tabelas seriam considerados gêneros à parte ou integrando o *quadro*, já que costumam aparecer entre fios (como no quadro), são ilustrativos ou resumem informações referentes a uma notícia ou reportagem ao qual estão ligados. Em outras palavras, sua característica é ser complementar, explicativo ou ilustrativo de um outro texto e, portanto, vinculado a ele.

Na modalidade opinativa, não parece haver necessidade de outros comentários aos gêneros *editorial*, *crônica*, *resenha*, *artigo*, *conto*, *carta do leitor*, mas colocaremos em equivalência *crítica* e *comentário*, que podem se referir a assuntos do mundo cultural, econômico ou político e se apresentam de forma similar. Na avaliação de Melo (1994), a *crítica* seria usada em assuntos de cultura, e o *comentário*, nos de política ou economia. O gênero *opinião* não é sinônimo de *editorial*. Os dois representam a posição institucional do jornal sobre um tema, mas enquanto o editorial aparece sempre no mesmo local específico, a opinião é mais breve e comenta determinado assunto, ao lado do qual se apresenta. Temporalmente, a opinião é mais atualizada. Além disso, o editorial é um gênero clássico do jornalismo, aparece diariamente e deve ser raro haver um jornal que não o apresente. Já a opinião é circunstancial, e não faz parte da política editorial de todos os jornais, ou seja, nem todos a publicam. Dos cinco jornais do *corpus*, apenas O Globo e Zero Hora fazem uso desse recurso. Em O Globo, ela não tem lugar fixo, sendo denominada apenas *opinião*. Mas, opinião de quem? Do jornal? Como não há a explicitação de outro enunciador para o gênero, a resposta, implícita, é *sim*, é a opinião do jornal. Em Zero Hora, a opinião tem lugar fixo, inserida na editoria e coluna *Informe especial*, com a denominação de *Opinião ZH*, o que não deixa margem à dúvida quanto ao enunciador que se responsabiliza pelo gênero e seu conteúdo. Nos outros três jornais analisados, o gênero não ocorreu, mas isso não significa que em situações bem específicas isso não possa acontecer, desde que seja de interesse do veículo, como observações assistemáticas dos jornais já evidenciaram em outros momentos.

Também a partir da observação do *corpus*, podem ser sugeridas a *nota*, a *foto-legenda* e a *pergunta* de coluna. A nota e a foto-legenda, quando aparecem em colunas, adquirem uma postura mais opinativa, diferente dos seus congêneres na modalidade informativa. Quanto à chamada *coluna*, tanto pode ser composta por um único texto, aos moldes de um artigo ou comentário, ou de vários gêneros lado a lado, produzidos e organizados pelo responsável pelo espaço. Teríamos, assim, gêneros agrupados por um outro gênero, a coluna. Nesse formato, seria possível se indagar sobre a validade de considerá-la como um gênero ou algo de outra natureza. Mas é prática rotineira entre jornalistas e leitores chamar de *coluna* o espaço, geralmente nomeado e assinado por alguém que se responsabiliza por ele, seja tal espaço

preenchido por apenas um texto ou um conjunto de outros formatos, num verdadeiro mosaico, como classifica Melo (1994). Neste trabalho, decidimos considerar os gêneros componentes da *coluna* de forma independente, mas com referência a ela (por exemplo, *nota de coluna*, *foto-legenda de coluna*, entre outros). Como *coluna* foi considerada apenas aquelas compostas de um só texto, difíceis de serem classificadas como outro gênero da lista, pela maneira como se constituem (por exemplo, a de José Simão, na Folha). A *pergunta* não é um gênero freqüente e, no *corpus*, aparece apenas em Zero Hora, como um formato dependente de outro, no caso, a coluna. Em Zero Hora, ela ocorre na editoria e coluna *Informe especial*, ao lado de outros gêneros, como *nota*, *crônica*, *opinião* e *charge*, sempre na página três e inserida pelo título *A propósito*, que confere ou começa a instalar o *tom* que a indagação vai desenvolver, como uma pergunta retórica. A característica da pergunta é ser curta, incisiva e, às vezes, irônica, efeitos esses possibilitados não só pelo conteúdo, mas também pelo formato adotado.

Já os gêneros que denominamos de *depoimento* e de *carta-relato* são produzidos pelo público, a exemplo da *carta do leitor*. Esta aparece em seções específicas para este fim e faz parte da rotina diária do jornal, enquanto o depoimento e a carta-relato são raros e sem um espaço próprio fixo. No nosso *corpus*, encontramos uma ocorrência de depoimento, em O Globo, e três de carta-relato, uma em Zero Hora e duas em O Liberal. O depoimento é assinado pela leitora, que relata, em estilo narrativo e em primeira pessoa, as dificuldades enfrentadas para regularizar a documentação de um carro comprado por ela. O texto é sintético, tem função ilustrativa e acompanha outros da página acerca de dificuldades no processo de regularização de veículos. As cartas-relato também são redigidas em primeira pessoa pelo(a) leitor(a), mas são mais extensas que o depoimento e contam histórias de amor ou de viagem ocorridas com os autores. Além disso, as cartas-relato apareceram em cadernos (suplementos) destinados ao público feminino, enquanto o depoimento foi publicado na editoria *Rio* (de O Globo). Pode-se notar que os propósitos comunicativos (nos termos de Bakhtin, 1992) dos dois gêneros são diferentes por parte dos autores e referendados pelos jornais: No depoimento, o objetivo é a denúncia de algo considerado absurdo e inadmissível; nas cartas-relato, é contar histórias de maneira romanceada e aprazível para cativar determinado público. Os três, em comum, têm o efeito testemunhal, ou seja, é o próprio leitor que ali se apresenta (é apresentado) para narrar em primeira pessoa o seu relato, dar o seu testemunho.

Na terceira modalidade, a do jornalismo informativo-opinativo, sugerimos a inclusão do gênero *frase* (recentemente proposto por Pedrosa, 2001), que pode aparecer de maneira independente ou ligada a textos com temas correlatos. A frase é resultado de uma seleção

especial (embora todos os textos o sejam, é claro) por parte do enunciador jornalista, resultando em produto incisivo, cortante, freqüentemente com efeito de sentido irônico. Na verdade, o gênero *frase* parece ser uma transformação do chamado *olho*, no jargão jornalístico, que tinha por função destacar uma informação importante em determinado texto, geralmente extenso, e *arejar* a página, isto é, torná-la mais agradável à leitura. Ainda usado, o *olho* é sempre dependente de algum texto, vindo em letra diferenciada e entre fios divisores.

Como observa Marcuschi (2001) acerca dos gêneros, eles podem se misturar e nem sempre apresentarem as mesmas características. Se no caso dos gêneros opinativos e informativo-opinativos (com exceção da *frase*) uma característica é a assinatura do enunciador, houve *comentários*, *resenhas* e *reportagens* que não preencheram esse requisito.

Dito isso, as três modalidades tiveram a seguinte apresentação entre os jornais observados no *corpus*:

Tabela 4 – Número de textos analisados por modalidade em cada jornal, nov/2002

	TEXTOS POR MODALIDADE EM CADA JORNAL							
Jornais	**Informativa**		**Opinativa**		**Informativo-opinativa**		**TOTAL**	
	no. txts	**%**	**no. txts**	**%**	**no. txts**	**%**	**no. txts**	**%**
ZH	1390	49,18	1228	43,45	208	7,36	2826	99,99
OL	1473	53,38	1256	45,52	30	1,08	2759	99,98
FSP	1040	39,23	1088	41,04	523	19,72	2651	99,99
OG	795	30,19	1309	49,71	529	20,09	2633	99,99
JC	907	39,72	1262	55,27	114	4,99	2283	99,98

Fonte – Dados da autora.

A partir da Tabela 4, é possível avaliar que O Liberal e Zero Hora não só foram os jornais com maior número de textos, mas também os que apresentaram preferência pela modalidade informativa, vindo em seguida a forma opinativa e, com margem grande de diferença, a modalidade informativo-opinativa. Quanto à Folha de S. Paulo, O Globo e Jornal do Commercio, o maior número de textos esteve na modalidade opinativa, seguido pela informativa e, por último, a informativo-opinativa. Neste segundo grupo, a diferença entre eles é que o percentual de textos informativo-opinativo na Folha e em O Globo é muito maior que no Jornal do Commercio.

Os dados permitem sugerir que a estratégia enunciativa da Folha e de O Globo é mais centrada na emissão aberta de opinião, a partir de textos assinados, seja na forma opinativa ou na informativo-opinativa. Caso se desconsiderasse a modalidade informativo-opinativa, repassando seus textos à informativa, esta passaria a ser superior em número de textos, com exceção do Jornal do Commercio, em que os opinativos ainda continuariam mais numerosos. Em O Globo, os opinativos e informativos ficariam praticamente empatados, enquanto em Zero Hora, na Folha e em O Liberal a diferença seria significativa a favor dos informativos.

Os dados da Tabela 4 podem ser reorganizados em ordem percentual decrescente do número de textos, com outra visualização.

Tabela 5 – Percentual decrescente dos textos por modalidade jornalística, nov/2002

Posição	Percentual (%)	Modalidade	Jornal
1º	55,27	opinativa	Jornal do Commercio
2º	53,38	informativa	O Liberal
3º	49,71	opinativa	O Globo
4º	49,18	informativa	Zero Hora
5º	45,52	opinativa	O Liberal
6º	43,45	opinativa	Zero Hora
7º	41,04	opinativa	Folha de S. Paulo
8º	39,72	informativa	Jornal do Commercio
9º	39,23	informativa	Folha de S. Paulo
10º	30,19	informativa	O Globo
11º	20,09	inform-opinat	O Globo
12º	19,72	inform-opinat	Folha de S. Paulo
13º	7,36	inform-opinat	Zero Hora
14º	4,99	inform-opinat	Jornal do Commercio
15º	1,08	inform-opinat	O Liberal

Fonte – Dados da autora.

A Tabela 5 possibilita visualizar com maior clareza a ordem de ocorrência dos textos por modalidades. Até o quarto lugar, há uma alternância entre as formas opinativa e informativa; do quinto ao sétimo lugar, apenas a opinativa; do oitavo ao décimo, apenas a informativa; e do décimo primeiro até o décimo quinto, somente a informativo-opinativa, que ocupou apenas as últimas posições. Daí, é possível dizer que há um certo equilíbrio entre as modalidades

informativa e opinativa em volume percentual de textos, com algumas particularidades entre os jornais analisados, enquanto o tipo informativo-opinativo apresenta número bem inferior.

No conjunto, os números não apresentam uma homogeneidade em determinada direção, impossibilitando conclusões mais consensuais a partir do critério estatístico quanto à enunciação dos jornais analisados. Os dados representaram uma certa surpresa, pois a nossa expectativa era que os textos informativos fossem mais numerosos que os opinativos com uma margem maior. Entretanto, dados quantitativos podem ser enganosos, quando se contabiliza de um para um uma nota de algumas linhas e uma reportagem de página inteira. Então, maior número de textos informativos não significa necessariamente maior superfície textual. Do ponto de vista do valor da informação dada, novamente se deve relativizar, pois dependendo da nota e da reportagem, uma determinada nota pode provocar no público até maior discussão que uma reportagem e aí se inverte novamente a balança a favor dos textos opinativos.

Na terceira modalidade, os números de textos são bem diferentes entre os jornais, em que se observa uma proximidade grande entre O Globo e Folha de S. Paulo. Do ponto de vista da enunciação jornalística, o que pode significar um maior ou menor número de textos nessa modalidade? Dois critérios para a definição dessa terceira possibilidade de textos foram a manutenção de uma redação próxima a dos textos informativos e a presença da assinatura pelos jornalistas-enunciadores. A concessão da assinatura de um texto depende do valor da notícia e do ***status*** do seu autor como profissional. Em decorrência, a assinatura possibilitaria não só a inserção de avaliações em maior quantidade e de forma mais explícita, mas também uma quebra das formas usuais de redação dos textos informativos, que têm a supremacia do lide. É nas reportagens assinadas, por exemplo, que o enunciador pode se apresentar como testemunha ou participante do evento que narra ou mesmo adotar uma forma mais poética e literária (ver Coimbra, 1993). Se nem todas as reportagens ou notícias assinadas talvez possam ser consideradas como dentro da modalidade informativo-opinativa, da mesma forma o contrário se aplica, pois há textos desses gêneros que seriam claramente incompatíveis com as duas modalidades já clássicas.

A presença ou ausência de reportagens e notícias assinadas, a partir dos critérios listados há pouco, pode indicar a valorização ou desvalorização de uma enunciação centrada em informação com opinião, diferente dos informativos, ainda envolvidos pela aura da imparcialidade. A Folha, por exemplo, já reconhece em seu manual de 1994 que a objetividade não existe no jornalismo, mas a aconselha como ideal a ser buscado. As reportagens e as notícias assinadas podem ser um ***sintoma*** dessa reorientação do fazer

jornalístico, que se pode observar de maneira mais significativa nos jornais de maior expressão nacional, como a Folha e O Globo, de maneira intermediária em Zero Hora e no Jornal do Commercio e de forma bastante reduzida em O Liberal.

Como o segundo jornal em volume de textos no *corpus* analisado, O Liberal apresenta sua enunciação equilibrada entre textos informativos e opinativos e bastante acanhada no que se refere à terceira modalidade. Isso parece revelar uma postura mais tradicional e conservadora a respeito do fazer jornalístico, mas também pode ser algo de outra natureza, como a decisão de não investir publicamente no nome de seus jornalistas, liberando suas assinaturas nos textos. De uma maneira ou de outra, o resultado é o mesmo, em que se vê uma enunciação centrada na prática de dois modelos de jornalismo, o informativo e o opinativo, em que o primeiro teve supremacia no período analisado no estudo.

Poderíamos nos alongar mais tratando das modalidades e dos gêneros jornalísticos, mas esse percurso deve ser interrompido pela impossibilidade de se fazer uma discussão mais amiúde e particularizada sobre o assunto, que não é o foco principal deste estudo. É possível que as modalidades jornalísticas interessem mais aos propósitos deste trabalho que o enfoque nos gêneros separadamente. O levantamento dos gêneros no *corpus* segue, em linhas gerais, a classificação de Melo (1994), mas também obedeceu aos critérios que norteiam a prática jornalística, o que nos pareceu suficiente no momento, por estarmos tratando da enunciação jornalística. Além disso, faz-se necessário introduzir agora um elemento que motiva a abordagem feita até aqui: a ironia ou o efeito de sentido irônico possível nas enunciações dos jornais impressos a partir das modalidades jornalísticas.

4.3 A ironia de acordo com as modalidades jornalísticas

> *[No jornalismo, a ironia pode ou deve ser usada] sempre que possível. A realidade brasileira e mundial hoje é surreal. A ironia fina e bem dosada é o instrumento lingüístico adequado para evidenciar tal estado de coisas.*
> (Repórter pesquisado, há 30 anos no jornalismo)

A partir da análise sobre os cinco jornais que compõem o *corpus* deste estudo, a proposta foi apresentar, nos tópicos anteriores, alguns dados mais gerais acerca da produção noticiosa dos próprios jornais, assim como dar uma noção da amplitude e diversidade de textos que

foram observados. Neste tópico, o interesse é discutir, ainda com recurso a dados estatísticos, a ocorrência de ironia por modalidade jornalística e assim começar a nos aproximar da discussão que tem como um dos objetivos iniciais "identificar diferenças no uso da ironia pelos jornais investigados, no contexto dos gêneros textuais jornalísticos e dos tipos ou modalidades de jornalismo (ditos *opinativo* e *informativo*)". A título de observação, lembramos que no início do trabalho – e portanto, quando da formulação das hipóteses e dos objetivos - estávamos adotando a existência de duas modalidades jornalísticas, que, após a análise, propusemos ampliar para três, como já explicado em tópico anterior.

Dessa forma, em relação às três modalidades, a ocorrência de um possível efeito de sentido irônico resultou na seguinte configuração entre os jornais observados no *corpus*:

Tabela 6 – Número total de textos e de textos com ironias por modalidade/jornal, nov./2002

MODALID JORNALIST	**NÚMEROS ABSOLUTOS E PERCENTUAIS DE TEXTOS E DE IRONIAS POR MODALIDADE EM CADA JORNAL**						
		JC	**ZH**	**FSP**	**OG**	**OL**	**TOTAL**
Informativa	**No. txt**	907	1390	1040	795	1473	5605
	No. ir	3	29	77	41	67	217
	% *	0,3	2,08	7,4	5,15	4,54	3,87
Opinativa	**No. txt**	1262	1228	1088	1309	1256	6143
	No. ir	167	124	250	338	139	1018
	% *	13,23	10,09	22,97	25,82	11,06	16,57
Inform.-opin	**No. txt**	114	208	523	529	30	1404
	No. ir	5	15	76	87	2	185
	% *	4,38	7,21	14,53	16,44	6,66	13,17
	Total txt	2283	2826	2651	2633	2759	13152
	Total ir	175	168	403	466	208	1420
	% *	7,66	5,94	15,2	17,69	7,53	10,79

Fonte – Dados da autora.
* Percentuais calculados a partir do total de textos por modalidade em cada jornal.

Observemos os dados da Tabela 6 por partes. O percentual calculado a partir do total de textos com ironia em relação ao total geral de textos em cada jornal permite classificar os veículos analisados em níveis crescentes ou decrescentes, conforme a opção, de ocorrências de ironia. Dessa forma, os jornais mais "irônicos" seriam O Globo, com 17,69 por cento, e a Folha, com 15,52 por cento de textos com ironias. Num meio termo estariam o Jornal do Commercio, com 7,66 por cento, e O Liberal, com 7,53 por cento. Em último lugar, Zero

Hora, com 5,94 por cento de textos com ironias. Pode-se notar que a diferença entre os três últimos colocados e os dois primeiros é de aproximadamente o dobro de seus percentuais. Pode-se perceber também que os jornais com o menor número de textos totais, O Globo e Folha, são aqueles que apresentam a maior ocorrência de casos de ironia. De maneira inversa, Zero Hora teve o maior volume de textos e o menor de ironia. A expectativa global do início deste estudo era de que O Globo e a Folha apresentassem mais ironia. Porém, de maneira mais pontual, esperava-se que a Folha fosse o mais numeroso em casos de ironias, como constatou Maruxo Jr (2002) em sua pesquisa. De qualquer maneira, a diferença entre eles foi bem pequena, resultando em certo equilíbrio no uso desse recurso.

Em relação às modalidades, somando-se os textos de todos os jornais em cada uma delas, a informativa é a que apresenta o menor número de ocorrência de ironias (3,87 por cento), seguida pela informativo-opinativa (13,17 por cento) e pela opinativa (16,57 por cento). Tal resultado se encontra de acordo com as expectativas iniciais do estudo, quando ainda se considerava, na ocasião, apenas os textos informativos e opinativos como modalidades jornalísticas, estando as reportagens e as notícias assinadas incluídas no tipo informativo. Agrupando os textos informativo-opinativos e os informativos, chega-se a 17,04 por cento, constituindo-se praticamente em um empate técnico entre eles e os opinativos, mas com uma pequena margem de vantagem sobre os considerados de opinião.

A exemplo da Tabela 5, pode-se organizar os dados em ordem percentual decrescente, a fim de visualizar suas posições classificatórias, como se vê na Tabela 7.

Tabela 7 – Percentual de ironias por modalidade jornalística e jornal, nov/2002

Posição	Percentual (%)	Modalidade	Jornal
1º	25,82	opinativa	O Globo
2º	22,97	opinativa	Folha de S. Paulo
3º	16,44	inform-opinativa	O Globo
4º	14,53	inform-opinativa	Folha de S. Paulo
5º	13,23	opinativa	Jornal do Commercio
6º	11,06	opinativa	O Liberal
7º	10,09	opinativa	Zero Hora
8º	7,4	informativa	Folha de S. Paulo
9º	7,21	inform-opinativa	Zero Hora
10º	6,66	inform-opinativa	O Liberal
11º	5,15	informativa	O Globo

12º	4,54	informativa	O Liberal
13º	4,38	inform-opinat	Jornal do Commercio
14º	2,08	informativa	Zero Hora
15º	0,3	informativa	Jornal do Commercio

Fonte – Dados da autora.

Pela Tabela 7 salta à vista a evidência de que os sete primeiro lugares em número de ironias se encontram nas modalidades opinativa e informativo-opinativa, que se alternam nas posições. A modalidade informativa aparece em oitavo, e a partir do décimo primeiro lugar. Quanto à posição dos jornais, O Globo vem em primeiro e terceiro lugar, a Folha em segundo e quarto lugar. A partir do quinto lugar, os jornais se alternam nas posições. Vale a pena ressaltar que a posição dos jornais deve ser combinada com a posição das modalidades, permitindo notar que em todos os jornais vêm em primeiro lugar os textos opinativos, em segundo, os informativo-opinativos e em terceiro e último, os informativos.

Tal constatação se relaciona a uma das hipóteses iniciais do estudo, que havia motivado a decisão de observar textos de jornais de vários formatos e não apenas os opinativos, onde até o senso comum indica haver ironias. Por outro lado, a inclusão, na análise, de textos não opinativos tinha o objetivo de evidenciar que a ironia não é privilégio dos textos opinativos e assinados, algo que vai de encontro à pregação do discurso jornalístico (Folha de S. Paulo, 1994; O Globo, 1994), que tenta diferenciar *o relato do fato* e a *opinião sobre o fato* como ambientes diferentes e separados, onde o relato dos fatos deveria acontecer com isenção pelo enunciador.

Assim, os dados reforçam ou validam a terceira hipótese deste estudo de que a ironia ocorre tanto entre os gêneros do jornalismo opinativo quanto do informativo. Isso evidencia que o efeito de sentido irônico não é uma possibilidade ou característica apenas dos textos explicitamente assumidos e possíveis de serem opinativos, mas de qualquer texto de jornal, de qualquer editoria, embora em algumas esteja mais presente do que em outras, como será visto mais adiante. A ironia pode ser resultado de uma opinião do sujeito enunciador, mas nem toda opinião é ironia. Além disso, nem toda ironia decorre de opinião do enunciador, quando se observa que há ironia atribuída pelo co-enunciador sem ter sido proposta pelo enunciador.

De qualquer maneira, como os estudos enunciativos já discutiram (por exemplo, Maingueneau, 2001; Verón, 1983), o enunciado traz em si as marcas de enunciação, do sujeito enunciador. Ou seja, a enunciação é sempre resultado de avaliações e julgamentos, individuais e sócio-históricos, por parte do enunciador e do lugar de fala que ocupa. O que

significa que os textos de jornais, sejam eles de jornalistas ou não, são construídos a partir de regras de produção que os inserem em determinados gêneros e modalidades, mas em que os julgamentos estão sempre presentes, tanto por parte do enunciador quando do co-enunciador. Do ponto de vista da produção, o que muda são as estratégias, as formas de construção da notícia ou do comentário da informação. Assim, não se sustenta o discurso jornalístico no sentido de que os textos informativos são objetivos (no sentido de não carregarem avaliações subjetivas do enunciador), pois parcelas de opinião são intrínsecas à construção textual, de uma maneira ou de outra, menos ou mais explícita e assumida.

A classificação global dos jornais quanto à presença de ironia está resumida na Tabela 8.

Tabela 8 – Textos com ironia por jornais, em números absolutos e percentuais, nov/2002

Jornais	No. total de textos	No. de textos com ironias	Percentual de textos com ironias (%)
OG	2633	466	17,69
FSP	2651	403	15,20
JC	2283	175	7,66
OL	2759	208	7,53
ZH	2826	168	5,94
TOTAL	13152	1420	10,79

Fonte – Dados da autora.

Na Tabela 8 se vê também que o número total de textos com ironias (1420), em relação ao total geral (13.152), corresponde a 10,79 por cento do volume global de textos dos jornais analisados. Em outras palavras, aproximadamente onze por cento dos textos publicados pelos cinco jornais continham ironias, volume que não se pode considerar como inexpressivo.

A análise também evidencia que a ironia pode aparecer em qualquer assunto - agrupado nos jornais em *editorias* - embora seja mais freqüente em alguns deles. Muecke (1995, p. 76), por exemplo, sugeriu como áreas de interesse que mais geram ironia aquelas “em que se investe mais capital emocional: religião, amor, moralidade, política e história”, pela razão de que tais áreas “se caracterizam por elementos inerentemente contraditórios: fé e fato, carne e espírito, emoção e razão, eu e o outro, dever-ser e ser, teoria e prática, liberdade e necessidade”. Seriam essas as condições observadas também nos jornais analisados? Vejamos o que os dados analisados podem mostrar, no tópico seguinte.

4.4 A enunciação jornalística irônica por editorias

> *[As características da ironia são] os tons mordaz e ferino, não raro com humor*.
> (Editor pesquisado, há 27 anos no jornalismo)

No início deste estudo, algumas expectativas sobre a incidência de ironia em textos jornalísticos eram de que ela poderia ocorrer em qualquer tipo de texto e assunto, sendo mais freqüente em alguns deles. Até aqui, foi possível evidenciar que a ironia ocorre em qualquer modalidade jornalística e em qualquer gênero de texto, cabendo agora discutir se ela aparece em não importa qual assunto e se tem mais assiduidade em alguns deles.

Para seguir em frente, é preciso ter em vista que a produção jornalística, de modo geral, é organizada em etapas, cuja culminância acontece na confecção dos roteiros dos radiojornais e telejornais e na diagramação dos jornais impressos e das revistas, quando estarão prontos para serem veiculados. Em todos eles, os assuntos não são apresentados aleatoriamente, mas separados em grupos temáticos, chamados de *editorias*. Os jornais que fazem parte do *corpus* podem ser chamados de *informativos*, porque lidam com noticiário cotidiano e não se enquadram no grupo dos *especializados*, que tratam apenas de um determinado assunto (esporte, automóvel, turismo etc.). Por outro lado, esses mesmos assuntos especializados também estão presentes nos jornais em forma de cadernos, publicados de maneira periódica (diariamente ou uma vez por semana, por exemplo).

Entre os jornais analisados, há uma grande semelhança na denominação das editorias, que chegam a receber o mesmo nome ou algo semelhante. São o caso, por exemplo, de *Mundo* (Zero Hora, O Liberal, Folha, O Globo) e *Internacional* (Jornal do Commercio). É claro que os efeitos de sentido de um uso ou de outro são diferentes: em *Mundo* não parece haver um centro; em *Internacional*, parece haver, antes, algo que é pressuposto como nacional para se contrapor a algo externo. Contudo, poder-se-ia objetar haver um *eu*, local/nacional, ao qual se contrapõe o *mundo* ou tudo que é exterior ou internacional, o que resultaria no mesmo.

Entre os cinco jornais analisados, o agrupamento por editorias se assemelha em quatro, sendo a exceção Zero Hora, que apresenta a estrutura enunciativa mais fragmentada em assuntos. Em O Globo, Folha, Jornal do Commercio e O Liberal, há uma média de nove editorias diárias e cinco semanais, estas representadas por aquelas dos cadernos especializados (sobre família, moradia, viagem/turismo, entre outros) que circulam em determinados dias da semana (não estamos aqui considerando que também os cadernos são

divididos em sub-editorias). Em Zero hora, as editorias diárias sobem para 16, e as semanais, para 11.

Assim, tudo que é eleito ao *status* de *notícia* e se torna "digno" de ser publicado deve ser enquadrado em uma dessas editorias, resumidas em grandes (ou limitadoras) categorias temáticas. Seria o mundo tão pequeno? Sim, na ótica da produção jornalística, quando elege categorias temáticas (editorias) amplas o suficiente para englobar qualquer acontecimento do mundo.

Na Quadro 8 encontra-se a forma de denominação das principais editorias nos cinco jornais analisados.

Quadro 8 - Editorias por jornais, nov/2002

ASSUNTO	**EDITORIAS POR JORNAIS**				
	OG	**FSP**	**JC**	**OL**	**ZH**
Notícias nacionais	O país	Brasil	Brasil	* (inseridas em Política/ Economia)	Geral
Textos opinativos	Opinião	Opinião	Opinião	Opinião	Opinião e Editoriais
Notícias da cidade/locais	Rio	Cotidiano	Cidades	Cidade	Polícia (?)
Notícias – economia	Economia	Dinheiro	Economia	Seu dinheiro	Economia
Notícias do mundo	O mundo	Mundo	Internacional	Mundo	Mundo
Notícias - ciência/meio ambiente	Ciência e vida	Ciência	Ciência/meio ambiente	-	Ciência/ Caderno Eureka
Notícias – esporte	Esportes	Esporte	Esportes	Esporte	Esportes
Notícias culturais/ amenidades/ sociedade	Segundo caderno	Ilustrada	Caderno C	Variedades	Segundo Caderno
Notícias – informática	Informática	Informática	Informática	Informática	ZH Digital
Notícias – política	* (incluído em O país)	* (incluído em Brasil)	Política	Política/ economia	Política

Notícias – automóvel	Carro	-	Automóvel	Automóvel	Caderno Sobre Rodas
Outros	Jornal da família, Morar bem, Boa chance, Ela, Prosa e verso, Boa viagem	Folhateen, Folhinha, Equilíbrio, Fovest, Investimento	Família, Segunda capa, Turismo	Sociedade, Página dois, Mulher, Revista Troppo	Palavra do leitor, Informe especial, Reportagem especial, Pelo Rio Grande/Região Metropolitana, Contracapa, e os cadernos Donna, Viagem, Campo e Lavoura, ZH Comunidade, ZH Escola, Gastronomia, Vestibular, Vida, Litoral Norte

Como resume o Quadro 8, os jornais possuem formas bem próximas de classificar os acontecimentos do mundo nas editorias diárias, formas essas que podem ser resumidas pelas denominações à esquerda da tabela. Por essa distribuição é possível notar que as notícias são enquadradas a partir de uma classificação geográfica (as notícias locais ou da cidade, as nacionais e as do mundo ou internacionais) ou a partir de uma área temática (as notícias sobre esporte, política, economia, cultura ou amenidades, automóvel, informática e turismo, entre outras).

As notícias sobre a cidade, sobre o país e o mundo, assim como sobre política, economia, esportes, sociedade e artes, de modo geral, estiveram presentes diariamente nos cinco jornais, permitindo concluir serem esses os assuntos considerados mais importantes pelos veículos em sua produção. Os demais assuntos podem ser considerados mais especializados, "didáticos" ou amenos e circulam uma vez na semana, às vezes em formato de encarte dentro do jornal. Quanto à presença da ironia, ela foi constante nas editorias diárias, embora apareça também nos cadernos semanais, mas de forma mais irregular.

Na Tabela 9 são apresentadas as dez editorias com maior número de ironia, por jornal, em ordem decrescente.

Tabela 9 – Número decrescente de ocorrência de ironia por editoria, nov/2002

POSIÇÃO	IRONIAS POR EDITORIAS E CADERNOS				
	OG	**FSP**	**ZH**	**JC**	**OL**
1º	Ela (43,33%)	Folhateen (39,01%)	Eureka (25%)	Segunda capa (39,47%)	Opinião (30,07%)
2º	Opinião (29,95%)	Brasil (29,48%)	Palavra do leitor (21,66%)	Informática (25%)	(Página dois)* (14,28%)
3º	O país (21,59%)	Opinião (27,53%)	Opinião (19,35%)	Turismo (20,58%)	Mundo (9,82%)
4º	Segundo caderno (21,34%)	Ilustrada (20,09%)	Informe especial (16,99%)	Opinião (17,84%)	Variedades (9,04%)
5º	Rio (18,21%)	Esporte (13,94%)	Reportagem especial (15,38%)	Política (11,20%)	Esporte (7,02%)
6º	Informática (16,84%)	Cotidiano (6,31%)	Economia (9,35%)	Esportes (8,05%)	Política e economia (6,03%)
7º	Prosa e verso (16,66%)	Informática (5,26%)	Política (9,05%)	Família (7,14%)	Cidade (4,66%)
8º	Esportes (13,76%)	Dinheiro (4,48%)	Esportes (7,61%)	Economia (5,78%)	Automóvel (3,44%)
9º	Economia (11,31%)	Mundo (4,25%)	Segundo caderno (5,1%)	Brasil (5,4%)	Informática (2,94%)
10º	Jornal da família (10,52%)	Folhinha (3,84%)	Donna (3,44%)	Caderno C (5,02%)	Mulher (2,63%)

Fonte – Dados da autora.
* Sem título

Das 50 editorias resumidas na Tabela 9 com as maiores ocorrências de ironia, 34 delas aparecem diariamente nos jornais, enquanto 16 circulam uma vez na semana. O que seria possível encontrar em comum entre as editorias dos jornais quanto à ironia? Os dados mostram que ela aparece nas editorias de *opinião*, *esporte*, *economia*, *informática* e nas notícias nacionais e locais de todos os jornais. Destas, apenas informática circula uma vez por

semana, e as demais, diariamente, evidenciando, mais uma vez, a presença regular da ironia nos textos jornalísticos, de qualquer assunto. As editorias mencionadas, com exceção de informática, podem ser consideradas *clássicas* nos jornais impressos, tanto que estão presentes nos cinco veículos e circulam diariamente. A editoria de informática, por sua vez, revela a presença significativa que essa área passou a ter na sociedade contemporânea, permeando a vida pessoal e profissional de boa parte dos cidadãos urbanos.

Outro dado interessante diz respeito às editorias sobre a mulher, presentes nos cinco jornais analisados, sendo que em três deles (O Globo, Zero Hora e O Liberal) figuram entre as dez mais portadoras de ironia (Ela, Donna e Mulher). De certa forma, o caderno Ela, de O Globo, surpreendeu ao apresentar a mais alta incidência de ironia do jornal, a partir do que seria possível se indagar ou conjecturar a respeito da imagem que o veículo faz e tenta construir sobre a mulher em suas páginas. Por que informações que envolvem e interessam à mulher seriam motivo de alvo freqüente de ironias? Se se aceita o papel de ironia fundamentalmente de crítica, nos jornais, como propõe uma das hipóteses deste estudo, é possível avaliar que a mulher ainda é desvalorizada, inclusive na forma como as informações referentes a ela são apresentadas. O questionamento pode começar pela existência de uma editoria ou caderno dedicado a ela, quando não acontece o mesmo em relação ao homem. Entretanto, o efeito de sentido quanto à presença de editorias sobre a mulher pode acontecer ao contrário, com a justificativa de ser justamente a valorização da mulher que a faz merecer tal espaço. Se esse pode ser um argumento válido no discurso jornalístico sobre a mulher, a maneira como as informações são apresentadas pode contradizer essa afirmação, e a presença da ironia pode ser um elemento nesse sentido.

A título de ilustração, em duas notícias assinadas publicadas por O Globo em 16/11/2002, na página 2, o jornal indaga e alerta no título: “O gato da mesa ao lado está te paquerando? Cuidado! Pode sair caríssimo...”, para logo a seguir, no subtítulo, completar e informar: “Garoto de programa agora freqüenta academia e restaurantes da moda”. Na página 5 da mesma editoria, o jornal enuncia e anuncia, no título, “Memórias de uma modelo que fala”, instalando, como implícito, os sentidos de que as demais não falam ou não precisam falar, pois a beleza seria suficiente e a inteligência, desnecessária.

Nas editorias de opinião a presença da ironia era esperada em grande número, por ser o espaço onde os autores podem se manifestar com mais “liberdade”, o que depende das circunstâncias da enunciação (assunto e pessoas envolvidas, por exemplo). Uma presença significativa de ironia era esperada também em esporte e política, duas editorias motivadoras de emoções, na linha do proposto por Muecke (1995) a respeito dos temas mais propiciadores

de ironia. Embora a denominação seja *esporte*(*s*), na verdade, boa parte do material publicado versa sobre futebol, que adquire tal expressão por compor o discurso de "paixão nacional" do país.

Mesmo não sendo paixão nacional, a política partidária se constitui em motivo de disputas e um balizador importante na vida dos cidadãos de uma sociedade, e no caso no Brasil não é diferente. Do ponto de vista da ciência política, o nome *política* tem uma abrangência mais ampla, não contemplada nas páginas jornalísticas, que a significam restritamente como o equivalente de política partidária (e é nesse sentido que *política* será referida aqui). Em O Globo, as informações sobre política apareceram dentro da editoria *O país* e, na Folha, dentro de *Brasil*. Em Zero Hora e Jornal do Commercio recebeu a denominação de *Política*, e em O Liberal, *Política e economia*. As informações sobre esporte, por sua vez, receberam a mesma denominação em todos os jornais, mudando apenas o uso no singular ou no plural. De certa maneira, esporte e política tiveram um equilíbrio quanto à ocorrência de ironia, com superioridade da política.

A editoria de economia, por sua vez, também apresentou grande incidência de efeitos irônicos, a despeito de parecer um assunto muitas vezes difícil de ser explicado ao público e que pouco desperte a sua atenção. Entretanto, a economia (local, nacional e global) é dotada de outra expressão no mundo contemporâneo, constituindo-se em um dos temas centrais de abordagem da grande mídia. Nas duas últimas décadas, o Brasil passou por vários planos econômicos de "salvação" da economia nacional, cujos processos ficaram marcados na vida dos cidadãos. Em O Globo, Jornal do Commercio e Zero Hora, a denominação é mesmo *Economia*, enquanto em O Liberal aparece a conjugação *Política e economia* e, na Folha, a forma restritiva *Dinheiro*. Em suma, se retomarmos a observação de Muecke (1995) acerca dos elementos motivadores do uso da ironia, veremos que esporte, política e mesmo economia são temáticas caras ao país, cada uma delas a partir de um determinado prisma, e por isso seriam ambientes propiciadores dessa produção de sentido. Se até aqui foram enumeradas editorias que mais apresentaram efeitos de sentido irônico, no pólo oposto estão aquelas com finalidade didática e instrutiva, mas isso não é uma regra, pois o Jornal do Commercio, Zero Hora e O Globo foram exceção, tendo ocorrência de efeitos irônicos no material sobre turismo (*Turismo*/JC), sobre ciência (*Eureka*/ZH) e sobre a mulher (*Ela* e *Jornal da família*/O Globo). Assim, o uso da ironia pode estar relacionado a temáticas possibilitadoras de polêmicas e emoções de alguma natureza, sejam em que áreas forem.

Observando os percentuais das editorias com maior ocorrência do fenômeno irônico, vê-se que O Globo é o jornal que apresenta as taxas mais altas, bem mais que a Folha, seu

concorrente mais próximo nesse sentido. Considerando os manuais de redação dos dois veículos, o da Folha (1994) pode ser considerado mais regulamentador, enquanto o de O Globo (1994) diz explicitamente ser a favor de textos mais livres e com linguagem criativa, sem, contudo, agredir ou cometer inverdades. Por outro lado, a enunciação jornalística é resultado de uma postura editorial, e somente uma análise mais longa e apurada (como sugere Verón, 1983) poderia assegurar com mais clareza o comportamento ou papel da ironia na construção textual e discursiva de cada jornal, em determinado período de tempo.

De qualquer maneira, os dados observados permitem a validação da hipótese de que a ironia pode estar presente em qualquer tipo de assunto ou texto, embora seja mais freqüente em alguns deles, como exposto acima.

4.5 A explicitação de ironia pelo enunciador

> *[A ironia no jornalismo impresso é] uma forma criativa de dar a notícia e, simultaneamente, manifestar um sentimento, seja de reprovação, indignação ou sarcasmo, de maneira subliminar, geralmente um sentimento compartilhado com o próprio leitor*.
>
> (Editor pesquisado, há 17 anos no jornalismo)

Até o momento viemos apresentando dados estatísticos de ironias ou de efeitos de sentido irônico possíveis de serem apreendidos nos textos de jornais impressos a partir do modo como o produto jornalístico é construído na enunciação. Antes de entrarmos na abordagem das formas de ironia encontradas nos textos, vamos a um breve comentário acerca do que estamos chamando de *explicitação de ironia pelo enunciador*, ou seja, aqueles casos em que o enunciador diz explicitamente que alguém foi irônico sobre um outro alguém ou alguma coisa. Nesses casos, é o enunciador (muitas vezes assimilado ao profissional jornalista) quem avalia e afirma que o outro faz uso da ironia. Em outras palavras, o enunciador avalia qualitativamente a fala do outro como sendo irônica e explicita isso na sua própria enunciação. É bom ressaltar que o enunciador realiza e explicita tais avaliações sobre os atos de fala de terceiros, mas rarissimamente faz isso sobre si mesmo, quando usa de ironia no texto.

Dos cinco jornais analisados, a explicitação de ironia apresentou o seguinte resultado:

Tabela 10 – Casos de explicitação de ironia por modalidade e jornal, nov/2002

MODALIDADES	JORNAIS					
	JC	ZH	OG	FSP	OL	TOTAL
Informativa	5	11	1	2	9	28
Opinativa	2	6	0	2	5	15
Inform-opinat	1	1	10	8	1	21
TOTAL	8	18	11	12	15	64

Fonte – Dados da autora.

Como se vê na Tabela 10, o jornal que mais recorreu à explicitação de ironia em sua enunciação foi Zero Hora, seguido por O Liberal, Folha, O Globo e Jornal do Commercio. Esta é quase a mesma classificação por número total de textos analisados, a não ser por O Globo e Folha, que inverteram posição, mas cuja diferença de textos entre os dois é mínima, de apenas um. Mais uma vez se tem, num resultado classificatório, a aproximação entre ZH, OL e JC, de um lado, e OG e FSP, de outro.

Voltando à explicitação de ironia, esta esteve mais presente na modalidade informativa, seguida pela informativo-opinativa e, por último, na opinativa. Uma possível explicação para isso pode estar relacionada à característica dos textos de teor informativo de ***relatar*** os acontecimentos, como visto por autores que estudam o jornalismo (por exemplo, Melo, 1994), inclusive realizando avaliações acerca dos atos de fala dos envolvidos (o que, em princípio, faria parte do acontecimento).

Na verdade, em qualquer das modalidades, a explicitação de ironia é resultado de uma avaliação sobre a fala do entrevistado ou sobre a situação vivida por ele e pode, portanto, aparecer na enunciação jornalística na forma de relato descritivo do acontecimento ou como um tipo de ironia observável (ironia do destino, da situação...).

Explicitações de ironia sobre a fala

Entre as explicitações de ironia, os casos mais comuns no *corpus* são aqueles em que o enunciador avalia a fala do entrevistado como irônica e a apresenta dessa maneira, como se pode ver em [9] e [10] abaixo:

> [9]:
> Sem poder? (título)
> José Arlindo Soares, secretário de Jarbas, rebateu, ontem, com fina ironia, declaração de José Sarney de que só 20% do que mandou fazer como presidente foi realizado. “É número particular dele, que loteou o governo para ficar cinco anos”.
> (Jornal do Commercio, coluna Repórter JC, p. 10, 07/11/2002, nota de coluna)
>
> [10]:
> Assim é se lhe parece (título)
> José Arlindo Soares é jarbista de carteirinha. Embora o governador acene que já se considera oposição a Lula por causa das urnas, o secretário insiste que Jarbas não será oposição quando se tratar de projetos como o de combater a fome. “O governador espera para saber como serão as reformas prometidas por Lula”, adiantou, ontem, na ***Rádio Jornal***. E anunciou: “Estamos colocando o Estado à disposição de Lula para combater a fome”. De sua parte, adiantou, não tem postura oposicionista. Muito pelo contrário, não é secretário?
> (Jornal do Commercio, coluna Repórter JC, p. 10, 07/11/2002, nota de coluna)

O texto [9] é uma nota publicada na coluna ***Repórter JC*** do Jornal do Commercio e vem acompanhada de uma segunda nota, o texto [10]), complementar, que ratifica a crítica iniciada na primeira e produz também um efeito de sentido irônico no título (***Assim é se lhe parece***) e no final do texto, com a interrrogação, de efeito retórico (***Muito pelo contrário, não é secretário?***). Na nota [9], a explicitação de ironia se dá na avaliação do enunciador sobre a fala do entrevistado, quando a classifica como portadora de ***fina ironia***. Contudo, não é possível ter certeza da ocorrência dessa ironia pela maneira como o texto é apresentado, onde se visualiza uma crítica clara e direta do secretário José Arlindo Soares à postura do ex-presidente José Sarney tanto naquele momento quanto quando exercia a Presidência da República. Resta ao leitor confiar ou não na avaliação jornalística.

Já em [10], é possível encontrar um efeito de sentido irônico a partir da enunciação jornalística e não mais um caso de explicitação de ironia desenvolvida pelo entrevistado. A ironia é possível no final do texto, quando o enunciador insinua uma postura pró-Lula por

parte do secretário e que parece ser condenada com mordacidade pela instância jornalista, ao formular a pergunta retórica de encerramento (*Muito pelo contrário, não é secretário?*). O efeito irônico do final é introduzido, no entanto, a partir do título (***Assim é se lhe*** parece), que instaura uma vagueza de sentido, preenchido ao longo do texto e arrematado ao final dele. Nota-se claramente no texto a apresentação de uma postura de oposição ao futuro presidente atribuída ao governador e uma outra postura, de alinhamento, imputada ao secretário. Caso a nota encerrasse em ***não tem postura oposicionista*** não haveria efeito irônico, pois é justamente a introdução da indagação que confere ao texto de [10] tal efeito. Da maneira como a enunciação aconteceu, nem mesmo um maior conhecimento acerca da história política do secretário é essencial para que o leitor perceba ali uma ***alfinetada*** jornalística.[43]

Uma outra maneira de apresentar a avaliação sobre a fala de alguém é qualificá-la como tendo um "tom irônico", como em [11]:

> [11]:
> Energia (título)
> Técnico com larga experiência no setor elétrico adota tom irônico ao comentar as alegações dos dirigentes da Rede Celpa sobre os aumentos da tarifa de energia elétrica. Os dirigentes da empresa dizem que ela não tem nenhuma responsabilidade nos reajustes que são autorizados pelo governo federal através da Aneel. Parece verdade, mas não passa de uma meia-verdade, e olhe lá. Embora o aumento seja de fato autorizado pela Aneel, segundo esse técnico, isso só acontece com base em pedido da distribuidora amparado em planilha de custos para reajuste da tarifa.
> (O Liberal, caderno Atualidades, coluna Repórter 70, p. 3, 25/11/2002, nota de coluna)

Como se pode notar, o "tom irônico" qualificado pela enunciação jornalística tanto pode ser aplicado sobre uma possível entonação irônica do técnico consultado quanto sobre as informações contestatórias que apresenta, desmontando as afirmações da empresa de energia elétrica, que pleiteia aumento, mas não assume estar fazendo isso. Aliás, as duas coisas podem acontecer em conjunto, pois uma reforça a outra e não são excludentes.

[43] A título de explicação, é preciso observar que houve aqui a antecipação de uma discussão que acontecerá mais à frente, mas que foi introduzida a propósito de [9], que completa seu sentido no texto de [10], até porque a análise enunciativa não pode abrir mão de uma observação co-textual e contextual.

OPINIÃO

Repórter JC

E-mail: scarpa@jc.com.br

Futuro do MST

Os próximos passos do MST serão definidos a partir de hoje, em São Paulo, quando a direção do movimento, que nasceu dentro do PT e se afastou do partido, se encontrará, pela primeira vez, com assessores do presidente eleito Lula da Silva. Os 30 líderes do MST, reunidos em Caruaru, estão dispostos a ouvir o que o PT tem a dizer sobre como fará a reforma agrária a partir de 2003, antes de retomar à tática de invasões para pressionar as desapropriações de áreas selecionadas pelo MST. O encontro na Fazenda Normandia terminou ontem sem consenso. Mas será dito aos representantes de Lula que a reforma agrária, assim como a miséria, não dão trégua a governo nenhum.

JC IMAGEM

Privado

Fernando Ferro (PT) se pronunciou, ontem, contra a estadualização do metrô do Recife, na Câmara dos Deputados. "A pressa com que se quer transferir o metrô para o Governo nos deixa algumas dúvidas, preocupações e estranheza", disse. "Por que fazer isso na transição?", questiona. Para ele, "a privatização" explicaria a pressa.

Conversas

Frei Aloísio Fragoso (foto) não vê problemas de diálogo da Igreja Católica com a Igreja Evangélica caso os evangélicos cuidem da área social do Governo Lula. "O que chama a atenção é quando se busca o poder para conseguir verbas para obras", disse.

Sem poder?

José Arlindo Soares, secretário de Jarbas, rebateu, ontem, com fina ironia, declaração de José Sarney de que só 20% do que mandou fazer como presidente foi realizado. "É número particular dele, que loteou o governo para ficar cinco anos".

Assim é se lhe parece

José Arlindo Soares é jarbista de carteirinha. Embora o governador acene que já se considera oposição a Lula por causa das urnas, o secretário insiste que Jarbas não será oposição quando se tratar de projetos como o de combater a fome. "O governador espera para saber como serão as reformas prometidas por Lula", adiantou, ontem, na *Rádio Jornal*. E anunciou: "Estamos colocando o Estado à disposição de Lula para combater a fome". De sua parte, adiantou, não tem postura oposicionista. Muito pelo contrário, não é secretário?

JC IMAGEM

[9] Sem poder?

[10] Assim é se lhe parece

Jornal do Commercio, coluna Repórter JC, p. 10, 07/11/2002

REPÓRTER 70

Bilhão

A Câmara Cível Isolada do Tribunal de Justiça deve julgar hoje uma causa da construtora Andrade Gutierrez contra o governo estadual no valor de R$ 1,5 bilhão, quase a metade do Orçamento Geral do Estado deste ano. Na sexta-feira, 22, o Estado interpôs mandado de segurança, alegando que o julgamento ocorre de forma irregular, mas a petição não chegou a ser distribuída porque o sistema eletrônico de distribuição do TJE estava fora do ar. O mandado é para obrigar o relator do caso, desembargador Alberto Paiva, a primeiro submeter à Câmara Cível Isolada a exceção de incompetência oposta pelo Estado contra ele.

Inversão

O Estado ganhou a causa em primeira instância, em 2001, numa decisão da então juíza Marta Inês, hoje desembargadora. Ela entendeu que o crédito alegado pela empreiteira Andrade Gutierrez estava prescrito, mas a juíza Rosileide Cunha Barros, convocada ao Órgão Especial do TJE, inverteu o ônus da condenação, e o Estado, que tinha ganho a causa, passou a ser condenado por um embargo de declaração. O crédito reivindicado pela construtora é relativo ao contrato, em gestão anterior à do atual governo, para a medição de uma estrada que acabara de ser asfaltada.

Projeto

Um projeto de lei aprovado pelo Senado promete ainda dar muito o que falar. De autoria do senador Lúcio Alcântara (PSDB-CE), ele altera a Lei Complementar nº 87, de 13 de setembro de 1996 - a chamada Lei Kandir -, para introduzir a cobrança do ICMS sobre o comércio de mercadorias importadas destinadas a pessoas físicas e jurídicas não contribuintes do imposto. O projeto, que ainda será apreciado pela Câmara, tem no seu texto uma ameaça contra os Estados mais pobres do País.

Sangria

A mudança na lei Kandir passa a definir como local da operação, para efeito da cobrança do im-

Energia

Técnico com larga experiência no setor elétrico adota um tom irônico ao comentar as alegações dos dirigentes da Rede Celpa sobre os aumentos da tarifa de energia elétrica. Os dirigentes da empresa dizem que ela não tem nenhuma responsabilidade nos reajustes, que são autorizados pelo governo federal através da Aneel. Parece verdade, mas não passa de uma meia-verdade, e olhe lá. Embora o aumento seja de fato autorizado pela Aneel, segundo esse técnico, isso só acontece com base em pedido da distribuidora para, amparado em planilha de custos para reajuste da tarifa.

Audiência

A Agência Nacional de Energia Elétrica abre de hoje a 6 de dezembro, em sua página na internet (www.aneel.gov.br), uma audiência pública para apresentar a proposta de mudanças dos submercados de energia elétrica no País. A legislação sobre o assunto determina que a partir de 1º de janeiro de 2003 o número de submercados deverá ser reduzido de quatro - Sul, Sudeste e Centro-Oeste, Norte, e Nordeste - para dois, assim propostos: o do Sul, com a fusão do Sul e do Sudeste/Centro-Oeste; e o do Norte, juntando também o Nordeste.

Escalpos

Com pareceres favoráveis das Comissões de Constituição e Justiça e de Fiscalização Financeira e Orçamentária da Assembléia Legislativa, chega nos próximos dias à pauta de votações em plenário o projeto de lei do deputado Martinho Carmona (PSDB) que torna obrigatória a instalação de uma proteção (carenagem) sobre o eixo do motor das embarcações no Pará. A falta de proteção já fez 60 vítimas de escalpelamentos na Amazônia, segundo o autor do projeto. Se a proposta virar lei, os barcos deverão ser adaptados em 180 dias.

[11] Energia

O Liberal, caderno Atualidades, coluna Repórter 70, p. 3, 25/11/2002

Explicitação de ironia sobre a fala e a situação

Em [12], a enunciação jornalística é construída de modo a apresentar uma avaliação sobre a fala do entrevistado, taxada de irônica, mas também um relato da cena do acontecimento, o que produz um efeito de reconstituição da produção de ironia e, ao mesmo tempo, a torna inquestionável. A ironia em si tem como base uma crítica do entrevistado sobre uma situação que ele considera contraditória, inaceitável ou mesmo absurda.

> [12]:
> Freio na pressão dos estados (título)
> Lula ganha apoio de governadores eleitos do PMDB para conter negociação das dívidas (subtítulo)
> (...) Itamar, que estava hospedado no mesmo hotel que Lula, embarcou de volta para Minas sem se encontrar com o petista. Na saída para o aeroporto, ele ironizou:
> - Primeiro, Lula vai conversar com os adversários, depois com os amigos, certamente.
> (O Globo, editoria O País, p. 3, 07/11/2002, notícia assinada)

O presidente eleito Luís Inácio Lula da Silva estava no mesmo hotel que o governador Itamar Franco para um encontro com políticos que não necessariamente o tinham apoiado nas eleições. O governador se considerava entre os amigos do futuro presidente, estava hospedado no mesmo hotel que ele, mas não chegaram a se encontrar. A situação contraditória, inaceitável ou absurda em questão seria o fato de o presidente eleito se encontrar primeiro com políticos que não apoiaram sua candidatura e não com os amigos – classe em que Itamar Franco se incluía -, quando a prática usual costuma ser privilegiar primeiro os aliados. No texto jornalístico, a explicitação da ironia pelo enunciador-jornalista é ratificada pela citação da fala do governador em discurso direto, fala essa encerrada pelo modalizador ***certamente***, que atua como elemento marcador de ironia. Simulando a fala sem o modalizador, o efeito irônico no texto escrito parece não se estabelecer, embora isso talvez fosse possível no texto verbal, com o auxílio da entonação, que não aparece na escrita.

Ainda tomando o assunto de [12] como alvo, ele apareceu nos cinco jornais do ***corpus***, sendo tratado como irônico por quatro deles, O Globo, a Folha, O Liberal e Zero Hora. O Jornal do Commercio foi o único a não avaliar o acontecimento como irônico. Dos cinco jornais, apenas O Globo e a Folha apresentaram texto próprio e os outros três usaram material

de agência: O Liberal usou agência Globo; Zero Hora usou agência da Folha, sem identificá-la (a identificação foi possível por ser o texto quase idêntico ao publicado pelo jornal Folha) e Jornal do Commercio também usou agência sem qualquer identificação, a qual não foi possível recuperar com certeza (seria agência Estado?). Dessa maneira, os textos tiveram como matriz a Folha e O Globo, com a possibilidade de uma terceira fonte (usada pelo Jornal do Commercio) diferente dessas duas, já que o JC assinava na ocasião as agências Folha, Globo e Estado e o texto publicado era diferente daquele das duas primeiras. O que interessa dessa discussão é que os dois mais importantes jornais do *corpus* apresentaram a fala e a postura do governador mineiro como irônica, em que na Folha a explicitação de ironia teve a seguinte enunciação:

> [13]:
> Itamar ironiza estratégia petista (título)
> Com ironia, o governador de Minas, Itamar Franco (sem partido), demonstrou ontem estar insatisfeito com o fato de não ter sido procurado pela cúpula petista para conversar sobre a transição.
> "Eles [os líderes petistas] estão conversando com os adversários primeiro. Depois, vão conversar com os amigos, tenho certeza", declarou Itamar, pela manhã, quando saía do hotel Naoum, em Brasília, o mesmo em que o presidente eleito, Luís Inácio Lula da Silva, se hospedava. (...)
> Mas, em seguida, foi novamente irônico. Apontando para um jornal que estampava uma foto do encontro de anteontem entre os presidentes do PT, José Dirceu, e do PMDB, Michel Temer, seu antigo adversário, Itamar afirmou: "Quando eu vejo uma foto como essa, eu acho tão bonito".
> Na campanha, os petistas fizeram grande esforço para contar com o apoio público de Itamar. (...)
> (Folha de S. Paulo, editoria Brasil, p. A8, 07/11/2002, notícia assinada)

Ao comparar os fragmentos de O Globo e da Folha, vê-se que há uma exploração maior da cena pela Folha, que explicita a ocorrência de duas ironias aplicadas pelo governador mineiro. Em O Globo, a citação da fala de Itamar é introduzida pelo verbo *ironizar*, que contamina a fala citada (do governador), enquanto a fala atua como ratificadora do verbo. Na Folha, a fala de Itamar é classificada como irônica com o uso de expressões qualificadoras (*com ironia; foi novamente irônico*), também acompanhadas de citações em discurso direto introduzidas pelos verbos de opinião *declarar* e *afirmar*, que dão austeridade à fala do

governador num momento em que o sentido, se irônico, não seria *declarativo* ou *afirmativo*, e, sim, de crítica e sarcasmo.

Quinta-feira, 7 de novembro de 2002 O GLOBO 3

O PAÍS

ELEIÇÕES 2002 *TRANSIÇÃO*

Freio na pressão dos estados

Lula ganha apoio de governadores eleitos do PMDB para conter renegociação das dívidas

Adriana Vasconcelos
BRASÍLIA

No seu dia de estréia no gabinete de transição em Brasília, o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva ganhou a ajuda de dois governadores eleitos pelo PMDB para frear a pressão de alguns estados para a abertura imediata da discussão sobre renegociação das dívidas, um tema que vem preocupando a equipe de transição do PT diante das dificuldades financeiras do país. Depois de audiências com Lula, os governadores eleitos de Santa Catarina, Luiz Henrique, e do Rio Grande do Sul, Germano Rigotto, ambos do PMDB, defenderam a tese de que a crise financeira dos estados seja discutida no âmbito de uma ampla reforma tributária e do novo pacto federativo.

— Rolar a dívida dos estados no atual quadro é uma panacéia! Essa dívida foi rolada há pouco tempo. Traria um alívio a curto prazo, mas é preciso fazer uma intervenção maior. Em vez de administrar remédio para dor, melhor fazer logo a cirurgia — disse Luiz Henrique.

Na mesma linha, Rigotto acrescentou:

— Não dá para discutir dívidas dos estados fora de um pacto federativo, que passa pela reforma tributária e fiscal. Uma simples renegociação não resolve.

Lula não hesitou em agradar a seus interlocutores. Prometeu, por exemplo, fazer gestões junto ao governo de Fernando Henrique para suspender o leilão de privatização do Banco do Estado de Santa Catarina, marcado para 16 de dezembro.

A aproximação entre os dois partidos, iniciada na véspera com uma visita do presidente do PT, José Dirceu, ao do PMDB, Michel Temer, despertou ciúmes no governador de Minas, o ex-peemedebista Itamar Franco. Itamar, que estava hospedado no mesmo hotel que Lula, embarcou de volta para Minas sem se encontrar com o petista. Na saída para o aeroporto, ele ironizou:

— Primeiro, Lula vai conversar com os adversários, depois com os amigos, certamente.

Sarney despista após encontro

• Ainda ontem, Lula se encontrou durante 40 minutos com o senador José Sarney (PMDB-AP), candidato declarado à presidência do Senado. Na saída, Lula fez questão de se deixar fotografar ao lado de Sarney, um dia depois de o PT e o PMDB firmarem um acordo de procedimento pelo qual os dois partidos indicariam os presidentes da Câmara e do Senado. Lula disse que quem falaria sobre o encontro

Fotos de Roberto Stuckert Filho

SAUDADO COM FESTA pelos funcionários, Lula inaugurou o gabinete de transição recebendo o governador eleito pelo PMDB Germano Rigotto (RS) e ganhou da desempregada Ieda Coelho uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, sob o olhar atento do senador José Sarney

Uma transição de popstar em Brasília

Desempregada chora ao entregar imagem de santa a presidente eleito

Ilimar Franco , Eliane Oliveira, Catia Seabra e Valderez Caetano

• BRASÍLIA. Como tem acontecido em outros lugares, a passagem de Luiz Inácio Lula da Silva por Brasília foi marcada por muito empurra-empurra dos que tentavam tocar, beijar e abraçar o presidente eleito. A sua chegada ao Centro de Treinamento do Banco do Brasil (CTBB), para sua primeira reunião com a equipe de transição, foi bastante tumultuada, com a tietagem explícita dos funcionários públicos que trabalham no prédio. Os servidores seguravam balões vermelhos e cantavam jingles da campanha do PT. Lula teve dificuldade em entrar no CTBB.

— Consegui abraçar Lula e ele me deu um beijo no rosto. Ele tem a barba macia e é muito cheiroso — disse Beatriz Alves, proprietária do restaurante do centro.

O momento de maior emoção aconteceu à tarde, no Hotel Nahoum, quando a desempregada Ieda Coelho, de 24 anos, moradora da colônia rural Vicente Pires, no Distrito Federal, conseguiu cumprir a promessa de entregar a Lula uma imagem de Nossa Senhora Aparecida. A moça chorou copiosamente abraçada ao presidente eleito. No dia em que Lula foi a Brasília, para se encontrar com o presidente Fernando Henrique, Ieda correu desesperadamente atrás de seu carro, debaixo de chuva, mas não foi vista. Lula ficou sabendo e mandou convidar Ieda para lhe encontrar no hotel.

— Fiz uma promessa para a santa de que se ele (Lula) ganhasse daria uma imagem dela a ele para ser colocada em seu gabinete — disse Ieda.

O presidente eleito fez questão de dizer que pediu ao PT de Brasília para localizar Ieda e levá-la ao hotel para que ele pudesse receber a santa, da qual afirmou ser devoto. Lula também não disfarçou sua emoção e explicou por que ela não pôde entregar a imagem na primeira vez em que esteve na capital do país após eleito.

— Eu fiquei muito sentido na primeiro vez que vim a Brasília depois de eleito. O carro da Polícia Federal saiu correndo e gritaram que tinha uma moça querendo me entregar uma santa. Não consegui abrir a porta do carro, a moça ficou para trás e correu atrás de mim — contou Lula.

Em retribuição ao presente entregue por Ieda, Lula tirou a estrela do PT que trazia na lapela, e pôs na blusa da moça, que chorou mais ainda com o gesto.

[12] Freio na pressão dos estados

O Globo, editoria O País, p. 3, 07/11/2002

Itamar ironiza estratégia petista

DO ENVIADO A BRASÍLIA

Com ironia, o governador de Minas, Itamar Franco (sem partido), demonstrou ontem estar insatisfeito com o fato de não ter sido procurado pela cúpula petista para conversar sobre a transição.

"Eles [os líderes petistas] estão conversando com os adversários primeiro. Depois, vão conversar com os amigos, tenho certeza", declarou Itamar, pela manhã, quando saía do hotel Naoum, em Brasília, o mesmo em que o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, se hospedava.

Embora Lula estivesse no hotel no momento em que o governador deixava o local, Itamar e assessores petistas afirmaram que não houve encontro entre eles.

O ex-presidente, que apoiou Lula desde o primeiro turno, disse não estar magoado com o fato de não ter sido procurado pelo presidente eleito nos últimos dias.

Mas, em seguida, foi novamente irônico. Apontando para um jornal que estampava uma foto do encontro de anteontem entre os presidentes do PT, José Dirceu, e do PMDB, Michel Temer, seu antigo adversário, Itamar afirmou: "Quando eu vejo uma foto como essa, eu acho tão bonito".

Na campanha, os petistas fizeram grande esforço para contar como apoio público de Itamar. Os objetivos foram assegurar uma base em Minas e utilizar o suporte do ex-presidente como uma espécie de "aval" ao petista no mercado financeiro. (FÁBIO ZANINI)

[13] Itamar ironiza estratégia petista

Folha de S. Paulo, editoria Brasil, p. A8, 07/11/2002

Explicitação de ironias observáveis

Embora possa ser criticável, a concepção de ironia observável advinda dos teóricos da ironia romântica tem guarida no uso cotidiano e na prática jornalística, onde é possível encontrar exemplos de explicitação desse tipo de ironia. A ironia estaria presente nas coisas do mundo: na contraditoriedade, no absurdo ou na surpresa das situações vividas pelas pessoas e, claro, presenciadas e assinaladas pela instância jornalística em sua enunciação. Aqui se incluem também os casos chamados de *ironia do destino*, mesmo que sejam ou não denominados dessa maneira, como é possível ver em [14] e [15].

> [14]:
> Élson é reserva em Belém (título)
> Parece ironia do destino. Depois de Bira, o Inter encontrou o volante Élson, titular do último título nacional, a Copa do Brasil de 1992. Élson era jogador de confiança do técnico Antônio Lopes naquele ano. Hoje está na reserva do Paysandu e mora no mesmo hotel onde se hospeda o Inter. Por ética, ele evitou comentar a situação do clube, responsável por sua projeção.
> - É difícil, é um clube grande. A gente lamenta.
> (Zero Hora, editoria Esportes, p. 36, 16/11/2002, notícia assinada).

> [15]:
> Entidade de jogadores luta contra desemprego (título)
> Futebol – Jogadores sem time treinam e atuam com a ajuda de associação em Pelotas (supertítulo)
> (...) O trabalho já rende frutos. Antes mesmo de entrar em campo, o time já cedeu dois jogadores a clubes da região. O atacante Carlos André e o zagueiro Ângelo foram contratados por São Paulo e Rio Grande, respectivamente. Por ironia do destino, vão enfrentar o time que os devolveu ao futebol profissional, no torneio amistoso que São Paulo, Rio Grande e Riograndense estão disputando com a APPF todas às terças-feiras.
> (Zero Hora, editoria Esportes, p. 39, 16/11/2002, notícia assinada).

Os dois casos acima são caracterizados como *ironia do destino* por apresentarem situações em que o destino parece tramar contra alguém (embora não de uma maneira totalmente malévola). Em [14], a trama do destino seria contra o Internacional, que, numa situação delicada por estar ameaçado de rebaixamento para a Segunda Divisão, encontra às vésperas

de uma partida decisiva dois ex-jogadores seus que agora atuam justamente no time adversário (o Paysandu, de Belém), que vão enfrentar logo mais. Em [15], o quadro é similar, quando se vê que os dois jogadores abrigados pela Associação Pelotense de Profissionais do Futebol (APPF) e depois contratados por dois times regulares (o São Paulo e o Rio Grande) vão ter sua primeira partida nos novos times justamente contra a APPF que lhes deu apoio e possibilitou o retorno à vida profissional. A *coincidência* inesperada e até indesejada, de certa forma, é que dá o valor de *ironia do destino* a tais situações, como assinalado na enunciação jornalística.

36 | PORTO ALEGRE, SÁBADO, 16/11/2002

ZERO HORA
ESPORTES

Editor: Mauro Toralles mauro.toralles@zerohora.com.br ☎ 5218-4552
Editor Assistente: Mário Marcos de Souza mario.souza@zerohora.com.br ☎ 5218-4551

www.sbardecar.com.br
Sbardecar
Ligue: 477-7777

INTER Os resultados da última rodada foram festejados pelos jogadores enquanto estavam no avião

Inter se reanima no vôo para Belém

LEONARDO OLIVEIRA
◆ Enviado Especial/Belém

O Inter saiu de Porto Alegre rebaixado e chegou a Belém apostando na fuga do rebaixamento. Está certo que a viagem foi longa, dispendeu nove horas para cumprir 4 mil quilômetros. Mas reacendeu a esperança.

Os resultados favoráveis na rodada de quinta-feira fizeram os jogadores passarem da prostração ao otimismo. Fisionomias circunspectas cederam lugar a sorrisos e agitação no vôo. Mal a aeronave da Vasp havia tocado o solo em Goiânia, na segunda escala da viagem, os jogadores ligaram os celulares. Mahicon Librelato e Claiton eram os mais ansiosos. Mahicon ligou para casa e pediu informações sobre os resultados.

– Vai passando de canal em canal e diga o tempo e o resultado – exigiu.

Cada resultado via telefonema era festejado pelos demais:

– O Grêmio está ganhando, o São Paulo vence e o Botafogo está perdendo. Está tudo fechando para nós.

Os resultados deixaram Claiton ainda mais ansioso. O gerente executivo, Newton Drumond, o único dirigente no vôo da delegação, já sorria e fazia brincadeiras. O Inter acordara do nocaute de quarta-feira, diante do Cruzeiro. A aeronave partiu para um vôo de 20 minutos até Brasília. Neste período, houve um festival de projeções.

– Todo mundo ajuda, só nós que não nos ajudamos – comentou o zagueiro Chris com Fabiano Costa.

Pelo celular, Librelato soube no vôo os resultados da rodada

Os telefonemas se repetiram em Brasília. A decolagem, porém, aconteceu a cerca de 15 minutos para o final da rodada. O que obrigou Mahicon Librelato a transgredir as normas de vôo. A aeronave já se movimentava na pista quando Librelato recebeu a única notícia desagradável da noite.

– PQP, o Paraná acabou de empatar – avisou o jogador.

Depois de nova análise de Claiton na tabela, o gol sofrido pelo Grêmio acabou sendo desconsiderado. Em nada alteraria a necessidade de um tropeço dos paranaenses. Em seguida, Drumond chegou à conclusão que reacendeu o astral dos jogadores: a derrota para o Cruzeiro acabou garantindo o Paysandu na primeira divisão. Se o Inter tivesse empatado quarta-feira, os paraenses jogariam a vida neste domingo.

O Inter chegou a Belém por volta das 23h30min (0h30min de Porto Alegre) com a renovada esperança de fugir do rebaixamento.

– Ganhamos fôlego, o que tinha de acontecer de ruim, já aconteceu. Mas para nos livrarmos, temos que vencer o Paysandu – avalia o goleiro Clemer. – E isso é que tem sido mais difícil.

FOTOS FERNANDO GOMES/ZH

Goleador do Inter tricampeão de 79, Bira recepcionou Cláudio Duarte em Belém: time tem que ter coração

O que o Inter precisa

É obrigado a vencer o Paysandu e torcer para uma das três hipóteses:

- Palmeiras não vencer o Vitória, em Salvador
- Paraná não vencer o Figueirense, em Florianópolis
- Um empate entre Portuguesa e Bahia, em São Paulo
- **Se empatar**, o Inter estará rebaixado para a Segundona

USADOS PLUS
Assistência 24h
Gratis
Sbardecar
www.sbardecar.com.br
Ligue: 477-7777

No vôo a Belém, resultados da rodada foram bem recebidos

Fora de casa

Chiquinho confirmado

Pela primeira vez no campeonato o ala-esquerdo Chiquinho vai entrar no time na condição de titular. Uma imensa ironia cerca o anúncio de Chiquinho no lugar de Cássio: virou titular na última partida do Brasileirão e justamente no mais tenso e nervoso compromisso da história do clube. Logo ele que, há duas semanas, era considerado inexperiente e franzino para entrar na equipe. Cleiton Xavier vai compor o meio com Alexandre e Cleitão.

Bira Burro sofreu pela TV

O centroavante Bira, tricampeão brasileiro pelo Inter em 1979, visitou a delegação ontem no Hotel Sagres, concentração dos gaúchos em Belém. Bira foi titular do time na campanha invicta e mantém laços estreitos com o clube e Porto Alegre. Com uma camiseta vermelha, abraçou funcionários e o técnico Cláudio Duarte, auxiliar do então técnico Ênio Andrade em 1979. Atualmente, Bira, 47 anos, é auxiliar-técnico de João Francisco no Remo. Está decepcionado com o antigo time, que acompanha pela tevê.

– O que foi aquilo diante do Cruzeiro? Frustrar aquela torcida toda, está doido? Tem que ir no coração – discursa.

Bira jogou pelo Inter entre 1979 e 1982 e durante o tricampeonato, marcou 18 gols. Em 1980 fez apenas 12 gols e passou a ser chamado pela torcida de Bira Burro . Fosse hoje, seria gênio.

Élson é reserva em Belém

Parece ironia do destino. Depois de Bira, o Inter encontrou o volante Élson, titular do último título nacional, a Copa do Brasil de 1992. Élson era jogador de confiança do técnico Antônio Lopes naquele ano. Hoje está na reserva do Paysandu e mora no mesmo hotel onde se hospeda o Inter. Por ética, ele evitou comentar a situação do clube, responsável por sua projeção.

– É difícil, é um clube grande. A gente lamenta.

Clemer, o mais conhecido

O goleiro Clemer e o técnico Cláudio Duarte são os jogadores mais assediados pela imprensa de Belém. Clemer jogou no Remo em 1994. Ao final da temporada, foi levado por Hélio dos Anjos para o Goiás e ganhou renome no futebol. Cláudio treinou o Remo no início da Série B em 2001.

Calor complica o treino

O calor intenso druante o treinamento de ontem do Inter no estádio do Remo, em Belém, provocou paradas a cada cinco minutos. Os jogadores literalmente pediam água por causa da temperatura em torno de 36° C e com uma umidade do ar muito alta. A chuva só chegou no exato momento em que o treinamento mais importante do clube acabou.

[14] Élson é reserva em Belém
Zero Hora, editoria Esportes, p. 36, 16/11/2002

FUTEBOL Jogadores sem time treinam e atuam com a ajuda de associação em Pelotas

Entidade de jogadores luta contra desemprego

FÁBIO SCHAFFNER
◆ Casa Zero Hora/Pelotas

Um time de desempregados da bola fez sua primeira incursão pelos gramados perdendo por 2 a 1, na terça-feira à noite, em Rio Grande.

Mas em vez de lamentar o resultado, a Associação Pelotense de Profissionais do Futebol (APPF) saudou a partida como um recomeço na carreira de 18 atletas sem clube para jogar.

– É sensacional estar treinando e jogando, longe da angústia de estar em casa sem saber o que fazer da vida – diz o volante Géverton, ex-Grêmio e sem contrato há cinco meses.

Criada em agosto por dois técnicos e dois preparadores físicos, a entidade pretende servir como uma espécie de "casa de passagem" para desempregados. Desde o final do Gauchão, em junho, a maioria dos jogadores do Estado está inativa, devido ao desmantelamento das equipes. A alternativa surgida em Pelotas garantiu treinos regulares e orientação profissional para quem vinha disputando peladas ou limitando-se a abdominais na sala de casa.

– Com treinos diários, os jogadores ficam motivados e se cuidam mais. Quando eles chegaram, a maioria estava acima do peso – conta Zeca Ferreira, um dos preparadores físicos.

Logo nos primeiros treinamentos, Zeca e Ricardo Murtoza – primo de Flávio Murtoza, o fiel escudeiro de Luiz Felipe Scolari –, traçaram um cronograma de recondicionamento físico para o grupo. Além da emergencial eficácia, a medida tinha outras vantagens, como o custo zero.

– Não tínhamos bola, fardamento, muito menos campo para treinar. Então botamos todo mundo a correr e fazer exercício – recorda Eduardo Pereira, que compartilha o cargo de técnico com Eugênio Lopes.

A iniciativa já garantiu emprego a dois jogadores em times da região

Dupla de zaga do Pelotas na década de 80, Pereira e Lopes agora comandam os treinamentos no Parque do Trabalhador, área cedida à associação pelo Serviço Social da Indústria (Sesi). Além de dirigir a equipe, os dois também buscam apoio à causa. Já conseguiram patrocínio de quatro empresas locais e a doação de um uniforme completo, com as cores do município – branco, laranja e azul celeste.

O trabalho já rende frutos. Antes mesmo de entrar em campo, o time já cedeu dois jogadores a clubes da região. O atacante Carlos André e o zagueiro Ângelo foram contratados por São Paulo e Rio Grande, respectivamente. Por ironia do destino, vão enfrentar o time que os devolveu ao futebol profissional, no torneio amistoso que São Paulo, Rio Grande e Riograndense estão disputando com a APPF todas às terças-feiras.

FOTOS FLÁVIO RODRIGUES, ESPECIAL/ZH

Os jogadores sem clube recebem auxílio de dois treinadores e dois preparadores físicos

Roger

Zagueiro consagrado na bem-sucedida campanha do Pelotas no Gauchão 2001 – quando o clube ficou em terceiro lugar –, Roger vem de uma experiência amarga no Exterior. Ele jogou o primeiro semestre no Monza, clube da terceira divisão do futebol italiano, mas não se adaptou ao país. Aos 26 anos e dono do próprio passe, Roger divide o tempo entre os treinamentos na Associação Pelotense dos Profissionais de Futebol e a dedicação ao filho Guilherme, nascido há dois meses.

Géverton

Volante revelado pelo Grêmio em 1987, Géverton circulou por vários clubes do país após deixar o Olímpico. Eficiente no desarme e líder em campo, jogou no Coritiba, Comercial, de Ribeirão Preto, e Figueirense. Com passagens pelos três clubes de Pelotas, no primeiro semestre ajudou o Farroupilha a conquistar a segunda melhor campanha da Série B do Gauchão. Dono do passe, Géverton vê na Associação uma vitrina para os jogadores exibirem seu futebol aos clubes.

PAULO ROBERTO FALCÃO

SALVADOR – Cláudio Duarte está confirmando Chiquinho para começar o jogo de amanhã. Pelo que mostrou até agora, o garoto acrescenta um pouco da técnica que está realmente faltando à equipe. Mas não pode e nem deve ser visto como um salvador da pátria.

Sentimentos

O maior desejo de grande parte da torcida gremista é ver o Internacional rebaixado, mesmo que o Grêmio não se classifique. A maior esperança da torcida colorada é de que o Internacional consiga escapar do rebaixamento e o Grêmio deixe fugir a classificação diante do Atlético MG. Com raríssimas exceções, este será o Gre-Nal de amanhã, na rodada de encerramento da fase classificatória do Brasileirão 2002 – o mais emocionante dos últimos tempos.

Com a intenção de analisar mais profundamente o sentimento antagônico das duas parcelas da torcida rio-grandense, entrevistei para o meu programa da Rádio Gaúcha (às 13h de hoje) o psicólogo Benno Becker e o neurolinguista Nelson Spritzer. Ambos concordaram que a matriz motivadora da rivalidade exacerbada é o medo – o medo natural do ser humano de se sentir inferiorizado diante de seus semelhantes. Por isso as pessoas se tornam irracionais nas suas paixões clubísticas.

Neste ambiente emocional fica bem mais difícil fazer uma análise sensata do que está para acontecer, pois muita gente prefere ver aquilo que deseja à realidade.

◆◆◆

A classificação do Grêmio é uma possibilidade concreta. Com o futebol que vem apresentando, o Grêmio tem plenas condições para superar o Atlético no Olímpico, especialmente quando se sabe que o clube mineiro, já classificado, deverá jogar sem vários titulares. Existe, evidentemente, aquele pensamento mágico de que os reservas tendem a render mais do que os titulares, porque estão buscando vaga no time. Mas nem sempre isso funciona. O normal é que os suplentes tenham menos entrosamento e menos experiência do que aqueles que vêm jogando.

Porém, o Grêmio terá que jogar para vencer, pois o empate poderá deixá-lo no mesmo nível do Coritiba, Goiás e Cruzeiro, todos com possibilidade de superá-lo pelo número de vitórias.

◆◆◆

A sobrevivência do Internacional é uma possibilidade mais remota, mas também real. A primeiríssima premissa para que isso ocorra, evidentemente, é uma vitória sobre o Paysandu. Aí, bastará torcer por um empate entre Portuguesa e Bahia ou por uma derrota do Palmeiras para o Vitória, que joga em casa e ainda mantém esperanças de classificação.

O porém do Inter é a dúvida sobre sua força para vencer o Paysandu, que costuma fazer uma correria danada no segundo tempo para aproveitar o calor. Como já escapou do rebaixamento, é de se esperar que o time paraense não faça uma guerra.

[15] Entidade de jogadores luta contra desemprego

Zero Hora, editoria Esportes, p. 39, 16/11/2002

Há casos em que, ao mesmo tempo em que se adota a possibilidade de uma ironia do destino, rejeita-se essa alternativa, em que se rejeita também a capacidade da ironia de ter tamanho poder. Em outras palavras, a conseqüência da História pode ser algo maior que o poder de trama dos destinos pela ironia, como se vê em [16]:

> [16]:
> As almas congeladas (título)
> (...)
> Ironia (ou conseqüência da história de ambos?), colonizado e colonizador se encontraram, séculos depois, à beira do fogão. (...)
> (Folha de S. Paulo, Opinião, p. A2, 16/11/2002, artigo interno)

A 2 sábado, 16 de novembro de 2002 OPINIÃO

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ★★★

Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S/A

Presidente: Luís Frias
Diretor Editorial: Otavio Frias Filho
Superintendentes: Antonio Manuel Teixeira Mendes e Judith Brito
Editora-executiva: Eleonora de Lucena

Conselho Editorial: Luis Alberto Bahia, Rogério Cezar de Cerqueira Leite, Marcelo Coelho, Janio de Freitas, Gilberto Dimenstein, Luís Nassif, Flavio Pestana, Clóvis Rossi, Carlos Heitor Cony, Celso Pinto, Antonio Manuel Teixeira Mendes, Luís Frias e Otavio Frias Filho (secretário)

EDITORIAIS

E-mail: editoriais@uol.com.br

CSN PÓS-PRIVATIZAÇÃO

A SAGA da Companhia Siderúrgica Nacional chega a um ponto que resume, dramaticamente, alguns dos equívocos das reformas econômicas dos últimos anos.

Privatizada no início de 1993, o "dinossauro" da era Vargas tornou-se um modelo de ajuste: cortes significativos na folha de pagamentos e ganhos de eficiência serviam como a demonstração de que o Estado deve retirar-se de atividades produtivas.

Feito o saneamento, em 1997 a empresa foi usada pelo grupo Vicunha como alavanca para comprar participação na Cia. Vale do Rio Doce.

No lugar do projeto de reforma empresarial e das expectativas de um novo ciclo de investimentos produtivos, predominou a dimensão financeira da empresa, caracterizada pelo xadrez dos cruzamentos acionários e pelas armações especulativas no tabuleiro das privatizações.

A privatização da CSN foi insuficiente. Conflitos pelo seu controle se tornaram mais notórios que o seu papel no desenvolvimento do país.

As negociações com a empresa Corus, agora abortadas, são mais um capítulo da fase melancólica em que a ausência de políticas de longo prazo fragilizou a própria tese, em si louvável, de que a privatização levaria à modernização da economia.

Completando o ciclo, sem perspectivas de solução privada para a sua crise, a CSN provavelmente voltará ao "colo" do Estado.

Afinal, mesmo na hipótese hoje muito otimista de que haja grupos nacionais interessados numa fusão com a CSN, parece inevitável que a engenharia financeira passe pelo BNDES e mesmo por outros gabinetes do governo federal.

Essa empresa é crucial para a economia, a começar pelo seu papel como fornecedora de insumos para a indústria automobilística. Seu destino merece uma urgente mas ponderada reflexão. Sua história ensina que privatizar pode ser necessário, mas está longe de ser suficiente para abrir novos horizontes de desenvolvimento para a economia brasileira.

TROCA DIRETA

O FUTURO governo brasileiro pretende propor aos parceiros de Mercosul que o comércio de produtos agropecuários entre os integrantes do bloco seja feito em regime de troca direta.

A Europa fornece importante precedente histórico de prática de escambo. Ao término da Segunda

CLÓVIS ROSSI

As almas congeladas

OXFORD - *As duas mocinhas se matam para empurrar escada acima o carrinho lotado de roupas de cama do Oxford Hotel, quase à beira da estrada que leva desta cidade universitária a Londres.*

De repente, em um português com o mais puro sotaque mineiro, uma delas diz: "Ai, eu vou cair". Não caiu por pouco. Pergunto: "O que vocês, brasileiras, estão fazendo aqui neste fim de mundo?".

A mineirinha responde: "O senhor sabe que eu nem sei? Queria tanto um solzinho".

É natural: Oxford, como todo o Reino Unido nesta época do ano, é plúmbea, o frio lá fora é de rachar até a alma (3º C, pouco mais ou menos). É verdade que a calefação torna a temperatura interna até agradável. Permite que as moças empurrem seu carrinho e façam suas tarefas com roupas leves.

Mas a visão do cinza pesado lá de fora parece penetrar todas as frestas e invadir o hotel, congelando-o.

O calor é mais forte, bem mais forte, junto ao fogão industrial do "Ask", restaurante popular da George Street, bem no centro de Oxford, a passos de alguns dos incontáveis prédios da mitológica universidade. São 900 anos, ao menos, de tradição como centro docente.

Mas lá também o português soa alto e forte. Palavrões mil, que, pelo menos teoricamente, há poucas chances de encontrar entre os fregueses alguém que entenda esse exótico idioma. Idioma falado em dois acentos, o português do Brasil e o português de Portugal.

Ironia (ou consequência da história de ambos?), colonizado e colonizador se encontraram, séculos depois, à beira do fogão.

Hoje é assim em muitas partes do mundo, até nas mais improváveis. Um brasileiro desgarrado tocando o trabalho pesado, às vezes sem saber direito o que faz por lá.

Pergunto de Luiz Inácio Lula da Silva para as mocinhas do hotel Oxford. É como se lhes perguntasse de um duende. Não processaram a eleição, não sabem se o duende é capaz de aquecer almas geladas.

VALDO CRUZ

[16] As almas congeladas
Folha de S. Paulo, Opinião, p. A2, 16/11/2002

No Jornal do Commercio, uma crítica de cinema ironiza a ironia do destino ou do roteiro de filme, em [17], substanciando o comentário negativo a respeito da obra. A crítica apresenta avaliações de forma mais aberta, em que outros elementos também colaboram no sentido irônico, como a qualificação do assassino serial como “especialista em atormentar famílias”.

> [17]:
> Clima de déjà vu na tela (título)
> Algo familiar ronda a história da estréia da semana, Dragão Vermelho, com Anthony Hopkins vivendo pela terceira vez Hannibal Lecter, o papel de Canibal que o imortalizou no cinema (subtítulo)
> (...) Mas, ironia do destino ou do roteiro, ele é convocado pelo chefe para voltar a fim de esclarecer crimes executados pelo assassino serial ‘Fada do Dente’ (Fiennes), especialista em atormentar famílias. (...)
> (Jornal do Commercio, caderno C, coluna Em cartaz, p. 4, 01/11/2002, crítica)

CINEMA

Clima de déjà vu na tela

Algo familiar ronda a história da estréia da semana, Dragão Vermelho, *com Anthony Hopkins vivendo pela terceira vez Hannibal Lecter, o papel de canibal que o imortalizou no cinema*

O brilhante psiquiatra que virou canibal está de volta às telas a partir de hoje com a estréia do thriller de suspense *Dragão Vermelho* (*Red Dragon*) no circuito multiplex.

A história do filme foi escrita e publicada em livro por Thomas Harris, sete anos antes de ele assinar *O Silêncio dos Inocentes*, cuja versão para o cinema arrebatou cinco Oscar nas categorias tidas como mais nobres (Filme, Roteiro, Direção, Ator e Atriz), isso 16 anos depois de *Um Estranho no Ninho*, de Milos Forman, ter conseguido a mesma façanha.

Partindo desse antecedente vitorioso, o produtor Dino De Laurentis (*King Kong, Noites de Cabíria*) resolveu adaptar a história de Harris para as telas e pôr de novo em cena sir Anthony Hopkins como Hannibal Lecter. Desta vez, contracenando com um agente vivido por Edward Norton (*Clube da Luta*). Em *Dragão*, Lecter divide as vítimas com um serial killer interpretado por Ralph Fiennes (*O Paciente Inglês*).

Na trama de *Dragão Vermelho*, Norton é Graham, um agente expert em personalidades seriais, que quase morre após uma investida de Lecter (Hopkins). Marcado, o tira decide se isolar com a família na Flórida. Mas, ironia do destino ou do roteiro, ele é convocado pelo chefe para voltar a fim de esclarecer crimes executados pelo assassino serial ‘Fada do Dente’ (Fiennes), especialista em atormentar famílias.

Dragão Vermelho, do mesmo cineasta de *A Hora do Rush* e de *Um Homem de Família* Brett Ratner, é um filme que põe a vítima na delicada situação de ter que negociar com seu algoz para juntar forças afim de combater uma ameaça maior.

ESPIONAGEM MIRIM – A outra estréia da semana, *Pequenos Espiões 2 – A Ilha dos Sonhos Perdidos* (*Spy Kids 2 – The Island of Lost Dreams*), traz uma curiosidade: o filme é praticamente carregado por uma só pessoa. E esta pessoa é o hudaladíssimo cineasta Robert Rodriguez, aquele que escreveu, produziu e dirigiu *El Mariachi*, o filme de menor orçamento lançado por um estúdio, quando ele tinha apenas 23 anos, em 1993.

Neste *Pequenos Espiões 2*, Robert Rodriguez (*Grande Hotel, Prova Final e Um Drink no Inferno*) faz a seqüência de um grande sucesso de bilheteria do ano passado, que arrecadou mais de US 100 milhões só no mercado norte-americano.

Pequenos Espiões 2 segue mais ou menos a mesma linha do seu precursor (*Pequenos Espiões – Spy Kids*) e fala sobre uma aventura feita em família, na qual duas crianças espiãs tentam salvar do cativeiro de um seqüestro, seus pais também espiões.

E aqui, em seu oitavo longa-metragem, Rodriguez continua assumindo papel de *workaholic*, como é de costume. O cineasta escreveu, dirigiu, produziu, fez a fotografia, o desenho de produção, os efeitos especiais, montou a edição, e até compôs a trilha sonora do filme.

JC IMAGEM

JÁ VISTO *Clima de remake na cena em que Hannibal Lecter recebe a visita do agente do FBI Edward Norton*

[17] Clima de déjà vu na tela
Jornal do Commercio, caderno C, coluna Em cartaz, p. 4, 01/11/2002

Há casos de ironia observável a partir de uma situação de contradição, mas não por obra do destino, como em [18].

> [18]:
> Energia é o nó para o crescimento do país (título)
> Especialistas trabalham com hipótese de racionamento em 2005. Só retomada de investimentos pode garantir oferta (subtítulo)
> (...)
> Por ironia, esta economia de energia acaba afetando a perspectiva de investimento, já que as operadoras, com a queda do consumo, deixarão de arrecadar R$ 4 bilhões este ano. (...)
> (O Globo, editoria Economia, p. 43, 10/11/2002, reportagem assinada)

A ironia explicitada no texto se refere à situação de contradição, que pode ser resumida pelo dito popular "descobrir um santo para cobrir outro", ou seja, a resolução de um problema implica a criação de um outro, correlacionado, quando a situação ideal seria economia de energia que não afetasse o investimento no próprio setor.

Em [19], a explicitação da ironia tem como base a contradição entre a leveza (a competição) e a tragédia de uma situação vivenciada pelos sujeitos da notícia.

> [19]:
> Competição tem 'Aquarela do Brasil' e 'Estúpido Cupido' (título)
> Pode parecer ironia uma mostra de dança em cadeira de rodas num país onde muitos não têm a cadeira, e onde é preciso se arrastar para subir um ônibus. Talvez por isso mesmo, a iniciativa da Unicamp, ao organizar o 2º. Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas (...)
> (Folha de S. Paulo, caderno Cotidiano, p. C4, 28/11/2002, reportagem assinada)

Domingo, 10 de novembro de 2002 O GLOBO ECONOMIA • 43

Energia é o nó para o crescimento do país

Especialistas trabalham com hipótese de racionamento em 2005. Só retomada de investimentos pode garantir oferta

Editoria de Arte

Ramona Ordoñez, Mônica Tavares e Eliane Oliveira

• RIO e BRASÍLIA. Compatibilizar a oferta necessária de energia elétrica com as metas de crescimento da economia será um dos desafios do governo do presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva. Uma expansão do Produto Interno Bruto (PIB) de 3% ao ano representará um aumento no consumo de energia da ordem de 6% ao ano, calculam os técnicos do setor. Ao mesmo tempo, especialistas indicam que há o risco de o país não ter energia suficiente a partir de 2005, apesar dos 88 projetos de construção de usinas em andamento. Eles advertem que serão precisas novas redes de expansão já no próximo ano.

Segundo o ex-secretário de Energia do Ministério de Minas e Energia Afonso Henriques, um aumento de 5% a 6% ao ano no consumo de energia representa a necessidade de acréscimo de quatro mil megawatts (MW) ao sistema brasileiro. Isso exige investimentos de, no mínimo, US$ 6 bilhões por ano.

— Temos como responder rapidamente ao crescimento da demanda, mas há que se eliminar entraves — diz.

Dólar alto e baixo consumo atrasam investimentos

No entanto, os novos investimentos estão em compasso de espera. E este ano, não houve problema de abastecimento por causa das chuvas que elevaram o nível do reservatório e da entrada em operação de algumas usinas hidrelétricas e termelétricas. Além disso, contribuiu a maior conscientização da população após o racionamento, que fez o consumo cair para os níveis de 1998/1999.

Por ironia, esta economia de energia acaba afetando a perspectiva de investimento, já que as operadoras, com a queda do consumo, deixarão de arrecadar R$ 4 bilhões este ano. As empresas enfrentam ainda a alta do dólar, que oneram suas dívidas e aumentam as despesas com a compra de energia de Itaipu.

Além disso, há inúmeras dúvidas em relação ao que acontecerá com a reestruturação tarifária do setor, por exemplo. De um lado, distribuidoras se queixam que a remuneração é baixa e que a carga tributária chega a 22% da tarifa. De outro, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) mostra que as tarifas para os consumidores subiram mais de 160% nos últimos sete anos.

Saiba como estão os projetos das usinas

USINAS HIDRELÉTRICAS: ATRASADA; ADIANTADA; EM DIA

USINAS TERMELÉTRICAS DO PPT: ATRASADA; ADIANTADA; EM DIA

Das 48 usinas hidrelétricas programadas, 26 estão com as obras em dia, 14 estão com o cronograma atrasado e outras 8 estão adiantadas. Já das 40 termelétricas a gás previstas, 18 estão com as obras atrasadas, seis estão em dia. Outras seis térmicas estão em operação e duas estão com o cronograma adiantado. Outras oito usinas não saíram sequer do papel.

TOCANTINS: Santa Isabel: 1.087 MW; Luis Eduardo Magalhães: 180,5 MW; Peixe Angical: 452 MW

PARÁ: Tucuruí: 4.125 MW

CEARÁ: Fortaleza: 346,5 MW

RIO GRANDE DO NORTE: Vale do Açú: 347,4 MW

PERNAMBUCO: Termopernambuco: 637,5 MW

GOIÁS: Couto Magalhães GO/MT: 150 MW

BAHIA: Camaçari: 310 MW; Itapebi: 450MW

MATO GROSSO DO SUL: Três Lagoas: 360 MW; Campo Grande: 237,2 MW

MINAS GERAIS: Ibiritê: 652,8 MW; Capim Branco I: 240 MW; Aimorés: 330 MW; Capim Branco II: 210 MW; Irapés: 360 MW

PARANÁ: Fundão: 119 MW; Santa Clara: 119 MW

RIO DE JANEIRO: Cabiúnas (Paracambi): 511,2 MW; Norte Fluminense: 725 MW; Termorio: 940,8 MW; Santa Cruz: 400 MW

SANTA CATARINA: Barra Grande SC/RS: 690 MW; Pai Querê SC/RS: 292 MW; Campos Novos: 880 MW; Quebra Queixo: 120 MW; Salto Pilão: 181 MW

SÃO PAULO: Anhanguera: 278,3 MW; Duke Energy I: 500 MW; Paulínia II: 552,5 MW; Carioba II: 945 MW; Mogi Mirim: 890,8 MW; Ribeirão Moinho: 357 MW; Cubatão: 950 MW; Nova Piratininga: 790 MW; Porto Primavera SP/MS: 220 MW

RIO GRANDE DO SUL: Canoas (Refap): 500 MW; Foz do Chapecó RS/SC: 855 MW; Monte Claro: 30 MW

O armazenamento nas hidrelétricas

anos, desde que sejam feitas as obras de geração, que deverão aumentar a oferta em 19 mil megawatts (MW).

Para o presidente da Asso-

se tornar deficiente.

Já o superintendente de Fiscalização dos Serviços de Geração da Aneel, Jamil Abid, diz que até 2006 não estão pre-

utilizado como combustível das usinas termelétricas.

Já Afonso Henriques lembra que hoje existem 4.000MW de hidrelétricas com obras para-

SÓ ESTA SEMANA

CCDTRV306 - FILMADORA MiniDV SONY
6X de 312,50
R$ 1.875,00

DCRTRV340 - FILMADORA DIGITAL SONY
6X de 499,00
R$ 2.994,00

DSCP7 - CÂM. FOTOGRÁFICA DIGITAL SONY
6X de 416,00
R$ 2.496,00

DSCP31 - CÂM. FOTOGRÁFICA DIGITAL SONY
6X de 199,00
R$ 1.194,00

[18] Energia é o nó para o crescimento do país

O Globo, editoria Economia, p. 43, 10/11/2002

SOBRE RODAS *No Campeonato Brasileiro de Dança em Cadeira de Rodas, em Campinas, participantes mostraram manobras*

Dança propõe novo olhar sobre deficiente

URELIANO BIANCARELLI
ENVIADO ESPECIAL A CAMPINAS

Na elegância do negro de seus ajes, a dupla Anete Cruz e Luis ntonio Cabral entra no salão sob plausos e a provocação do sam- a "Aquarela do Brasil". Olho no lho, gestos sincronizados, movi- entos ágeis e surpreendentes, ós ois percorrem o salão sob a ad- iração do público e do olhar pontuador" dos jurados.

O ritual segue as regras de um oncurso de dança de salão, como intos outros. A diferença é que lém dos dois pares há uma cadei- de rodas, e que o item mais va- orizado são os movimentos de uem perdeu boa parte dos movi- entos. Cabral, 37, ficou paraplé- ico dez anos atrás num acidente e carro. Anete, hoje sua mulher, onheceu-o nos carnavais de Sal- ador, onde os dois costumam sambar" por cinco dias e cinco oites.

O cadeirante Cabral e a andante nete formam uma das 13 duplas ue na noite da terça-feira partici- aram do 1º Campeonato Brasi- iro de Esporte Dança em Cadei- a de Rodas. A apresentação conteceu na Sociedade Hípica de Campinas e o evento —histórico o país e na América Latina— faz arte do 2º Simpósio Internacio- al de Dança em Cadeira de Ro- as promovido pela Unicamp, a Universidade de Campinas.

Num país de tantos ritmos e musicalidades, criatividade e dan- a não surpreendem ninguém. Mas num país onde parte dos ca- deirantes nem cadeira de rodas em, o simpósio internacional e o primeiro campeonato da "catego- ia" significam um novo olhar so- re um universo ainda excluído e discriminado.

O esporte dança em cadeira de odas, ou dança de salão, segue as egras estabelecidas pela Federa- ão Internacional de Dança em Cadeiras de Rodas que, por sua vez, está ligada ao Comitê Paraolímpico Internacional. Diante de regras preestabelecidas, jurados internacionais estabelecem quem são os melhores. O primeiro campeonato internacional aconteceu em 1992. O campeonato de ontem foi vencido pela dupla santista Célia Regina Diniz e Alexandre Siqueira (leia textos na página).

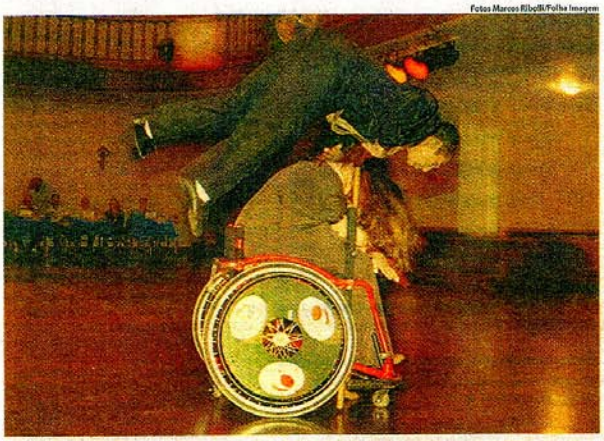
Esse é o lado esportivo e competitivo desse tipo de dança. O outro tipo é a dança artística, onde os grupos agem com toda liberdade, misturando cadeirantes e andantes e elaborando coreografias variadas. Dois numa cadeira de rodas, três empurrando uma cadeira de rodas, vale tudo.

Uma apresentação desse tipo de dança acontece hoje à noite, no Sesc Campinas, na 2ª Mostra de Dança em Cadeira de Rodas, também dentro do simpósio internacional. São cerca de 30 grupos do país inteiro que mostram suas coreografias. "Esse tipo de dança envolve todos os ritmos, pode ser individual, combinada, em grupo", diz Maria Beatriz Rocha Ferreira, coordenadora geral do simpósio, antropóloga e professora de educação física da Unicamp. Maria Beatriz já dirigiu o Departamento de Estudos da Atividade Física Adaptada, uma área de pesquisa sobre todos os tipos de deficiência. A iniciativa de promover o simpósio internacional de dança em cadeira de rodas nasceu desse grupo de pesquisadores.

Eliana Lúcia Ferreira, outra coordenadora do simpósio, é presidente da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas e está preparando o primeiro doutorado no Brasil sobre o assunto. "No Brasil, não há academias nem universidades que se dedicam a essa questão", ela diz.

Para assistir à apresentação da Mostra de Dança em Cadeira de Rodas hoje à noite, no Sesc Campinas, é preciso retirar ingressos antes; endereço: rua Dom José I, Bonfim

Fotos Marcos Ribolli/Folha Imagem



Casais participam do 1º Campeonato Brasileiro de Dança em Cadeira de Rodas, em Campinas (SP)

Cadeirante vira bailarina de companhia

DO ENVIADO ESPECIAL

Célia Regina Diniz perdeu o movimento dos membros inferiores aos dois anos por conta de uma poliomielite. Recolheu-se numa cadeira de rodas, mas nunca abdicou de seu sonho de dançar. "Sempre dancei nos meus pensamentos."

Em 1993, acompanhou no Rio uma apresentação de dança em cadeira de rodas. Alguns anos depois, era a principal bailarina da Companhia de Dança Arte de Viver, que faz parte da Associação dos Deficientes Físicos de Santos. "Faço com a cadeira de rodas o que um bom de pernas faz", diz.

Seu parceiro "andante" é Alexandre Siqueira, 26, arquiteto e professor de dança de salão. "Dividir uma dança com um cadeirante foi uma experiência que me fascinou", diz Siqueira.

Célia e Siqueira foram os vencedores do 1º Campeonato Brasileiro de Dança Esporte em Cadeira de Rodas, realizada na quarta-feira, na Hípica campineira, na classe 2, dos menos deficientes. Na classe 1, venceram Rita de Cassia Ferreira e Márcio do Rosário Leão.

A namorada de Siqueira, a "andante" Luciana Carla Ramos, 26, terapeuta corporal e bailarina clássica, é a parceira do "cadeirante" Luciano Marques, 43, casado, pai de uma filha de 14 anos e presidente do Conselho Municipal do Deficiente de Santos. "Somos o complemento um do outro", diz Luciana.

Os integrantes do Arte de Viver são contrários à prática de o andante conduzir o cadeirante. "Como em qualquer dança, o homem conduz a mulher", diz Luciana.

Os "bons de pernas" ou "andantes" têm o mesmo papel dos "chumbados" ou "cadeirantes" —segundo os termos que eles utilizam.

Competição tem 'Aquarela do Brasil' e 'Estúpido Cupido'

O ENVIADO ESPECIAL

Pode parecer ironia uma mos- ra de dança em cadeira de rodas num país onde muitos não têm a adeira, e onde é preciso se arras- ar para subir num ônibus. Talvez or isso mesmo, a iniciativa da Unicamp, ao organizar o 2º Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, que termina amanhã, seja um marco na luta pelos direitos dos deficientes.

Pelos números do censo, o país deve ter entre 3% e 4% de deficientes físicos. Seriam, no mínimo, 5 milhões de pessoas —sendo 350 mil só na cidade de São Paulo. Como ninguém os vê, significa que a grande maioria não sai de casa por falta de condições e de estímulo.

O último campeonato de dança esportiva em cadeira de roda, realizado na Holanda, reuniu mais de 400 pares, diz Herbert Rausch, treinador do grupo de dança da Universidade de Munique. "Em criatividade, porém, o Brasil já tem o que ensinar", diz.

No campeonato brasileiro, os pares dançam o samba, com "Aquarela do Brasil", e o rock, com "Estúpido Cupido".

Pelas regras, a competição é feita em pares de homem e mulher, um andante e um cadeirante. Um representante do Comitê Paraolímpico Internacional classifica os participantes em duas categorias, segundo o grau de deficiência.

Assim que o Brasil organizar três outras competições, poderá participar dos campeonatos internacionais. (AB)

[19] Competição tem 'Aquarela do Brasil' e 'Estúpido Cupido'

Folha de S. Paulo, caderno Cotidiano, p. C4, 28/11/2002

Há um caso interessante em O Liberal, que transcreve a ironia verbalizada por um entrevistado bem aos moldes da ironia romântica, quando questiona a pequenez/pretensão do homem em relação a Deus.

> [20]:
> Pesquisador contesta as diferenças morais entre os tipos de clonagens (título)
> (...)
> O professor John Harris, da Universidade britânica de Manchester e o professor da faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), Marco Segre, também foram enfáticos ao defender a continuidade dos estudos sobre clonagem terapêutica e reprodutiva. "Apesar da ironia, de que estamos brincando de Deus, se não fosse o trabalho científico, não teríamos vencido a batalha contra tantas doenças ao longo dos últimos anos", salientou Segre.
> (O Liberal, editoria Cidade, p. 5, 04/11/2002, notícia/agência Estado)

Pesquisador contesta as diferenças morais entre os tipos de clonagem

■ BRASÍLIA
Agência Estado

A diferenciação "moral" entre a reprodução de órgãos e a clonagem de seres humanos inteiros foi duramente criticada pelo pesquisador Fermin Roland Schramm, da Fundação Oswaldo Cruz (RJ), num dos últimos debates realizados durante o 6º Congresso Mundial de Bioética, que terminou ontem, em Brasília. Para o pesquisador brasileiro, sob o ponto de vista da moral e da ética, não há por que fazer a diferenciação entre a clonagem terapêutica e a reprodutiva. Na avaliação de Schramm, se uma técnica tem a função de produção de órgãos para transplante ou tratamento de doenças como diabete, o que é moralmente aceito, a outra - que serve para dar a um casal estéril um filho -, também é legítima e válida. "Não há diferença entre as duas do ponto de vista moral", disse.

O próprio pesquisador admitiu que a questão levanta uma série de controvérsias, mas defendeu que não há razões para condenar "moralmente" a clonagem humana. "Apesar da controvérsia, a clonagem reprodutiva é uma resposta adequada para casais estéreis", frisou. Outra aplicação prática para esse tipo de clonagem, defendida pelo pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz, seria a pré-seleção de sexo de crianças, para evitar doenças genéticas ligadas ao gênero. "Toda vez que ampliamos o nosso campo moral, nos tornamos humanos mais respeitáveis", declarou.

Durante os cinco dias do Congresso, que reuniu em Brasília mais de mil pesquisadores e estudantes de 62 países, diversos palestrantes defenderam a manutenção das pesquisas no campo da genética humana. O finlandês Matti Hayry, por exemplo, foi favorável à posição de Schramm, sobre a conveniência da clonagem humana como solução para casais estéreis que querem ter filhos mas evitam a adoção. "É legítimo que um casal estéril deseje ter um filho por meio dessas técnicas", salientou.

O professor John Harris, da Universidade britânica de Manchester e o professor da faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), Marco Segre, também foram enfáticos ao defender a continuidade dos estudos sobre clonagem terapêutica e reprodutiva. "Apesar da ironia, de que estamos brincando de Deus, se não fosse o trabalho científico, não teríamos vencido a batalha contra tantas doenças ao longo dos últimos anos", salientou Segre.

[20] Pesquisador contesta as diferenças morais entre os tipos de clonagens
O Liberal, editoria Cidade, p. 5, 04/11/2002, agência Estado

Não é demais lembrar, a propósito das explicitações de ironia encontradas no *corpus* e enumeradas acima, que vemos aí no mínimo dois momentos enunciativos diferentes: um primeiro momento, vivido pelos sujeitos e instituições que participam de situações comunicativas, seja com profissionais jornalistas ou não, e em que podem acontecer atribuições de ironia; e um segundo momento enunciativo, referente à enunciação jornalística propriamente dita, em que esta apresenta sua avaliação e julgamento acerca de situações anteriores, chegando a explicitar a ocorrência ou atribuição de ironia da personagem da notícia sobre outros. É o que se vê nos exemplos de Itamar e do secretário de Jarbas. Além disso, há casos em que é a enunciação jornalística mesmo que julga e atribui um sentido irônico sobre algo ou alguém, como a dança sobre cadeira de rodas ou sobre a economia de energia que provocaria atraso no crescimento do país, entre outros exemplos apresentados há pouco.

De modo geral, esses casos são vistos como ironia pelo observador, que os (re)constrói e (re)apresenta ao público. Como foi discutido nos capítulos 1 e 2, este é o procedimento da ironia observável, cujo elemento irônico estaria na situação, que dependeria, entretanto, de um observador para notar tal característica e repassá-la adiante de algum modo, por via da linguagem ou não. É possível argumentar que a noção de ironia observável é bastante útil à enunciação jornalística, por deslocar a atribuição de ironia de sua responsabilidade para algo externo (o acontecimento, a situação), em que a instância jornalística entraria apenas como um observador especial, com a missão de tudo notar, avaliar e (re)constituir a partir dos parâmetros da noticiabilidade. Então, a incidência da responsabilidade pela ironia passa a se voltar mais para o ***próprio acontecimento*** e menos para a enunciação jornalística, que se esconde atrás do ***fato*** e dos critérios do fazer jornalístico: o primeiro, como algo externo à enunciação jornalística; o segundo, como elementos integrantes de uma técnica que teria a função de garantir a busca de uma prática a mais objetiva possível.

Como se pode perceber em exemplos acima, a atribuição e a explicitação de ironia pela enunciação jornalística se dão justamente a partir de critérios que orientam os da ironia observável. Tudo muda se se considerar, como Mouillaud (1997), o ***fato*** como uma construção jornalística, uma tessitura de dados e de fontes/personagens, antes dispersos, mas que, ao final, adquirem configuração e constituem um ***acontecimento***. Nesse caso, como assegurar a ironia como intrínseca à situação, se não se tem ***a situação***, mas ***nacos*** que possibilitarão a (re)configuração de uma situação? Como seres comunicantes e produtores de discurso, tendemos a apreender os ***nacos*** (lembrando Verón, 1980) de realidade dentro de uma unidade que faça algum sentido, que não apareçam dispersos, sem conexão, e este parece ser

também o princípio da prática jornalística. Com esse comentário não estamos querendo dizer que ela seja correta, justa ou algo dessa natureza, mas apenas que pode ser intrínseco ao processo de produção discursiva, em qualquer ambiente comunicativo, inclusive o jornalístico.

Por fim, é válido observar que entre as explicitações de ironia não existem exemplos somente sobre terceiros; há momentos em que a própria ironia é o assunto do texto, como já ilustrado no artigo de Zuenir Ventura anteriormente e em uma crítica da Folha sobre o papel da ironia (e outras figuras de linguagem, segundo o autor) em alguns contos do dramaturgo Nelson Rodrigues.

> [21]:
> Nelson Rodrigues maneja estilos para desvelar o Rio (título)
> "Pouco amor não é amor" – Livro reúne contos publicados nos anos 50 (supertítulo)
> (...)
> Os recursos de estilo podem ser representados por três figuras de linguagem: o oxímoro, a hipérbole e a ironia. (...)
> Por fim, a ironia, nesse conto destilada em prol de uma grande dose de humor. Só traindo a confiança da paciente, o médico é capaz de conquistá-la. (...)
> Por conta da natureza trágica de muitas histórias de Nelson, tendemos a esquecer seu lado mais bem humorado. (...)
> (Folha de S. Paulo, caderno Ilustrada, p.E6, 16/11/2002, crítica)

Nessa crítica, assinada, pode-se notar o entendimento da ironia como integrante do humor e como figura de linguagem, pela qual se diz uma coisa para se entender o contrário ou se adota um comportamento oposto (este, visível no trecho *só traindo a confiança da paciente, o médico é capaz de conquistá-la*).

Pelo que se observou no *corpus*, a explicitação de ironia não é privilégio de determinado gênero ou modalidade jornalística, podendo aparecer em qualquer um deles, embora tenha sido mais freqüente entre os informativos e menos entre os opinativos.

LIVROS/LANÇAMENTOS

"POUCO AMOR NÃO É AMOR" Livro reúne contos publicados nos anos 50

Nelson Rodrigues maneja estilos para desvelar o Rio

MARCELO PEN
CRÍTICO DA FOLHA

UMA MULHER se desespera ao cismar que tem câncer. Consulta-se com um médico-galã e implora: "Só me diga a verdade". Com o resultado dos exames em mãos, ele a chama ao consultório: é câncer. Ela, aliviada: "Posso fazer o que nunca fiz!". Ele, declarando-se apaixonado, dá-lhe "um beijo de louco". Depois, confessa: não é câncer, é úlcera. E ela: "Bendita úlcera!".

Esse é o primeiro dos contos que integra "Pouco Amor Não É Amor", conjunto de ficções, inéditas em livro, publicadas por Nelson Rodrigues no semanário dominical "Jornal da Semana Flan", entre 1953 e 1954. A história revela alguns dos procedimentos estilísticos comuns ao autor, que já havia escrito a peça "Álbum de Família" e sua famosa coluna no jornal "Última Hora", "A Vida como Ela É...".

Os recursos de estilo podem ser representados por três figuras de linguagem: o oximoro, a hipérbole e a ironia. O oximoro, procedimento que reúne conceitos contraditórios, surge aqui na intersecção entre vida e morte. Só ao julgar-se uma "quase-morta" é que a mulher afirma que "agora vive". A hipérbole, a figura do exagero, verifica-se no comportamento paroxístico dos personagens, sempre tomados por emoções acaçapantes, por paixões incontroláveis.

Por fim, a ironia, nesse conto destilada em prol de uma grande dose de humor. Só traindo a confiança da paciente, o médico é capaz de conquistá-la.

A mulher, desreprimida ao se ver quase morta, mantém o comportamento livre mesmo quando se descobre bastante viva. Por conta da natureza trágica de muitas histórias de Nelson, tendemos a esquecer seu lado mais bem-humorado.

Folha Imagem - 16.jun.1950

Imagem do dia da inauguração do estádio do Maracanã, tema de crônicas de Nelson Rodrigues

"AZUL E DURA"

Bracher é intensa e precisa em obra sobre dilaceramento existencial

CRÍTICO DA FOLHA

POUCAS VEZES é dado ao crítico o contentamento de poder recomendar sem pejo um novo escritor e sua ficção de estréia. Dificuldades de toda sorte se apresentam nesses casos ao autor, em sua busca da perfeição técnica, e ao analista, em sua procura pela objetividade. Mas a maioria dos obstáculos é superada diante de "Azul e Dura", primeiro romance da paulistana Beatriz Bracher.

O enredo pode soar banal. A narrativa corre solta por diversos momentos do passado: a infância e adolescência no seio de uma família tradicional; a formação engajada numa escola de cinema; o casamento que aos poucos embota-lhe a dignidade; o acidente e o processo jurídico. Há também o tempo presente, em que a protagonista-narradora se empenha em organizar o caos no qual sua vida se converteu.

Como na faculdade, quando montava seus primeiros filmes, precisa arranjar na moviola ro- não consegue superar o peso da tradição imoral de que faz parte.

O resultado só pode ser o esfacelamento. Na narrativa, isso se dá não só pela montagem aparentemente aleatória dos planos-sequência da memória, mas também pela constante reescrita da personagem de acordo com o discurso por meio do qual se representa. Ora lamuriento, ora acusador, ora desesperançado, ora lúcido, ele revela uma Mariana multifacetada em seu dilaceramento existencial. Como diz a persona-

[21] Nelson Rodrigues maneja estilos para desvelar o Rio
Folha de S. Paulo, caderno Ilustrada, p.E6, 16/11/2002

4.6 As ironias não explicitadas, por gêneros e modalidades

> *[A ironia no jornalismo impresso é] natural e necessária, como um elemento a mais para instigar o leitor a pensar sobre o assunto em questão.*
> (Repórter pesquisado, há 9 anos no jornalismo)

Se é possível encontrar nos textos de jornais a explicitação de ironia pela instância jornalística a partir de um acontecimento ou situação que considera, de alguma forma, irônica, é possível encontrar também numerosos casos em que se pode notar um efeito de sentido irônico no texto ou na forma como o conjunto textual é construído, mas sobre o qual não há explicitação ou admissão pela instância enunciadora. Em seu estudo, Maruxo Jr (2002) classificou as ironias dos textos jornalísticos que analisou em cinco níveis de explicitude, da mais a menos explícita. Tais níveis de explicitude refletiriam também a adesão por parte do sujeito enunciador, ou seja, em um *continuum* da maior a menor explicitude haveria também um *continuum* de maior a menor adesão pelo enunciador sobre a ironia. A *explicitude* nesse autor (2002) não se refere necessariamente ao uso do nome *ironia*, mas à maneira menos ou mais direta de construção do texto com efeito irônico.

Não vamos aqui repetir o trabalho de Maruxo Jr (2002) sobre a explicitude e a adesão à ironia pelo enunciador, nem contestar suas observações, que nos pareceram pertinentes, também no nosso estudo. Parece claro que quando a ironia é mais visível e quase incontestável, ela é mais assumida pelo enunciador do que nos momentos em que se pode notá-la de forma muito velada. Vamos tentar outro caminho, a fim de evidenciar que, nos textos jornalísticos, o efeito de sentido irônico pode acontecer sob as mais variadas formas, razão pela qual se torna insuficiente e limitador adotar apenas uma teoria para explicá-la, seja como tropo (Kerbrat-Orecchioni, 1980a), ou como menção (Sperber e Wilson, 1978), por exemplo. Embora o fenômeno irônico possa se apresentar sob essas formas, nem todas as ironias se reduzem a elas.

Dito de outra maneira, não parece haver uma forma lingüística própria para caracterizar o fenômeno irônico, cuja atribuição e reconhecimento parecem ancorar, muitas vezes, em elemento não textual, como o chamado *tom irônico* (mesmo em texto impresso), de caráter crítico, derrisório, jocoso, de troça. Seria possível estabelecer um *valor ilocutório de ironia*, nos mesmos moldes que os de *ordenar, prometer*, entre outros? Mesmo sem uma forma

específica, a enunciação jornalística pode acontecer de modo a fornecer ou apresentar elementos de determinada maneira, de modo a possibilitar um efeito de sentido irônico.

Nos casos de explicitação de ironia, a enunciação jornalística avalia e apresenta o relato de alguém ironizando outrem ou algo. Um pouco diferente são os casos em que a instância jornalística constrói a sua enunciação com ironia sobre algo ou alguém. Na primeira situação, ela explicita a ironia; na segunda, ela ironiza sem o dizer assumidamente. Estratégia de defesa? Pode ser, se forem tomadas como parâmetro as ponderações de Berrendonner (1981), que vê a ironia como uma forma de escapar às sanções públicas. Para evitar confusão entre os dois casos durante a exposição dos dados, vamos chamar de *ironia explicitada* as nomeadas claramente como ironia pela enunciação jornalística e *ironia não assumida ou não explicitada* aquelas que são construídas pela enunciação jornalística sem o uso da expressão *ironia* e suas variantes, embora concordemos com Maruxo Jr (2002) quanto aos graus de explicitude do fenômeno irônico e adesão por parte do enunciador, comentados há pouco, ou seja, mesmo as não assumidas possuem graus de explicitação e adesão diversos.

Como as ironias explicitadas, as ironias não assumidas aparecem em todas as modalidades jornalísticas nos jornais do *corpus*, sendo a opinativa aquela com o maior número de ocorrências (ver tabelas 5 e 6). Já as modalidades opinativo-informativa e informativa se alternam nas posições restantes em cada jornal. Quanto aos gêneros, apenas em *depoimento*, *enquete*, *carta-relato*, *perfil* e em *foto de coluna* não foram encontrados casos de ironia. Embora tais gêneros tenham tido uma presença pouco expressiva no material analisado, esse não se torna um argumento válido para justificar a ausência, pois outros também não foram tão numerosos e, no entanto, apresentaram algo de ironia. A ausência de ironia pode ser uma coincidência do *corpus* ou não, o que uma pesquisa em novo *corpus* poderia dirimir.

A Tabela 11 resume os gêneros com maior ocorrência de ironia.

Tabela 11 – Ocorrência de ironias por gênero nos jornais analisados

Posição	No. de textos	No. de ironias	Percentual (%)	Gênero	Modalidade
1º.	5	4	80	coluna	opinativa
2º.	121	58	47,93	artigo interno (*)	opinativa
3º.	15	7	46,66	crônica assinada	opinativa
4º.	7	3	42,85	pergunta	opinativa
5º.	72	21	29,16	crítica	opinativa
6º.	31	9	29,03	opinião	opinativa

7º.	218	58	26,6	comentário	opinativa
8º.	76	18	23,68	reportagem assinada	inform-opinativa
9º.	153	36	23,52	frase	inform-opinativa
10º.	23	5	21,73	comentário não assim.	opinativa
11º.	499	99	19,83	cartas do leitor	opinativa
12º.	175	34	19,42	artigo externo (**)	opinativa
13º.	4712	699	14,83	nota de coluna	opinativa
14º.	16	2	12,5	reportagem não assim.	informativa
15º.	100	12	12	editorial	opinativa
16º.	1172	131	11,17	notícia assinada	inform-opinativa
...	5688	224	3,93	outros	
TOTAL	13083 ***	1420			

Fonte – Dados da autora.
(*) Artigo produzido por profissionais do corpo do jornal.
(**) Artigo produzido por profissionais externos ao jornal, geralmente não jornalistas.
(***) Os gêneros de textos que não continham ironia estão excluídos desse número.

Na síntese da Tabela 11 percebe-se que o maior percentual de ironias se encontra na modalidade opinativa, que ocupa os sete primeiros lugares. Aliás, dos 16 percentuais mais altos, apenas quatro não fazem parte dela. A segunda em expressão é mesmo a modalidade informativo-opinativa, e a terceira, a informativa. Do ponto de vista dos gêneros, a coluna teve o maior percentual, de maneira expressiva (80 por cento). Os três lugares seguintes são ocupados pelo artigo interno, pela crônica assinada e pela pergunta. Os gêneros opinativos listados na tabela acima não são surpresa figurarem como aqueles que mais apresentam ironia. Os gêneros *frase* e *notícia assinada*, da modalidade informativo-opinativa, vêm confirmar a suposição inicial deste estudo de que são ambientes propícios à manifestação da ironia, o primeiro por ser um recorte com natureza incisiva, crítica, selecionado justamente para atender e representar esse papel. Na observação do *corpus*, notou-se que o gênero *frase* pode ser crítico e irônico, mas não necessariamente as duas coisas ao mesmo tempo. Por sua vez, a notícia assinada se apresenta como um texto noticioso com maior profundidade no conteúdo e liberdade de redação, propiciando o aparecimento de qualificações, inclusive irônicas.

A análise do *corpus* permite concluir que o fenômeno irônico é mesmo passível de aparecer em qualquer modalidade e em qualquer gênero jornalístico, sendo este curto ou longo, assinado ou não. Se a proposta de ironia por parte do enunciador não é atributo exclusivo da modalidade ou gênero jornalístico, a que estará relacionada? A resposta parece

se deslocar para a relação entre o enunciador, o assunto abordado (e seus sujeitos) e o público, em determinado momento histórico, justamente pelo papel avaliativo e cortante (Hutcheon, 2000) que a ironia é capaz de proporcionar.

A análise do *corpus* possibilitou a observação da ocorrência da ironia em relação aos gêneros e modalidades jornalísticas, assim como às editorias, cuja classificação temática é um preâmbulo ao que pode ser visto como irônico pela enunciação jornalística. Assim, o próximo passo nesta discussão será uma abordagem a respeito do que é motivo de ironia pela enunciação jornalística, algo que está relacionado também ao modo como essa ironia é proposta ao leitor. Nesse processo de proposição de ironias pela enunciação jornalística, sentidos diversos são acionados e postos em cena, o que possibilita o efeito irônico. Em outras palavras, o efeito irônico na enunciação jornalística é resultado de uma composição entre o que é ironizado, o modo de dizer e os sentidos acionados nesse processo. Percurso similar é feito pelo público leitor, em qualquer circunstância de leitura; a diferença, com relação à ironia, é que ela parece demandar um quê a mais, ou, em outros termos, uma leitura especial que é também atribuída por esse leitor.[44] Como lembra Muecke (1995), alguém polemicamente desenvolvido é capaz de perceber ironia em quase tudo.

A discussão sobre o que é passível de ser motivo de ironia na enunciação jornalística e como ela é (re)construída e proposta parece um análogo da classificação sobre os tipos de ironia (observável e verbal), quando no primeiro caso parecem se enquadrar as ironias de situação e, no segundo, aquelas resultadas da criação do ironista.

[44] Nessa comparação entre a proposta do enunciador e a leitura do co-enunciador não estamos querendo dizer que o segundo deve chegar exatamente ao mesmo do primeiro, redundando na antiga concepção de codificação e decodificação da mensagem por emissor e receptor, mas sim, que nas duas instâncias sentidos são acionados, diferindo nas condições que cercam cada uma delas.

4.7 Os diversos efeitos de sentido irônico nos jornais

> *[A ironia tem relevância para o jornalismo impresso] em alguns momentos, porque torna o texto mais "atraente". Mas algumas vezes a ironia utilizada não passa de exibicionismo ou exacerbação do ego.*
> (Repórter pesquisado, há 6 anos no jornalismo)

A partir daqui, a atenção volta-se para a apresentação de algumas ironias não assumidas encontradas nos jornais analisados, tentando evidenciar tanto aquilo que é motivo de ironia quanto as formas de fazê-lo, além de observar os papéis que desempenham na enunciação jornalística, como proposto em um dos objetivos deste estudo. Ao se desenvolver esse exercício, tem-se como horizonte a maneira como foram conduzidos os trabalhos de Freud (1977), quando inventaria as técnicas de construção do chiste; de Bergson (2001), quando discorre sobre as formas que possibilitam o riso; de Muecke[45] (1995), quando fala sobre as circunstâncias que instaurariam a ironia; de Brait (1996), quando retoma os dois primeiros e também discute exemplos de efeitos de sentido irônico em capas de jornais numa perspectiva polifônica e discursiva; de Carvalho (1998), quando estuda os recursos estilísticos usados na construção de publicidades impressas; e de Hutcheon (2000), quando postula que a ironia possui uma aresta avaliadora e se apresenta como um sentido resultante de outros dois, que, sem serem anulados ou substituídos, servem de base para o efeito irônico se constituir.

Uma das hipóteses do início deste estudo postulava que a ironia desempenha fundamentalmente um papel crítico e derrisório na enunciação jornalística, nos mais variados assuntos e gêneros. Tal hipótese se fundamenta em outra, implícita, de que a produção jornalística não trabalha com a idéia de uma forma lingüística única para a ironia, por dois motivos: por desenvolver um processo enunciativo criativo (embora regrado) afim com seus interesses, que, por outro lado, tende a se aproximar do seu público numa linguagem cotidiana, na qual se encontra uma multiplicidade de entendimentos de sentidos irônicos e não apenas aquele de "dizer algo para se entender o oposto".

[45] As datas de publicações originais dos trabalhos de Freud, Bergson e Muecke são bem anteriores às traduções brasileiras: Freud, em 1905; Bergson, em 1899 e 1924 (reunidos em único livro em 1924); Muecke, em 1970, (atualizado em 1982).

Para falar de sentido irônico na enunciação jornalística, é preciso ter em mente haver dois momentos como parte da produção desse sentido, correspondentes ao **que** e ao **como** da proposição da ironia: a) um momento inicial a ser avaliado pela instância jornalística como portador ou não de ironia, que pode incidir sobre o *acontecimento*, sobre seus sujeitos ou ambos; b) o momento e a forma da construção ou reconstrução do sentido irônico na enunciação jornalística repassada como produto a ser consumido pelos leitores (que redunda na modalidade do dizer). Claro, não se pode esquecer o papel do público leitor como co-responsável em fazer a ironia acontecer.

À primeira vista, este esquema parece similar ao da explicitação da ironia, mas há diferença. Nas ironias explicitadas, elas são atribuídas a alguém ou, no mínimo, às estranhas situações do mundo e da vida, em que a enunciação jornalística se apresenta (veladamente) como observadora e relatora. Nas ironias não assumidas, a instância jornalística também observa e avalia, mas, desta vez, não atribui a alguém a responsabilidade pela ironia, que será proposta a partir de uma determinada maneira de apresentar a enunciação, no texto ou em todo o conjunto jornalístico formado por texto, imagem, edição e diagramação.

É válido argumentar que muitas dessas ironias também poderiam ser explicitadas, tomando como modelo as formas relacionadas nos tópicos anteriores. Porém, haveria excesso de explicitação, diminuindo um dos efeitos do fenômeno, justamente aquele de ser cortante, ferino, retomando aqui os termos de Hutcheon (2000). Em movimento contrário, nota-se que as ironias explicitadas a partir das situações (e não sobre o uso da ironia por alguém) também poderiam não ser assumidas. Assim, chega-se à constatação de que apenas aquelas ironias em que algum sujeito da notícia explicitasse esse uso sobre um outro alguém seriam incluídas, e tais ocorrências seriam mínimas, para não dizer insignificantes, como foi possível observar no *corpus*.

De qualquer maneira, o fio condutor da distinção pode ser designado à posição de observador e de relato desempenhada pela instância jornalística, se a considerarmos também como um sujeito dotado de competência discursiva, como qualquer outro sujeito de discurso. Sob esse prisma, seria aceitável sua avaliação de uma fala como tendo *tom irônico*, como qualquer sujeito em discurso faria cotidianamente. E, a partir disso, mantêm-se as noções de *relato* do acontecimento irônico (que pode ser explicitado ou não) e de *criação* de uma ironia sobre algo ou alguém (parte das ironias não assumidas).

Em resumo, as explicitações de ironia pela instância jornalística parecem ter como matriz aquelas do uso cotidiano, baseadas principalmente em situações de ironia observável e em casos de alguém ironizando outro. Nas ironias não explicitadas pela enunciação jornalística, a

ironia é produzida (ou proposta, porque depende do co-enunciador para se efetivar) tanto a partir de alguns tipos de ironia observável como da ironia verbal.

Isso coaduna com a observação de Giora (2003) de que a ironia tanto pode incidir sobre uma situação como sobre a fala de alguém. Em outras palavras, não só um dito anterior (próprio ou de alguém) pode ser retomado e ironizado, como também uma situação. Justamente por isso, a teoria da ironia como menção de Sperber e Wilson (1978) foi criticada por Giora (2003), que a considerou incompleta, pois centra o fenômeno da menção sobre o aspecto verbal.

Por outro lado, Freud, a propósito do chiste, já tinha afirmado que "a necessidade sentida pelos homens de derivar prazer de seus processos de pensamentos [estaria] criando novos chistes com base nos acontecimentos do dia" (1977, p. 146). Quase um século depois, essa seria uma possível explicação (psicanalítica) para a multiplicidade de usos da ironia, explicitada ou não, nas páginas jornalísticas, quando a mídia passa a desempenhar papel crucial na sociedade contemporânea de várias maneiras, em que a vigência de uma comunicação irônica (nos termos de Jeudy, 2001) estaria cada vez mais acentuada.

A partir deste ponto, são apresentados exemplos do *corpus* a fim de se evidenciar as fontes e a natureza do sentido irônico, assim como as formas que pode assumir nas páginas jornalísticas, já que uma das hipóteses de partida postulava ter a ironia formas diversas, em que "significar o contrário do que se diz" seria apenas uma delas.

Quando o destino trama...

A análise do *corpus* mostrou que ironias observáveis podem ser explicitadas ou não e tanto num como noutro caso podem caracterizar-se pela coincidência inusitada ou inesperada, pela incongruência de uma situação, como se o destino tivesse o poder de tramar contra os rumos de alguém, de "pregar peças" quando menos se espera ou não deveria acontecer. A instância jornalística, como observadora onisciente, acompanha, registra, avalia e explicita ou não em sua enunciação a ocorrência de tal ironia.

> A maioria das Ironias Observáveis chegam até nós já prontas, já observadas por alguém mais e apresentadas totalmente formadas no drama, na ficção, no filme, nas pinturas e desenhos, nos provérbios e ditos, de tal modo que o papel do público ou leitor é muito menos ativo do que o leitor desafiado para um jogo de interpretação por um Ironista Instrumental. (Muecke, 1995, p. 61).

Muecke (1995, p. 61) enumera entre os ironistas instrumentais[46] mais ativos o dramaturgo, o romancista e o cartunista observadores. Tanto como "ironista instrumental" como "ironista observador",[47] a essa lista talvez pudesse ser acrescentado o jornalista. Numa produção diária e incessante, esse profissional vê-se às voltas com a construção de textos e edições que obedecem a rotinas e técnicas de elaboração, resultando em muitos produtos "irônicos", como o material analisado neste estudo pôde constatar.

Dois casos publicados por O Liberal ilustram o que pode ser rotulado de trama do destino, visível na situação de cúmulo (Muecke, 1995) de cada um deles. Seriam, pois, ironias observáveis.

> [22]:
>
> **Pátio** – Uma morte inusitada ocorreu na madrugada de ontem, no bairro do Guamá. Luiz Fernando Monteiro da Gama, de 38 anos, morreu ao cair de cima do pátio da casa de seu vizinho, o marceneiro José André do Rosário Silva, 26 anos, residente na rua Augusto Corrêa, passagem Fé em Deus, 57.
>
> Como relatou José André à autoridade policial, Luiz Fernando havia acabado de ir para a casa dele, após beber com amigos, em um bar. A vítima tinha o costume de urinar do pátio da casa de José André para a casa ao lado. Mas deve ter se desequilibrado e caído. (...)
>
> (O Liberal, editoria Cidade, p. 9, 04/11/2002, notícia)

> [23]:
>
> Ambulante mata outro na frente de cemitério (título)
>
> Um ambulante assassinou outro, com uma facada, em pleno Dia de Finados, em frente ao Cemitério Recanto da Saudade. (...)
>
> (O Liberal, editoria Mundo, p. 10, 04/11/2002, notícia)

A possibilidade de ironia em [22] e [23] se encontra na forma do inusitado – como assinala a enunciação jornalística – e da coincidência trágica: em [23], pelo fato de o assassinato ter ocorrido em frente a um cemitério e justo ("em pleno") no Dia de Finados; em [22], pelo desfecho de um ato rotineiro, embora fora dos padrões sociais (urinar para a casa do vizinho), tendo a vítima moradia na passagem Fé em Deus. Pode-se argumentar que a citação

[46] Lembrar, como tratado no capítulo teórico sobre ironia, que, em Muecke (1995), as ironias verbais ou instrumentais são tratadas como equivalentes, havendo uma certa flutuação ao longo do livro quanto a isso, às vezes gerando dúvida quanto ao entendimento.

[47] A expressão "ironista observador" está sendo proposta numa analogia a "ironista instrumental", de Muecke (1995).

do endereço das vítimas é prática rotineira no jornalismo. Nesse caso em particular, a notícia veio como parte de um texto maior, com dois outros casos policiais de assalto, redigidos de maneira independente, mas em seqüência. Apenas o texto de [22] continha menção ao endereço do envolvido, o que permite sugerir que a enunciação jornalística jogou com o nome da passagem (Fé em Deus), a prática cotidiana da vítima (urinar para a casa do vizinho) e o desfecho trágico resultado dessa prática (cair e morrer quando urinava para a casa do vizinho).

Esse tipo de construção não é novidade nas páginas jornalísticas, constituindo quase uma fórmula para o que de há muito é classificado como *faits divers*, aquelas notícias pitorescas, inusitadas, incongruentes, que freqüentam o jornalismo ao redor do mundo. Tal tipo de ironia parece servir, embora com recurso ao pitoresco e ao inusitado, para se pensar a pequenez do homem e a inesperabilidade da trajetória humana na vida, e nem sempre apresenta uma natureza crítica ou derrisória.

ATUALIDADES 9

Ladrão preso após atacar um ônibus da Viação Forte

Na madrugada de ontem, um novo assalto a ônibus foi praticado. O acusado, Alessandro de Souza Ferreira, 36 anos, foi detido e encaminhado para a Seccional da Cidade Nova, após ter praticado assalto a um ônibus da empresa Viação Forte, às 3h30 horas de ontem.

Alessandro é morador da passagem Dalva, na Marambaia, e é acusado de assaltar o ônibus, chegando a ameaçar o cobrador Odilo da Silva Teixeira, para levar R$ 40,00 e mais R$ 45,00 em vales-transporte. O assaltante foi capturado ainda com a renda do ônibus e os vales-transporte. Na seccional, o senhor Antônio Carlos Azevedo Corrêa reconheceu o assaltante como o homem que, naquela mesma noite, havia roubado seu carro.

Roubo - O cozinheiro João Gonçalves, morador da rua da Olaria, em Canudos, foi surpreendido, ontem de manhã, ao se deparar com José Rodrigues Cruz, conhecido como "Lili", carregando um ventilador, um aparelho de som e uma caixa acústica de dentro de sua residência. João contou que José Cruz havia morado na sua casa, mas que havia mandado-o de volta, para a casa de sua mãe. Como havia deixado umas roupas na casa de João, ele retornou à residência, ontem de manhã.

Sem desconfiar das intenções de José, João Gonçalves permaneceu dormindo. E, ao acordar, constatou que não estavam em sua casa o ventilador, o som e a caixa acústica. "Ele (João) vinha entrando de volta em casa. Aí, eu fui e peguei ele, e ele disse que estava com as coisas, mas que não era para eu dar alarme, porque ele ia entregá-las", relatou João.

O cozinheiro foi com José Cruz até a área do antigo Cortume, mas não conseguiu reaver seus pertences. Por volta das 9 horas da manhã de ontem, João acionou uma viatura da Polícia Militar, em ronda pelo local, e os policiais levaram o acusado até a Seccional Urbana de São Brás. José Rodrigues Cruz não apresentou documentos pessoais, na Seccional de São Brás, e continua preso.

Pátio - Uma morte inusitada ocorreu na madrugada de ontem, no bairro do Guamá. Luiz Fernando Monteiro da Gama, de 38 anos, morreu ao cair de cima do pátio da casa de seu vizinho, o marceneiro José André do Rosário Silva, 26 anos, residente na rua Augusto Corrêa, passagem Fé em Deus, 57.

Como relatou José André à autoridade policial, Luiz Fernando havia acabado de ir para a casa dele, após beber com amigos, em um bar. A vítima tinha o costume de urinar do pátio da casa de José André para a casa ao lado. Mas deve ter se desequilibrado e caído. No mesmo momento, Luiz Fernando foi levado para o Pronto-Socorro do Guamá, e, em seguida, transferido ao Pronto-Socorro Municipal da travessa 14 de Março, onde faleceu.

[22] Pátio
O Liberal, editoria Cidade, p. 9, 04/11/2002

FOTOS: NELDSON NEVES

Anselmo, o acusado, de 21 anos, está preso na Delegacia de Ananindeua. Ele confessou que bebeu antes de praticar o crime.

Ambulante mata outro na frente de cemitério

Um ambulante assassinou outro, com uma facada, em pleno Dia de Finados, em frente ao Cemitério Recanto da Saudade. O homicida, Anselmo Furtado Dias, de 21 anos, encontra-se preso na Delegacia de Ananindeua. Por volta das 15 horas de sábado último, o cabo PM Francisco Chagas Oliveira Filho, em ronda pela área de Águas Lindas, foi até o Recanto da Saudade, onde populares seguravam Anselmo Dias, que havia morto Fábio José de Almeida Tavares, 23 anos.

Segundo apuraram os policiais, os dois trabalhavam como ambulantes em frente à necrópole, quando passaram a discutir. Anselmo sentou-se na bicicleta de Fábio, que pediu para o outro se levantar. Como Anselmo não saiu da bicicleta, Fábio jogou água de um copo em Anselmo, que, então, sacou de uma faca, acertando o outro ambulante na altura do coração. Anselmo chegou a informar aos policiais que havia ingerido bebida alcoólica antes de praticar o homicídio.

Fábio teve morte instântanea. Revoltados com o ocorrido, populares levaram Anselmo Dias para a Unidade de Urgência e Emergência de Marituba, de onde foi transferido para a Delegacia de Ananindeua.

Baleado - O comerciante Marcos Vasconcelos, proprietário do Bar e Restaurante Residência, localizado na travessa São Francisco, entre a avenida Almirante Tamandaré e a rua Veiga Cabral, foi vítima de baleamento, ocorrido na madrugada de ontem. Marcos Vasconcelos e clientes do estabelecimento encontravam-se em frente ao restaurante, quando, por volta das 2 horas da madrugada, foram abordados por três homens armados, um dos quais permaneceu dentro de um Fiat vermelho.

Em ação rápida, dois assaltantes ordenaram para que todos os presentes entrassem no restaurante. Mas, o dono do estabelecimento reagiu, passando a lutar com um dos assaltantes. Contudo, o outro acabou acertando um tiro na perna esquerda de Marcos, que foi conduzido para o Hospital do Pronto-Socorro Municipal de Belém. Os três assaltantes fugiram do local, assustados com o ocorrido.

O dono do restaurante deveria receber alta ainda ontem à tarde. E, ao longo do dia, seus familiares e amigos se revezeram na frente do Pronto-Socorro, aguardando informações sobre o estado de saúde do comerciante. Moradores da área contaram que um outro estabelecimento, próximo ao Residência também já foi alvo de assalto. E na esquina da São Francisco com a Almirante Tamandaré, é comum grupos de vândalos assaltarem senhoras e estudantes nas paradas de ônibus do local, no final da manhã e início da tarde.

[23] Ambulante mata outro na frente de cemitério
O Liberal, editoria Mundo, p. 10, 04/11/2002

Ironias sobre situações curiosas e engraçadas

Ao lado das ironias de situação, foi possível listar aquelas que podem ser consideradas como curiosas e engraçadas, aproximando-se do humor e divergindo, de certa forma, do que se postulava no início deste estudo, quando se afirmava terem as ironias fundamentalmente um papel de crítica. Esse tipo de ironia e algumas ocorrências de ironias observáveis (por exemplo, do destino) sugerem, portanto, a necessidade de alargar a concepção acerca da natureza da ironia no jornalismo impresso, embora a análise evidencie que o papel de crítica seja preponderante. Comparemos os textos de [24] e [25].

> [24]:
> O Viagra ou a vida! Isto é um assalto! (título)
> (...) O assaltante exigiu do farmacêutico que lhe entregasse, além do dinheiro apurado no dia, três caixas de Viagra. "Parecia muito mais interessado mo medicamento do que no dinheiro", declarou o farmacêutico.
> (O Liberal, editoria Mundo, p. 9, 22/11/2002, nota)

Neste caso o alvo da ironia seria a situação vivida pelos sujeitos da mesma, situação essa considerada pela ótica jornalística como curiosa ou inusitada (um ladrão que está mais interessado em Viagra[48] do que em dinheiro). Lendo Bergson (2001, pp. 49-98), talvez fôssemos tentados a ver aí apenas um caso de riso, com o uso da técnica da transposição, em que a expressão "O Viagra ou a vida! Isto é um assalto!" substitui o conhecido enunciado "O dinheiro ou a vida! Isto é um assalto", apresentado pelo enunciador como uma citação hipotética da fala do assaltante. Todavia, o título introduzido pela instância jornalística tem o poder de assinalar uma posição avaliativa do enunciador sobre a situação retratada (um ladrão que rouba Viagra) e também para a extensão do que isso representa, ou seja, a possível carência ou deficiência sexual do ladrão. Se o título fosse, por exemplo, "Ladrão assalta farmácia e rouba Viagra" ou "Ladrão rouba Viagra", a estranheza do assunto ainda estaria lá, mas não tão assinalada pelo enunciador no título, que teria um papel mais de relato e menos avaliativo.

Adotando a classificação de Muecke (1995) entre ironias observáveis e verbais, este seria um caso de ironia observável, por estar a estranheza na situação. Porém, para atribuir à enunciação jornalística a percepção da ironia de tal situação e sua posterior proposição ao público na forma de notícia, recorremos à avaliação do título, uma criação da instância

[48] Viagra é nome de medicamento destinado ao público masculino que atua no desempenho sexual.

enunciativa que evidencia essa percepção e ao mesmo indica ou estabelece o efeito de ironia para o público. Por isso, concordamos novamente com Muecke (1995), quando diz que a ironia está apenas potencialmente no fenômeno, mas depende do enunciador para se estabelecer. Por outro lado, para esse sentido se completar como irônico, dependerá da participação do leitor, quando fizer a sua *leitura* e atribuir um determinado sentido (Hutcheon, 2000; Fausto Neto, 1999).

Na nota seguinte uma possível situação de riso se presta a uma crítica, desenvolvida pela instância jornalística.

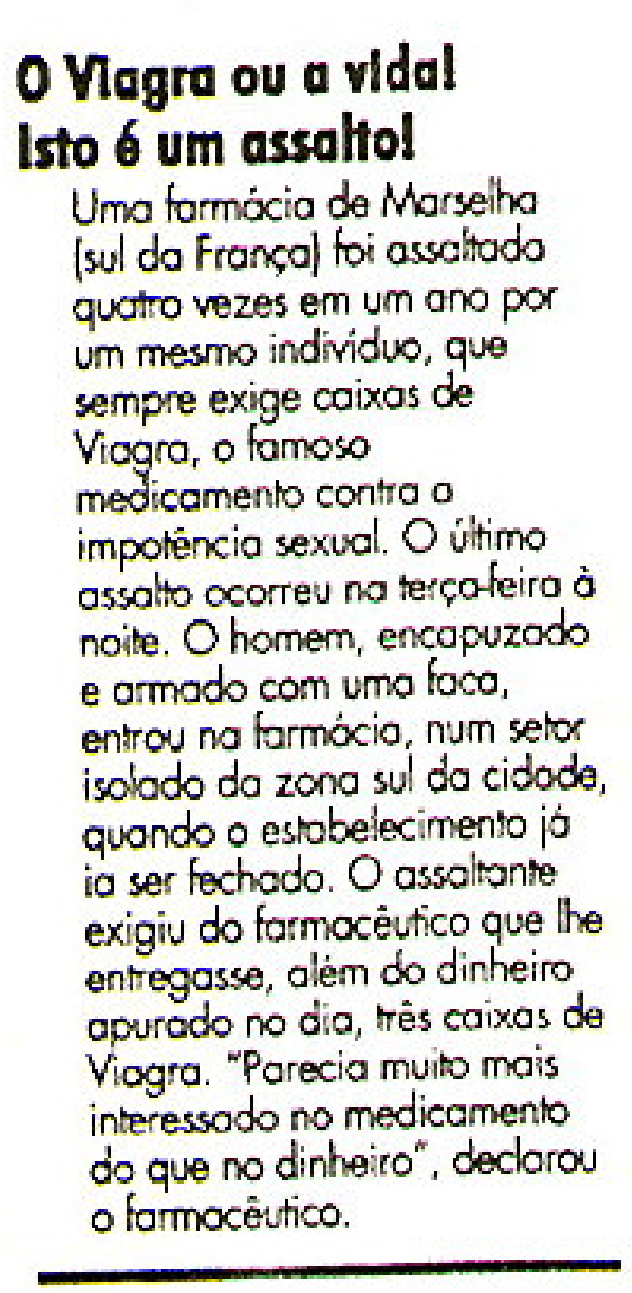
> [25]:
> Data venia (título)
> O tombo de uma conselheira suplente do TCE ao entrar na sala de sessões ontem à tarde evidenciou o excesso de formalidade da corte:
> - Eminente presidente conselheiro Gleno Scherer, peço desculpa pelo atraso, *ex abrupto*, de certa forma intempestiva, como adentrei no plenário desta corte. Acontece que a barra de minha toga apaixonou-se pelo salto de meu sapato.
> O barulho do tombo ecoou pelo recinto, quebrando o ambiente solene. O conselheiro Lorenzon, que relatava um processo, parou de falar enquanto funcionários partiam em socorro da colega estatelada no chão.
> (Zero Hora, editoria Página 10, p. 10, 07/11/2002, nota da coluna Página 10)

Nesta nota, a situação tragicômica (queda da conselheira durante a sessão e pedido de desculpas) é vista como absurda e serve de ponto de partida para a crítica ao "excesso de formalidade da corte", o TCE.[49] A descrição da cena da queda pelo colunista, a citação da fala da conselheira em discurso direto (de maneira formal, inclusive com palavras em latim) e a informação dos funcionários partindo "em socorro da colega estatelada no chão" criam um cenário que possibilita o efeito de ironia coroado no título, a reprodução, em latim, de uma conhecida expressão do meio jurídico (*Data venia*), que pode ser traduzida, nessa situação, como um pedido de desculpas, com extrema formalidade.

Se se pode até dizer que a nota traz o relato de um acontecimento, o título é, mais uma vez, resultado da avaliação do enunciador, como um acréscimo que propõe ou direciona efeitos de sentido ao texto que se segue. A ironia jornalística, então, recai sobre o excesso de formalidade das reuniões do TCE no Rio Grande do Sul, mas tem o poder de alcançar os

[49] Tribunal de Contas do Estado, nesse caso, do Rio Grande do Sul.

demais ambientes dos tribunais no país, que funcionam similarmente. Enquanto em [24] pode-se dizer que a ironia é “humorada”, em [25] o efeito de riso pode até ocorrer, mas tende mais à crítica (da formalidade do Tribunal).



O Viagra ou a vida! Isto é um assalto!

Uma farmácia de Marselha (sul da França) foi assaltada quatro vezes em um ano por um mesmo indivíduo, que sempre exige caixas de Viagra, o famoso medicamento contra a impotência sexual. O último assalto ocorreu na terça-feira à noite. O homem, encapuzado e armado com uma faca, entrou na farmácia, num setor isolado da zona sul da cidade, quando o estabelecimento já ia ser fechado. O assaltante exigiu do farmacêutico que lhe entregasse, além do dinheiro apurado no dia, três caixas de Viagra. "Parecia muito mais interessado no medicamento do que no dinheiro", declarou o farmacêutico.

[24] O Viagra ou a vida! Isto é um assalto!
O Liberal, editoria Mundo, p. 9, 22/11/2002

Representação de Pelotas

Depois de ter assegurado mandato de deputado federal para Pelotas, assumindo como suplente da bancada do PMDB durante o governo de Antônio Britto, Nelson Härter chega prestigiado à Assembléia, onde atuará ao lado de Bernardo de Souza, com quem se encontrou ontem (foto), em defesa da Zona Sul.

Numa eleição em que PPB e PT perderam representações na Câmara e na Assembléia, Härter foi o grande articulador da vitória de Rigotto por mais de 14 mil votos em Pelotas, cidade governada pelo PT.

Deputado Berfran Rosado, presidente da Comissão de Fiscalização e Controle:

O governador não pode escolher o artigo da Constituição que vai cumprir

Data venia

O tombo de uma conselheira suplente do TCE ao entrar na sala de sessões ontem à tarde evidenciou o excesso de formalidade da corte:

– Eminente presidente conselheiro Gleno Scherer, peço desculpa pelo atraso, *ex abrupto*, de certa forma intempestiva, como adentrei no plenário desta corte. Acontece que a barra de minha toga apaixonou-se pelo salto de meu sapato.

O barulho do tombo ecoou pelo recinto, quebrando o ambiente solene. O conselheiro Lorenzon, que relatava um processo, parou de falar enquanto funcionários partiam em socorro da colega estatelada no chão.

[25] Data venia
Zero Hora, editoria Página 10, p. 10, 07/11/2002

Ironias jocosas

Há ironias capazes de provocar riso, embora veiculem também uma certa jocosidade, com uma pequena dose de crítica. Nos dois fragmentos abaixo, a enunciação jornalística envolve o leitor, sobre quem recai parte do efeito irônico.

> [26]:
> O EV-DO chega em 2003 em modem-bólido (título)
> Vésper que traz tecnologia ao país via acordos com Nortel e Ericsson precisa de licença para operá-la com celulares (subtítulo)
> (...) (o preço do serviço ainda não está definido, mas não deve ser barato. Quando os executivos ficam falando em preço "competitivo"...). (...)
> Via GPS e SMS, o celular avisa: "seu veículo está na rua tal, número tal, com as portas fechadas. Velocidade: tantos quilômetros por hora". O chato é se o carro estiver com sua cara-metade e o endereço dado coincidir com o de um motel...
> (O Globo, editoria Informática, p. 4, 04/11/2002, notícia assinada)
>
> [27]:
> A vida sem fio, embalada pelo poder das redes (título)
> Futurecom: portais de voz, e-mail incrementado com multimídia via NGNS e convergência até na hora da dolorosa. (supertítulo)
> Mobilidade com velocidades cada vez maiores vai diminuir o espaço entre trabalho e lazer. (E o salário, ó...) (subtítulo)
> (...)
> (Só tem um senão na idéia da conta única: não dá para sortear as contas do mês que você não pode pagar por falta de... di$posição, digamos.) (...)
> (O Globo, editoria Informática, p. 5, 04/11/2002, notícia assinada)

Os dois textos são assinados pelo mesmo enunciador e fazem parte da editoria *Informática* de O Globo, trazendo uma redação menos formal que a corrente nas editorias diárias do mesmo jornal. Também em [26] e [27] há uma certa "dose" de humor e galhofa, mas se vê ao mesmo tempo a elaboração de crítica ao discurso dos executivos das empresas fabricantes do produto (*preço "competitivo"*), ao achatamento salarial de quem trabalha com informática nesse novo cenário (*e o salário, ó...*) e até mesmo do consumidor (*você não pode pagar por falta de... di$posição, digamos*).

O interessante dos dois casos é a "interpelação" do leitor (nos dizeres de Verón, 1983; Fausto Neto, 1999) não só para "prestar atenção" ao que está sendo dito, mas para fazer parte da enunciação jornalística ou mesmo ser alvo dela de maneira negativa e ridícula. É o que se vê nos encerramentos dos dois textos, em [26] (*O chato é se o carro estiver com sua cara-metade e o endereço dado coincidir com o de um motel...)* e em [27] *(Só tem um senão na idéia da conta única: não dá para sortear as contas do mês que você não pode pagar por falta de... di$posição, digamos...*). Nos dois o leitor está em desvantagem no sentido em que é interpelado pela enunciação jornalística, primeiro quando é chamado de traído e depois de ter pouco dinheiro. É preciso lembrar que os dois textos aparecem na mesma ocasião, em páginas seqüenciais.

4 • INFORMÁTICA ETC — O GLOBO — Segunda-feira, 4 de novembro de 2002

BANDA LARGA IN CONCERT • *Continuação da página 1*

O EV-DO chega em 2003 num modem-bólido

Vésper, que traz tecnologia ao país via acordos com Nortel e Ericsson, precisa de licença para operá-la em celulares

Enquanto isso, o Bell Labs, um dos celeiros mundiais de novas tecnologias e braço de pesquisas da Lucent, desenvolveu uma tecnologia chamada Blast (Bell Labs Layered Space Time), com protótipos de chips que alcançam velocidades de 19,2 megabits por segundo (Mbps), cruciais para o 3G. A empresa também concluiu com sucesso testes permitindo o roaming entre redes sem fio WiFi e redes WCDMA (3G), CDMA 2000 1x (o 2,5G do CDMA) e CDMA 1x EV-DO (de Evolution-Data Optimized, o 3G do CDMA).

Mais ousada que a Lucent, só a Vésper. Porque mesmo sem ter ainda uma licença para operar celulares ela tornou-se a pioneira a distribuir no Brasil (e na América Latina) a 3G através do CDMA 1x EVDO, ao fechar contratos para isso com a Nortel (para a Grande São Paulo) e a Ericsson (Grande Rio). A tecnologia, que vai acelerar a transmissão de dados em banda larga sem fio para 2,4Mbps, chega no início do ano que vem às duas cidades, mas, enquanto a Vésper espera sua licença móvel, vai ser usada numa espécie de modem de mesa de alta velocidade que visa a competir com o ADSL e o cable modem. Segundo o presidente da Vésper, Luiz Kaufmann, a capacidade instalada em ambas as regiões metropolitanas será de 30 mil assinantes (o preço do serviço ainda não está definido, mas não deve ser barato. Quando os executivos ficam falando em preço "competitivo"...). No segundo semestre de 2003, caso a empresa consiga a licença, aí sim possivelmente veremos as primeiras aplicações 3G em telefonia móvel.

E dá vontade de ver. Porque a interface do celular são outros quinhentos: vídeo passando redondinho, ringtones de música mesmo, retirados de arquivos MP3, o escambau. A plataforma Brew da Qualcomm, que experimentei em seu estande, é outra possibilidade interessante. Imagine jogar no celular um jogo de corrida todo colorido (exatamente como era nos fliperamas de antigamente), e sentir o celular tremer em sua mão a cada batida (eu não dirijo, por isso o teleloninho tremeu bastante...). Também lá tiramos uma foto em câmera digital que foi enviada via EV-DO para um webmail. A foto carregou rapidamente, enquanto numa janela ao lado se podia acompanhar a performance da rede sem fio. Diversos dispositivos mostravam o potencial do EV-DO: modems de mesa, laptops, PDAs e celulares.

Do lado GSM, a tecnologia campeã no Velho Mundo, as grandes sensações eram os quatro novos modelos de celulares da Siemens: o S55, com Bluetooth e MMS (serviço de mensagens multimídia), além de câmera digital com flash e downloads via Java; o C55, que transforma qualquer som em música (até mesmo a voz de taquara rachada daquela tia peçonhenta), em até 16 canais; o M50, com GPRS; e o A50, que identifica as chamadas com pequenos ícones e permite download de screensavers. Todos programados para aportar aqui no primeiro trimestre de 2003. A Nokia, por sua vez, resolveu investir alto na banda larga: seu diretor de vendas Hector Saldaña apresentou o D500, multiplexador de banda, que torna possível às operadoras conectar até 250 usuários a velocidades que variam entre 3 e 6Mbps, ideais para serviços como televisão, transmissão de áudio e vídeo, pay-per-view e assim por diante.

E, entre os gadgets que todos gostaríamos de ter, havia os servidores wireless mostrados pela BCP. Seu estande tinha um carro e uma moto conectados a um celular. E este fazia o diabo. O sistema do carro (ligado à parte elétrica) é capaz de detectar vários tipos de problema e enviar avisos em SMS para o dono. Por exemplo, se você esquece as portas destravadas, seu celular avisa e você envia outro SMS ao automóvel, que automaticamente faz o travamento. Outra possibilidade: saber imediatamente (ou quase, porque o serviço precisa acionar a operadora em SP e tem um delayzinho de mais ou menos dois segundos) onde está aquele seu carrão que o filho gosta de pegar emprestado para farrear. Via GPS e SMS, o celular avisa: "seu veículo está na rua tal, número tal, com as portas fechadas. Velocidade: tantos quilômetros por hora". O chato é se o carro estiver com sua cara-metade e o endereço dado coincidir com o de um motel...

Divulgação

NO ESTANDE DA Qualcomm, dois laptops, dois celulares e um PDA conectados via CDMA 1x EV-DO: aplicações multimídia e jogos divertidos

CORPO A CORPO

LUIZ CLÁUDIO ROSA

'É preciso criar uma rodovia única de banda larga'

• Luiz Cláudio Rosa é um vulcão de idéias. Carioca, vice-presidente de desenvolvimento de negócios da Lucent e bom orador, fez do conceito da banda única, hiperlarga, uma das atrações da Futurecom. Aqui, ele explica melhor como a solução funciona.

André Machado

O GLOBO: *O modelo atual de telecom se acabou mesmo?*

LUIZ CLÁUDIO ROSA: O modelo atual de negócio se exauriu por se basear no conceito de comprar uma licença de uso de espectro (o falecido ministro Sérgio Motta chamava isso de "comprar ar") a um preço caríssimo, além de terrenos para instalar equipamentos. Depois disso, contratam-se meios de interconexão (entre as estações rádio-base e as centrais, e para as centrais entre si). Se alguém quer uma licença de operação móvel no Brasil hoje, tem de passar por esse processo. Mas ele não traz retorno. O exemplo de que falei na apresentação, de quatro antenas uma ao lado da outra, é comparável à construção de quatro rodovias paralelas para o mesmo fim. Um desperdício.

• *E a superbanda única seria a alternativa?*

ROSA: A idéia é criar uma rodovia única de banda larga com a maior capacidade possível na freqüência mais baixa possível (no caso 450MHz, digitalizados pelo Leste Europeu), que permite maior cobertura (quanto mais alta a freqüência, menor a cobertura, a propagação do sinal de rádio). Com ela, você traz o elemento agregador, aglutinador, que falta às telecoms. Essa rede de banda larga teria alcance de 50 quilômetros de raio (contra dois quilômetros em freqüências no topo do espectro).

• *E isso significaria levar a internet sem fio mais longe...*

ROSA: Com uma rede 25 vezes mais potente como essa, a tecnologia ficaria mais barata e o atendimento social melhoraria. Na América Latina, a renda se concentra nas cidades e a população está dispersa geograficamente, de modo que há multa demanda para a inclusão digital. Seria possível, com ela, levar a internet e a informação à população carente que está fora dos grandes centros. A solução wireless por pacotes é infinitamente melhor para tal fim (porque o cabeamento, a fibra, se torna impraticável quando se fala em raios de muitos quilômetros fora das metrópoles). Um exemplo: você sai do Rio e percorre 50 quilômetros para a periferia. Lá encontra o dono daquela venda que, para adquirir seus produtos, precisa de um intermediário — e paga caro por ele. Ou seja, a pessoa mais carente, mais distante, é quem gasta mais, fica mais desassistida. Com acesso à web sem fio, vai poder comprar através dela, gastando menos e até se tornar um dos canais da indústria de logística, ganhando mais. Sem intermediários. Há milhares de outros exemplos possíveis. E-learning. Multimídia. E por aí vai. Esse seria um projeto genuino de inserção social, digno de receber inclusive recursos do Fust.

[26] O EV-DO chega em 2003 em modem-bólido
O Globo, editoria Informática, p. 4, 04/11/2002

Quando o alvo da ironia são as pessoas

Em alguns casos, a enunciação jornalística tem diretamente as pessoas como alvo, como se vê a seguir.

> [28]:
> A loura Xuxa gravou, na última quarta-feira, uma participação no quadro Vídeo-Game, do Vídeo Show. Xuxa jogou contra uma turma de baixinhos e levou a melhor. Será que a diferença de idade pesou?
> (Jornal do Commercio, Caderno C, p. 6, 01/11/2002, nota da coluna Imagem e Som)
>
> [29]:
> Coragem duvidosa (título)
> "A declaração do senador eleito Aloizio Mercadante de que o governo do PT promete 'jogar duro' com os EUA nas relações comerciais é hilariante. Eu não sabia que os governantes de um país como o nosso, movido a dívidas, ainda conseguia 'falar grosso'".
> (Folha de S. Paulo, editoria Opinião, p. A3, 28/11/2002, carta do Painel do leitor)

Em [28], a pergunta ao final da nota (***Será que a diferença de idade pesou?***) remete a um determinado sentido circulante sobre os dotes de inteligência da apresentadora Xuxa, em que a alternativa mais plausível seria a sua "burrice". Se o enunciado fosse afirmativo ("a diferença de idade pesou"), a argumentação seria "Xuxa jogou com crianças e ganhou porque era adulta", não havendo aí motivo para qualquer estranheza. Perguntar se a diferença de idade pesou, entretanto, instala imediatamente uma argumentação contrária, encaminhando para um questionamento da inteligência da apresentadora ou mesmo sua negação.

Em [29], a ironia também recai sobre um sujeito (o senador do PT, Aloizio Mercadante), cuja postura é considerada fanfarrona (enfrentar os Estados Unidos nas relações comerciais) e sua fala (***jogar duro***) é, portanto, refutada. Em [28], a ironia recai sobre a apresentadora. Em [29], a ironia do leitor se dá sobre a fala do senador petista publicada em dias anteriores pela mídia, fala que é posteriormente desacreditada pelo autor da carta. Para que essa ironia se estabeleça, é necessário que sejam acionados alguns sentidos sobre o campo político no Brasil e no cenário internacional, situando os Estados Unidos como país hegemônico no mercado mundial e o Brasil como periférico e dependente. Numa posição inferior, o Brasil não teria

cacife para impor qualquer restrição à maior potência econômica mundial, mas o senador diz que pode. Seria o subalterno “mandando” no superior, uma espécie de inversão da situação, nos termos de Bergson (2001, pp. 88-89).

6 ◗ CADERNO C JORNAL DO COMMERCIO

IMAGEM

Em Sintonia

E-mail: imagem@jc.com.br

Atores convidados são a novidade de Os Normais

DÉBORA MIRANDA
Agência Folha

No ano que vem, dois novos personagens se unirão a Vani (Fernanda Torres) e Rui (Luiz Fernando Guimarães) em Os Normais, *da Globo. Os atores não foram escolhidos, mas entram na história para falar de relacionamentos entre solteiros. "Teremos dois convidados fixos (uma mulher e um homem). Vamos mostrar a mulher solteira, a paquera, a solidão e a contrapartida masculina", conta o diretor José Alvarenga Júnior.*

Enquanto as mudanças não chegam, o programa retorna hoje, às 23h, à programação da Globo, com a participação de Drica Moraes, Marco Ricca, Maria Luísa Mendonça e Diogo Vilela. "Não paramos de trabalhar e tivemos mais tempo para fazer cada episódio. Por isso, considero que esses são os melhores da série", diz o diretor.

O episódio da nova temporada é mais um da seqüência dos jogos de pôquer exclusivos para homens. Quarta-feira sim, quarta-feira não, Rui, Aldo e Rique se encontram no apartamento de Aldo para jogar pôquer, sem as mulheres. Dessa vez, porém, as namoradas se juntam ao trio. Enquanto eles jogam, elas ficam no sofá 'tricotando' sobre diversos assuntos. No meio da noite, elas passam a observar a vida dos vizinhos do prédio em frente pela luneta de Aldo, até que se deparam com um casal de gordos fazendo amor. É o suficiente para Rique, Rui e Aldo se juntarem a elas em frente à janela.

Entre os convidados que fazem participação especial na série, estão Paulo Miklos e Claudia Jimenez, no programa de fim de ano da atração.

FOTOS: JC IMAGEM

NOVA TURMA *Rui e Vani ganham novos amigos a partir de hoje*

A loura Xuxa gravou, na última quarta-feira, uma participação no quadro Vídeo Game, do Vídeo Show. Xuxa jogou contra uma turma de baixinhos e levou a melhor. Será que a diferença de idade pesou?

O SBT ganhou na Justiça ação movida em 1996 contra os autores Benedito Ruy Barbosa, Glória Perez e Walther Negrão. Eles assinaram contrato com o SBT e depois desistiram do negócio, a pedido da Globo, que se comprometeu a arcar com a causa. Valor da ação: R$ 35 milhões.

O Globo Repórter de hoje será um especial sobre a história de vida do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva. Em entrevista ao programa, Lula vai falar sobre os novos desafios que terá a frente do cargo. O programa também conversa com a esposa do presidente, Marisa. Os parentes de Lula que ainda vivem em Garanhus vão lembrar histórias curiosas da infância dele. A personalidade do presidente eleito também será assunto da atração.

[28] [Sobre Xuxa, sem título].
Jornal do Commercio, Caderno C, coluna Imagem e Som, p. 6, 01/11/2002

PAINEL DO LEITOR

O "Painel do Leitor" recebe colaborações pelo correio (al. Barão de Limeira, 425, 4º andar, São Paulo-SP, CEP 01202-900), por fax (0/xx/11/223-1644) e por e-mail. Pede-se que as cartas sejam concisas e contenham nome completo, endereço, telefone e, exceto em mensagens por e-mail, assinatura. A Folha se reserva o direito de selecionar cartas e publicar trechos
E-mail: paineleitor@uol.com.br

A ameaça dos ônibus

"O fato de motoristas e cobradores de ônibus entrarem em greve em São Paulo não me deixa surpreso.

O que me causa horror é eles usarem os ônibus como arma, causando engarrafamentos enormes e dificultando o direito de as pessoas transitarem livremente pela cidade. O mais estranho é que não havia nenhuma multa nos ônibus estacionados em lugares proibidos. Qual o motivo de terem tratamento privilegiado?"

Marco Antonio Martignoni *(São Paulo, SP)*

A Aids e as crianças

"A Folha de ontem traz notícias alarmantes para mulheres e crianças do mundo inteiro. A Aids tem feito das crianças suas piores vítimas, seja pelo efeito direto, contaminadas até mesmo quando em gestação, seja pelo indireto, a orfandade, já que os índices de contaminação entre as mulheres têm crescido ano a ano.

Associada à miséria e à pobreza, a doença é ainda mais devastadora, privando a criança de condições mínimas de sobrevivência, do convívio social e escolar e, em alguns casos, transformando-a em mercadoria de troca: em Zâmbia, crianças estão sendo vendidas pelos pais! Urge que o problema da Aids seja tratado como uma questão global, por governantes de todo o planeta, com programas que controlem a epidemia e seus efeitos, sobretudo nas crianças e nos adolescentes."

Ana Maria Wilheim, *superintendente da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente (São Paulo, SP)*

Sentença de morte

"A Nigéria decidiu sumariamente aplicar a pena de morte para a jornalista que escreveu que as candidatas ao título de Miss Mundo são tão belas que até o profeta Muhammad se casaria com uma delas. Isso desencadeou a fúria de fundamentalistas islâmicos contra cristãos.

Em nome da liberdade de expressão e dos mais profundos princípios humanitários, que devem estar acima de religiões e dogmas, que se registre o mais veemente protesto por essa atitude. É uma vergonha para a humanidade."

Celio Levyman *(São Paulo, SP)*

★

"Depois do genocídio na Nigéria, grupos feministas agora tentam boicotar o concurso em Londres. Por favor, deixem as meninas concorrerem em paz.

cias psicoativas nos vilões da história. O difícil é perscrutar com clareza os abismos da personalidade de cada um."

Flávio Guimarães De Lucca *(Limeira, SP)*

Teoria e prática

"Luiz Inácio Lula da Silva critica Fernando Henrique Cardoso por ter deixado servidores sem aumento. O candidato Lula tem todo o direito, até a obrigação, de dizer isso no afã de conseguir votos, mas o presidente já eleito Lula não.

Ele tem a obrigação de dar aumento aos servidores já no dia 2 de janeiro. Não o fazendo dá aos brasileiros o direito de chamá-lo, no mínimo, de demagogo."

Mario Ladosky *(Bragança Paulista, SP)*

Alíquota de imposto

"Por que prorrogar a alíquota de 27,5% do Imposto de Renda? Essa diferença na mão dos trabalhadores não ajudaria na recuperação da economia?

Será que um governo que se diz moderno, como o PT sempre propagou, não enxerga esse benefício?"

Pedro Rinaldi *(Franca, SP)*

★

"Não concordo com algumas cartas publicadas neste "Painel" sobre incoerência do PT em querer impostos altos agora que é governo, diferentemente do que pregava quando era oposição. Os impostos têm de ser altos, infelizmente, porque o Estado está endividado e falido. Sem os impostos, teriam de dar calote nos credores.

A situação atual do Brasil é culpa da política neoliberal que dominou a todos na última década. Só caberão críticas ao PT se sua política econômica não reverter o quadro de deterioração iniciado pelo governo anterior."

José Menezes Netto *(Macaé, RJ)*

Lição de casa

"Gostaria de cumprimentar a Folha pelo esclarecedor artigo 'Rumo' escrito pelo colunista Roberto Mangabeira Unger (Opinião, pág. A2, 26/11), em que explica a direção que o país necessita tomar. A meu ver, trata-se de um material indispensável e didático, contendo as principais medidas a serem realizadas no governo Lula.

Sugiro que a equipe do presidente eleito utilize-o frequentemente antes de sentar à mesa de negociação."

Luiz Gonzaga Bertelli Jr. *(São Paulo, SP)*

Coragem duvidosa

"A declaração do senador eleito Aloizio Mercadante de que o governo do PT promete 'jogar duro' com os EUA nas relações comerciais é hilariante. Eu não sabia que os governantes de um país como o nosso, movido a dívidas, ainda conseguia 'falar grosso'."

Augusta Maria de Souza Guimarães *(São Paulo, SP)*

[29] Coragem duvidosa.
Folha de S. Paulo, editoria Opinião, Painel do leitor, p. A3, 28/11/2002

Ironias de eventos e de situação

Outros exemplos de ironia observável apresentam característica diversa, que também pode resultar de uma incongruência ou incoerência, provocada não pela trama do destino ou de forças superiores, mas por situações vividas pelos mesmos personagens num antes e num depois temporal. O fragmento [30] pode ser visto como irônico (ironia de eventos) se se levar em conta esse processo de contraposição antes/depois.

> [30]:
> Aprendiz de guerrilheiro virou um aliancista (título)
> (Zero Hora, editoria Política, p.15, 04/11/2002, notícia assinada)

O "aprendiz de guerrilheiro" em questão é José Dirceu, o presidente nacional do Partido dos Trabalhadores (PT) na época, e o texto de Zero Hora recupera a história de militância política do deputado desde os tempos de líder estudantil durante a ditadura militar, quando foi "aprendiz de guerrilheiro", até a atualidade, quando "virou um aliancista" pela eleição do presidente Luís Inácio Lula da Silva. A enunciação de Zero Hora quanto a Dirceu é montada a partir dessa contraposição entre um antes (militante estudantil) e um depois (aliancista), que é arrematada na forma escolhida pelo jornal para o título, uma apropriação de título de filme (*Aprendiz de feiticeiro*) subvertido para se tornar o *aprendiz de guerrilheiro*.

Em análises sobre as estratégias de enunciação das revistas *Veja* e *Isto É* sobre a Guerra do Golfo, em 1991, Fausto Neto (1995, p. 206) observou como a "recorrência a séries filmográficas-televisivas (...) aos fragmentos de música (...) e, também, a títulos (...) originalmente pertencentes ao cinema, são 'mixados' como efeito de trabalho do enunciador". Esse foi um recurso da enunciação de Zero Hora em dois momentos diferentes da mesma edição a propósito da eleição do presidente Lula.

A construção é irônica e crítica, cujo entendimento nesse sentido se completa quando se parte para a observação da enunciação de Zero Hora diante da conjuntura nacional. A construção enunciativa se dá sobre dois planos: sobre o dito, quando recupera a história de José Dirceu, contrapondo-a entre um antes e um depois, e sobre a forma de apresentar esse dito, a partir das fotos de arquivo, dos títulos com recorrência aos filmes do cinema, entre outros elementos. A partir do dito e da forma como ele é apresentado por Zero Hora, chega-se a um sentido de que com o PT a história se repete, quando se parece ouvir ecos de falas do senso comum e da sabedoria popular ("político é tudo igual"; "o poder corrompe"; uma corruptela de "até tu, Brutus?" para "até tu, PT?".

O texto de Zero Hora e sua análise não podem ser desvinculados de dois textos publicados nas páginas anteriores do jornal, ainda tendo como mote a eleição do presidente Lula. Um deles também usa a mesma estratégia de apropriação de título de filme, dessa vez de forma mais direta (***A mão que balança o berço do governo Lula***), enquanto o segundo não traz ironia no título, mas na maneira como elabora um quadro com os cargos a serem preenchidos no governo, qualificados como "de uma a cinco estrelas" (***Os cargos de uma a cinco estrelas***).

> [31]:
> A mão que balança o berço do governo Lula (título)
> Perfil: Presidente nacional do PT, José Dirceu é amado ou odiado na sigla por trocar a radicalização pelas alianças amplas (supertítulo)
> Sintonia: entre todos os colaboradores, Dirceu é o companheiro que Lula ouve ao acordar e antes de dormir (legenda da foto)
> (Zero Hora, editoria Política, p.14, 04/11/2002, notícia assinada)

No jornal, o texto de [31], na página 14, é anterior ao de [30], na página 15. Seria possível dizer que [31] apresenta algum traço de ironia? Começando pelo título do texto, nele podemos encontrar a referência ao título do filme norte-americano "A mão que balança o berço", que conta a estória de uma babá com duplo comportamento: linda e ótima, quando na frente dos pais da criança; pérfida e capaz de tudo, quando a sós com o bebê. Como tantos outros, poderíamos ver aqui não só um caso de apropriação, mas de intertextualidade entre o filme e o título "A mão que balança o berço do governo Lula", que, somado ao dito no supertítulo[50] e na legenda, caracteriza Dirceu como mentor e protetor e Lula como alguém que necessita de guia, de cuidados, tal qual uma criança. Assim como a babá do filme, Dirceu é apresentado como "sendo capaz de tudo" nas suas articulações políticas para levar o PT (e Lula) ao poder.

Em [31], a intertextualidade possibilita a apresentação de "vozes" com críticas às manobras de José Dirceu e sua influência junto a Lula. Porém, seria possível dizer existir aí algum efeito irônico? Por um lado, a resposta seria ***não***. Por outro lado, poderia ser ***sim***, se se atribui às comparações entre babá/Dirceu, bebê/Lula formuladas no título principal um efeito derrisório contundente e de forma criativa (a babá ardilosa e o bebê que precisa de proteção/orientação). Por que, entre outras formas de dizer, fazer justamente essas comparações? Se não se deve/pode buscar a intenção do enunciador, pode-se chegar ao efeito que esse modo de dizer é capaz de provocar (embora não necessariamente, porque depende

[50] Espécie de título usado por alguns jornais, como Zero Hora e Folha de S. Paulo, que aparece acima do título principal da página, como complemento de informação.

também do leitor). De uma maneira ou de outra, esse conjunto textual vai iniciar o caminho e contribuir para o efeito irônico na página seguinte (ver [30]), principalmente no título, em que o "aprendiz de guerrilheiro virou um aliancista", a propósito do que uma voz hipotética pode dizer: *Que coisa, não?! Não é uma ironia? Quem diria que isso aconteceria um dia?*

O texto de [32], a seguir, vem antes (na página 13) dos dois já citados (nas páginas 14 e 15).

> [32]:
> PT terá 22 mil cargos a preencher (título)
> Os cargos de uma a cinco estrelas (título do quadro)
> (Zero Hora, editoria Política, p.13, 04/11/2002, notícia e quadro)

Dentro do quadro citado, há uma relação dos cargos da esfera federal etiquetados com as estrelas, efetivamente de uma a cinco. Não se sabe se a classificação, na origem, é do próprio governo ou do jornal, mas, na prática, a enunciação jornalística, da maneira como é feita, permite relacionar a classificação por estrelas, aos moldes do sistema hoteleiro, aos cargos e ao símbolo da estrela usada pelo Partido dos Trabalhadores. O sentido irônico aparece, então, como uma crítica ou mesmo uma discordância ou afastamento do jornal sobre a forma de classificação e possível distribuição dos cargos.

Dessa forma, o conjunto enunciativo das três páginas permite classificá-lo como portador de uma estratégia argumentativa de desqualificação e de crítica, em que se vêem efeitos de sentido irônicos, principalmente quando se considera o conjunto textual como uma grande enunciação sobre Lula, sua eleição e os que o cercam, e que se constituem no alvo do efeito irônico de Zero Hora. O jornal se apresenta como o observador onisciente que avalia a situação e a recria ironicamente, a partir de vários elementos lingüístico-discursivos. O conjunto discursivo é formado, de um lado, pelo ambiente político atual; de outro, pela forma como o texto é construído na enunciação jornalística: a escolha do ângulo de abordagem do assunto, do léxico e dos títulos, das fotos que estão ali para provar o dito, assim como a relação entre os textos.

Estabelecendo um comparativo no mesmo dia entre os jornais do *corpus* quanto à abordagem da eleição do presidente Lula e seus desdobramentos, é possível notar que eles não deixam de mencionar a contraposição da postura e das propostas do Partido dos Trabalhadores antes e depois da eleição vitoriosa. Contudo, a possibilidade de efeito irônico foi dificultada pela escassez de elementos que deflagrassem tal efeito, diferente do que se observou com mais clareza em Zero Hora.

Vemos na análise desses exemplos uma enunciação que tenta instabilizar os sentidos vigentes naquele momento a respeito da eleição do novo presidente, com uma estratégia argumentativa da qual faz parte o uso da ironia, como assinalado acima. Entretanto, embora seja uma possibilidade de sentido proposta e prevista pela enunciação do jornal, o efeito irônico não anula as demais possibilidades de sentido possíveis (Hutcheon, 2000); eles coexistem, relacionam-se, razão pela qual a ironia pode ser suspensa pelo leitor.

ZERO HORA | POLÍTICA PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 4/11/2002 | 15

QUEM É

♦ José Dirceu nasceu em Passa Quatro (MG) em 16 março de 1946. É casado com Maria Rita Garcia de Andrade. Tem três filhos: José Carlos, Joana e Camila, de casamentos anteriores.

♦ Advogado formado e pós-graduado pela USP. Foi vice-presidente do DCE da Faculdade de Direito da USP entre 1965-66. Entre 1966 e 1967, presidiu a União Estadual dos Estudantes (UEE-SP).

♦ Em 1968, foi preso em Ibiúna, durante o Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE). Foi libertado e banido do país em setembro de 1969, com outros presos políticos, em troca do embaixador americano Charles Elbrick, que estava seqüestrado.

♦ Morou em Cuba. Em 1975, voltou clandestinamente ao Brasil. Até 1979, viveu no Paraná com identidade falsa.

♦ Em 1986, elegeu-se deputado estadual. Em 1995, assumiu a presidência do PT. É ligado à corrente Articulação Unidade na Luta, a mesma de Lula.

Aprendiz de guerrilheiro virou um aliancista

O apoio do PT à candidatura de Anthony Garotinho (PDT) no Rio, que produziu uma crise da qual o diretório fluminense da sigla até hoje não se recuperou, foi um dos muitos passos em direção à busca de novos aliados que tem sido uma das obsessões de José Dirceu.

Renato Guimarães, vereador licenciado do PT em Porto Alegre, presidente da Fundação de Assistência Social e Cidadania e um dos autores da carta que condenava, em fevereiro, a política de alianças, reconhece o articulador competente, mas minimiza o efeito dos apoios arquitetados por Dirceu na eleição de Lula:

– A vitória de Lula expressa um sentimento da população pela mudança. Isso foi o elemento central, não necessariamente a política de alianças.

O Zé Dirceu aliancista é outro se confrontado com o radical líder estudantil socialista do final dos anos 60. Em 1968, foi preso e um ano depois libertado com outros 28 presos políticos. Deixou o país em troca do embaixador americano Charles Elbrick, que havia sido seqüestrado.

Foi para Cuba, freqüentou cursos de guerrilha e retornou ao país em 1975, com outro rosto e outro nome. Fez plástica nas maçãs do rosto e no nariz, ganhou um bigode. José Dirceu de Oliveira e Silva voltou como Carlos Henrique Gouveia de Melo. Morou em Cruzeiro do Oeste, no Paraná, casou com Clara Becker. Montaram uma alfaiataria e uma loja de roupas masculinas. Separada desde 1980, Clara revelou à revista Veja que só soube que Carlos era Dirceu quatro anos depois.

Entre seus malogros, está o de não ter evitado a prévia no RS

Do ex-aprendiz de guerrilheiro, sobrou o sotaque caipira de mineiro nascido na cidade de Passa Quatro. Dirceu mudou-se para São Paulo, elegeu-se deputado estadual em 1986 e foi reeleito deputado federal em outubro com 556,56 mil votos. Mas tem um fracasso no currículo: a tentativa de dissuadir o ex-prefeito Tarso Genro de enfrentar o governador Olívio Dutra na prévia do PT que escolheria o candidato ao governo do Estado.

Nas negociações, em fevereiro, Tarso sairia da disputa e ganharia, em troca, a coordenação-geral do programa de Lula, em substituição ao prefeito Celso Daniel, de Santo André, assassinado em janeiro. Tarso recusou, e a tarefa foi entregue ao prefeito licenciado de Ribeirão Preto, Antônio Palocci. As alternativas de Zé Dirceu nem sempre dão certo. Pode ser brabo, mas é do jogo. **(Moisés Mendes)**

BANCO DE DADOS - 4/10/1968

Palanque precoce: na década de 60 já liderava manifestações estudantis

Paulo Ferreira, vice-presidente do PT estadual, membro do diretório nacional e coordenador da campanha de Lula no RS, ligado à corrente PT Amplo:

No trato das questões políticas, José Dirceu é essencialmente sincero. Não podemos dizer nunca que ele não diga e não faça o que pensa

Luciana Genro, deputada estadual e deputada federal eleita do PT, ligada à corrente Movimento Esquerda Socialista:

José Dirceu usa às vezes métodos pouco democráticos para fazer valer suas idéias, quando não convence com argumentos políticos

[30] Aprendiz de guerrilheiro virou um aliancista
Zero Hora, editoria Política, p.15, 04/11/2002

PERFIL Presidente nacional do PT, José Dirceu é amado ou odiado na sigla por trocar a radicalização pelas alianças amplas

A mão que balança o berço do governo Lula

MOISÉS MENDES

Uma moça bocejou, entediada, quando o deputado federal José Dirceu (PT-SP) foi anunciado como debatedor da conferência sobre alternativas ao neoliberalismo no 2º Fórum Social Mundial, em Porto Alegre. Acomodada nas últimas fileiras da platéia, ela se virou para quem estava ao lado e murmurou:
– Alternativas com o Zé Dirceu? É brabo, hem?

O Fórum aconteceu em fevereiro deste ano, quando Dirceu, presidente nacional do PT desde 1995, firmava posição como articulador da puxada do partido para a centro-esquerda e ganhava vitrinas vistosas. O jornal americano The New York Times atribuía ao ex-radical, em reportagem publicada no início do ano, o comando da virada do PT para uma linha social-democrata. O bocejo da moça da platéia do fórum foi pouco perto do que o novo moderado enfrentou de grupos à esquerda do partido. A corrente Força Socialista condenou em documento a política de alianças que ele fomentava.

Eram dardos de alfinete jogados num blindado. O deputado federal José Dirceu (SP), 56 anos, é intocável desde 1995, quando assumiu a presidência do PT e ficou exposto aos ataques dos que condenavam sua moderação. Lula vê Zé Dirceu – é assim que ele mesmo se identifica – quando acorda. E cruza por Zé Dirceu antes de dormir. O deputado passou os últimos sete anos montando, em conversas que incluíam desafetos históricos do partido, o novo lastro petista. E amarrou a aliança que pôs o senador José Alencar (PL-MG) de vice na chapa de Lula.

Dirceu conversa com quem quer. E será o que quiser no próximo governo. Pelo poder que acumulou, é amado ou odiado com intensidade. Não há moderação quando companheiros são convidados a defini-lo:

– No trato das questões políticas o Zé é essencialmente sincero. Não podemos dizer nunca que ele não diga e não faça o que pensa – elogia Paulo Ferreira, vice-presidente do PT estadual, membro do diretório nacional, coordenador da campanha de Lula no Estado e um dos interlocutores do presidente nacional da sigla no Estado.

– Reconheço que ele é um bom articulador, mas às vezes usa métodos pouco democráticos para fazer valer suas idéias quando não convence com argumentos políticos – diz a deputada federal eleita Luciana Genro.

Ferreira define Dirceu como "engenheiro da composição que elegeu Lula". Luciana não esquece da decisão, atribuída ao presidente do PT, de impor ao PT do Rio a retirada da candidatura do ex-deputado Vladimir Palmeira a governador e o apoio a Anthony Garotinho (então no PDT).

– Na conversa pessoal, é uma pessoa afável, mas que reserva o uso da força para momentos cruciais – afirma a deputada.

DIDA SAMPAIO, AE, BANCO DE DADOS/ZH – 19/06/2002

Sintonia: entre todos os colaboradores, Dirceu (E) é o companheiro que Lula (D) ouve ao acordar e antes de dormir

[31] A mão que balança o berço do governo Lula
Zero Hora, editoria Política, p.14, 04/11/2002

FUTURO GOVERNO

PT terá 22 mil cargos a preencher

A alternância de poder com a eleição do petista Luiz Inácio Lula da Silva para presidente vai provocar uma revolução na gigantesca máquina administrativa federal.

Pela primeira vez desde o fim do regime militar, o poder trocará efetivamente de mãos. Segundo reportagem publicada ontem pelo jornal O Globo, o PT terá à sua disposição a partir de janeiro nada menos que 22.401 cargos para preencher: 26 de ministros, 1.875 postos de segundo escalão e 20.500 de terceiro, distribuídos entre os 26 Estados e o Distrito Federal. O jornal fez uma classificação dos órgãos e empresas a serem assumidos pelo PT, de uma a cinco estrelas *(leia quadro ao lado)*.

Desde o governo do ex-presidente José Sarney, PFL, PMDB e PSDB vinham se revezando nos postos. Agora, o PT se prepara para dividir os cargos entre seus aliados como PL, PC do B, PSB, PPS e PDT, entre outros. A julgar pelas administrações petistas em Estados e municípios, os ocupantes dos postos estão com os dias contados.

OS CARGOS DE UMA A CINCO ESTRELAS

CINCO ESTRELAS

Empresa	Cargos	Orçamento em R$ para 2003
Petrobras	Presidência e diretorias	107,2 bilhões
BNDES	Presidência e diretorias	46,3 bilhões
BB	Presidência e diretorias	43,2 bilhões
CEF	Presidência e diretorias	36,2 bilhões
Petrobras Distribuidora	Presidência e diretorias	29,8 bilhões
Petrobras Internacional	Presidência e diretorias	24,7 bilhões
Eletrobrás	Presidência e diretorias	13,3 bilhões

QUATRO ESTRELAS

Empresa	Cargos	Orçamento em R$ para 2003
BNDES Participações	Presidência e diretorias	8,8 bilhões
Itaipu Binacional	Presidência e diretorias	8,2 bilhões
ECT	Presidência e diretorias	6,5 bilhões
Banco do Nordeste	Presidência e diretorias	5,9 bilhões
INSS	Presidência e diretorias	5,9 bilhões
Refinaria Alberto Pasqualini	Presidência e diretorias	5,9 bilhões
Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes (Dnit)	Diretoria	5,4 bilhões
Furnas	Presidência e diretorias	5,3 bilhões
Chesf	Presidência e diretorias	3,3 bilhões
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)	Presidência e diretorias	3 bilhões

TRÊS ESTRELAS

Empresa	Cargos	Orçamento em R$ para 2003
Funasa	Diretor	2,6 bilhões
Eletronorte	Presidência e diretorias	2,4 bilhões
Basa	Presidência e diretorias	1,6 bilhão
Infraero	Presidência e diretorias	1,6 bilhão
Polícia Federal	Diretor	1,5 bilhão
Incra	Diretor	1,3 bilhão
Eletrobrás Termonuclear	Presidência e diretorias	1,2 bilhão
Gasoduto Bolívia-Brasil	Presidência e diretorias	1,2 bilhão
Polícia Rodoviária Federal	Superintendente	1 bilhão

DUAS ESTRELAS

Empresa	Cargos	Orçamento em R$ para 2003
Companhia Brasileira de Transportes Urbanos (CBTU)	Diretoria	948 milhões
Serpro	Diretoria	723 milhões
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)	Diretoria	715 milhões
IBGE	Presidência	584 milhões
Ibama	Presidência	561 milhões
Eletrosul	Presidência e diretoria	511 milhões
Fundação Oswaldo Cruz	Presidência	455 milhões
Dataprev	Presidência e diretoria	413 milhões
DNOCS	Diretoria	367 milhões
Secretaria Especial de Desenvolvimento Urbano	Secretário	322 milhões
Cia Docas SP	Diretoria	295 milhões
Casa da Moeda	Diretoria	257 milhões
Codevasf	Presidência	253 milhões
BB Corretora de Seguros	Diretoria	250 milhões
Cia Docas RJ	Diretoria	243 milhões
Banco do Estado do Ceará (Bec)	Presidência e diretoria	237 milhões
Funai	Presidência	207 milhões

UMA ESTRELA

Empresa	Cargos	Orçamento em R$ para 2003
Banco do Estado do Maranhão	Presidência e diretoria	187 milhões
Hospital Conceição-RS	Diretoria	183 milhões
Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa)	Superintendência	149 milhões
Embratur	Presidência	125 milhões
Trensurb - Porto Alegre	Diretoria	119 milhões
Ipea	Diretoria	106 milhões
Radiobrás	Presidência e diretoria	92 milhões
Iphan	Diretoria	83 milhões
Banco do Estado do Piauí	Presidência e diretoria	65 milhões
Agência de Desenvolvimento do Nordeste (Adene)	Diretoria	64 milhões

[32] PT terá 22 mil cargos a preencher
Zero Hora, editoria Política, p.13, 04/11/2002

Ainda a ironia sobre a política

Os fragmentos citados acima de Zero Hora sobre política são bons exemplos para se acompanhar a enunciação de um determinado veículo de comunicação a respeito de determinado assunto e avaliar sua perspectiva enunciativa. Embora não tenham sido apresentados outros casos, a análise de dez edições de Zero Hora ao longo de um mês possibilitou evidenciar que o Partido dos Trabalhadores e a eleição do presidente Luís Inácio Lula da Silva foram tratados de forma desqualificadora, sendo José Dirceu o cérebro que trama e planeja ("o aliancista"); Lula, um presidente que não sabe o que fazer e que apresenta um "estilo" de governar impróprio para um cargo desse quilate.

Somente acompanhando a enunciação do jornal ao longo dos dias, inclusive quando falava da eleição do novo governador do Rio Grande do Sul, Germano Rigotto, membro do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), é que se pode atribuir um efeito irônico em algumas matérias e capas do jornal. Dos cinco jornais analisados, o Zero Hora foi o mais irônico em relação à Lula, até mais que a Folha de S. Paulo, historicamente crítica do PT e de Lula, como já observamos em estudo anterior (Seixas, 1996). Inversamente, Zero Hora foi o jornal que menos tematizou a mudança de postura do principal partido opositor ao PT, o Partido da Frente Liberal (PFL), que passou a adotar fala bastante similar a do PT quando este ainda era oposição. O Globo, Folha de S. Paulo e Jornal do Commercio foram os que mais apresentaram essa inversão de papéis (e de discursos) de forma irônica, assinalando também a "mudança" do PFL. É o que se vê, em resumo, nos casos a seguir:

> [5] (ver texto na página 103):
> PFL na "oposição responsável" (título)
> Repetindo antigo discurso do PT – que prega o corte de gastos publicitários e se posiciona contra "sacrifícios à população" – o PFL define sua nova linha (subtítulo)
> (Jornal do Commercio, editoria Política, p.5, 01/11/2002, notícia)

> [33]:
> Primeiros passos (título)
> O PFL treina para ser oposição. "A partir de agora, vamos precisar ler o 'Diário Oficial', mexer no Siafi [Sistema de acompanhamento de gastos do governo] e fazer um rodízio democrático de líderes", teoriza José Carlos Aleluia (BA).
> (Folha de S. Paulo, editoria Brasil, p. A4, 07/11/2002, nota da coluna Painel)

Os dois textos acima evidenciam como as posições enunciativas podem ser reguladas a partir do lugar de onde se fala. Em outras palavras, o que é dito é regulado não pelo sujeito, mas pelo lugar que ocupa quando fala (ver Possenti, s.d., sobre um resumo das posições enunciativas do sujeito conforme a concepção de discurso que se adota). Assim, o PFL, estando na "oposição", deveria falar e agir como de oposição. De forma inversa, o PT, agora na "situação". São bons exemplos para mostrar que o meio jornalístico percebe esse movimento dos sujeitos e dos seus lugares de fala, evidenciando isso na sua enunciação, menos ou mais claramente e avaliativamente.

No *corpus* analisado e ainda no campo da política partidária, um outro caso que evidencia com certa clareza a posição enunciativa do sujeito diz respeito à governadora eleita no Rio de Janeiro pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) e seu marido, o também ex-governador Anthony Garotinho. A ironia é um dos recursos usados para criticar os encaminhamentos e a trajetória dos dois.

> [34]:
> Garotinho diz que vai desinfetar sede do governo (título)
> Secretariado de Rosinha, que ontem anunciou mais cinco nomes de sua futura gestão, repete o do marido (subtítulo)
> (...) Do lado da governadora eleita, os preparativos para a transição lembram o filme "De volta para o futuro". Onze dos 13 secretários já anunciados por Rosinha têm exatamente as mesmas caras e alguns até funções idênticas às que exerceram no governo garotinho. (...)
> (O Globo, editoria Rio, p. 19, 22/11/2002, notícia assinada)

Nesse tipo de recurso, a instância jornalística traz para dentro do novo assunto, referente ao próximo governo do Rio de Janeiro, a temática abordada no filme hollywoodiano, em que um jovem volta ao passado, na época em que os pais se conheceram. Na realidade, no filme se volta ao passado, assim como na gestão da nova governadora, Rosinha Mateus, cujos secretários são remanescentes da época em que seu marido, Anthony Garotinho, foi governador.

> [35]:
> Enfim presidente (título)
> O comando nacional do PSB vai indicar até o final do mês Anthony Garotinho (RJ) para a presidência da Fundação João Mangabeira, ONG

> mantida pelo partido para assegurar a sigla, editar livros e “promover debates sobre o socialismo”.
> (Folha de S. Paulo, editoria Brasil, p. A4, 07/11/2002, nota da coluna Painel)

O Globo usa o recurso da comparação a título de filme para estabelecer um paralelo que provoca efeito de ironia e de crítica. Já a Folha recorre à tradicional expressão aspeada (“promover debates sobre o socialismo”) e a um título portador de orientação argumentativa que possibilita encaminhar para uma direção (ter alcançado a presidência, afinal) e o texto para outra, pois a presidência é de uma fundação, e não da República, à qual Anthony Garotinho havia concorrido pelo PSB. Na nota, o tom avaliativo da enunciação é jocoso, tanto no título como na expressão aspeada. Nesta, as aspas têm o poder de transferir a responsabilidade da informação para outro, que pode ser o próprio Garotinho, um representante do comando nacional do PSB ou mesmo os objetivos oficiais da Fundação. Ao mesmo tempo que transfere a autoria, o jornal se distancia do dito, como se não fosse ele o responsável pela enunciação atual sobre a qual tem o privilégio de selecionar e emitir avaliações.

Esse é o papel das aspas, que desempenha funções essenciais para a enunciação jornalística, seja de verossimilhança sobre o discurso do outro, seja de distanciamento, e, ainda, de manipulação e avaliação desse discurso outro, inclusive instaurando a ironia (sobre as aspas, ver Authier, 1981; Maingueneau, 1989, 2001).

De todo modo, uma análise da postura enunciativa da instância jornalística deve levar em consideração os sujeitos políticos do momento e as relações que mantêm com a própria mídia em análise e com a sociedade, pois se sabe que as enunciações e os discursos não são homogêneos e estáveis, mas se relacionam com o seu exterior e a eles se moldam, se juntam ou se distanciam. A enunciação jornalística sobre a eleição presidencial de 2002 foi tratada aqui de forma bastante resumida, mas preferimos correr o risco do erro pela economia do que pela omissão. Contudo, a análise envolvendo a ironia, neste estudo, seguia uma lógica mais geral, dificultando a apresentação por assuntos específicos.

PAINEL

Rachadura interna
A esquerda do PT reclamou ontem a José Dirceu de que foi isolada na formação da equipe de transição. Dos 17 nomes já indicados, só um integra tendências de esquerda: Arno Augustin, da Democracia Socialista. O grupo disse ainda que não aceitará ser preterido no governo.

Paz negociada
Os outros 16 integrantes da equipe de transição são do campo majoritário petista. A esquerda, que representa 30% do partido, avisou à cúpula da sigla que quer ao menos um ministério e uma liderança no Congresso para dar uma "trégua" a Lula no início de seu mandato.

Curriculum vitae
Arno Augustin foi secretário da Fazenda de Olívio Dutra (PT-RS) e é considerado um dos responsáveis pela fábrica da Ford não ter se instalado no Estado.

Aparelho vermelho
Funciona desde ontem, na sede do governo de transição, o telefone protegido com código para conversas entre Lula e FHC.

Segunda via
José Sarney (PMDB-AP) já estuda se lançar candidato independente à presidência do Senado. O ex-presidente avalia que tem poucas chances de derrotar Renan Calheiros (AL) na bancada do partido, condição que o PT colocou para apoiá-lo. Renan conta com a cúpula da sigla.

Primeiros passos
O PFL treina para ser oposição. "A partir de agora, vamos precisar ler o 'Diário Oficial', mexer no Siafi [sistema de acompanhamento de gastos do governo] e fazer um rodízio democrático de líderes", teoriza José Carlos Aleluia (BA).

Espólio eleitoral
O ex-governador do Ceará Tasso Jereissati (PSDB) chegou ontem a Brasília para se reunir com FHC, o governador eleito Aécio Neves (MG) e o reeleito Geraldo Alckmin (SP). O senador cearense tenta conquistar o comando do PSDB.

Enfim presidente
O comando nacional do PSB vai indicar até o final do mês Anthony Garotinho (RJ) para a presidência da Fundação João Mangabeira, ONG mantida pelo partido para assessorar a sigla, editar livros e "promover debates sobre o socialismo".

Saída à americana
Ex-guru de Ciro, com quem rompeu na campanha, Mangabeira Unger teve uma saída melancólica do PPS: sem alarde, enviou carta ao vereador Roger Lin (presidente municipal do PPS-SP) solicitando sua desfiliação. O pedido já foi aceito —sem repercussão interna.

Pé esquerdo
Na frente de Lula, Antônio Palocci Filho, coordenador da equipe de transição do PT, quis fazer embaixadas anteontem com uma bola de futebol usada na final da Copa-2002 e que está em exposição num hotel em Brasília. Palocci deixou a bola cair logo na primeira tentativa.

Medida profilática
A Presidência da República deverá ampliar de 52 para 60 o número de autoridades da alta administração federal que serão submetidas à quarentena de quatro meses após o fim do governo. Os oito novos nomes serão todos da área econômica.

Anti-PCC
Alckmin enviou ontem ao Ministério da Justiça sugestão de projeto de lei para acabar com visitas íntimas e exigir revista em visitantes de presos ligados ao crime organizado. A proposta, inspirada na lei italiana contra mafiosos, prevê benefícios penais para delatores de facções.

Visita à Folha
Manoel Francisco Pires da Costa, presidente da Fundação Bienal de São Paulo, visitou ontem a Folha, onde foi recebido em almoço. Estava acompanhado do 1º vice-presidente da entidade, Pedro Paulo de Sena Madureira.

TIROTEIO

Do líder do PSDB na Câmara, Jutahy Júnior, sobre a Prefeitura de São Paulo ter anunciado que não vai pagar R$ 3 bi de sua dívida com o governo federal:
— É um mau exemplo. Veja a diferença entre a responsabilidade de Alckmin, que condenou a renegociação da dívida dos Estados, e de Marta em relação ao Orçamento do país.

[33] Primeiros passos
[35] Enfim presidente
Folha de S. Paulo, editoria Brasil, coluna Painel, p. A4, 07/11/2002

Garotinho diz que vai desinfetar sede do governo

Secretariado de Rosinha, que ontem anunciou mais cinco nomes de sua futura gestão, repete o do marido

Michel Alecrim e Múcio Bezerra

• "Vamos desinfetar o Palácio Guanabara antes de a Rosinha chegar e tomar posse." A afirmação foi feita ontem pelo ex-governador Anthony Garotinho, durante uma reunião da Executiva do PSB no Hotel Guanabara, no Centro. Em seu discurso, Garotinho criticou duramente o governo Benedita da Silva (PT). Ele disse que sua mulher, a governadora eleita Rosinha Matheus, vai enfrentar muitos problemas quando assumir o cargo. Benedita afirmou, por intermédio de sua assessoria, que não responderia ao ataque.

O ex-governador Leonel Brizola fez crítica semelhante quando ocupou pela primeira vez o Palácio Guanabara, em 1983. Ele abriu as janelas para entrar novo ar, já que o antigo estaria contaminado. A afirmação de Garotinho quebra o bom clima que estava começando a surgir entre os dois partidos no Rio. Benedita até já começou informalmente a transição, que oficialmente só terá início em 6 de dezembro.

Apenas dois secretários não foram do governo anterior

Do lado da governadora eleita, os preparativos para a transição lembram o filme "De volta para o futuro". Onze dos 13 secretários já anunciados por Rosinha têm exatamente as mesmas caras e alguns até funções idênticas às que exerceram no governo garotinho. Ontem, ela apresentou mais dois convocados para o seu time: o advogado Sérgio Zveiter, que vai retomar a mesma posição na Secretaria de Justiça e Cidadania; e Francesco Conte, procurador-geral de Garotinho, que volta em campo na chefia do Gabinete Civil.

Sérgio Neves, que no governo Garotinho foi subprocurador-geral do Estado, retornará na condição de titular. Sérgio Ricardo de Almeida foi reconvocado ontem para a TurisRio; e Rodrigo Silveirinha, subsecretário de Administração Tributária da Secretaria de Fazenda na época em que Rosinha era primeira-dama, voltará como presidente do Conselho de Desenvolvimento Industrial (Codin).

Dos secretários anunciados até agora, apenas dois não fizeram parte da equipe de Garotinho: Marco Antônio Lucidi (Trabalho) e Vanice Lírio do Valle (Administração).

O governo Rosinha com as feições do secretariado de Garotinho terá ainda os seguintes titulares: Josias Quintal, outra vez no comando da Segurança Pública, Mário Tinoco (Fazenda), Fernando Lopes (Controle Geral), Tito Ryff (Desenvolvimento Econômico e Turismo), Wagner Victer (Energia, Indústria Naval e Petróleo), Chiquinho da Mangueira (Esportes), Cristhino Áureo (Agricultura), Augusto Ariston (Transportes) e Jaime Cardoso (Governo).

Quando foi eleito governador, Garotinho trouxe para o Rio alguns de seus colaboradores na prefeitura de Campos. O grupo passou a ser chamado de República do Chuvisco (alusão ao famoso doce campista). Em agosto, quando estava em campanha, Rosinha disse que, se eleita, Garotinho daria palpite em seu governo. Em 21 de outubro, ao anunciar os nomes de três secretários da gestão do marido, Rosinha avisou, porém, que ela mandaria no estado:

— As individualidades existem e quem é governadora agora sou eu. ■

Marcelo Carnaval

ROSINHA ENTRE dois secretários de seu governo: Sérgio Zveiter (Justiça) e Francesco Conte (Gabinete Civil)

Nomes no primeiro escalão

• **JUSTIÇA E CIDADANIA:** Sérgio Zveiter (mesmo cargo na gestão Garotinho)
• **GABINETE CIVIL:** Francesco Conte (ex-procurador geral)
• **TRABALHO:** Marco Antônio Lucidi (não era da equipe de Garotinho)
• **ADMINISTRAÇÃO:** Vanice Lírio do Valle (não era da equipe)
• **SEGURANÇA:** Josias Quintal (mesmo cargo)
• **FAZENDA:** Mário Tinoco (ex-subsecretário de Fazenda)
• **CONTROLE GERAL:** Fernando Lopes (ex-secretário de Fazenda)
• **DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E TURISMO:** Tito Ryff (ex-secretário de Planejamento e Desenvolvimento Econômico e Turismo)
• **ESPORTES:** Chiquinho da Mangueira (ex-Suderj)
• **ENERGIA, INDÚSTRIA NAVAL E PETRÓLEO:** Wagner Victer (mesmo cargo)
• **AGRICULTURA, ABASTECIMENTO, PESCA E DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR:** Cristhino Áureo (mesmo cargo)
• **TRANSPORTES:** Augusto Ariston (ex-Gabinete Civil)
• **GOVERNO:** Jaime Cardoso (ex-secretário de Trabalho)
• **PROCURADOR-GERAL DO ESTADO:** Sérgio Neves (ex-subprocurador geral do estado)
• **CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL:** Rodrigo Silveirinha (ex-subsecretário de Administração da Secretaria de Fazenda)
• **TURISRIO:** Sérgio Ricardo de Almeida (mesmo cargo)

Rosinha anuncia plano de segurança para turistas

Norueguês é assaltado em Copacabana

• Retomar o Plano Verão, reestruturando o Batalhão de Turismo (BPTur), criar uma política de segurança para os corredores turísticos e reorganizar o trabalho do Grupamento Especial Tático-Móvel (Getam). Estes foram os compromissos na área de segurança pública assumidos ontem pela governadora eleita, Rosinha Matheus, e pelo futuro secretário de Segurança, Josias Quintal, com os representantes de entidades ligadas ao setor turístico, na reunião realizada no Hotel Othon Palace, em Copacabana. Rosinha aproveitou para anunciar que Sérgio Ricardo de Almeida vai continuar na presidência da TurisRio.

Dos empresários do setor, Rosinha recebeu um documento com reivindicações. Entre as principais, estão: policiamento especial nas vias expressas — linhas Vermelha e Amarela — que levam ao Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim, mais segurança nos corredores turísticos e, principalmente, a volta dos comitês integrados de segurança turística.

— Ainda estamos na transição, mas já estamos nos reunindo com representantes do setor para discutir a segurança em relação ao turismo. O Rio não é a cidade mais violenta do país. Temos problemas, sim, e que se agravaram muito. Mas vamos trabalhar para reduzir a violência que afasta o turista — disse Rosinha.

A futura governadora adiantou que vai colocar os Getams nas ruas, com horas e locais marcados e predeterminados, já no dia 2 de janeiro.

Na Praia de Copacabana, o aposentado norueguês Per Andreas Aaamo, que durante 25 anos foi policial em seu país, foi assaltado por dois menores, por volta das 23h30m de anteontem. Os pivetes levaram R$ 1.200 e um relógio. Um deles, de 17 anos, foi detido e conduzido por PMs para a Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), na Cidade Nova. O outro conseguiu fugir com os pertences do norueguês.

— Já vim outras vezes ao Rio e pretendo voltar, mas não me sinto seguro — disse Per, que ontem mesmo embarcou para casa.

[34] Garotinho diz que vai desinfetar sede do governo
O Globo, editoria Rio, p. 19, 22/11/2002

Política, futebol e ironia

Em muitas ironias nos jornais, o título tem desempenhado um papel central na instauração do efeito irônico, seja classificando, comparando ou realizando processos de substituição, como visto em ocorrências anteriores. Em [36], a enunciação jornalística tem o poder de agrupar política e futebol num ambiente, digamos, ***aquático***, em que os enunciados do título (*Nado sincronizado*) e da citação direta no final da nota (“*Nadavam, nadavam e morriam na praia*”) sedimentam o caminho para um efeito irônico.

> [36]:
> Nado sincronizado (título)
> Lula ganhou de presente, na sua viagem a Pernambuco, uma camisa do Náutico. Após onze anos de jejum, o clube foi campeão em 2001, depois que Lula vestiu a camisa do time. Os dois eram comparados no Estado:
> “Nadavam, nadavam e morriam na praia”.
> (Folha de S. Paulo, editoria Brasil, p. A4, 25/11/2002, nota da coluna Painel)

O nado sincronizado, como se sabe, é praticado em dupla ou em maior número de atletas, em que os movimentos rítmicos praticados pelos integrantes devem acontecer da forma mais sincronizada possível, daí o nome dessa modalidade esportiva. O enunciado “nadavam, nadavam e morriam na praia”, por sua vez, já faz parte das expressões populares cotidianas, quando se quer dizer que alguém tenta de forma enfática alcançar algo e desiste ou perde quando está prestes a consegui-lo. O enunciado aparece na forma de citação, mas atribuído a uma voz coletiva, sem autoria determinada. Faz um papel que se aproxima ao da citação de provérbios (Maingueneau, 1989, 2001), que trazem a autoridade de uma sabedoria coletiva e ancestral.

O uso do provérbio e ditos populares como fontes para estabelecer ironia foi estudado por Castro (1990), tomando como análise as máximas produzidas pelo Barão de Itararé nas páginas do jornal Almanaque, no Rio Grande do Sul. Tais provérbios e ditos eram usados nos sentidos costumeiros ou mesmo modificados de maneira a resultar em entendimentos outros, em que aparecia o efeito irônico. Embora não tenham a mesma linha editorial e enunciativa do Almanaque, os jornais cotidianos tradicionais, categoria na qual se incluem os analisados aqui, também fazem uso de provérbios, ditos e clichês, tanto no interior dos textos como nos títulos (principalmente nestes).

PAINEL

Reação da cúpula
As bancadas do PMDB na Câmara e no Senado deverão entregar amanhã a José Dirceu duas "cartas abertas ao PT". Dirão que a sigla "não aceita tratativas pessoais em torno de cargos". Referência direta a José Sarney, que vem articulando com a cúpula do PT sua candidatura à presidência do Senado.

Aos poucos
As cartas já têm assinaturas de 15 senadores e 50 deputados, todos identificados com a cúpula do PMDB. A idéia principal é dizer que a sigla se compromete a dar apoio institucional à governabilidade, mas sem ocupar cargos. Pelo menos no início.

Pudor de lado
O deputado Albérico Filho (PMDB-MA), sobrinho de José Sarney, recolhe assinaturas na Câmara para um abaixo-assinado. Cobra que seu partido tenha cargos no governo Lula. Vinte deputados já assinaram.

Medição de egos
Apesar do bom relacionamento, já começam a surgir intrigas entre Lula e FHC. No PT, é corrente a versão de que o atual presidente não quis mudar a data da posse para o petista não ter uma festa maior do que as que o tucano teve em 95 e 99.

Dada a largada
José Carlos Aleluia (BA) e Roberto Brant (MG) avisaram à cúpula do PFL que disputarão a liderança do partido na Câmara com Inocêncio Oliveira (PE).

Sonho latino
Petistas que participaram de reuniões do Fórum Social Mundial no Uruguai ouviram da esquerda de lá que ela tentará —com chances remotas de êxito— uma antecipação da eleição presidencial de 2004 no país. Os uruguaios querem obter dividendos com a "onda Lula".

Empresa familiar

Apetite eleitoral
Deputados e senadores incluíram no Orçamento da União de 2003 R$ 6,2 bilhões em emendas estaduais que financiarão benefícios para suas bases eleitorais.

Alegria da paróquia
Em tese, emendas estaduais deveriam ser usadas para grandes projetos de desenvolvimento. Mas os parlamentares as transformaram em emendas paroquiais, de interesse restrito. São liberadas pelos ministérios com interferência dos políticos.

Relação federativa
Os parlamentares mais beneficiados foram os do PA, que obtiveram R$ 585 mi em emendas paroquiais coletivas, o que representa R$ 34,4 mi para cada um dos 19 políticos. Os de SP conseguiram R$ 4 mi cada um. Apenas as bancadas da BA, de PE e do DF não apresentaram emendas estaduais paroquiais.

Solução popular
Lula recebeu, ao visitar PE, duas contribuições para o projeto de combate à fome: uma nota de R$ 50 colocada em seu bolso por uma senhora e uma carta jogada dentro do carro, na qual uma eleitora sugere que seja aberta uma conta bancária para doações de R$ 1 para o projeto.

Nado sincronizado
Lula ganhou de presente, na sua viagem a PE, uma camisa do Náutico. Após 11 anos de jejum, o clube foi campeão em 2001, depois que Lula vestiu a camisa do time. Os dois eram comparados no Estado: "Nadavam, nadavam e morriam na praia".

[36] Nado sincronizado
Folha de S. Paulo, editoria Brasil, coluna Painel, p. A4, 25/11/2002

Ironia contra a língua portuguesa?

Tendo Muecke (1995) observado que quase tudo pode ser motivo de ironia, há um caso curioso no *corpus*, em que o colunista parece ironizar a própria língua portuguesa, cuja construção em mesóclise ele evidencia abominar.

> [37]:
> Coco na praia, até umas horas, em Alagoas (título)
> Silvério Pessoa e Bate o Mancá serão as atrações principais do *Festival Alagoano de Coco*, que rola dia 16, na praia de Maragogi. Entre os coquistas das Alagoas (conhecida terra de feras do gênero), inzoneiro e malemolente, far-se-á (!!) presente o descolado Zé Neguinho, o Nat King Cole do Coco.
> (Jornal do Commercio, Caderno C, p. 2, 13/11/2002, nota da coluna Toques)

Tal discordância aparece simplesmente por meio de duas exclamações ***(!!)*** após a referida construção, quando a exclamação, no próprio código da língua portuguesa, é usada para significar ênfase e, por que não, emoções. Já no texto abaixo há uma espécie de onomatopéia, cujo efeito, ao ser lida, é de ridicularizar o seu portador (ver texto na página 49).

> [38]:
> Ssssou coooontra! (título)
> Se Inocêncio Oliveira fizer oposição como gagueja, Lula pode ficar tranqüilo.
> (O Liberal, editoria Política/Economia, p. 4, 04/11/2002, nota da coluna Cláudio Humberto)

MERCIO Recife, 13 de novembro de 2002 - Quarta-feira

Toques

JOSÉ TELES
E-mail: teles@jc.com.br

Funziona Senza Vapore enfim em disco

A única fita gravada pelo grupo paulista Funziona Senza Vapore lembrava os míticos bordéis de normalistas dos anos 40: todo mundo falava que conhecia, mas ninguém sabia onde estava. Formado por parte do grupo Fellini mais a cantora Stela Campos (então no Lara Hanouska), o FSV gravou uma master para a transformar em disco e apresentou um único show com o repertório gravado. Daí o grupo dispersou-se. Stela, todos sabem, veio para o Recife, trazendo na bagagem uma cópia da fita do Funziona Senza Vapore, e integrou-se à turma do nascente Mangue Beat. A master, acreditava-se, perdeu-se na bruma da garoa paulistana.

Muita gente da cena andou curtindo o som do SFV. Canções melancólicas, letras densas, guitarras meio Joy Division, ou grupos pop que flertavam com timbres eletrônicos no final dos anos 80. As canções são mais acessíveis do que as do Fellini. O disco não gravado já ascendia ao status de lenda do rock brasuca, quando Chico Science & Nação Zumbi incensaram-no ainda mais. Chico Science gostava em especial de Criança de domingo, *e gravou esta canção em* Afrocibederlia.

Cadão Volpato, autor de quase todas as canções do FSV, encontrou, por acaso, a master, no seu apartamento, em meio a suas fitas de vídeo.

Masterizada por Carlos Freitas, arte da capa assinada por Mila Waldeck (trabalho em cima de fotograma do filme Zero de Conduta, *de Jean Vigo), com o acréscimo de mais uma faixa (de 1999), o Funziona Senza Vapore sai da lenda para entrar na história da música popular brasileira. Virou CD, que chega às lojas pelo selo Outros Discos. O som do grupo não ficou datado, é pop rock* vintage, *fruto da derradeira grande safra da MPB no século que passou.*

Coco na praia, até umas horas, em Alagoas

Silvério Pessoa e Bate o Mancá serão as atrações principais do *Festival Alagoano de Coco*, que rola dia 16, na praia de Marogogi. Entre os coquistas das Alagoas (conhecida terra de feras do gênero), inzoneiro e malemolente, far-se-á (!!) presente o descolado Zé Neguinho, o Nat King Cole do coco.

Homenagem a Zeto

Amanhã, às 19h, na Igreja de Casa Forte, será celebrada missa de 30º dia pela alma do poeta e cantador Zeto. Em seguida, no Café Burle Marx, Bia e Antônio Marinho, respectivamente, mulher e filho de Zeto, farão uma apresentação especial em sua memória. Bia Marinho interpretará canções de Zeto, enquanto o filho recitará poemas.

Pintando no palco

Nós, Os Foliões, canção de Sidney Miller, é título do show que o violonista Nuca e a cantora Adriana Lisboa apresentam hoje e nos dia 21 e 28 no Arcada Bistrô. *** Cláudio Almeida e Geraldo Maia continuam, às quartas, no Pedra de Toque. *** Dia 12 de dezembro, o Angra apresenta-se no Português. Ingressos já à venda, na Blackout.

Poucas & Boas

O time para o ensaio geral do Guaiamum Treloso: Escurinho, Eddie e Silvério Pessoa. A trinca com discos novos. Em tempo: Silvério Pessoa faz, nessa tertúlia, o único show por aqui de O *Micróbio no Frevo*, e se manda para o Sul Maravilha. *** *Dia 28, tem Cordel do Fogo Encantado, às 21h, no teatro da UFPE, No repertório, algumas canções do novo CD do grupo.*

Festa cultural

De 3 a 8 de dezembro, rola em Salvador, o IV Mercado Cultural. A capital baiana recebe 1.500 artistas do Brasil e Exterior. Nesses cinco dias vão rolar shows, peças, balés, exposições. Show então, vai ter a dar com o pau. No Pelô, rolam apresentações de meia em meia hora. De Dona Selma do Coco a Larry Corryell, de tudo pra todos.

Correspondência: Caixa Postal 1718. Agência Central dos Correios – Recife - PE

[37] Coco na praia, até umas horas, em Alagoas
Jornal do Commercio, Caderno C, coluna Toques, p. 2, 13/11/2002

Quando se diz algo para se entender o contrário

A tradicional concepção da ironia como tropo (Kerbrat-Orecchioni, 1980a, 1986) ou, em outras palavras, “quando se diz algo para se entender o contrário” (Knox, 1961), também faz parte dos recursos de instauração de ironia vistos na mídia.

> [39]:
> Decepção no aeroporto de Belém (título)
> (...) Tentei explicar-me mas de nada adiantou: fui multado. Mas o “melhor” estava por vir. (...)
> Moral da estória: fui multado, perdi tempo, paguei o estacionamento e não apanhei as pessoas que chegaram no vôo 1450 que eram a minha irmã e minha mãe, uma senhora de 66 anos.
> Quero, neste momento, parabenizar a Infraero e o Policiamento de Trânsito do Aeroporto pelo belo serviço que prestam à comunidade. Engenheiro....[nome do leitor]
> (O Liberal, editoria Cidade, p. 4, 25/11/2002, carta de leitor)

Nesta carta de leitor, o entendimento do contrário do que se fala aparece inicialmente assinalado pelo uso de aspas em ***“melhor”*** e, já no final, sem qualquer marcação (***parabenizar a Infraero, belo serviço***). É a forma do relato, com a descrição dos acontecimentos, que permite ao leitor chegar ao entendimento de que o autor da carta não só critica a atuação do Policiamento de Trânsito do Aeroporto de Belém, mas o faz de forma irônica.

A VOZ DO LEITOR

A Voz do Leitor, avenida 25 de Setembro, 2473, CEP 66093-000, bairro do Marco.
E-mail redacao@oliberal.com.br
Cartas para esta seção deverão conter no máximo 30 linhas, nº de identidade, telefone e endereço.

Decepção no Aeroporto de Belém

É impressionante o descaso com que somos (usuários comuns) tratados pela Infraero no Aeroporto Internacional de Belém. Exemplo disso ocorreu domingo 17/11/02, quando tentei obter informações a respeito do vôo 5014 proveniente de Brasília.

Levando-se em consideração o ditado que diz "telefone antes e vá depois", tentei comunicar-me através do telefone com a infraero e só consegui que me atendessem 20 minutos mais tarde, após três tentativas, sendo que em duas delas a ligação tocou até "cair" e ninguém atendeu. Mesmo assim, não me prestaram a informação que eu queria e acabei indo para o aeroporto sem confirmar o horário de chegada do referido vôo. Ao chegar, tentei obter a informação que queria através dos monitores espalhados pelo aeroporto. Para minha surpresa, todos os outros vôos constavam informações, menos o 5014. Procurei um funcionário da Infraero e ele não soube me dizer o que estava acontecendo. Entre várias idas e vindas dentro do aeroporto, eis que um funcionário retorna e me passa a informação de que o referido vôo chegaria às 23h35. Neste momento, o guarda de trânsito já esta me multando, pois o prazo que havia pedido para que ele aguardasse, de cinco minutos, já havia se esgotado. Tentei explicar-me mas de nada adiantou: fui multado. Mas o "melhor" estava por vir. Como já passava das 22h43 e normalmente este vôo chega por volta de 22:45 ou 22:50, resolvi estacionar o meu carro no estacionamento pago e esperar até as 23h35, hora que o funcionário confirmou para a chegada do vôo 5014.

Chegados 10 minutos antes do horário informado, fui em direção à sala de desembarque e, ao chegar, percebi que não havia movimento algum de chegada de vôo. Foi então que me dirigi a um outro funcionário e perguntei sobre o Vôo 5014. Pasmem: ele me respondeu que este vôo já havia chegado às 22h55.

Moral da estória: fui multado, perdi tempo, paguei o estacionamento e não apanhei as pessoas que chegaram no vôo 1450 que eram a minha irmã e minha mãe, uma senhora de 66 anos.

Quero, neste momento, parabenizar a Infraero e o Policiamento de Trânsito do Aeroporto pelo belo serviço que prestam à comunidade".

Engº Elmir Leite Saady
Belém-PA

O cartão postal de minha cidade

Eu e minha esposa, somos parte de centenas de andarilhos que diariamente utilizam os calçadões da Doca (Visconde de Souza Franco) para nossas caminhadas. Torna-se triste observarmos que esse cartão postal caiu no esquecimento das autoridades competentes. Não é possível que os nossos administradores não observem que um local onde passam todos os dias milhares de pessoas está completamente abandonado, senão vejamos.

No início da administração do nosso amigo e professor Edmilson Rodrigues, às 6 horas da manhã, via-se na esquina da Municipalidade e Doca um grupo de 10 a 12 operários de limpeza, uniformizados de vermelho, pronto para fazerem a limpeza da área; hoje apenas dois funcionários são vistos no local, naquele horário. Desde que foram colocados os parapeitos e o calçadão de pedras portuguesas, não lembro até a presente data, ter sido feita a manutenção habitual, pois algumas peças do parapeito já caíram no canal. O parapeito em si está tomado pela sujeira, precisando de uma nova pintura; as pedras portuguesas que contornam o canal estão sujas e em alguns locais necessitam de recuperação, visto que estão emburacados. Se pelo menos uma vez por mês fosse feita uma limpeza com sabão ou shampo pela superfície, teríamos uma outra visão do nosso calçadão.

O canal está imundo e fedido, devido aos detritos que ali são lançados e que lá permanecem, complementando com algumas peças de madeira e restos de propaganda eleitoral, o que torna impossível a sua eliminação, a não ser com a retirada. A terra preta que está no interior do canal precisa ser tirada ou, talvez, salvo melhor juízo, sejam colocados detergentes para exalar um outro odor. O mato está tomando conta das encostas, onde está se acumulando crosta de lama, que contribui para uma péssima visão para os turistas que aqui vêm nos visitar. Quem sabe se num futuro próximo possamos ver as nossas garças, guarás, socós e outros pássaros ornamentando o Canal da Doca e esperamos que as autoridades tomem consciência e dêem uma olhada para essa nossa Doca, cartão postal de minha cidade.

Francisco de P. Paraense Rabelo
Belém-PA

Mais valor a nossa cultura

Vejo enorme divulgação em Belém das festas do halloween e San Gennaro, importadas dos Estados Unidos da América do Norte e da Itália e que aqui se popularizam rapidamente. É bom que tenhamos conhecimento de outras culturas e, sem nenhum xenofobismo, apreciemos.

Na condição de paraense e de quem ama e é ardoroso defensor do que é nosso e que procura conclamar a todos para valorizar o que é nosso, é que alerto sobretudo aos pais e professores para que expliquem aos seus filhos e alunos que, na festa das bruxas, esse tal de halloween, procurem destacar o que é nosso: matinta-perera, curupira, mãe dágua, boto e um monte de visagens e não apenas vampiros americanos, drácula e franksteins. Seria salutar se tirassem um pouco do tempo e procurassem contar aos filhos, antes de dormirem, histórias de nosso rico lendário amazônico para que o imaginário deles pudesse ser povoado também pelo que é autóctone, afinal, se é importante neste mundo globalizado falar inglês e italiano, a nossa língua é o português e devemos fazer tudo para não perdermos nossas raízes, principalmente a nossa língua. Ao invés de lanche, temos merenda, ao invés de halloween, festa da visagem e, ao participar da festa de San Gennaro, com pizzas , ravioles, lasanhas e espaguetes, não esqueçam das festas do Divino, do Rosário, da Conceição, são Benedito, com beijos de moça, bolo de macaxeira, genbibirra, batida de taperebá, mandiocaba , maniçoba e uma boa galinha à cabidela. É porque não valorizamos o que é nosso é que essas manifestações culturais estrangeiras proliferam aqui. Valorizemos o que é nosso e não tenhamos vergonha de ser paraense.

Salomão Larêdo
Belém-PA

[39] Decepção no aeroporto de Belém
O Liberal, editoria Cidade, carta de leitor, p. 4, 25/11/2002

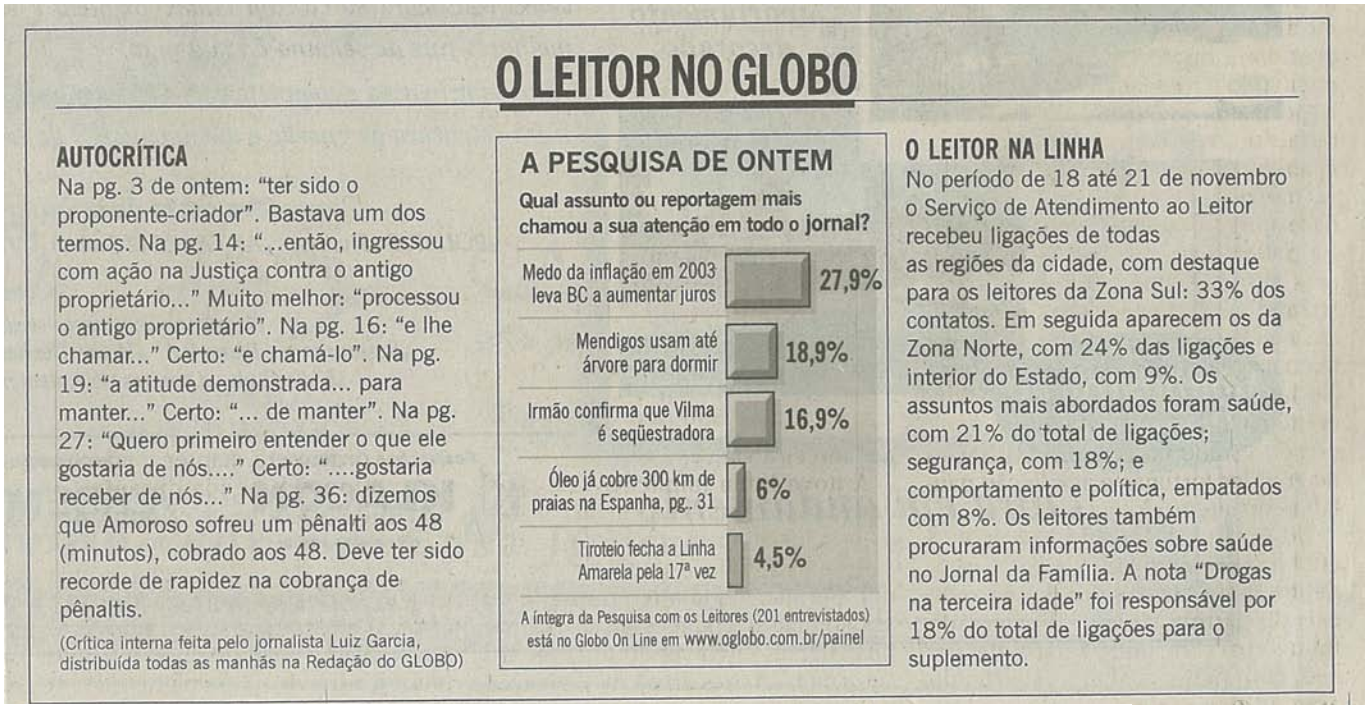
Auto-ironia

O Globo é um dos jornais que mantém um ***ombudsman*** na redação, responsável por avaliar criticamente a produção diária do jornal, apontando os erros nos textos quanto às informações dadas e quanto ao uso da língua portuguesa, ao mesmo tempo em que apresenta também a forma mais adequada nesses casos. "Erros" e "acertos" são tornados públicos ao leitor numa seção fixa do jornal, intitulada "Autocrítica". Numa delas, há esta ocorrência de autocrítica irônica:

> [40]:
> Autocrítica (título)
> (...) Na página 36: dizemos que Amoroso sofreu um pênalti aos 48 (minutos), cobrado aos 48. Deve ter sido recorde de rapidez na cobrança de pênaltis.
> (O Globo, editoria sem nome, p. 6, 22/11/2002, fragmento da seção O leitor no Globo)

Neste texto, a atribuição de sentido irônico exige do leitor um movimento mais complexo. O primeiro passo é conhecer alguns procedimentos do futebol, entre os quais o da cobrança de pênaltis, que demanda um tempo maior (pegar a bola, colocar no local correto, esperar o apito do juiz autorizando a cobrança, entre outros ritos) do que um minuto, como se vê no texto criticado. Em vez de apontar diretamente a ocorrência do pênalti e a sua cobrança aos 48 minutos como um erro do autor, o ***ombudsman*** faz que mantém a informação, atribuindo a possibilidade a um "recorde de rapidez". Sabendo ser isso muito difícil e improvável de ocorrer (não diríamos impossível) no cotidiano do futebol, o leitor pode, enfim, entender ter havido uma falha na citação dos minutos. Assim, cabe ao leitor fazer o percurso de rejeição da alternativa dada pelo ***ombudsman*** (ser recorde de cobrança de pênalti) e concluir pelo erro do texto.

Por que, então, não dizer isso diretamente: "o jogador sofreu um pênalti ao minuto x, cobrado ao minuto y", e não como está no texto? Pode-se pensar que o ***ombudsman*** talvez não detivesse a informação correta para apresentá-la. Entretanto, a não checagem de dados relativamente corriqueiros apresentados ao público se revela uma falha simples e grosseira, à qual a reação foi ferina, com o uso da ironia. Como lembra Maingueneau (1989, p. 99), a "ironia é um ***gesto*** dirigido a um destinatário, não uma atividade lúdica, desinteressada", gesto esse que pode ser agressivo.



O LEITOR NO GLOBO

AUTOCRÍTICA

Na pg. 3 de ontem: "ter sido o proponente-criador". Bastava um dos termos. Na pg. 14: "...então, ingressou com ação na Justiça contra o antigo proprietário..." Muito melhor: "processou o antigo proprietário". Na pg. 16: "e lhe chamar..." Certo: "e chamá-lo". Na pg. 19: "a atitude demonstrada... para manter..." Certo: "... de manter". Na pg. 27: "Quero primeiro entender o que ele gostaria de nós...." Certo: "....gostaria receber de nós..." Na pg. 36: dizemos que Amoroso sofreu um pênalti aos 48 (minutos), cobrado aos 48. Deve ter sido recorde de rapidez na cobrança de pênaltis.

(Crítica interna feita pelo jornalista Luiz Garcia, distribuída todas as manhãs na Redação do GLOBO)

A PESQUISA DE ONTEM

Qual assunto ou reportagem mais chamou a sua atenção em todo o jornal?

Medo da inflação em 2003 leva BC a aumentar juros	27,9%
Mendigos usam até árvore para dormir	18,9%
Irmão confirma que Vilma é seqüestradora	16,9%
Óleo já cobre 300 km de praias na Espanha, pg.. 31	6%
Tiroteio fecha a Linha Amarela pela 17ª vez	4,5%

A íntegra da Pesquisa com os Leitores (201 entrevistados) está no Globo On Line em www.oglobo.com.br/painel

O LEITOR NA LINHA

No período de 18 até 21 de novembro o Serviço de Atendimento ao Leitor recebeu ligações de todas as regiões da cidade, com destaque para os leitores da Zona Sul: 33% dos contatos. Em seguida aparecem os da Zona Norte, com 24% das ligações e interior do Estado, com 9%. Os assuntos mais abordados foram saúde, com 21% do total de ligações; segurança, com 18%; e comportamento e política, empatados com 8%. Os leitores também procuraram informações sobre saúde no Jornal da Família. A nota "Drogas na terceira idade" foi responsável por 18% do total de ligações para o suplemento.

[40] Autocrítica
O Globo, editoria sem nome, p. 6, 22/11/2002, fragmento da seção O leitor no Globo

O uso das aspas e outros recursos como indicadores de ironia

Kerbrat-Orecchioni (1980a) já havia comentado a dificuldade de se realizar um inventário de marcadores de ironia, trabalho já tentado e não conseguido a contento por outros autores mencionados por ela. Do que já foi comentado até aqui, é possível ver que a autora tinha razão, por que a ironia pode ter como *pista indicadora* qualquer elemento, como a forma de nomeação, de comparação, o uso de metáforas, de hipérboles, além das tradicionais aspas, só para citar alguns recursos. Maingueneau (1989, p. 99), por exemplo, observa as dificuldades "colocadas pela transcrição da ironia", sem a entonação ou a mímica para desvendá-la. Na visão do autor, torna-se necessária a diversificação dos meios usados, como o "caráter hiperbólico do enunciado, a explicitação de uma entonação ('diz ele ironicamente'), aspas, ponto de exclamação, reticências" (1989, p. 99), quase todos presentes nos casos já citados nas páginas anteriores.

Algumas marcas introdutoras ou indicadoras de ironia são bastante recorrentes na enunciação jornalística, como as aspas. Tanto que os manuais de redação da Folha (1994) e de O Globo (1994), mais o primeiro do que o segundo, dedicam diretrizes para o uso desse recurso. O uso recorrente das aspas em [41] é fundamental para o efeito de ironia

> [41]:
> Polícia encontra boca-de-fumo em borracharia na estrada de Salinas (título)
> (...) Nesta rodovia, na localidade de Nazaré, funcionava uma "borracharia de beira de estrada". Mas o suposto estabelecimento de socorro a motoristas e veículos escondia um ponto de tráfico de drogas. Os policiais descobriram que muita gente passava por lá, para se "abastecer", antes de seguir viagem para as praias de Salinas. Os "clientes" chegavam e eram atendidos pelo "borracheiro", que entregava os cigarros de maconha, prontos. (...)
> O "borracheiro" Sidney Damasceno foi preso e se encontra na Delegacia de Salinas. (...)
> (O Liberal, editoria Cidade, p. 9, 19/11/2002, notícia)

A praia de Salinas, como é popularmente conhecida, fica no município de Salinópolis, na Zona do Salgado paraense, constituindo-se em importante área de veraneio, principalmente das classes média e alta do Pará e adjacências. Em [41], o efeito irônico se dá a partir das várias aspas no texto que assinalam o contraste entre a simplicidade da "borracharia" e o trabalho que ela efetivamente realizava (vender drogas). Este é apenas um exemplo, mas o *corpus* apresenta vários deles, em que as aspas desempenham função irônica de natureza

crítica, de forma recorrente. As aspas, como já assinalado por Authier (1981) e Authier-Revuz (1998), podem ter funções várias, entre as quais a de ironia, caso já discutido também por Maingueneau (1989, 2001).

Polícia encontra boca-de-fumo em borracharia na estrada de Salinas

Um verdadeiro *drive-thru* da maconha foi desmantelado na rodovia PA-124, a 15 km de Salinas, numa operação conjunta das polícias Civil e Militar. O ponto de venda da droga funcionava camufladamente em uma borracharia, e abastecia rapazes de sociedade e usuários de passagem para o balneário. Havia até preço tabelado para os "clientes" do ponto. Um dos traficantes identificados pela Polícia, Sidney Damasceno, foi detido, e o outro, "Serginho", conseguiu escapar ao cerco policial.

Há duas semanas, a Polícia de Salinas apreendeu dois quilos de maconha e prendeu duas pessoas. Essa operação resultou na descoberta, sábado à tarde, da boca-de-fumo na PA-124. Nesta rodovia, na localidade de Nazaré, funcionava uma "borracharia de beira de estrada". Mas o suposto estabelecimento de socorro a motoristas e veículos escondia um ponto de tráfico de drogas. Os policiais descobriram que muita gente passava por lá, para se "abastecer", antes de seguir viagem para as praias de Salinas. Os "clientes" chegavam e eram atendidos pelo "borracheiro", que entregava os cigarros de maconha, jrontos.

Na operação, os policiais apreenderam dentro do último pneu de uma pilha, 296 baseados, prontos para uso. O "borracheiro" Sidney Damasceno foi preso e se encontra na Delegacia de Salinas. Mas, será encaminhado para a DP de Capanema.

[41] Polícia encontra boca-de-fumo em borracharia na estrada de Salinas
O Liberal, editoria Cidade, p. 9, 19/11/2002

As formas de nomeação e de classificação ou qualificação também são freqüentes no jornalismo impresso, às vezes produzindo uma ironia que *contamina* todo o texto, ou mesmo permanecendo com um efeito irônico localizado. No *corpus*, houve a ocorrência, por exemplo, de uso do latim (*Modus operandi*), de neologismos em palavras (*os "sem-dinheiro", os sem-voto*) ou expressões (*versão minimalista de micróbio, "especuladores do bem"*) ou mesmo de mera classificação (*gerente de vendas, o Lula*). Não será apresentada uma análise de cada um, mas pode-se notar que alguns deles aparecem entre aspas e outros não, mas todos carregam *tom* irônico. Nesses casos, a indicação de ironia está mais no uso das próprias expressões pela enunciação jornalística, sendo as aspas o revelador da relação do enunciador com o que diz, de forma menos ou mais assumida.

Os títulos de filmes e seus correlatos, como obras literárias conhecidas e até novelas, também são freqüentemente usados como modelos básicos de ironia nos textos jornalísticos (como já observou, antes, Fausto Neto, 1995). As ocorrências de Zero Hora a partir de títulos de filmes não foram as únicos do material analisado. Os filmes *Turista acidental*, *De volta para o futuro* e *A bela e a fera* foram outros também lembrados, assim como o romance *Teresa Batista cansada de guerra*, de Jorge Amado, que resultou no título *Globo faz baianidade cansada de guerra*,[51] onde se percebe uma composição entre o nome do romance, a Rede Globo de Televisão e suas repetidas novelas com temática baiana à Jorge Amado.

Entre outros *indicadores* de ironia vistos no *corpus* podem ser mencionados ainda o que vamos chamar aqui de *pergunta retórica* e o discurso direto, presentes nos dois casos seguintes.

> [42]:
> Reformas por fazer (título)
> (...) O Governo Federal também pouco fez para resolver o problema da Previdência Social além de cobrar contribuição dos aposentados (a maioria das aposentadorias é de um salário mínimo ou pouquinho mais). Seria para financiar a aposentadoria em uma eventual nova encarnação? (...)
> (Jornal do Commercio, editoria Opinião, p. 11, 25/11/2002, editorial)
>
> [43]:
> Questão de pele: ecologistas contra Gisele (chamada de primeira página)
> Ativistas no caminho de Gisele Bündchen (título da matéria)

[51] Título de crítica na Folha de S. Paulo, editoria Ilustrada, p. E6, 28/11/2002.

> Pele de animal e protesto (subtítulo)
> A bela e as feras: cartazes contra a campanha para fabricante de roupas de pele de animais (legenda da foto)
> (...) - Ninguém no mundo ama mais os animais do que eu. Só estava fazendo o meu trabalho – disse a modelo após o incidente.
> (O Globo, editoria O mundo, p. 24, 16/11/2002, notícia)

A pergunta em [42] é uma criação exclusiva do enunciador, resultando em *tom* crítico. O discurso direto do exemplo seguinte representa a voz de um outro que é trazida à cena e, a partir do conjunto textual-discursivo, é desacreditada pelo enunciador, pois se a modelo número um do mundo realmente amasse os animais não aceitaria desfilar com suas peles, incentivando suas mortes. Entre as funções do discurso reportado[52] num texto, Cunha (2001, p. 5) aponta as de "tornar a narrativa mais vívida, argumentar, ironizar", entre outras. Em [43], a proposta de ironia é bastante sucinta e pouco explícita, pois muitos leitores podem ver aí "um simples caso de discurso direto" para ilustrar a matéria. Isto porque, como lembra Cunha (2001, p. 2), o discurso reportado (entre eles o discurso direto) é também uma questão de recepção.

Fazendo parte dos autores que estudam há algum tempo as formas de restituição da fala do outro, Cunha (2001, p. 2) observa que esse processo se dá por uma infinidade de modos, que vão da citação à paráfrase. Ainda segundo a autora, entre os dois extremos, muitas escolhas são possíveis, como pode ser notado na imprensa cotidiana.

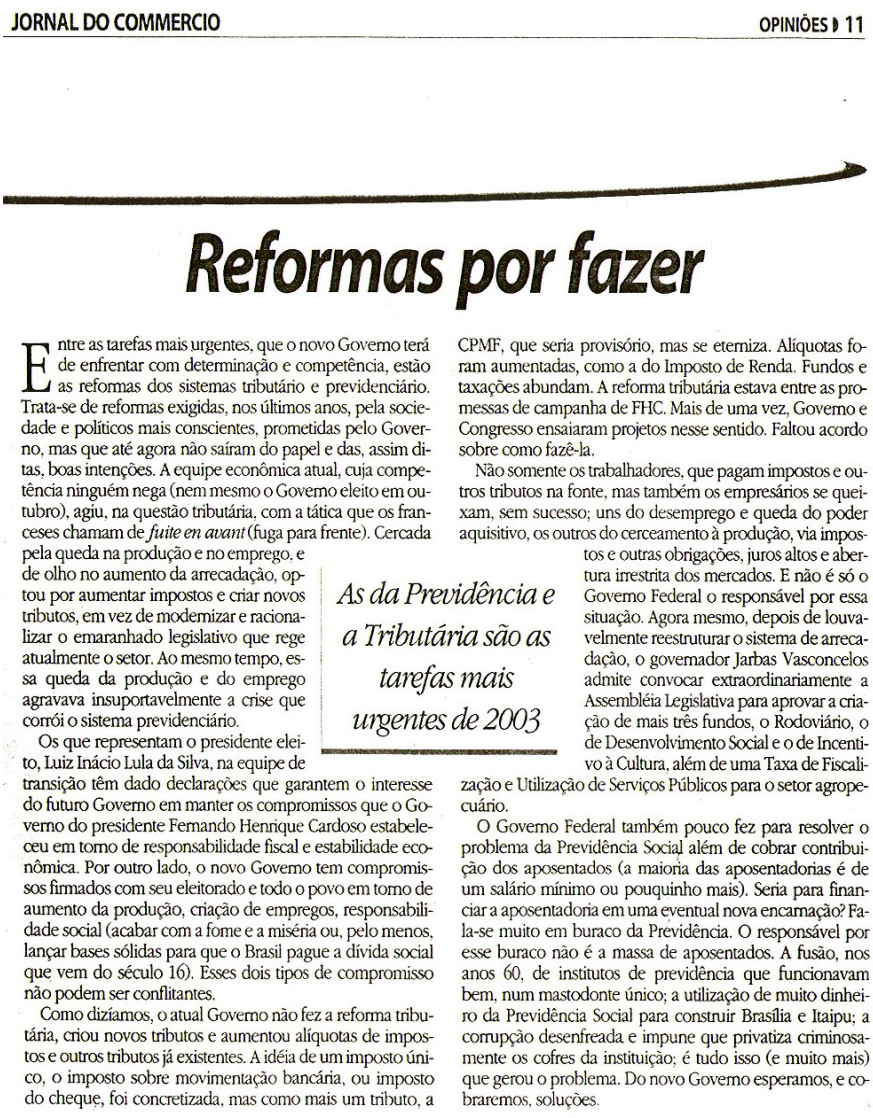
> Em todos os casos, (...) os locutores, em graus diferentes, assumem uma atitude em relação ao discurso original que se revela através de modificações, retematizações, comentários e julgamentos, marcados diferentemente, visto que todo DR [discurso reportado] serve a um propósito numa situação sócio-histórica. (Cunha, 2001, p. 2).

Numa perspectiva dialógica e discursiva, as observações acima sobre as formas de retomada do discurso valem para quaisquer circunstâncias, inclusive para o jornalismo impresso, particularmente no que diz respeito à ironia, quando se postula, com apoio também em Hutcheon (2000), ter este fenômeno uma aresta avaliadora e crítica. Entre as funções do discurso reportado como de "tornar a narrativa mais vívida, argumentar, ironizar", apontadas por Cunha (2001, p. 5), os manuais de redação de O Globo (1994) e da Folha (1994) e as

[52] Na categoria Discurso Reportado Cunha (2001) está considerando as formas clássicas do Discurso Direto, Discurso Indireto e Discurso Indireto Livre.

orientações técnicas de produção do texto jornalístico adotam a primeira alternativa (“tornar a narrativa mais vívida”) para guiar o uso das citações diretas, que devem ser usadas com parcimônia, apenas quando a fala for “realmente importante” pelo seu conteúdo ou raridade. Dessa maneira, a presença da citação direta num texto de jornal já é uma primeira pista de que aquele dito destacado é considerado importante pela enunciação jornalística, que o investe de um determinado *tom* na forma como é mostrado.

Muitos outros exemplos poderiam ser listados aqui a partir do *corpus*, na proposta de identificar o que é passível de ser fonte de ironia para o jornalismo e quais as maneiras usadas na sua proposição ao leitor. Todavia, vamos passar, a seguir, à discussão dos textos usados por ocasião da aplicação do questionário aos jornalistas de O Liberal.



JORNAL DO COMMERCIO OPINIÕES ▸ 11

Reformas por fazer

Entre as tarefas mais urgentes, que o novo Governo terá de enfrentar com determinação e competência, estão as reformas dos sistemas tributário e previdenciário. Trata-se de reformas exigidas, nos últimos anos, pela sociedade e políticos mais conscientes, prometidas pelo Governo, mas que até agora não saíram do papel e das, assim ditas, boas intenções. A equipe econômica atual, cuja competência ninguém nega (nem mesmo o Governo eleito em outubro), agiu, na questão tributária, com a tática que os franceses chamam de *fuite en avant* (fuga para frente). Cercada pela queda na produção e no emprego, e de olho no aumento da arrecadação, optou por aumentar impostos e criar novos tributos, em vez de modernizar e racionalizar o emaranhado legislativo que rege atualmente o setor. Ao mesmo tempo, essa queda da produção e do emprego agravava insuportavelmente a crise que corrói o sistema previdenciário.

Os que representam o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, na equipe de transição têm dado declarações que garantem o interesse do futuro Governo em manter os compromissos que o Governo do presidente Fernando Henrique Cardoso estabeleceu em torno de responsabilidade fiscal e estabilidade econômica. Por outro lado, o novo Governo tem compromissos firmados com seu eleitorado e todo o povo em torno de aumento da produção, criação de empregos, responsabilidade social (acabar com a fome e a miséria ou, pelo menos, lançar bases sólidas para que o Brasil pague a dívida social que vem do século 16). Esses dois tipos de compromisso não podem ser conflitantes.

Como dizíamos, o atual Governo não fez a reforma tributária, criou novos tributos e aumentou alíquotas de impostos e outros tributos já existentes. A idéia de um imposto único, o imposto sobre movimentação bancária, ou imposto do cheque, foi concretizada, mas como mais um tributo, a CPMF, que seria provisório, mas se eterniza. Alíquotas foram aumentadas, como a do Imposto de Renda. Fundos e taxações abundam. A reforma tributária estava entre as promessas de campanha de FHC. Mais de uma vez, Governo e Congresso ensaiaram projetos nesse sentido. Faltou acordo sobre como fazê-la.

As da Previdência e a Tributária são as tarefas mais urgentes de 2003

Não somente os trabalhadores, que pagam impostos e outros tributos na fonte, mas também os empresários se queixam, sem sucesso; uns do desemprego e queda do poder aquisitivo, os outros do cerceamento à produção, via impostos e outras obrigações, juros altos e abertura irrestrita dos mercados. E não é só o Governo Federal o responsável por essa situação. Agora mesmo, depois de louvavelmente reestruturar o sistema de arrecadação, o governador Jarbas Vasconcelos admite convocar extraordinariamente a Assembléia Legislativa para aprovar a criação de mais três fundos, o Rodoviário, o de Desenvolvimento Social e o de Incentivo à Cultura, além de uma Taxa de Fiscalização e Utilização de Serviços Públicos para o setor agropecuário.

O Governo Federal também pouco fez para resolver o problema da Previdência Social além de cobrar contribuição dos aposentados (a maioria das aposentadorias é de um salário mínimo ou pouquinho mais). Seria para financiar a aposentadoria em uma eventual nova encarnação? Fala-se muito em buraco da Previdência. O responsável por esse buraco não é a massa de aposentados. A fusão, nos anos 60, de institutos de previdência que funcionavam bem, num mastodonte único; a utilização de muito dinheiro da Previdência Social para construir Brasília e Itaipu; a corrupção desenfreada e impune que privatiza criminosamente os cofres da instituição; é tudo isso (e muito mais) que gerou o problema. Do novo Governo esperamos, e cobraremos, soluções.

[42] Reformas por fazer
Jornal do Commercio, editoria Opinião, p. 11, 25/11/2002, editorial

24 • O MUNDO/CIÊNCIA E VIDA O GLOBO Sábado, 16 de novembro de 2002

FBI alerta para grandes ataques da al-Qaeda

EUA anunciam reforço na segurança um dia após execução de paquistanês que previu retaliação a sua morte

• WASHINGTON. A rede terrorista al-Qaeda pode estar planejando "ataques espetaculares" contra os EUA, que causariam "baixas em massa" e "trauma psicológico máximo". O alerta foi feito num boletim do FBI (polícia federal americana) que levou a Casa Branca a anunciar ontem medidas se segurança suplementares.

O boletim — emitido quinta-feira e divulgado ontem — baseia-se em informações sobre o "reinício das atividades operacionais da al-Qaeda" e na divulgação, terça-feira, de uma gravação em fita cassete em que uma voz identificada como sendo a do líder da rede terrorista, Osama bin Laden, assume a autoria de recentes atentados e ameaça cometer outros contra países aliados dos EUA.

Mas o Departamento de Estado alertara também, semana passada, para possibilidade de ataques em retaliação à execução de um paquistanês condenado pelo assassinato, em 1993, de dois funcionários da CIA (agência de informação americana).

"Não há outro Deus se não Alá", disse paquistanês

Mir Aimal Kasi, de 38 anos, recebeu uma injeção letal quinta-feira, em Jarrat, Virgínia. Ele próprio aludira à possibilidade de retaliação, afirmando, em entrevista:

— No Paquistão há muita gente como eu. Então, acredito que haverá muitas chances de retaliação contra americanos lá. Mas eu pessoalmente não incentivo qualquer pessoa a atacar americanos.

Suas últimas palavras antes de morrer foram:

— Não há outro Deus senão Alá.

A polícia de Virgínia disse que Kali foi para a câmara de execução entoando o que parecia ser uma prece em sua língua. Segundo testemunhas, no caminho ele fez com os dedos o sinal de vitória.

Funcionários do FBI disseram à rede de TV CNN que não há qualquer informação específica sobre quando, onde e de que modo seriam os próximos atentados. Segundo eles, não foram obtidas novas informações sobre a al-Qaeda e o alerta estava sendo superestimado pela mídia. Entretanto, a linguagem da mensagem é mais alarmante que a de boletins anteriores.

Diz o boletim: "Fontes sugerem que, ao selecionar novos alvos, a al-Qaeda poderá buscar ataques espetaculares que envolvem vários critérios: valores altamente simbólicos, baixas em massa, sérios danos à economia dos EUA e trauma psicológico máximo. Os alvos com mais alta prioridade continuam sendo aviação, petróleo, setores nucleares, assim como marcos nacionais significativos. Entretanto, a vulnerabilidade de alvos e a possibilidade de sucesso podem ser tão importantes para uma al-Qaeda enfraquecida quanto alvos proeminentes."

Alerta nos EUA continua no nível amarelo

O boletim diz que no próximo ataque poderão ser usadas bombas convencionais, caminhões-bombas, aviões particulares, pequenas embarcações ou explosivos que podem ser instalados e escondidos facilmente. "Fontes sugerem que operações terroristas de escala pequena contra alvos menores seriam mais fáceis para células (terroristas) inativas já nos EUA, o que reduziria a necessidade de comunicação com o comando central, diminuindo o risco de que sejam detectados", afirma.

— Não estamos aumentando o nível de alerta (atualmente amarelo, que significa "elevado"), mas tomamos precauções adicionais frente à ameaça — disse Scott McClellan, porta-voz da Casa Branca, negando-se a dar detalhes sobre as medidas, mas lembrando que as informações disponíveis não incluem referências a lugar, data ou método de ataques terroristas.

Por sua vez, a assessora de Segurança Nacional, Condoleeza Rice, declarou:

— Muito está sendo feito para adotar medidas de proteção adicionais, particularmente em locais de infra-estrutura crítica nos EUA. Há um programa de coordenação muito ativo neste período de tempo em particular, com entidades públicas e privadas nos níveis federal, estadual e local.

Governo é criticado por dar mais importância a Iraque

Congressistas da oposição democrata criticaram os serviços de inteligência por divulgarem um alerta vago e por não ter conseguido prender Bin Laden. Referindo-se ao governo, o senador Bob Graham disse:

— Eles estão tão concentrados no Iraque que não estão prestando a devida atenção à guerra ao terror. ■

AFP

A MODELO como um anjo: nova campanha da Victoria's Secret

Ativistas no caminho de Gisele Bundchen

Pele de animal e protesto

• NOVA YORK. Gisele Bundchen ficou surpresa, mas não perdeu o rebolado quando quatro ativistas de um grupo de defesa dos animais invadiram a passarela no desfile da Victoria's Secret, na quinta-feira à noite, no Armory, em Nova York, para protestar contra uma campanha que a modelo fez para um fabricante de casacos de pele. Com cartazes onde se lia algo como "Gisele: vilã das peles", as ativistas do People for Ethical Treatment of Animals (Peta) correram atrás da modelo até serem retiradas pelos seguranças. A brasileira, no entanto, desfilou como se nada acontecesse.

No início do mês, Gisele assinou um contrato com o fabricante de casacos de pele Blackglama, recebendo US$ 500 mil e dois casacos pela campanha — o que gerou protestos de organizações de defesa dos animais.

— Ninguém no mundo ama mais os animais do que eu. Só estava fazendo o meu trabalho — disse a modelo após o incidente.

Reuters

A BELA e as feras: cartazes contra a campanha para fabricante de roupas de pele de animais

[43] Ativistas no caminho de Gisele Bündchen
O Globo, editoria O mundo, p. 24, 16/11/2002

4.8 Os textos usados com o questionário

> *[A ironia, no jornalismo impresso] pode conduzir o leitor a uma certa interpretação ou formar uma opinião.*
>
> (Colunista pesquisado, há 40 anos no jornalismo)

Tentando ir um pouco além de uma análise sobre a superfície discursiva, este estudo se propôs a incluir a participação de jornalistas no exercício profissional no sentido de saber suas percepções acerca do fenômeno *ironia*. Tal levantamento foi realizado por meio da aplicação de questionários, como já descrito no início do trabalho, no item sobre os procedimentos metodológicos. Como o questionário foi composto de perguntas em que uma delas exigia a leitura de material dos jornais que fazem parte do *corpus*, faremos, agora, uma discussão dos textos usados e dos dados gerados pelas respostas dos jornalistas.

A escolha dos textos para integrar a aplicação do formulário tentou contemplar todos os jornais do *corpus* e alguns dos gêneros jornalísticos, como *notícia assinada, nota, quadro, editorial, crítica, comentário* e *nota de coluna* (*social*). Do nosso ponto de vista, todos os textos continham ironia, algumas menos ou mais assumidas, inclusive com um caso de explicitação de ironia em um dos títulos (*Protesto irônico*) em Zero Hora.

O texto do jornal O Liberal

O fragmento [44] é de um editorial, gênero classificado como integrando a modalidade opinativa, e representa o espaço institucional do jornal, aparecendo tradicionalmente sem assinatura.

> [44]:
> O MST sem requintes (título)
> Após ter proclamado que não dará trégua ao presidente eleito, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra volta a público, por meio de seus muitos e intrépidos porta-vozes, para anunciar que intensificará as invasões de propriedades até 31 de dezembro, quando se esgota o mandato do atual presidente da República. (...)
> (O Liberal, editoria sem nome, p. 2, 16/11/2002, editorial)

No editorial, o uso de uma qualificação no título (*O MST sem requintes*), do verbo *proclamar* (no particípio) e da adjetivação de integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) como *muitos e intrépidos porta-vozes* se constitui em alguns elementos que instauram a possibilidade de ironia, de forma ferina contra o MST. Nenhum dos elementos tem qualquer marca explícita de distanciamento pela enunciação jornalística, que delega ao leitor a tarefa de exercitar a atribuição de sentido.

Começando pelo título, ele propõe, de forma curta, apresentar o MST "sem requintes", isto é, sem refinamento, de forma realista, como ele é. Tal afirmação vai de encontro a um discurso – principalmente da esquerda política e de uma classe intelectual - de considerar o MST como importante no conjunto dos movimentos sociais brasileiros. Essa importância ou algo equivalente é que corresponderia ao "requinte" que O Liberal se propõe a desnudar. Quando diz que o MST proclamou que não dará trégua ao presidente eleito, o jornal instaura como comparação o sentido negativo dos "faladores" que alardeiam aos quatro ventos os seus feitos. Com esse atributo, alguém não pode ter requinte.

Em seguida, é dito que o movimento "volta a público por meio de seus muitos e intrépidos porta-vozes", em que *muitos* soa como excessivo (há porta-vozes demais). Quanto a *intrépidos* - cujos equivalentes seriam *destemidos* e *corajosos*, numa escala decrescente de intensidade - pode ser considerado como uma hipérbole, indicando a possibilidade de um entendimento pelo contrário ou mesmo entre os casos em que "se elogia para censurar", como considerava a retórica clássica (ver Knox, 1961). Se os elementos questionados aqui fossem substituídos por outros, como "o real MST", "declarou ao público" e "corajosos", o efeito de ironia ficaria bastante prejudicado. Desse conjunto, não há dúvida que o adjetivo "intrépidos" é o elemento principal na instauração do sentido irônico, não só por funcionar como hipérbole, mas, antes, por se constituir em uma adjetivação altamente qualificadora, processo historicamente condenado pelas técnicas jornalísticas, em busca de um texto asséptico de opiniões. O restante do editorial traz outros exemplos de ironia, inclusive apontados pelos jornalistas no questionário.

Talvez fosse possível arriscar dizer que de um lado estaria o MST desafiando a lei e a ordem; de outro, O Liberal, clamando contra o absurdo de tal prática. Dessa forma, a crítica direta e por meio da ironia compôs a enunciação do jornal O Liberal, que fala para um público capaz de concordar com ele.

OPINIÃO

O MST sem requintes

Após ter proclamado que não dará trégua ao presidente eleito, o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra volta a público, por meio de seus muitos e intrépidos porta-vozes, para anunciar que intensificará as invasões de propriedades até 31 de dezembro, quando se esgota o mandato do atual presidente da República.

De fato, como aqui já se comentou, a pública manifestação dos sem-terra, de que não se desviarão da rota de crimes que têm praticado sem receios, não desperta perplexidade. Espanto o MST causaria, sim, se de uma hora para outra enrolasse suas bandeiras, deixasse para trás seus ranços ideológicos e fizesse aflorar o bom-senso que sempre faltou aos seus líderes.

Destaque-se, todavia, que a proclamação feita pelo Movimento, de que manterá as mesmas práticas, não importa qual o inquilino que venha a ocupar o Palácio do Planalto, não confere qualquer legitimidade às ações que pratica à margem da lei, não lhe permite recuperar a credibilidade há muito perdida e nem o autoriza a acalentar pretensões de ser a única voz para negociar a reforma agrária com as instâncias do governo federal.

Jamais se discutiu o fato de o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra ser uma entidade representativa de uma categoria dos excluídos da população. Jamais se lhe negou o direito de expressar-se como tal. Jamais se cogitou em torná-lo proscrito. O que se deplora, o que a sociedade condena são os métodos de que a entidade tem se utilizado para alcançar seus intentos.

Quando foi criado, o MST, para incluir a reforma agrária na pauta governamental, elegeu como instrumento de luta a ocupação de terras, mas de terras - e de preferência latifúndios - improdutivas. De uns anos para cá, o Movimento se deu ao desplante de não mais selecionar seus alvos. E tanto é assim que, em uma de suas últimas e espetaculosas - mas também criminosas - investidas, invadiu acintosamente propriedade da família do presidente da República. Para quê? Para fazer a reforma agrária? Não. Apenas pelo prazer de transgredir e travestir a transgressão de um *ato político*.

Até quando, no Brasil, delitos cometidos às escâncaras serão justificados como resultados de condutas banais?

HUMOR

J. BOSCO (E-mail: jbosco@oliberal.com.br)

[44] O MST sem requintes
O Liberal, editoria sem nome, p. 2, 16/11/2002, editorial

O texto do Jornal do Commercio

Em [45] também se vêem efeitos irônicos de maneira sarcástica.

> [45]:
> Platéia inquieta na abertura do festival no Santa Isabel (título)
> Faltou concentração ao público na estréia de Pólvora e Poesia, espetáculo irretocável sobre Rimbaud e Verlaine (subtítulo)
> (...) A platéia, no entanto, parecia ter a sua própria orquestra, que tinha como instrumentos principais os celulares e as portas dos camarotes. Para completar o show, sempre que o texto pedia que o nome mais comum para orifício anal fosse falado (e isso em momentos sem qualquer tom de comédia), o público tinha crises de riso, assim como fazem animados pré-adolescentes em aulas de sexo na sétima série.
> (Jornal do Commercio, Caderno C, p. 6, 16/11/2002, crítica)

O texto [45] é um fragmento de uma crítica, gênero da modalidade opinativa. Costuma ser assinada e, assim como o editorial, está temporalmente relacionada a acontecimentos atuais no mundo das artes em geral. Enquanto em outros textos irônicos a presença desse efeito aparecia muitas vezes nos títulos e subtítulos, na edição dessa crítica aconteceu um movimento inverso entre a edição dos títulos e o que se lê no corpo do texto. Explicando: O título e o subtítulo são mais ***amenos***, apenas qualificando a platéia do teatro de "inquieta", a quem "faltou concentração" para assistir a um espetáculo "irretocável". Foram maneiras polidas de nomear a falta de compostura da platéia, quase um contraponto ao que diz o texto do crítico, quando faz uso de metáforas ("a platéia parecia ter a sua própria orquestra", cujos "instrumentos musicais" seriam os "celulares e as portas dos camarotes") em que o efeito de sentido é agressivo. Obviamente, celulares e barulho de portas de camarotes não são instrumentos musicais de uma orquestra

É com esse movimento de associação entre sentidos que se trabalha na proposição dessa ironia, que se completa com o enunciado clichê "para completar o show" e a comparação "assim como fazem animados pré-adolescentes em aulas de sexo na sétima série". Há um show verdadeiro no palco, com o espetáculo sobre Rimbaud e Verlaine; há um outro "show" paralelo, com os barulhos da platéia. São os dois sentidos concorrentes na construção da crítica e, dito assim, parece não haver nada de ironia aí, pois as afirmações são explícitas. Entretanto, este é um caso em que, até como falante da língua, vemos aí um ***tom*** altamente irônico e sarcástico sobre a postura de uma platéia que deveria se comportar como o esperado,

em um espetáculo. E esse *tom* é proposto justamente pelas associações e comparações listadas acima, isto é, pela narração que é feita, explicitando os “absurdos”, posição que não parece totalmente compartilhada pelo editor dos títulos.

Recife, 16 de novembro de 2002 - Sábado

Platéia inquieta na abertura do festival no Santa Isabel

Faltou concentração ao público na estréia de Pólvora e Poesia, *espetáculo irretocável sobre Rimbaud e Verlaine*

SCHNEIDER CARPEGGIANI

O Teatro Santa Isabel abrigou, na quinta-feira, a estréia do 5º Festival Recife do Teatro Nacional, com a peça *Pólvora e Poesia*, texto de Alcides Nogueira. A noite de abertura contou com homenagem ao comediante Barreto Júnior e um discurso do Prefeito João Paulo que, bem-humorado, começou dizendo que “sem saber o porquê” estava com uma vontade danada de rir. A gargalhada foi partilhada pela platéia.

Vencedor de três Prêmios Shell, *Pólvora e Poesia* justificou toda sua ‘oscarização’ teatral. Ao retratar a navalha na carne que foi a relação entre Rimbaud e Verlaine, Alcides Nogueira não cai na armadilha da rasa associação de que o primeiro (jovem, rebelde, avesso às convenções sociais) seja a pólvora e o segundo (casado, um verdadeiro poeta oficial francês), a poesia. Afinal, em qualquer relação que se proponha profunda, as fronteiras nunca são seguras. Ao enfatizar o vaivém emocional vivido pelos dois, o autor tira Verlaine do papel de coadjuvante, que, em geral, lhe é dado nessa história.

Os versos dos poetas são usados como falas dos personagens, o que só amplia a associação entre vida e poesia. Quase como um personagem-chave da peça, formando um triângulo amoroso com Rimbaud e Verlaine, brilha a música de Chopin, executada ao vivo.

LEOPOLDO NUNES/JC

A platéia, no entanto, parecia ter a sua própria orquestra, que tinha como instrumentos principais os celulares e as portas dos camarotes. Para completar o show, sempre que o texto pedia que o nome mais comum para orifício anal fosse falado (e isso em momentos sem qualquer tom de comédia), o público tinha crises de riso, assim como fazem animados pré-adolescentes em aulas de sexo na 7ª série.

[45] Platéia inquieta na abertura do festival no Santa Isabel Jornal do Commercio, Caderno C, p. 6, 16/11/2002

O texto do jornal Folha de S. Paulo

Na Folha de S. Paulo, a ocorrência selecionada é de uma notícia assinada, na área de política (ver texto na página 139).

> [8]:
> Lula reúne PT para aplicar um ‘choque de realidade’ (título)
> Transição: presidente eleito encontra líderes do partido para discutir atuação em 2003 (supertítulo)
> (...) Passada a euforia inicial da vitória, Lula e líderes presentes procurarão reforçar o “chamado à realidade” já esboçado na campanha. Nas palavras de um membro da Executiva petista, “agora a vida real se impõe”.
> Deverão ser relembradas as restrições orçamentárias existentes, que levarão à necessidade de gradualismo nas reformas pretendidas pela legenda. (...)
> (Folha de S. Paulo, editoria Brasil, p. A4, 04/11/2002, notícia assinada)

Como dito em outros momentos deste trabalho e também por outros autores (Maruxo Jr, 2002), há ironias que são menos ou mais explícitas nos textos jornalísticos, havendo situações em que não se pode ter certeza, mesmo na posição de analista, acerca da possibilidade ou não de um efeito irônico. O texto da Folha é um exemplo disso e foi escolhido exatamente por essa característica. Toda ironia depende, é claro, do interlocutor para se completar, mas há casos em que apenas um ironista “polemicamente desenvolvido”, como diz Muecke (1995), parece capaz de elaborar tal percurso de sentido. Não nos colocamos à altura do ironista de Muecke, mas vamos a um exercício de análise para ver onde chegamos.

O que se destaca no fragmento citado é a presença de aspas (simples e duplas) em expressões que, de imediato, chamam a atenção do leitor.

> Ao colocar palavras entre aspas, o enunciador, na verdade, apenas chama a atenção do co-enunciador para o fato de estar empregando exatamente as palavras que ele está aspeando; salientando-as, delega ao co-enunciador a tarefa de compreender o motivo pelo qual ele está chamando assim sua atenção e abrindo uma brecha em seu próprio discurso. (Maingueneau, 2001, pp. 160-161).

Ainda segundo o autor (2001, p. 161), a colocação de aspas “significa transferir a responsabilidade de seu emprego a outra pessoa”. Assim, há nas aspas em [8] um triplo movimento: a chamada de atenção do leitor; o distanciamento da enunciação jornalística; e a

atribuição das expressões aspeadas ao Partido dos Trabalhadores (PT). Qual seria o valor dessas aspas? Aqui entra um quarto movimento e a possibilidade de efeito irônico, ao considerar que as expressões no título e no texto (‘choque de realidade’, “chamado à realidade”, “agora a vida real se impõe”) instalam um sentido referente ao mundo dos sonhos e outro referente ao mundo da realidade, o primeiro ligado ao período anterior à eleição presidencial e ao tempo das promessas, e o segundo ao período posterior, em que o vencedor é obrigado a colocar os pés no chão.

No contraste entre o mundo dos sonhos do PT e a realidade do governo que os aguarda é que se pode ver um sentido irônico na enunciação da Folha de S. Paulo, que sempre acompanhou de forma bastante crítica a trajetória de Lula e do PT. Merece menção o fato de que a notícia assinada da Folha vem acompanhada de uma charge de Lula dormindo sentado atrás de uma mesa, sendo observado por José Dirceu e Antonio Palocci, ambos de pé. Lula diz no sonho: “Nesta semana começo a definir quem vai **comandar** a economia!”. Palocci pergunta a Dirceu: “Aviso que a missão do FMI chega nesta semana?”. Dirceu responde: “Deixa o homem sonhar mais um pouco...”. Ou seja, Lula *imagina* que pode comandar a economia do Brasil, na verdade controlada pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), que já estaria chegando ao país. O enunciado de Dirceu, decidindo por deixar Lula “sonhar mais um pouco” conclui o contraste entre as pretensões e os sonhos contra a realidade e os obstáculos.[53]

[53] Este trabalho não incluiu entre seus objetivos a análise de charges, mas esta foi mencionada porque se relaciona diretamente com a notícia analisada acima, sintetizando o movimento de sentido discutido. Mas é preciso observar que quando charge e texto vêm juntos, a primeira sempre ***contamina*** o sentido do segundo e vice-versa.

O conjunto textual do jornal O Globo

O próximo fragmento de conjunto textual é da coluna Hildegard Angel, de O Globo.

> [46]:
> Bonequinhas de luxo no jantar da Tiffany's (título)
> **COLOQUEI MEUS** óculos de sol e fui jantar em casa dos **Fraga**. Eu sabia que, naquela noite, o foguetório cruzado de pedras preciosas seria de doer os olhos. Afinal, o homenageado era ninguém menos que **John Loring**, o homem **Tiffany's**, que entende e sabe apreciar pedras preciosas como ninguém. Minhas amigas não me decepcionaram...
> (...)
> **DIVERTIDO MESMO** foi saber como entrou no **Brasil** o brilhante de 18 quilates de uma das ricas presentes: trazido por um contrabandista, amarrado junto à sua *pochette* genital. Chegou bem no **Natal**. O que valeu ao marido amoroso dizer à mulher que o presentinho veio no saquinho de **Papai Noel**, que tal?...
> (...)
> **LORING PARTIU** encantado com os cariocas, tão sabidos, que, além do inglês, falam com fluência o francês, e convidou uma jornalista para jantar em seu ap em **NY**, e ele próprio vai cozinhar. O homem do luxo e da sofisticação se amarra num fogão, aprenderam, meninas?...
> .....
> borbulhantes (título da seção)
> (...)
> **DEPOIS DE** algumas raquetadas dos leitores, **burrHildinha** aprendeu que as raquetes não são **Red**, são **Head**. O príncipe também não é **Andrews**, é **Andrew**. **Andrews** é o sal de frutas, sem duplo sentido, por favor... (...)
> (O Globo, editoria Segundo Caderno, p. 3, 10/11/2002, notas da coluna Hildegard Angel)

Acima estão transcritos apenas alguns fragmentos da coluna de Hildegard Angel, que ocupa, no total, meia página de O Globo. A coluna em análise é formada por um conjunto de texto principal, em letras maiores, à esquerda da página, versando sobre política; uma seleção de nove fotos com legendas e sete notas no centro sob o título "Bonequinhas de luxo no jantar da Tiffany's"; uma seção identificada por "borbulhantes" com 17 notas sobre assuntos diversos, à direita da página. No alto, à esquerda, há uma foto do rosto da autora da coluna,

Hildegard Angel. A foto mostra a colunista sorridente, portando óculos de estilo moderno e com o dedo indicador direito sob o queixo, como em pose. Sob a foto, o nome da colunista, em letras maiúsculas e destacadas, as maiores da coluna. Do alto da página, ela tudo parece observar, com ar astuto.

Somente algumas notas estão sendo discutidas aqui, mas elas são uma amostra do teor do restante da coluna publicada nessa ocasião. Enquanto em outras datas nem todas as notas da coluna eram irônicas, no dia 10/11 tudo o que aparece na meia página provoca esse efeito, de forma debochada e ferina: título, texto, fotos e legendas, associadas à estratégia de narrar (nomeando, adjetivando, comparando, brincando), de usar marcas tipográficas (negrito) e de redigir (maiúsculas e reticências).

Também aqui se vê o recurso ao saber sobre o mundo cinematográfico como condição para se "entrar no jogo do sentido" que a enunciação da colunista propõe, que começa pelo título ***Bonequinhas de luxo no jantar da Tiffany's***. Tomando como exemplo o jantar da Tiffany's, a colunista começa a ironia pelo título, que remete ao filme ***Bonequinhas de luxo***, um clássico do cinema estrelado por Audrey Hepburn em 1961, cujo título original, em inglês, é ***Breakfast at Tiffany's*** (***Café da manhã na Tiffany's***, numa tradução "literal"). No filme, Hepburn faz o papel de uma garota de programa que sonha casar-se com um milionário e sempre toma café da manhã em frente à loja da Tiffany's, em Nova Iorque. Especializada em jóias e artigos para presentes originais, a Tiffany's é uma centenária e cobiçada ***griffe***, cujo diretor criativo é John Loring.

Por um lado, o título proposto pela colunista joga com todo esse conjunto de informações, em uma enunciação que prevê um determinado público em seu interior. Angel fala para um público bastante definido, capaz de participar do seu jogo de sentidos. Um público mais jovem, por exemplo, pode encaminhar sua atribuição de sentido sobre o uso da expressão "bonequinhas de luxo" às jovens do mundo da moda, mas mesmo nesse caso se trata de uma derivação de Hepbun. Um outra possibilidade, ainda, para os jovens é uma associação com as "bonequinhas de luxo" de brinquedo, como a boneca Barbie, colecionadas e valorizadas não só por crianças, mas também por pessoas de outras faixas de idade. Mas é possível considerar este um sentido ***coadjuvante*** na leitura do assunto na coluna de Angel.

No texto, Angel é ferina, humorada, debochada, crítica e até ridiculariza seu alvo, quando, por exemplo, fala sobre o diamante de 18 quilates presenteado no Natal e que teria entrado no Brasil contrabandeado em uma ***pochette*** genital. O enunciado "O que valeu ao marido amoroso dizer à mulher que o presentinho veio no saquinho de **Papai Noel**, que tal?..." traz

uma informação com avaliação, em que a pergunta retórica “que tal?...” permite a Angel buscar a cumplicidade do leitor numa concordância de opiniões.

Não se pode dizer que a colunista ironiza apenas seus entrevistados. Na seção “borbulhantes”, Angel é capaz de se auto-ironizar, com o auxílio do léxico (“raquetadas dos leitores”); do negrito, que destaca todos os nomes próprios, parecendo um holofote sobre os mesmos; do neologismo sobre o seu nome (“**burrHildinha**”) e das explicações sobre o erro na grafia dos nomes da raquete (“**red**” por “**Head**”) e do príncipe (“**Andrews**” por “**Andrew**”), finalizadas com o pedido ao leitor de não usar duplo sentido quando menciona o sal de frutas **Andrews**.

Se o enunciador, ao elaborar sua fala, o faz de modo que mostra a imagem que faz de si e a que faz do público (Verón, 1983), a análise da coluna de Angel sugere uma enunciadora que detém grande conhecimento acerca do que noticia, mas de maneira bastante debochada e irreverente, particularmente na edição acima. Por conseguinte, essa enunciação deve ter como destino um público capaz de acompanhar o percurso de atribuição de sentido proposto pela enunciadora, público esse já antevisto na maneira de enunciar. O ponto de dissonância entre enunciador e co-enunciador (para seguir a terminologia adotada até aqui) pode se dar justamente no valor da ironia usada no material da coluna, valor esse que não é *apenas* de humor, mas de deboche e de ridículo. É difícil imaginar alguém gostando de ser noticiado dessa maneira, a não ser que as “bonequinhas de luxo” não se reconheçam em parte do papel previsto para elas (como ironizadas).

Domingo, 10 de novembro de 2002 O GLOBO SEGUNDO CADERNO • 3

HILDEGARD ANGEL

ERA A QUINTA-FEIRA da sorte de Renan Calheiros. Ele veio ao Rio tentar obter o voto de Sérgio Cabral para a presidência do Senado, e conseguiu. De quebra, do gabinete de Sérgio, ligou para Gerson Camata em Vitória, que também lhe garantiu o voto... TUDO INDICA que o PMDB vai cravar em Calheiros. O argumento dos renanzistas é que Sarney não "é" PMDB, Sarney "está" PMDB... A ÚNICA ¶CHANCE para o ex-presidente seria o PT não respeitar a indicação do PMDB, mas aí o partido da estrela estaria pondo em risco a eleição de José Dirceu para a presidência da Câmara. Tudo tão simplesinho quanto 2 mais 2 são 5, não é?...

Fotos de Fabio Seixo

JOHN LORING e Regina Martelli (1); Gisella Amaral diz pro Helinho que ela era a ÚNICA na noite a usar bijuteria, foi promessa (2); Glória Severiano e o colar da Coser (3); as superpoderosas: Rô Fisher e Zezé Jacurzky (4); Silvinha e Carmen (5); os brincos da Zefa (6); o broche da Gilda Pires do Rio (7); Ana Luiza Capanema e — eureca! — um sorriso de Guiomar Magalhães (8); Belita e Helô Guinle (9)...

Bonequinhas de luxo no jantar da Tiffany's

• **COLOQUEI MEUS** óculos de sol e fui jantar em casa dos **Fraga**. Eu sabia que, naquela noite, o foguetório cruzado de pedras preciosas seria de doer os olhos. Afinal, o homenageado era ninguém menos que **John Loring**, o homem **Tiffany's**, que entende e sabe apreciar pedras preciosas como ninguém. Minhas amigas não me decepcionaram...

• **DE MEU POSTO**, a mesa de **Silvinha**, acionei meu *zoom* e vi que **Mariza Coser** tirou do estojo seu colar Bulgari-capa-de-catálogo. **Regina Martelli** inaugurava brincos de **Miriam Kimelblat**. Fazia calor, mas o leque-broche de brilhantes **Boucheron** de **Isa Bozano** era só enfeite...

• **DUAS RIVIERAS** de brilhantes redondos emolduravam o pescoço de **Rô Fisher**, e os brincos eram esmeraldas... **Beth Serpa**, que não dá ponto sem nó, levou seu laço, que era *vintage*, assim como os brincos Cartier de **Josephina Jordan**... Terá sido no **Céu** que **Jakurzky**, banqueiro-astrônomo, foi buscar os brincos siderais da **Zezé**? A declaração de amor de **Clóvis Macedo** para **Camila** foi uma gargantilha de corações, bem-me-quer, mal-me-quer. Oh, a vida é bela! Para algumas...

• **OS BRINCOS** de esmeraldas de **Ana Luiza Capanema** eram design dela própria. **Loring**, gentil, elogiou. E ela, fina: não precisa se sentir obrigado a elogiar só por isso...

• **DIVERTIDO MESMO** foi saber como entrou no **Brasil** o brilhante de 18 quilates de uma das ricas presentes: trazido por um contrabandista, amarrado junto à sua *pochette* genital. Chegou bem no **Natal**. O que valeu ao marido amoroso dizer à mulher que o presentinho veio no saquinho de **Papai Noel**, que tal?...

• **JANTAR À FRANCESA** para 60, *timing* perfeito e, da *cuisine*, nem precisamos falar porque tinha a marca do *chef* **Demar**. Sob toldo transparente, no jardim que, com a incrementada do florista **Jorge**, estava uma *rain forest*. E girassóis (de verdade) usados como pratinho de pão! O assunto? A **Tiffany's** vai ou não abrir uma loja no **Rio**? Parece que vai...

• **LORING PARTIU** encantado com os cariocas, tão sabidos, que, além do inglês, falam com fluência o francês, e convidou uma jornalista para jantar em seu ap em **NY**, e ele próprio vai cozinhar. O homem do luxo e da sofisticação se amarra num fogão, aprenderam, meninas?...

borbulhantes

• **NÃO HAVERÁ** mais disputa pela presidência da **Alerj. Garotinho** costurou o seguinte acordo: o presidente será **Picciani**, do **PMDB. Graça Mattos**, do **PSB**, que pleiteava o trono, vai ser a primeira-secretária. Daqui a dois anos, **Graça** será presidente, e **Paulo Mello**, do **PMDB**, secretário, numa harmonia infinita, enquanto dure... • **JUÍZES ENXUTOS** é o que se espera, com o requintado spa antiestresse, em **Vargem Grande**, que inaugura hoje com almoço, para os ministros do **Rio** no **STJ — Direito, Carvalhido, Fux, Zveiter** — conhecerem o espaço. A **Amaerj** construiu com verbas próprias e tem de tudo: hidromassagem, academia, refeição *diet*... • **FALAR EM ENXUTOS, Lucilia Diniz**, dizem, está namorando o **Cesar Trailli**... • **RECEBEM HOJE** para almoço, na Joatinga, **Vera Valim**, em torno de **Antônio Medina** e **Carminha**... Na **Atlântica, Martin Trinchant** aniversaria... • **DEPOIS DE** algumas raquetadas dos leitores, **burrHildinha** aprendeu que as raquetes não são **Red**, são **Head**. O príncipe também não é **Andrews**, é **Andrew. Andrews** é o sal de frutas, sem duplo sentido, por favor... • **FOI UMA MULTIDÃO.** Engarrafamentos na **Niemeyer**, com queda de barreira, e no **Fashion Mall**, com a tríplice inauguração das lojas **Ermenegildo Zegna, Emporio Armani** e **Petit Lippe**, da **Daniela Maia**... • **E VEM AÍ A Kenzo**, no mesmo terceiro andar-expansão do shopping. Ninguém precisa viajar para comprar grife estrangeira... • **FAMOSOS, CHEIROSOS, bonitos e gostosos**, de lá pra cá, provando as panquecas de shitake e os minitiramisus do coq assinado pela chef **Mattar**, regado a **Limoncello** e **San Pellegrino**... • **ANDRÉ BRETT**, homem **Zegna/Armani** no **Brasil**, contava que **Giorgio**, ao ver o projeto da loja com vista pro mar, disse que moraria nela... • **FELINOS EM TODAS** as direções. Até o **Gianechini! Kaká**, o gato jogador do **São Paulo**, de terno, escoltado por **Rodrigo Paiva**... • **E DÁ-LHE** bolsas **YSL** com alça de prata. A de **Emir Brotto** era **Chanel**, de verniz preto. **Fernanda Basto** toda **Armani**, uma homenagem... • **O AR TRISTE** de **Jarbas Penteado** era porque o namoro com **Inah Carvalho** terminou.. • **CURIOSIDADES:** uma sandalhinha preta de verniz **Armani** custa R$ 1.500. As bolsas começam em R$ 15 mil e terminam no infinito, mesmo assim havia várias reservas... • **CESAR MAIA** prestigiava a filha **Daniela**, que quase teve sua menina, quanta emoção! Cinco vestidos **Baby Tufvesson** foram vendidos, **Lenny** visitava a linha biquínis-baby que criou especialmente pra **Lippe**, que tem tb jóias infantis by **Cláudia LeRoy**... • **GLÓRIA PIRES** e **Orlando Moraes, Leda Nagle, Henriqueta Gomes, Antônia Tapajós, Teresa Inglês, Elda Priami, Cláudio Gomes, Gilson Martins, os Sabino, Alberto e Marco, Christiane Fleury, Fátima Raggio, Vanda Klabin, Tereza Xavier, Luís Bellando, Katia Vita**, só de contar, cansei... • **NO ANDAR DE** baixo, na **Chocolate**, encontrava-se bata de cambraia de linho com bordado inglês da **Bluemarine** por R$ 11.800. Na **Prada**, t-shirt de manga curta a R$ 1.200, socorro!... • **DE QUEBRA**, a **Ellus** lançava sua linha **Madame Satã**, inspirada no filme, ufa!...

[46] Bonequinhas de luxo no jantar da Tiffany's
O Globo, editoria Segundo Caderno, coluna Hildegard Angel, p. 3, 10/11/2002

O conjunto textual do jornal Zero Hora

O último caso analisado é de Zero Hora e se constitui em um conjunto textual de duas páginas centrais do caderno de Esportes.

> [47]:
> a) Claudião contra Segundona (manchete principal)
> b) Brasileirão (chapéu)
> c) Há um ano e seis meses, o mesmo salvador (título de texto em quadro)
> d) Seis vezes técnico, algumas vezes bombeiro (título de texto em mesmo quadro)
> e) Pércio por Ibsen (título secundário)
> f) Lúcio Flávio avisou (título de nota)
> g) Protesto irônico (título de nota)
> h) O homem que se esconde do jogo (título de comentário)
> (Zero Hora, editoria Esportes, pp. 6-7, 04/11/2002, notícia assinada e comentário)[54]

O conjunto textual de Zero Hora fala sobre futebol, mais especificamente sobre a situação do time Internacional, do Rio Grande do Sul, na ocasião (2002) entre as últimas posições da Primeira Divisão do futebol no Brasil e, portanto, sob risco de ser rebaixado para a Segunda Divisão. Diante da crise quanto à falta de rendimento do time, os dirigentes demitiram o técnico Celso Roth e contrataram outro profissional para substituí-lo. É justamente nesse quadro que a notícia, assinada, é publicada em duas páginas centrais da editoria de Esportes de Zero Hora. Não será possível apresentar em fragmentos alguns casos de ironia, como tem sido feito até aqui. Isto porque a ironia nesta produção do jornal se dá a partir do conjunto criado pelos títulos, pelos textos e também pelas fotos, cujos objetos retratados, ao lado de legendas, possibilitam essa atribuição.

Lembremos, com Barthes (1990), que a fotografia de jornal, embora tenha uma aparência de neutralidade e de fidedignidade ao real, é resultado de escolhas e de enquadramentos do objeto por parte do fotógrafo, que opera, a partir do momento mesmo em que a foto é feita, a primeira ***edição*** da realidade. Magalhães (2001, p. 32) observa que as fotos em meios impressos obedecem a três categorias fotográficas - a espontânea, a posada e a de arquivo - cujas características de enunciação são diferenciadas entre si. Como explica o autor (2001, p.

[54] A ordem alfabética identifica os vários títulos que compõem esse conjunto textual de Zero Hora.

32), a foto espontânea, como o nome indica, diz respeito àquela capturada da realidade (sejam fatos ou personagens) pelo fotógrafo; a posada corresponde àquela resultado de "composição elaborada", em que fotógrafo, modelos e objetos organizam-se para esse fim; a de arquivo, "de origem flagrante ou posada, mas que por uma operação enunciativa de natureza retórica serve a objetivos outros".

Em Zero Hora, as fotos são valorizadas, não só no uso da cor e da quantidade (são quatro), mas também no tamanho das mesmas, considerando os padrões de um formato tablóide como o do jornal. Das quatro fotos, três podem ser claramente classificadas como *espontâneas*, como flagrantes de porções da realidade: a polícia vigiando os torcedores em arredores do campo (embaixo, à direita, na página 7); o jogador Luisinho em campo (embaixo, no centro, na p. 6); e o ex-técnico Celso Roth (no alto, no centro, na página 7). As três fotos são as menores do grupo. A quarta e maior foto ocupa aproximadamente um terço do alto da página 6, à direita, e pode ser classificada como um misto de foto espontânea com aparência de pose das duas pessoas fotografadas, o novo técnico e seu auxiliar, de pé, com as mãos às costas, olhando para a frente. Por trás dos dois, vê-se na parede uma fileira dupla de grandes fotos emolduradas de ex-presidentes do Internacional, como uma galeria de quadros. Dessa forma, a foto faz um contraponto entre o passado histórico do time e a esperança de salvação do presente. Mas o efeito de ironia é mais visível mesmo na maneira como o jogador e o ainda técnico são mostrados: o jogador gesticulando com as mãos como se pedisse calma e tendo uma semelhança no rosto com o personagem cômico de programa de televisão "Mr. Bean"; o técnico olhando para um lado, com as pernas em desconcerto e os pés voltados para dentro, sugerindo falta de rumo. O texto lingüístico das legendas, como lembra Barthes (1990), orienta: "Luisinho se desculpa por mais um lance errado"; "Roth enlouqueceu com o time que ele montou em dois meses".

Em título de uma das notas que compõem o conjunto textual, há explicitação de ironia por parte do enunciador, que julga o "Protesto irônico", quando a torcida grita "ão, ão, segunda divisão", e "timinho" para se referir ao Inter. Na manchete de página, "Claudião contra Segundona", pode-se observar que a oposição que se coloca é entre o técnico e a Segunda Divisão (aqui chamada informalmente de Segundona), e não entre o técnico e seus times adversários. O uso do aumentativo para a referência aos *oponentes* (*Claudião* e *Segundona*) sobrevalorizam a disputa. Com o uso de "Segundona", algumas operações de sentido tornam-se possíveis: a) a palavra aparece em vermelho, mesma cor que simboliza o Inter; b) a apalavra é um aumentativo, tanto no significado como no corpo de letra maior que as outras duas palavras da manchete ("Claudião contra"), resultando em efeito icônico (nos termos de

Peirce, 1990, pp. 64-66) entre tamanho do adversário e tamanho representado na enunciação jornalística, entre cor vermelha das letras e cor do time, pois são conhecidos como "colorados". No título secundário do texto da página 7, "Pérsio por Ibsen", pode-se realizar uma associação com o clichê "um pelo outro", cujo efeito de sentido é "tanto faz" (ter Pérsio ou Ibsen), pois a baixa qualidade do time não vai melhorar.

A foto do técnico Celso Roth permite um processo de intertextualidade com dois outros instantâneos do passado, ambos envolvendo ex-presidentes da República: um, mais distante no tempo, que tem como sujeito o político Jânio Quadros; outro, mais recente, envolvendo o político Fernando Collor, conforme analisado por Brait (1996, pp. 37-38). Nas fotos, Jânio Quadros parece ter dúvida (não sabe se vai ou se vem); Fernando Collor, como analisa Brait, é flagrado em pose de descontrole (braços e pernas abertos) justo quando fala contra o descontrole da economia do país. Não na política partidária, mas no esporte, Roth, por sua vez, é mostrado com ar de perplexidade no rosto e hesitação no corpo, principalmente nos membros inferiores (os dois pés virados para dentro), aproximando-se em maior grau do caso de Quadros.

O conjunto irônico dessa edição de Zero Hora é complementado pelo comentário, assinado, sobre "O homem que se esconde do jogo", Luisinho, jogador do Internacional.

> [47h]:
>
> O homem que se esconde do jogo (título)
>
> Mal o jogo se iniciou e Luisinho Netto partiu para a cobrança de uma falta. Ele se considera especialista nisso. Bateu na barreira. A passos curtos, as pernas finas do lateral arrastavam-se com a única missão de acompanhar o lateral Adriano, do Coritiba. Onze minutos, Luisinho tentou um passe para alguém de camiseta vermelha. Serviu um de camiseta branca e causou pânico na zaga. Mas ele não se afetou. Escondeu-se atrás de um adversário até que o jogo virasse para o outro lado. (...)
>
> Em um contra-ataque colorado, aos 28 minutos, Luisinho poderia receber o lançamento atrás da zaga se tivesse a iniciativa de avançar. Mas não ousou. Amarrou-se, atrasou o passo, troteou e não apresentou-se. Encobriu-se à sombra de Adriano, disfarçou, dissimulou, mascarou, evitou o compromisso bem na lateral de campo, à frente do desesperado Celso Roth.
>
> - Te apresenta, abre para receber a bola – suplicou o técnico.
>
> Nervoso, ouvindo ao mesmo tempo o eco das vaias, Luisinho virou-se para o técnico e devolveu:

> - Deixa eu jogar, é aqui que tenho que jogar, p.! – desabafou, abrindo os braços como se mandasse o próprio Roth entrar em campo.
> Perplexa com a insurgência, a torcida protestou na única vez em que deu razão ao técnico:
> - Tira, tira, tira.
> As vaias a cada passe errado, cada escanteio desperdiçado, cada omissão, roubaram-lhe o sossego. (...)
> (Zero Hora, editoria Esportes, p. 7, 04/11/2002, comentário)

Como as duas páginas de Zero Hora são centrais, o comentário parece estar localizado no centro, embaixo, ladeado à esquerda pela foto do jogador Luisinho, à direita pela foto da polícia observando os torcedores e em cima pela foto do técnico Roth. O comentário traz uma narrativa com crítica contundente sobre o desempenho do atleta, pela forma de nomeação, adjetivação, reprodução de diálogos (do jogador, do técnico e da torcida) do ocorrido durante o jogo Inter x Coritiba. Além da crítica direta, alguns desses elementos permitem um efeito irônico, cujo valor ou natureza é de ataque. Em outras palavras, a forma de narração do enunciador permite o efeito irônico atribuído ao absurdo da situação vivida em campo.

Na edição dessas duas páginas de Zero Hora, o jornal enuncia de um ponto de vista analítico, crítico e aguerrido em relação ao futebol do Internacional. Um analista que percebe e assinala as fragilidades do time e ao absurdo da situação a que chegou, posição essa que ele atribui como compartilhada pelo leitor e torcedor, sobre quem o jornal afirma: “os colorados [torcedores] cansaram”.

6 | ZHESPORTES

ZERO HORA ♦ PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 04/11/2002

BRASILEIRÃO

Claudião contra Segundona

LEONARDO OLIVEIRA

O Inter recorreu a um grande ídolo do clube para evitar o rebaixamento. Na início da noite de ontem, Cláudio Duarte foi anunciado em entrevista coletiva como novo técnico do clube. O acerto com ele ocorreu no final da tarde de sábado, pouco depois de o Inter perder outra partida dentro de casa.

As mudanças atingiram também o departamento de futebol. O presidente Fernando Carvalho decidiu por transformações de emergência no vestiário. Quer energizar o time nos últimos quatro jogos do Brasileirão. Ontem, o Inter acabou a rodada em 22º, acossado pelo grupo dos rebaixados.

Cláudio se apresentou com um discurso de impacto. Convocou os colorados a dar apoio ao time e evitar o que definiu como "desastre". As olheiras de Carvalho e a presença maciça de dirigentes e assessores na entrevista coletiva dimensionam a gravidade do momento.

A decisão por Cláudio ocorreu devido ao seu conhecimento do time e por sua postura firme diante dos jogadores. O grupo do Inter mostra apatia, medo e desunião. Por isso, o novo técnico utilizou frases fortes na coletiva.

– Vamos acreditar, o jogador vai ter de acreditar mais mesmo. Se sentirmos que está com medo, vai embora na mesma hora – avisou.

A primeira medida foi mudar a programação. O treino, marcado para a tarde, ocorreu também pela manhã. Na terça-feira, se transferir a viagem para a noite, também trabalhará em dois turnos. O meia Carlos Miguel voltará ao time. Ele se recupera de um edema na coxa direita há 20 dias.

– Joga até engessado. Só não entrará em campo se estiver hospitalizado. Ou ele volta a jogar, ou então se suicida – alertou o técnico.

Cláudio projeta a necessidade de buscar, pelo menos, seis pontos para se livrar do rebaixamento. Sua missão é ingrata. O Inter terá três jogos difíceis fora de casa (São Caetano, Juventude e Flamengo) e o Cruzeiro em casa. Ontem, ao ser informado da vitória do Paysandu sobre o Figueirense, não se segurou.

Diante da solene galeria dos presidentes que ilustra a sala de Fernando Carvalho, Cláudio Duarte (D) e o auxiliar Eduardo Silva são apresentados como solução de emergência

A mudança

O time de Cláudio Duarte terá mudanças. Cássio e Chiquinho estão suspensos. Vinícius será o lateral-esquerdo. No meio-campo, Dudu será testado como primeiro volante. Alexandre será o segundo. Cláudio deseja jogadores de boa estatura dentro da área. Claiton será lateral-direito, e Fabiano Costa, meia-direita. No ataque, Librelato e Fernando Baiano serão mantidos.

– O grupo do Inter é este e está devendo produção, qualidade e, principalmente, resultados – cobrou.

Roth enlouqueceu com o time que ele montou em dois meses

Pércio por Ibsen

A derrota de 1 a 0 para o Coritiba derrubou o futebol do Inter. Depois de perder pela sexta vez em casa e cair nas sombras do rebaixamento, o presidente Fernando Carvalho aceitou os pedidos de demissão de Celso Roth e do preparador físico e auxiliar Beto Ferreira. O departamento de futebol também caiu. O vice, Pércio França, e o diretor, Clésio Saraiva, também pediram para sair e foram atendidos. Ibsen Pinheiro assumiu ontem como novo vice e anunciará hoje dois diretores.

Ibsen terá a responsabilidade de colocar ordem no vestiário nos próximos quatro jogos. Serão partidas decisivas para evitar a vergonha maior, o rebaixamento.

As mudanças começaram minutos depois do jogo. No vestiário, Roth abordou Carvalho, que voltava da entrevista coletiva, e pediu demissão. O presidente pediu calma. À noite, atravessou a rua onde mora e foi até a casa do técnico, quase em frente à sua num condomínio no Menino Deus. Os pedidos de Pércio e Clésio foram aceitos à noite.

A derrota para o Coritiba resumiu a campanha do time no Brasileirão. O Inter foi apático, covarde, sem inspiração e instável. Ficou com um jogador a mais em todo o segundo tempo e nem assim teve vantagem. Um chute da intermediária de Fernando Baiano, aos 10 minutos, foi o melhor lance do time em todo o jogo. Sem ter a quem passar, ele arriscou e viu a bola bater no poste.

Não foi só Baiano que teve problemas para encontrar um companheiro em campo. Os jogadores pareciam se esconder da bola. Quando a recebiam, ela parecia incendiar seus pés. Ronaldo errou todos os passes. Luisinho Neto cobrou sete escanteios e acertou um. Um parou.

Como o Coritiba perdeu Fávaro no final do primeiro tempo, Roth colocou Chiquinho na meia-esquerda e tirou Clenilo. Funcionaria se Chiquinho não estivesse treinando na ala desde junho. Se havia um plano para preservá-lo, acabou naufragado sábado. Chiquinho foi incinerado. Jogou tão mal no meio que Roth deslocou Cássio para o meio e puxou-o para o lado. Depois, colocou Geniaho e Thiago Freitas para resolver o jogo. Não adiantou, é óbvio.

O gol de Lima, aos 45 minutos do segundo tempo, precipitou as mudanças no Beira-Rio. Na coletiva, Carvalho adiantou que tomaria uma atitude enérgica:

– Foi um jogo lamentável, temos que fazer alguma coisa. Mas este não é o momento adequado para decidir.

Roth concedeu entrevista em seguida. Ainda estava empregado, garantia. Evitou críticas ao time e tratou de dividir a responsabilidade.

– Todo mundo é responsável, a comissão técnica, os jogadores e os dirigentes.

O técnico deixou o estádio às 19h13min. Embarcou na sua caminhonete sem problemas. Repetia a palavra "pressão" em tom baixo. Carvalho, assim como alguns jogadores, evitou a saída pela portão 8. Atravessou o campo e deixou o estádio pelo outro lado. Estava arrasado. Duas horas antes, tinha ido ao encontro dos torcedores e os conclamara:

– Vamos ganhar, vamos tirar o Inter desta situação.

Não sabia o que estava por vir.

(Leonardo Oliveira)

Há um ano e seis meses, o mesmo salvador

Na última vez em que Cláudio Duarte assumiu no Beira-Rio, o Inter estava desesperado com derrotas seguidas, como hoje. Zero Hora registrou na capa da edição de 9 de abril de 2001 o título que se enquadra ao presente: "Inter sob pressão chama Cláudio Duarte". Na foto, o então presidente Fernando Miranda (esquerda abaixo) anuncia Claudião.

Na contracapa, a declaração do novo técnico: "Cláudio afirma que Inter estará na final", referindo-se ao Campeonato Gaúcho. Claudião não cumpriu a promessa: o time não foi à final.

E isto foi há um ano e seis meses.

ZERO HORA

Proposta conciliatória define data de livre comércio para 2005

Inter sob pressão chama Cláudio Duarte

ZERO HORA

Cláudio afirma que Inter estará na final

Seis vezes técnico, algumas vezes bombeiro

A carreira de Cláudio Duarte no Beira-Rio sempre foi por rápidos períodos

1977 – Fim da carreira de jogador
1978 – Assume como técnico interino, aos 27 anos. Conquista o título do Gauchão
1979 – Vira auxiliar técnico de Ênio Andrade
1980 – Deixa o Inter
1981 – Substitui Mário Juliato. Vence o segundo título gaúcho. Sai no ano seguinte
1990 – Retorna ao Inter. Fica apenas 42 dias
1991 – Depois de passagem pela Arábia e pelo Grêmio, é recontratado pelo Inter. Entra no lugar de Abel Braga e ganha o terceiro Gauchão
1994 – Ganha seu quarto Campeonato Gaúcho pelo Inter
2002 – É contratado para o lugar de Celso Roth

O homem que se esconde do jogo

JONES LOPES DA SILVA

Mal o jogo se iniciou e Luisinho Neto partiu para a cobrança de uma falta. Ele se considera especialista nisso. Bateu na barreira. A passos curtos, as pernas finas do lateral arrastavam-se com a única missão de acompanhar o lateral Adriano, do Coritiba. Onze minutos, Luisinho tentou um passe para alguém de camiseta vermelha. Servia um de camiseta branca e causou pânico na zaga. Mas ele não se deixou. Escondeu-se atrás de um adversário até que o jogo virasse para o outro lado.

Num outro lance, Luiz Alberto procurou-lhe para o passe. Implorou por ajuda, abriu os braços. O time, além de pregado em campo, estava marcado. Com dois passos para trás, Luisinho Neto se colocaria em condições de receber a bola. Fez o contrário. Escondeu-se entre dois adversários, ausentou-se do jogo, ficou sem a bola, sem problemas.

Em um contra-ataque colorado, aos 28 minutos, Luisinho poderia receber o lançamento atrás da zaga se tivesse a iniciativa de avançar. Mas não ousou. Amarrou-se, atrasou o passo, trotou e não apresentou-se. Encobriu-se à sombra de Adriano, disfarçou, dissimulou, na lateral de campo, à frente do desesperado Celso Roth.

– Te apresenta, abre para receber a bola – suplicou o técnico.

Nervoso, ouvindo ao mesmo tempo o eco das vaias, Luisinho virou-se para o técnico e devolveu.

– Deixa eu jogar, é aqui que tenho que jogar, p.! – desabafou, abrindo os braços como se mandasse o próprio Roth entrar em campo.

Perplexo com a insurgência, a torcida protestou na única vez em que deu razão ao técnico.

– Tira, tira, tira.

As vaias a cada passe errado, cada escanteio desperdiçado, cada omissão, roubaram-lhe o sossego. Houve um lance no segundo tempo em que ele dominou um passe recuado perto da área do Inter. Era o último da zaga em um mês de 10 meses. Ainda assim atrapalhou-se. O atacante adversário aproximou-se e a torcida levantou-se aterrorizada:

– Chuta, chuta – tentou avisar.

Quando o atacante estava a dois metros, Luisinho conseguiu livrar-se da bola.

Ao final, o lateral concluiu a inexperiência da torcida. – Eles têm que

Os colorados em frente ao portão 8 foram apenas vigiados de longe: o inconformismo já virou rotina

LÚCIO FLÁVIO AVISOU

♦ Os repetidos drama vividos pelo Inter já não surpreendem tanto. O meia Lúcio Flávio, do Coritiba, pediu a palavra na preleção do técnico Paulo Bonamigo. Lúcio estava no Inter em 1999, quando o time escapou na última rodada do rebaixamento. Então, antecipou para Bonamigo o que seus companheiros o que aconteceria no Beira-Rio dentro de alguns minutos:

– Conteí para o meu técnico Bonamigo que o momento era semelhante ao de 1999. Bastaria o time errar uma ou duas vezes que a torcida [illegible] a paciência.

[illegible] se aconteceu.

PROTESTO IRÔNICO

♦ A torcida do Inter perdeu o poder de indignação depois de tantas derrotas. No sábado, ao final do jogo, em vez de xingar e protestar, provocou os jogadores e o time com os gritos de "Ão, ão, segunda divisão" e "timinho", este usado mais vezes no campeonato. Os colorados da social se sitiaram para a cabine em busca dos dirigentes. Encontraram apenas o gerente de futebol, Newton Drummond, o Chumbinho. Ele tentou conversar, mas as pilhas e pedras que voavam para as cabines o demoveram da idéia. No portão 8, o protesto foi irônico. Alguns torcedores puxavam um coro, mas este pouco durava. Os colorados cansaram.

[47] Claudião contra Segundona
[47h] O homem que se esconde do jogo
Zero Hora, editoria Esportes, pp. 6-7, 04/11/2002

4. 9 **Algumas pistas de como jornalistas vêem a ironia**

> *[No jornalismo, a ironia pode ou deve ser usada] nos comentários sobre fatos relevantes e de interesse público. Nos assuntos políticos e sociais.*
> (Redator pesquisado, há 38 anos no jornalismo)

A aplicação de questionários junto a trinta e dois jornalistas de O Liberal[55] teve a finalidade de captar algumas pistas de como os profissionais percebem a presença da ironia na produção cotidiana e como fazem uso dela em seus próprios textos. É claro que este é apenas um pequeno passo nessa direção, pois um estudo com outras técnicas de levantamento e análise de dados seria necessário para uma avaliação mais profunda a esse respeito, mais na esfera da recepção.

No âmbito do que foi proposto para este trabalho, vamos agora à apresentação de alguns dados obtidos com os questionários. Primeiro serão apresentados os dados referentes às perguntas com possibilidade de resposta fechada, como foram os casos das perguntas 1, 2, 6 e 10. Em seguida, as perguntas com respostas mistas (8 e 4), das quais serão vistas inicialmente a parte de múltipla escolha. As perguntas (3, 5, 7, 9, 12 e partes de 8 e 4) que demandaram resposta aberta por parte do pesquisado não serão vistas separadamente, mas a partir de três pontos de vista, tentando indicar: as características da ironia; suas funções; onde e quando pode ou deve ser usada. Esta pareceu, no momento, a forma menos cansativa de apresentar os dados, considerando que eles se repetiram ao longo das respostas nas várias perguntas.

Pergunta 1: Os textos de jornais impressos brasileiros trazem ocorrência de ironias...

Tabela 12 – Pergunta 1: Na sua opinião, os textos de jornais impressos brasileiros trazem ocorrência de ironia...

Opções de resposta	Respostas dos jornalistas	Percentuais (%)
Muitas vezes	7	21,87
Algumas vezes	24	75
Não trazem	1	3,12
Não sei		

[55] Na introdução já foram apresentadas as considerações sobre os números de profissionais pesquisados ou não, por função, no quadro geral da equipe jornalística de O Liberal, em 2005.

TOTAL	32	99,99

Fonte – Dados da autora.

Os dados gerados pelos jornalistas evidenciam que eles notam a presença de ironia em jornais impressos no país, ***muitas vezes*** (21,87 por cento) ou de ***vez em quando*** (75 por cento). Como se pode notar, o entendimento de que a ironia aparece de vez em quando foi bem superior ao de que aparece muitas vezes. Comparando esse resultado com a análise do ***corpus***, em que consideramos haver ocorrência regular de ironia, as respostas dos profissionais parecem refletir uma tentativa de não querer reconhecer ou admitir um grande uso do recurso. Dessa maneira, reservam para si o tom de criteriosos com o uso da linguagem e da produção jornalística.

A opção de um dos pesquisados pela alternativa de que os jornais não trazem ironia parece não se sustentar, quando ele assinala na pergunta seguinte os gêneros em que a ironia ocorre no meio impresso, ou seja, se ela não aparece, não poderia haver gêneros com maior ou menor ocorrência de ironia. Com isso, a alternativa possível seria ***algumas vezes***, já que ele, inicialmente, por engano ou ato falho, marcou ***não trazem.***

Pergunta 2: Os textos que mais apresentam ironia são (assinalar mais de uma alternativa, se for o caso)

Tabela 13 - Pergunta 2: Os textos que mais apresentam ironia são (assinalar mais de uma alternativa, se for o caso)

Gêneros jornalísticos	Respostas dos jornalistas
Notícia não assinada	4
Notícia assinada	9
Reportagem	6
Entrevista P/R	8
Colunas	28
Artigos	20
Comentários	19
Crônicas	15
Editoriais	15
Charges	30
Nenhum deles	
Outro. Qual?	fotografia, cobertura policial

Fonte – Dados da autora

De acordo com os dados da Tabela 13, os gêneros com maior incidência de ironia, na opinião dos jornalistas consultados, são a charge (30) e a coluna (28). Numa escala intermediária vêm o artigo, o comentário, a crônica e o editorial. Todos fazem parte da modalidade jornalística opinativa, como proposta por Melo (1994) e com a qual concordamos. Os gêneros sugeridos por nós como integrantes do tipo informativo-opinativo (notícia assinada e reportagem) e mesmo os da clássica modalidade informativa (notícia e entrevista pergunta/resposta) também foram considerados como portadores de ironia, contrariando uma máxima corrente nas redações de que opiniões e avaliações devem vir apenas nos gêneros opinativos, ou seja, que os textos informativos devem ser objetivos e sem julgamentos. Tal dado está de acordo com aqueles encontrados na análise dos jornais e apresentados anteriormente, indicando que todos os gêneros são passíveis de apresentar ironia, embora alguns o façam mais que outros.

Pergunta 6 - Sobre a ironia no jornalismo impresso, é possível dizer:

Tabela 14 - Pergunta 6: Sobre a ironia no jornalismo impresso, é possível dizer:

Opções de resposta	Respostas dos jornalistas	Percentuais (%)
Há casos em que a ironia foi usada pelo(a) entrevistado(a) e repassada pelo(a) jornalista	1	3,12
Há casos em que a ironia é criada pelo(a) jornalista sobre alguém ou alguma coisa	2	6,25
Há ocorrência dos dois casos acima	29	90,62
Nenhum dos dois casos		
Não sei		
TOTAL	32	99,99

Fonte – Dados da autora.

Entre os 32 pesquisados, 29 responderam haver no jornalismo impresso duas formas de se produzir a ironia, que pode ser tanto gerada pelo entrevistado e repassada pelo jornalista quanto criada por ele. A opção por essa alternativa correspondeu a 90 por cento do total. Entre os demais, dois (6,25 por cento) reconheceram a ironia como uma criação do jornalista, e apenas um (3,12) como um uso da fonte, repassado pelo profissional.

Com esse resultado mantém-se, embora não seja mencionada explicitamente, a concepção de dois grandes tipos de ironias: aquelas possibilitadas por uma determinada situação, que o jornalista toma conhecimento e recria em sua enunciação, e aquelas criadas pela própria instância jornalística. Esse entendimento da prática jornalística por profissionais de O Liberal e os resultados da análise dos cinco jornais do *corpus*, na mesma direção, parecem sugerir que tais noções orientam o uso da ironia na enunciação jornalística impressa, inclusive em outros veículos. Tais concepções não são exclusivas da imprensa, sendo encontradas em Muecke (1995) quando discute as ocorrências de ironia observável e ironia verbal (ou instrumental) na literatura e no teatro, e em Bergson (2001), quando aborda as técnicas usadas na comicidade de situação e na comicidade de palavras para produzir o riso.

Pergunta 10 - Quanto à natureza da ironia em jornais impressos, pode-se dizer que ela é:

Tabela 15 - Pergunta 10: Quanto à natureza da ironia em jornais impressos, pode-se dizer que ela é:

Opções de resposta	**Total de opções feitas***
Crítica	7
Humorada	7
Crítica e humorada, mas mais crítica que humorada	13
Crítica e humorada, mas mais humorada que crítica	9
Não sei	
Outra alternativa. Qual?	2 - Às vezes mais crítica, às vezes mais humorada. - Mais humorada em textos opinativos e mais crítica em textos jornalísticos.

Fonte – Dados da autora.
* Os pesquisados assinalaram mais de uma opção, razão pela qual se encontra um valor total superior ao número 32.

A proposta dessa pergunta era identificar como os jornalistas percebiam a relação da ironia com o humor e a crítica, qual desses valores seria preponderante. Uma das hipóteses iniciais deste estudo era que a ironia tem um valor crítico, mesmo quando faz rir. As respostas dos jornalistas, por sua vez, apontam o poder de crítica da ironia, mas também o seu aspecto de humor. Exemplos de uma certa *ironia humorada* foram encontrados também nos jornais

analisados, como mostrado anteriormente. Dessa maneira, embora o valor crítico da ironia seja superior, não se deve negar também que em determinados casos o aspecto humorado ou risível pode estar presente, mesmo que não seja predominante.

Pergunta 8 - Você usa o recurso da ironia em sua atividade jornalística?

Tabela 16 – Pergunta 8: Você usa o recurso da ironia em sua atividade jornalística?

Opções de resposta	Respostas dos jornalistas	Percentuais (%)
Sim, sempre que possível	7	21,87
Sim, de vez em quando	19	59,37
Não, nunca	1	3,12
Não me lembro	1	3,12
Sim, raramente *	4	12,5
TOTAL	32	99,98

Fonte – Dados da autora.
* Opção incluída pelos pesquisados.

As respostas a essa pergunta têm uma certa similitude com as da primeira, em que 75 por cento dos jornalistas reconhecem ver ironia nos jornais impressos de vez em quando. A alternativa de que vêem muitas vezes a ironia no material impresso (da pergunta 1) tem o mesmo percentual daqueles que afirmam usá-la sempre que possível (ambos 21,87 por cento). Aqueles que a usam de vez em quando apresentam o maior percentual, de 59,37 por cento. Há ainda aqueles que disseram usá-la muito pouco ou raramente (12,5 por cento), uma resposta incluída pelos pesquisados, que não se sentiram contemplados com a alternativa ***de vez em quando***. Em resumo, os profissionais que assumiram o uso da ironia em sua atividade jornalística de vez em quando ou sempre que possível foi bem superior aos que não a usam ou o fazem raramente.

Pergunta 4 - Na sua opinião, a ironia tem alguma relevância para o texto jornalístico impresso?

Dos 32 pesquisados, 29 deles consideraram que a ironia “tem relevância” para o texto jornalístico, enquanto apenas dois responderam que “não” e um disse que não tinha opinião formada sobre o assunto. A resposta confirma a percepção de que, embora assumam usar a ironia “de vez em quando” ou “sempre que possível”, ela se constitui em recurso de

linguagem importante para a prática jornalística, para desempenhar várias funções, como foi sugerido nas respostas sobre por que a ironia seria relevante. Foram essas as funções mais apontadas: a de crítica; sugestão de uma percepção diferenciada do assunto abordado; de uma tomada de posicionamento ao autor; tratamento de questões absurdas que tornam-se, por isso, cômicas; para chamar a atenção do leitor; tornar o texto mais atraente; propor comparações e contradições que podem levar o leitor a uma reflexão mais profunda; para realçar ou criticar determinado aspecto, por exemplo, as mentiras de um político ou a atuação desastrosa de um time de futebol; "apimenta" a notícia; porque objetiva criticar sem chocar.

As características da ironia no jornalismo impresso

Quando a pergunta sobre as características da ironia foi incluída no questionário, o objetivo era saber junto aos pesquisados o que eles reconheciam como características do fenômeno, assim como os aspectos formais que possibilitam a leitura de algo como irônico no meio impresso. Em meio às respostas dos pesquisados, foi possível listar as seguintes opiniões a respeito das características da ironia (na redação, tentou-se manter o máximo possível a forma original):

- Quando a ironia não é bem feita, bate de frente com as características clássicas do jornalismo, a objetividade e a imparcialidade.
- Ironia e crítica são diferentes – a crítica é direta.
- Valores da ironia – acidez, tom de humor mais ácido, sarcástico.
- Pode aparecer em como se usa a declaração de um entrevistado ou se reúne as informações coletadas; pode aparecer no destaque dado, no tipo de verbo, no tom jocoso.
- A ironia é usada sem base, na maioria das vezes.
- A ironia está distante dos textos mais corriqueiros.
- Textos opinativos são naturalmente irônicos.
- Com a ironia, o autor deixa claro seu posicionamento, geralmente na linha do jornal.
- A ironia tem formas variadas de ser representada: através de charges, de criação de personagens para "contar fatos" depreciativos ou que zombam de figuras públicas, crítica dos poderes por trocadilhos com promessas jamais cumpridas.
- Palavras com sentido de adjetivo, uso de estereótipos (*bandido, elemento*) apelido, siglas para nomes de presidente, entre outros.

- Crítica bem humorada, mordaz, direta.
- Humor, crítica, comparação e indicação.
- Os tons mordaz e ferino, não raro com humor.
- A ironia está nas entrelinhas. O autor não pode deixar-se envolver pela emoção. A ironia está no estilo. A principal característica é a política (partidária, administrativa etc.). A ironia provoca interesse no leitor. Os textos com menos ironia são aqueles sobre comércio, mercado e economia.
- A ironia tornou-se mais fina e menos agressiva com o passar do tempo.
- O sentido dúbio de palavras, a inclusão de termos pejorativos e ainda comentários depreciativos de forma pretensiosa. Ou o simples fato de se aspear uma declaração.
- Aparecem em forma de trocadilhos, insinuações e argumentos que mostram as contradições cometidas pelo alvo – ou alvos – dos comentários.
- Uso de imagens engraçadas ou comprometedoras. Títulos com duplo sentido, uso de jargões políticos, pequenas frases no texto, charges.
- Ela se apresenta em tom de sarcasmo, geralmente em textos de autores conhecidos do meio, já que necessita se salvaguardar, dado seu tom pessoal. Em alguns casos, vem com expressões jocosas, num tom por vezes reprovável.

É possível notar como características designadas à ironia o tom jocoso, mordaz, de sarcasmo, de crítica e também de humor. Características essas enumeradas por Muecke (1995) como antecedentes equivalentes do nome ironia, antes que ele se estabelecesse em definitivo nos usos cotidianos. Tais características foram igualmente listadas por Hutcheon (2000, p. 76) em seu levantamento sobre as funções da ironia (ver Figura 1) discutidas por variados autores, em diferentes ambientes teóricos. Nesse sentido, características e funções podem se equivaler.

Entre as características de forma, os jornalistas indicaram, por exemplo, o ridículo evidenciado nas legendas das fotos; a maneira como se usa a declaração de um entrevistado ou se reúne as informações coletadas; o destaque que é dado, o tipo de verbo. O sentido dúbio, os trocadilhos, a inclusão de termos pejorativos, os comentários depreciativos ou o uso de aspas são todos recursos que carregam ironia por parte da enunciação jornalística e que parecem de acordo com o encontrado na análise dos jornais do *corpus*.

As funções da ironia no jornalismo impresso, segundo os profissionais pesquisados

As respostas apresentadas nos questionários permitiram também identificar algumas funções que a ironia desempenharia no texto impresso.

- No mais das vezes, cumpre a função de pressionar. Essa conotação é observada claramente nos textos de ordem política. Basicamente, revela descrédito com as declarações do entrevistado. Tem, pois, a função de pressionar, gerar dúvidas, criar ambiente para polêmica.
- Rebater afirmações que contradizem o núcleo de certos acontecimentos.
- Forma de chamar atenção do leitor para determinadas informações (contrastantes).
- Às vezes se torna exibicionismo e exacerbação do ego.
- Seria ingenuidade pretender o texto jornalístico, seja ele notícia, artigo ou coluna, como imparcial. Ele sempre assumirá uma posição, passada ao leitor de forma sutil, muitas vezes a partir do uso da ironia.
- A ironia pode revelar, por exemplo, as duas ou mais faces do fato.
- A ironia, como uma forma de crítica, ajuda a construir uma opinião contrária ao fato que está sendo ironizado. Daí a importância de tratar com certa irreverência fatos da mais alta importância.
- As ironias são jogadas como um desabafo de colunistas, articulistas e afins. A ironia se tornou um estilo que agrada a muitos leitores.
- A ironia é usada para mostrar insatisfação com o momento em que se vive. Na área de política, por exemplo, é sempre crítica e busca realçar os aspectos negativos, torná-los mais visíveis aos leitores.
- Expressar descontentamento. Criticar de maneira sutil.

As funções da ironia no texto jornalístico impresso listadas pelos pesquisados convergem, em parte, para aquelas enumeradas por Hutcheon (2000, p. 76) – crítica, humorística, jocosa, provocadora, satírica, agressiva, que oferece uma nova perspectiva - e por Maingueneau (1989), em que a ironia teria o papel de chamar a atenção do leitor. Entretanto, outras funções foram apontadas, como a de pressionar, de gerar dúvidas, de criar ambiente para polêmica; de revelar as faces de um fato; de ser um desabafo e, ainda, ser resultado de um estilo do jornalista. “Ironia e crítica são irmãs gêmeas”, segundo um dos colunistas entrevistados.

Quando e onde a ironia deve ou pode ser usada nos textos impressos

Sobre a adequação e necessidade ou possibilidade de uso da ironia, as respostas encontradas entre os jornalistas foram as seguintes:

- Ironia diz respeito a atos e falas políticos.
- A ironia aparece no lide.
- A ironia aparece mais em textos assinados ou em colunas não assinadas.
- Aparecem em todos os cadernos. Em política e esporte, a característica é a cobrança; em cultura, o "gostar daquilo ou não" é ironia freqüente.
- A ironia está mais no jornalismo político, que se presta mais a esse tipo de "brincadeira", quase deboche, dada a pouca seriedade com que é tratada a política no país.
- Pode ser usada em comentários sobre fatos relevantes e de interesse público, nos assuntos políticos e sociais.
- Em textos opinativos.
- Apenas em charges.
- Deveria ser usada em quase todas as ocasiões, se propícias à ironia. Seria pertinente, por exemplo, se alguém faleceu e ela fosse necessária para ajudar a recompor o perfil dessa pessoa.
- Quando usa a ironia do entrevistado.
- Para expor o descompasso entre as promessas das autoridades e o cumprimento.
- Preferencialmente em matérias assinadas, ou nas demais, desde que a ironia não se transforme em verdade ou não interfira na real difusão dos verdadeiros fatos.
- Desde que, sem agressões e de maneira sutil, acrescente algo mais à informação. Contudo, é um critério inerente a quem escreve. Não se pode escrever sem ironia. Há jornalistas, por exemplo, que a usam de forma indireta, colocando palavras e expressões na boca do entrevistado.
- Sempre que possível. A realidade brasileira e mundial hoje é surreal. A ironia fina e bem dosada é o instrumento lingüístico adequado para evidenciar tal estado de coisas.
- Crítica, humor, até mesmo o ridículo das legendas, das fotos, em colunas sociais. No esporte, vê-se muito em títulos, principalmente nos clássicos, até nas páginas policiais, para amenizar a violência de cada dia.
- O leitor gosta de ler uma boa ironia.

- A ironia é uma forma criativa de dar a notícia e, simultaneamente, manifestar um sentimento, seja de reprovação, indignação ou sarcasmo, de maneira subliminar, geralmente compartilhado com o leitor.
- É um recurso de linguagem e de estilo para deplorar uma determinada situação ou personagem. Deve ser empregada com parcimônia, para não perder a força e a elegância.
- Sem exageros, na hora e no local adequados.
- A ironia não seria o melhor recurso para informar, pois pode causar desentendimento no leitor.

Embora alguns tenham apontado os textos opinativos como os mais adequados para a ironia, outros observaram também que ela pode ser usada em qualquer texto ou assunto. Contudo, um número considerável de pesquisados apresentou a política e o esporte como os assuntos mais propícios ao seu uso, devido "a pouca seriedade com que é tratada a política no país" e a "leveza de tratamento" que o esporte permite na sua elaboração. Além disso, outro dado significativo diz respeito ao uso da ironia como mecanismo para contrapor situações em descompasso, discrepantes ou para as quais se quer chamar atenção. Um dos editores entrevistados, por exemplo, respondeu que usa a ironia sempre que possível em seu trabalho. À pergunta "Por quê?", ele respondeu:

> Porque é, de certa forma, uma ferramenta no ato de repassar a informação.
> Veja bem: O José Dirceu insiste em dizer que não tem conhecimento do mensalão. Observe o verbo "insiste". Não é pesado, quase ferino?
> Então, nem parece ironia, mas só o usa quem supõe ou acredita que o Zé sabia de tudo. E a maioria dos leitores não sabe, sendo isso que o jornalista quer "passar". [aspas dele]

Outro dado importante diz respeito ao que os jornalistas manifestaram acerca do interesse do leitor quanto à presença da ironia nos textos jornalísticos. Alguns profissionais apontaram o fato de que os leitores gostam de ver ironia no jornalismo, outros que a ironia pode ser a manifestação de um sentimento compartilhado com o leitor, o que nos recorda Hutcheon (2000), quando fala da carga emotiva que envolve a atribuição de um sentido irônico. Além disso, a maioria dos profissionais apontou a ironia como um recurso da linguagem jornalística, embora alguns tenham condenado essa relação.

Em resumo, os dados apontados pelos jornalistas de O Liberal foram próximos daqueles encontrados na análise dos cinco jornais do *corpus*. Porém, vale a pena lembrar que O Liberal foi um dos jornais que apresentou a menor ocorrência de ironia, sendo a editoria de Opinião a de maior incidência de casos (30 por cento). A segunda maior ocorrência de ironia se deu na página dois (sem nome), com 14,28 por cento, onde também foram publicados editoriais, artigos de colaboradores e uma ou duas notícias na página. Ou seja, as maiores ocorrências de ironia do jornal aconteceram nas editorias consideradas de opinião, com uma grande diferença em relação às demais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observar como a ironia se configura na enunciação de jornais impressos brasileiros foi a proposta motivadora do desenvolvimento deste estudo, cujas linhas mestras tomaram algumas direções: discutir o valor/papel da ironia nos textos de jornais, observar o que poderia ser motivo de ironia para a enunciação jornalística e como ela poderia se manifestar, no contexto dos gêneros e modalidades jornalísticas. Além disso, de uma forma complementar, tentou-se identificar pistas do uso da ironia por jornalistas em sua produção diária.

Como hipóteses a serem comprovadas, postulamos que tanto os textos opinativos como os informativos são passíveis de apresentar ironias, que desempenhariam fundamentalmente um papel crítico e derrisório, possível das mais variadas formas, que não apenas a da clássica concepção de tropo ou "o contrário do que se diz". Esta, no nosso entendimento, seria apenas uma das formas de ironia.

Ao final do processo de análise dos cinco jornais do *corpus*, 13.152 textos de gêneros diversos foram lidos, a partir dos quais foi possível cruzar e obter alguns dados, que comentaremos a seguir de forma sintética, a partir do que já foi exposto ao longo do trabalho. Por motivo de clareza na exposição, os dados serão apresentados em grupos, tomando como base os gêneros, os gêneros e a ironia e, por fim, as funções e formas do efeito irônico na enunciação dos jornais, onde são incluídas também as opiniões de jornalistas.

Os gêneros nos jornais pesquisados

A despeito da discussão sobre os gêneros textuais ou de discurso estar atual e bastante presente no campo de Lingüística, inclusive enfocando formatos da mídia, pouca produção há nesse sentido dentro da área de Comunicação, em que o livro de Melo (1994) já se tornou um clássico e quase um dogma nesse sentido, com poucas incursões outras, uma delas enfocando os gêneros na televisão, por exemplo.

Por estar trabalhando com a enunciação jornalística e por não ter a questão dos gêneros como elemento principal da pesquisa, rendemo-nos de certa maneira aos *dogmas* de Melo e da prática jornalística, não indo muito além deles. Durante a análise, houve momentos de muita dificuldade em se conseguir classificar o gênero de determinados textos, pela maleabilidade que apresentava, a partir de suas formas e características. A maleabilidade dos gêneros não é uma novidade, já tendo sido apontada por Bakhtin (1992) e Marcuschi (2001), entre outros,

mas nos jornais impressos ela se revela muito presente, na mistura e mudança de formas, por exemplo.

Na análise, podemos constatar, por exemplo, que a classificação proposta por Melo (1994) é insuficiente para abranger os principais gêneros vistos diariamente nos jornais, além de trabalhar apenas com duas categorias ou modalidades jornalísticas (informativa e opinativa) para o Brasil. Estão de fora de sua classificação, por exemplo, a foto-legenda e a frase, embora no caso desta última a ausência se justifique em razão de ser a frase um gênero recente no Brasil, mas presente em todo tipo de mídia impressa.

Na nossa opinião, o levantamento dos gêneros presentes nos jornais do *corpus* indica a necessidade de se avaliar a prática de uma categoria híbrida nos textos impressos, justamente aquela que se situa na fronteira entre os textos "informativos" e "opinativos" e que chamamos provisoriamente, à falta de nome melhor, de *informativo-opinativa*. Dessa maneira, forma-se uma continuidade entre os tipos de textos que vai da opinião mais explícita, passa por uma *intermediária*, até uma opinião menos explícita. Não seria, contudo, o chamado *jornalismo interpretativo* praticado em países como os Estados Unidos. Apenas amenizaria a dicotomia entre *textos com opinião* e *textos sem opinião* ainda assumida pelo discurso jornalístico no país, como se fosse possível enunciar sem julgamento de valores.

Por outro lado, a leitura dos dados permitiu notar a superioridade numérica dos textos opinativos em três dos cinco jornais - O Globo, a Folha de S. Paulo e o Jornal do Commercio -, que tiveram sua produção enunciativa centrada em material com opinião assumida. Ao inverso, O Liberal e Zero Hora apresentaram maior número de textos informativos, assim como o maior volume de textos do *corpus*, mais que Folha e O Globo, considerados jornais de circulação nacional e situados nos dois primeiros lugares no "ranking" do Instituto Verificador de Circulação (IVC).

A ocorrência de ironia por gêneros

Os dados possibilitam visualizar também a ocorrência de ironia por gêneros e modalidade jornalística, em cada veículo. Em todos os jornais, a modalidade ou categoria opinativa apresentou o maior número, vindo em segundo lugar a informativo-opinativa e, em terceiro, a informativa. Com esse resultado, pode-se dizer que os gêneros assinados viabilizam ou possibilitam a presença da ironia, já que os responsáveis pelos textos produziriam uma estratégia enunciativa com maior envolvimento e potencial avaliativo, na qual poderia ser incluída a ironia. Quando o texto não é assinado, sua "responsabilidade" é atribuída ao jornal.

Quando ele tem um nome de autor, este passa a ser seu locutor responsável, o que poderia ser uma justificativa para o uso da ironia como uma forma "implícita" de avaliar e criticar, sem o ônus da responsabilidade direta dessa crítica.

Entre os jornais analisados, O Globo e a Folha de S. Paulo apresentaram uma grande semelhança nos dados gerados, numa proximidade enunciativa. Eles tiveram, por exemplo, os maiores índices de ironia nas três modalidades, vindo o Jornal do Commercio, O Liberal e Zero Hora, respectivamente, nas três últimas posições, com uma diferença significativa em relação ao OG e FSP, que tiveram mais do dobro de ironias que cada um dos três. Os dois jornais podem ser classificados como os mais "irônicos" do *corpus*.

Na análise e apresentação dos dados, decidimos criar uma categoria que chamamos de "ironia explicitada pela enunciação jornalística", separada de uma outra, em que as ironias são propostas de forma "não assumida", ou, em outras palavras, em que esse grau de responsabilidade pela autoria tem graus variados (como notou Maruxo Jr , 2002, em sua pesquisa e com a qual concordamos), que cabe ao público reconhecer. A explicitação de ironia ocorreu nos cinco jornais. Zero Hora foi o que apresentou mais casos, seguido por O Liberal, Folha, O Globo e, por último, o Jornal do Commercio. Dos cinco, JC, ZH e OL apresentaram maior ocorrência de explicitação entre os textos informativos, enquanto em OG e FSP os casos mais numerosos foram entre os informativo-opinativos. Os textos opinativos apresentaram o menor número de ironia explicitada em todos os jornais.

A explicação que nos ocorre nessa análise está na relação que os textos informativos têm com o "relato dos fatos", enquanto os opinativos são classificados como "opinião sobre o fato". Pelo menos na lógica enunciativa jornalística, a explicitação de ironia parece fazer sentido nos gêneros informativos ou informativo-opinativos, quando o jornalista desempenha o papel de observar, avaliar os "fatos" e (re)constituí-los, inclusive atribuindo valores para as falas e as situações vividas pelos noticiados, por exemplo, como sendo irônica. O jornalista se dá, assim, a competência de ser o juiz que avalia os valores ilocutórios de falas e situações [papel desempenhado também por esta analista na análise dos jornais]. É pertinente lembrar que a explicitação da ironia se dá sobre pessoas que parecem tê-la usado contra outra em determinadas situação de discurso, presenciado pelo jornalista, daí a aparência de relato. Nas ironias não assumidas, a instância jornalística é que as usa contra o alvo.

As funções e formas da ironia

Postulamos inicialmente, a título de explicação provisória, que a ironia desempenharia nos textos de jornais impressos fundamentalmente um papel de crítica, mesmo quando fizesse rir, além de que haveria formas diversas de sua sugestão ao público. Em outras palavras, não haveria uma forma lingüística única para a ironia na imprensa, como parece se dar também no cotidiano, com o qual a mídia se relaciona. Mostrava-se necessário, então, ler todos os textos, identificar os casos de ironia, qual o indicador ou pista para esse sentido e sobre o que incidia.

O motivo de ironia para os jornais parece se ancorar tanto sobre a ocorrência de determinadas situações, como no conjunto assunto/situação/dito que os sujeitos ou certos sujeitos específicos experenciam em seus movimentos. As situações curiosas, inusitadas, contrastantes, as *peças* do destino; a contradição das posições de um sujeito num antes/depois temporal e situacional foram algumas das fontes de ironia para os jornais analisados. Nesse conjunto se incluem aqueles que são alvo de ironia por pertencerem a posições sociais e políticas consideradas divergentes em relação à linha do veículo, e, aí, tudo vale como motivo.

Quanto às concepções de ironia pertencentes à situação (observável) e ironia como criação do enunciador (verbal), embora todas acabem sendo produzidas pela instância jornalística (no caso aqui analisado) e seja operacionalmente difícil estabelecer essa separação em vários casos, os jornalistas parecem trabalhar com essa noção, ao responderem no questionário que reconhecem a presença de dois tipos de ironias nos jornais diários.

Muecke (1995) já havia apontado os assuntos capazes de aglutinar grande carga emocional como aqueles mais propensos à incidência de ironia. Nos jornais analisados, os assuntos com maior índice de ironia tanto despertam emoção quanto são de interesse de públicos específicos, como informática. Salvo equívoco na atribuição e classificação das ironias na análise, os dados não foram muito homogêneos nessa direção, pelo menos entre as primeiras classificações. Foi possível perceber, no entanto, que as ironias mais fortes aconteceram na área da política partidária, assim como em futebol, embora não tenham ocupado os primeiros lugares em número de ironia por jornal. As respostas dos jornalistas aos questionários também apontaram nessa direção, quando eles escreveram que a política e o esporte são os ambientes mais férteis e propícios para o uso da ironia. Explicação? O esporte teria leveza que possibilita o uso do recurso; a política, as contradições e a sujeira que precisam ser evidenciadas ao público. No esporte, possibilidade de leveza e humor; na política, de crítica e ataque.

Nos textos analisados, os casos de ironia encontrados são predominantemente críticos, mas houve também ocorrência de outros valores, como os apontados por Muecke (1995) e Hutcheon (2000), entre os quais humor e deboche. Usando os termos descritores de Hutcheon (2000, p. 76), poderíamos dizer que os dados analisados nos permitem ver a ironia nos jornais como *atacante, de oposição, autoprotetora* e *lúdica*. É mais que a hipótese inicial da ironia apenas como crítica, embora ela o seja de forma predominante.

Quanto às formas usadas para propor uma ironia, as possibilidades não têm fim, como já havia observado Kerbrat-Orecchioni (1980a) a propósito dos marcadores de ironia. Assim, nomeação; adjetivação; uso do léxico; de aspas; hipérbole; comparação; jogo de palavras; transposição entre situações; recorrência a títulos de filmes, novelas e obras; e combinação foto/título/texto são alguns mecanismos usados de forma recorrente para construir possíveis sentidos irônicos na maneira como são trabalhados pela enunciação jornalística. Em suas respostas, os jornalistas também apontaram vários desses elementos como recursos vistos nos jornais e possíveis de serem usados também por eles em sua atividade. Um dos editores entrevistados, por exemplo, respondeu que usa a ironia sempre que possível em seu trabalho, porque a considera "uma ferramenta no ato de repassar uma informação". Vários

De certa maneira, consideramos que as respostas dos jornalistas caminharam na mesma direção dos dados antes obtidos na análise, quanto ao reconhecimento da presença da ironia na imprensa, suas marcas e importância para o jornalismo. Do ponto de vista da enunciação jornalística, a ironia pode ter "a função de pressionar, gerar dúvida, criar ambiente para polêmica".[56] Suas múltiplas possibilidades proporcionam ao jornalista seu uso sem dificuldades nos mais diversos assuntos e situações, em que a enunciação jornalística se beneficia como uma estratégia de autodefesa (Berrendonner, 1981) ou veste protetora (Hutcheon (2000) em relação aos alvos que ataca. A maioria dos jornalistas pesquisados apontou a ironia como um recurso da linguagem jornalística. Em suma, a análise dos jornais do *corpus* permite sugerir que sua enunciação é autovalidada como irônica, quando não só propõe esse caminho ao leitor, mas o avalia como interessado nesse tipo de enunciação: "O leitor gosta de ver ironias no texto"; "a ironia é uma forma de dar a notícia e manifestar um sentimento, geralmente compartilhado com o leitor.[57]

[56] Trecho de fala de editor pesquisado.
[57] Paráfrases-síntese de trechos de falas de jornalistas pesquisados.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra-D.C. Luzzatto, 1996.

ARANTES, Paulo Eduardo. "Vida e obra" [prefácio]. In HEGEL. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. 15 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Ediouro, (s.d.).

_____. "Poética". In **Aristóteles** – Vida e obra, Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, pp. 28-110, 1996a.

_____. "Ética a Nicômaco". In **Aristóteles** – Vida e obra, Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, pp.117-320, 1996b.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**: palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AUTHIER, Jacqueline. "Paroles tenues à distance". In **Matérialités discursives**. Presses Universitaires de Lille, pp. 127-142, 1981.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

_____. "Hétérogénéité(s) énonciative(s)". In **Langages**, 73, mar. Paris: Larousse, pp. 98-125, 1984.

_____. "Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans lê discours. **DRLAV**, 26, pp. 91-151, 1982.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

BARTHES, Roland. "A retórica da imagem". In **O óbvio e o obtuso**. 2ª. impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, pp. 27-43, 1990.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. "A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos". In BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003

BENVENISTE, Émile. "O aparelho formal da enunciação". In **Problemas de lingüística geral II**. Campinas, SP: Pontes, pp. 81-90, 1989.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BERRENDONNER, Alain. **Éléments de pragmatique linguistique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1981.

BOND, Fraser. **Introdução ao jornalismo**. 2ª ed. refundida e amp. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

BOOTH, Wayne C. **A rhetoric of irony**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1974.

BRAIT, Beth (org.). **Estudos enunciativos no Brasil**: histórias e perspectivas. Campinas, SP: Pontes, São Paulo: FAPESP, 2001.

_____. "Análise do discurso e argumentação: o exemplo da ironia". In MARI, Hugo *et al* (orgs,). **Fundamentos e dimensões da análise do discurso**. UFMG/FALE/Núcleo de Análise do Discurso. Belo Horizonte: Carol Borges, 1999.

_____. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 2003.

CARVALHO, Nelly de. **A linguagem da sedução**. São Paulo: Ática, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Maria Lília Dias de. "Ironia: uma reflexão interdisciplinar". **Verso & Reverso**, no. 23, ano XI, jul./dez. São Leopoldo, RS: UNISINOS, pp. 45-57, 1997a.

_____. "A dialogia e os efeitos de sentido irônicos". In BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: UNICAMP, pp. 129-138, 1997b.

_____. "As máximas e mínimas do Barão de Itararé". Tese de doutorado. São Paulo: USP, 1990.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

[CÍCERO]. **Retórica a Herênio**. São Paulo: Hedra, 2005.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**. São Paulo: Ática, 1993.

CUNHA, Dóris de A. Carneiro da. "O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião". In DIONÍSIO, Ângela Paiva *et all* (orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, pp. 166-179, 2002.

_____. "Atividades sobre os usos ou exercícios gramaticais: uma análise do discurso reportado". In Dionísio, A.; Bezerra, M. A. (orgs.). **O livro didático de português** – múltiplos olhares**.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

DUCROT, Oswald. “Esboço de uma teoria polifônica da enunciação”. In **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, pp. 161-218, 1987.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mídia impressa**. São Paulo: Hacker, 1999.

_____. “A deflagração do sentido: estratégias de produção e de captura da recepção”. In SOUSA, Mauro Wilton de (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, pp. 187-222, 1995.

_____. **Mortes em derrapagem**: os casos Corona e Cazuza no discurso da Comunicação de massa. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

FOLHA DE S. PAULO. **Novo manual da redação**. 4ª ed. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1994

FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GIBBS JR., Raymond W. “A new look at literal meaning in understanding what is said and implicated”. **Journal of Pragmatics**, 34, pp. 457-486, 2002.

GIORA, Rachel. **On our mind**: salience, context, and figurative language. Oxford: Oxford University Press, 2003.

HOHENBERG, John. **Manual de jornalismo**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

HUTCHEON, Linda. **Teoria e política da ironia**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

JANKÉLÉVITCH. **L’ironie**. Paris: Flammarion, 1964.

JEUDY, Henri-Pierre. **Ironia da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. “L’ironie comme trope”. **Poétique**, 41. Paris: Seuil, pp. 108-127, 1980a.

_____. **L’Énonciation**: de la subjectivité dans le langage. Paris: Armand Colin, 1980b.

_____. **L’Implicite**. Paris: Armand Colin, 1986.

KIERKEGAARD, S. A. **O conceito de ironia** - constantemente referido a Sócrates. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

KNOX, Norman. **The word irony and its context, 1500-1755**. Durham, North Carolina: Duke University Press, 1961.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Linguagem jornalística**. 41 ed. São Paulo: Ática, 1993.

LAUSBERG, Heinrich. **Elementos de retórica literária**. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

MAGALHÃES, Laerte. “Produção e disputa de sentido na mídia”. In **Tempo e Presença**, ano 23, jan./fev., no. 315. Revista Bimestral de Koinonia. Rio de Janeiro: Koinonia, pp. 32-37, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos em comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Palavras-chave em análise do discurso**. BH: UFMG, 1998.

_____. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Pontes/UNICAMP, 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. “Interação e sentido literal”. In XIX Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística (ANPOLL), XIX, Maceió, AL, comunicação livre, pp. 1-7, 2004.

_____. “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”. In DIONÍSIO, Ângela Paiva *et all* (orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, pp. 19-36, 2002.

_____. Notas de aula da disciplina “Tópicos especiais: perspectivas teóricas na Análise do Discurso”, realizada no segundo semestre, 1995.

MARUXO JR, José Hamilton. “A imprensa irônica”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2002.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2ª ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MESQUITA, Mário. “Teorias e práticas do jornalismo”. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, Vol. XXVIII, no. 2, jul/dez. São Paulo: CNPq/INTERCOM, pp. 11-41, 2005.

MINOIS, George. **A história do riso e do escárnio**. São Paulo: UNESP, 2003.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.). **O jornal**: da forma ao sentido. Brasília, Paralelo 15, 1997.

MUECKE, D. C. **Ironia e o irônico**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____. “Analyses de l’ironie”. **Poétique**, 36. Paris: Seuil, pp. 478-494, 1978.

O GLOBO. **Manual de redação e estilo**. 20ª ed. Organizado e editado por Luiz Garcia. Rio de Janeiro: Globo, 1994.

OLIVEIRA, Jair Antônio de. “Pragmática das interlocuções jornalísticas irônicas”. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, Vol. XXI, no. 2, jul/dez. São Paulo: CNPq/INTERCOM, pp. 137-141, 1998.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. “‘Frase’: caracterização do gênero e aplicação pedagógica”. In DIONÍSIO, Ângela Paiva *et all* (orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, pp. 151-165, 2001.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

PLATÃO. **A república**. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

POSSENTI, Sírio. **Os limites do sentido**. Paraná: Criar, 2002.

_____. "O que significa 'O sentido depende da enunciação'?". In BRAIT, Beth (org.). **Estudos enunciativos no Brasil**: histórias e perspectivas. Campinas, SP: Pontes, São Paulo: FAPESP, pp. 187-199, 2001.

_____. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. "Apresentação da análise do discurso". In **O sujeito fora do arquivo**: ensaios em análise do discurso. Textos reorganizados pelo autor. Campinas, SP: IEL/UNICAMP, (s.d.).

QUINTILIANO, M. Fabio. **Instituciones oratorias**. Buenos Aires: Joaquín Gil editor, pp. 378-407, 1944.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Comunicação e política**. São Paulo: Hacker, 2000.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. "A representação discursiva da questão agrária na grande imprensa brasileira". Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras. Recife: UFPE, 1996.

SILVA, Francisco Paulo da. "A construção da ironia: uma pittada de veneno?". In GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (orgs.).**Análise do discurso**: as materialidades do sentido. 2ª. ed. São Carlos, SP: Claraluz, pp. 91-98, 2003.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura**: a comunicação e seus produtos. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. "Les ironies comme mentions". **Poétique**, 36. Paris: Seuil, pp. 399-412, 1978.

TOMASELLO, Michael. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TRAQUINA, Nelson. "Introdução". In **Jornalismo**: questões, teorias e "estórias". Lisboa: Veja, pp. 19-26, 1993.

TRAVANCAS, Isabel. "A coluna de Ibrahim Sued: um gênero jornalístico". **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, Vol. XXIV, no. 1, jan/jun. São Paulo: CNPq/INTERCOM, pp. 109-122, 2001.

VERÓN, Eliseo. "Quand lire c'est faire: l'enonciation dans le discours de la presse écrite". In **Semiotíque III**. Paris: IREP, pp. 33-56, 1983.

_____. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix/Editora da USP, 1980.

VOSSIUS. "Rhétorique de l'ironie". **Poétique**, 36. Paris: Seuil, pp. 495-508, 1978.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Estamos realizando uma pesquisa sobre produção de sentido envolvendo ironia em jornais impressos brasileiros e que pretende incluir a opinião de alguns jornalistas sobre o assunto. Por isso, ficaríamos muito gratos se pudéssemos ter a sua colaboração para responder a algumas perguntas. Asseguramos o anonimato dos entrevistados. Muito obrigada.

---

1. Na sua opinião, os textos de jornais impressos brasileiros trazem ocorrência de ironias

( ) Muitas vezes
( ) Algumas vezes
( ) Não trazem
( ) Não sei

2. Os textos que mais apresentam ironia são (assinalar mais de uma alternativa, se for o caso)

( ) Notícias não assinadas
( ) Notícias assinadas
( ) Reportagens
( ) Entrevistas do tipo pergunta e resposta
( ) Colunas
( ) Artigos
( ) Comentários
( ) Crônicas
( ) Editoriais
( ) Charges
( ) Nenhum deles
( ) Outros – quais?_____
( ) Não sei

3. Na sua opinião, quais são as características da ironia no jornalismo impresso?

Resposta:_____

---

4. Na sua opinião, a ironia tem alguma relevância para o texto jornalístico impresso?

( ) Sim

( ) Não

( ) Não sei

Por quê? _____

_____

_____

_____

5. Na atividade jornalística, quando a ironia pode ou deve ser usada?

Resposta:_____

_____

_____

_____

_____

6. Sobre a ironia no jornalismo impresso, é possível dizer:

( ) Há casos em que a ironia foi usada pelo(a) entrevistado(a) e repassada pelo(a) jornalista

( ) Há casos em que a ironia é criada pelo(a) jornalista sobre alguém ou alguma coisa

( ) Há ocorrência dos dois casos acima

( ) Nenhum dos dois casos

( ) Não sei

7. Com suas palavras, como você definiria a ironia no jornalismo impresso?

Resposta:_____

_____

_____

_____

_____

_____

8. Você usa o recurso da ironia em sua atividade jornalística?

( ) Sim, sempre que possível

( ) Sim, de vez em quando

( ) Não, nunca

( ) Não me lembro

Por quê?

_____

_____

_____

_____

9. Como você relaciona ironia e linguagem jornalística?

Resposta:_____

_____

_____

_____

_____

10. Quanto à natureza da ironia em jornais impressos, pode-se dizer que ela é:

( ) Crítica

( ) Humorada

( ) Crítica e humorada, mas mais crítica que humorada

( ) Crítica e humorada, mas mais humorada que crítica

( ) Outra alternativa. Qual?_____

( ) Não sei

11. Em relação à sua profissão como jornalista, por favor, indicar:

a) Há quanto tempo desenvolve atividade jornalística: _____ anos.

b) Qual a função que exerce no momento: _____

_____

12. Agora gostaríamos que lesse os textos em anexo e respondesse se identifica neles algum tipo de ironia. Se a resposta for ***sim***, por favor, indique:

a) O texto em que a ironia aparece;

b) As palavras iniciais e finais do trecho onde ela ocorre;

c) Porque a considera uma ironia.

Resposta (continue nas próximas páginas, por favor, e, mais uma vez, muita obrigada pela sua colaboração):

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo